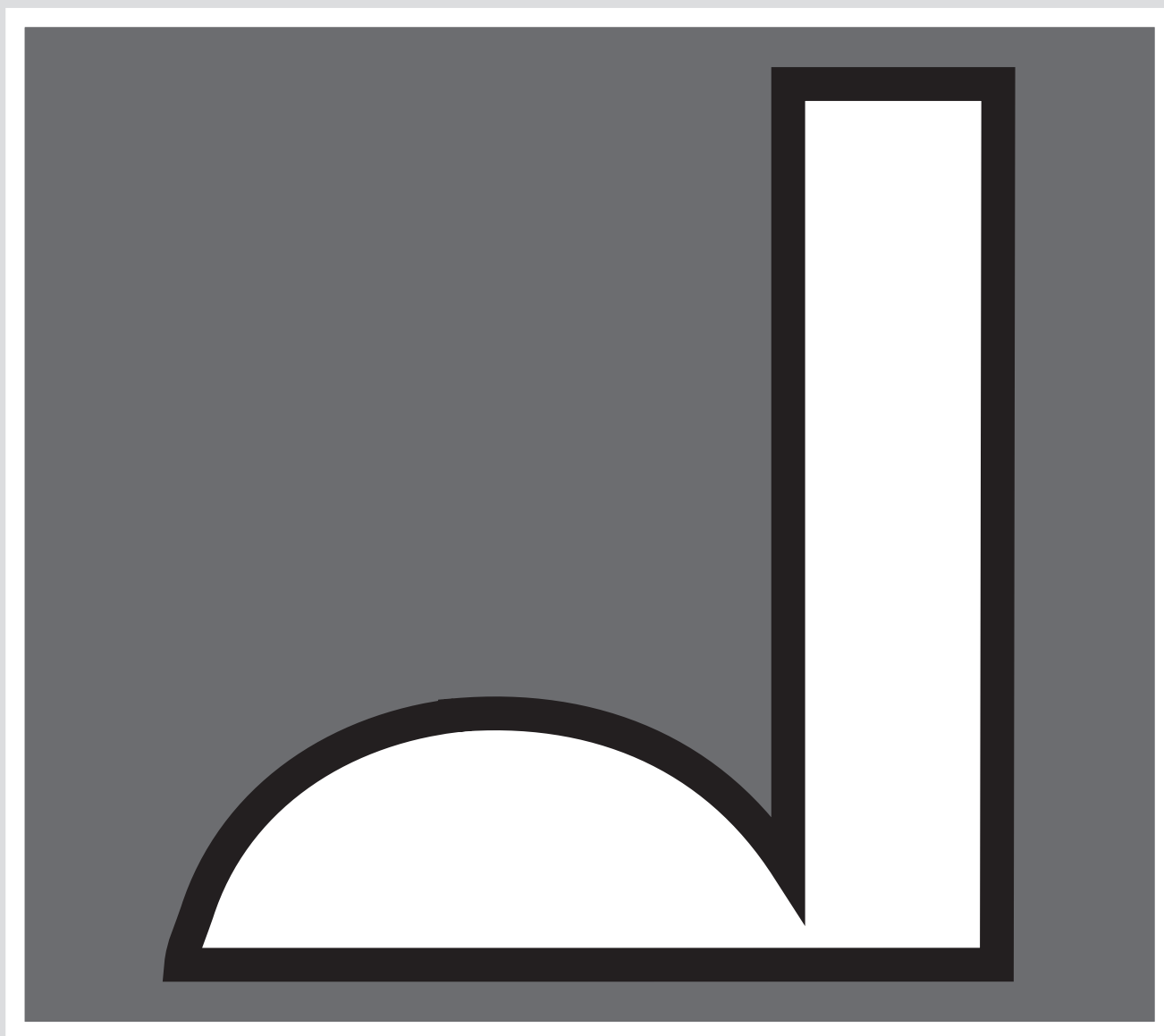




REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL



DIÁRIO DO SENADO FEDERAL

ANO LXII - Nº 118 - QUINTA-FEIRA, 9 DE AGOSTO DE 2007 - BRASÍLIA-DF

MESA DO SENADO FEDERAL

Presidente
Renan Calheiros – PMDB-AL
1º Vice-Presidente
Tião Viana – PT-AC
2º Vice-Presidente
Alvaro Dias – PSDB-PR
1º Secretário
Efraim Morais – DEM-PB
2º Secretário
Gerson Camata – PMDB-ES

3º Secretário
César Borges – DEM-BA
4º Secretário
Magno Malta – PR-ES

Suplentes de Secretário
1º - Papaléo Paes – PSDB-AP
2º - Antônio Carlos Valadares – PSB-SE
3º - João Vicente Claudino – PTB-PI
4º - Flexa Ribeiro – PSDB-PA

LIDERANÇAS

MAIORIA (PMDB) – 19	BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT/PTB/PR/PSB/PC do B/PRB/PP)- 27	LIDERANÇA PARLAMENTAR DA MINORIA (DEM ¹ /PSDB) – 29
LÍDER	LÍDER	LÍDER
VICE-LÍDERES	Ideli Salvatti – PT	Demóstenes Torres
.....	VICE-LÍDERES	VICE-LÍDERES
LÍDER DO PMDB – 19	Epitácio Cafeteira
Valdir Raupp	João Ribeiro	LÍDER DO DEM – 16
VICE-LÍDERES DO PMDB	Renato Casagrande	José Agripino
Wellington Salgado de Oliveira	Inácio Arruda	VICE-LÍDERES DO DEM
Valter Pereira	Marcelo Crivella	Kátia Abreu
Gilvam Borges	Francisco Dornelles	Jayme Campos
Leomar Quintanilha	Raimundo Colombo
Neuto de Conto	LÍDER DO PT – 12	Edison Lobão
	Ideli Salvatti	Romeu Tuma
	VICE-LÍDERES DO PT	Maria do Carmo Alves
	Eduardo Suplicy	LÍDER DO PSDB – 13
	Fátima Cleide	Arthur Virgílio
	Flávio Arns	VICE-LÍDERES DO PSDB
	LÍDER DO PTB – 6	Sérgio Guerra
	Epitácio Cafeteira	Alvaro Dias
	VICE-LÍDER DO PTB	Marisa Serrano
	Sérgio Zambiasi	Cícero Lucena
	LÍDER DO PR – 3	
	João Ribeiro	
	VICE-LÍDER DO PR	
	Expedito Júnior	
	LÍDER DO PSB – 3	
	Renato Casagrande	
	VICE-LÍDER DO PSB	
	Antônio Carlos Valadares	
	LÍDER DO PC do B – 1	
	Inácio Arruda	
	LÍDER DO PRB – 1	
	Marcelo Crivella	
	LÍDER DO PP – 1	
	Francisco Dornelles	
LÍDER DO PDT – 4	LÍDER DO P-SOL – 1	LÍDER DO GOVERNO
Jefferson Péres	José Nery	Romero Jucá - PMDB
VICE-LÍDER DO PDT		VICE-LÍDERES DO GOVERNO
Osmar Dias		Delcídio Amaral
		Antônio Carlos Valadares
		Sibá Machado
		João Vicente Claudino

¹ Alterada a denominação de Partido da Frente Liberal – PFL para Democratas, nos termos do Ofício nº 76/07 – DEM, lido em 2 de agosto de 2007.

EXPEDIENTE

Agaciél da Silva Maia Diretor-Geral do Senado Federal Júlio Werner Pedrosa Diretor da Secretaria Especial de Editoração e Publicações José Farias Maranhão Diretor da Subsecretaria Industrial	Cláudia Lyra Nascimento Secretária-Geral da Mesa do Senado Federal Maria Amália Figueiredo da Luz Diretora da Secretaria de Ata Denise Ortega de Baere Diretora da Secretaria de Taquigrafia
--	--

Impresso sob a responsabilidade da Presidência do Senado Federal. (Art. 48, nº 31, RISF)

CONGRESSO NACIONAL

LEI Nº 11.512, DE 8 DE AGOSTO DE 2007

Dispõe sobre a prestação de auxílio financeiro pela União aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios, no exercício de 2007, com o objetivo de fomentar as exportações do País.

Faço saber que o Presidente da República adotou a Medida Provisória nº 368, de 2007, que o Congresso Nacional aprovou, e eu, Renan Calheiros, Presidente da Mesa do Congresso Nacional, para os efeitos do disposto no art. 62 da Constituição Federal, com a redação dada pela Emenda Constitucional nº 32, combinado com o art. 12 da Resolução nº 1, de 2002-CN, promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º A União entregará aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios, no exercício de 2007, o montante de R\$ 975.000.000,00 (novecentos e setenta e cinco milhões de reais), com o objetivo de fomentar as exportações do País, de acordo com os critérios, prazos e condições previstos nesta Lei.

Parágrafo único. O montante referido no **caput** deste artigo será entregue aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios, observado o disposto no art. 6º desta Lei, da seguinte forma:

I – 1 (uma) parcela de R\$ 108.333.333,34 (cento e oito milhões, trezentos e trinta e três mil, trezentos e trinta e três reais e trinta e quatro centavos), até o 10º (décimo) dia da publicação desta Lei; e

II – 8 (oito) parcelas mensais de R\$ 108.333.333,33 (cento e oito milhões, trezentos e trinta e três mil, trezentos e trinta e três reais e trinta e três centavos), na forma fixada pela Secretaria do Tesouro Nacional do Ministério da Fazenda.

Art. 2º A parcela pertencente a cada Estado, incluídas as parcelas de seus Municípios, e ao Distrito Federal será proporcional aos coeficientes individuais de participação discriminados no Anexo desta Lei.

Art. 3º Do montante dos recursos que cabe a cada Estado a União entregará diretamente ao próprio Estado 75% (setenta e cinco por cento) e aos seus Municípios, 25% (vinte e cinco por cento).

Parágrafo único. O rateio das parcelas dos Municípios obedecerá aos coeficientes individuais de participação na distribuição da parcela do ICMS de seus respectivos Estados, a serem aplicados no exercício de 2007.

Art. 4º Para a entrega dos recursos à unidade federada, a ser realizada por uma das formas previstas no art. 5º desta Lei, serão obrigatoriamente deduzidos, até o montante total apurado no respectivo período, os valores das dívidas vencidas e não pagas da unidade federada, na seguinte ordem:

I – primeiro as contraídas com a União, depois as contraídas com garantia da União, inclusive dívida externa; somente após, as contraídas com entidades da administração indireta federal; e

II – primeiro as da administração direta, depois as da administração indireta da unidade federada.

Parágrafo único. Respeitada a ordem prevista nos incisos I e II do **caput** deste artigo, ato do Poder Executivo federal poderá autorizar:

I – a quitação de parcelas vincendas, mediante acordo com o respectivo ente federado; e

II – quanto às dívidas com entidades da administração federal indireta, a suspensão temporária da dedução, quando não estiverem disponíveis, no prazo devido, as necessárias informações.

Art. 5º Os recursos a serem entregues mensalmente à unidade federada equivalentes ao montante das dívidas apurado na forma do art. 4º desta Lei serão satisfeitos pela União pelas seguintes formas:

I – entrega de obrigações do Tesouro Nacional, de série especial, inalienáveis, com vencimento não inferior a 10 (dez) anos, remunerados por taxa igual ao custo médio das dívidas da respectiva unidade federada com o Tesouro Nacional, com poder liberatório para pagamento das referidas dívidas; ou

II – correspondente compensação.

Parágrafo único. Os recursos a serem entregues mensalmente à unidade federada equivalentes à diferença positiva entre o valor total que lhe cabe e o valor da dívida apurada nos termos do art. 4º desta Lei e liquidada na forma do inciso II do **caput** deste artigo serão satisfeitos por meio de crédito, em moeda corrente, à conta bancária do beneficiário.

Art. 6º O Ministério da Fazenda definirá, em até 30 (trinta) dias a contar da publicação da Medida Provisória nº 368, de 4 de maio de 2007, as regras da prestação de informação pelos Estados e pelo Distrito Federal

sobre a efetiva manutenção e aproveitamento de créditos pelos exportadores a que se refere a alínea a do inciso X do § 2º do art. 155 da Constituição Federal.

§ 1º O ente federado que não enviar as informações referidas no **caput** deste artigo ficará sujeito à suspensão do recebimento do auxílio de que trata esta Lei.

§ 2º Regularizado o envio das informações de que trata o **caput** deste artigo, os repasses serão retomados, nos termos do parágrafo único do art. 1º desta Lei, e os valores retidos serão entregues no mês imediatamente posterior.

Art. 7º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Congresso Nacional, 8 de agosto de 2007. – 186º da Independência e 119º da República, Senador **Renan Calheiros**, Presidente da Mesa do Congresso Nacional.

ANEXO

AC	0,27735%	PB	1,44850%
AL	4,43171%	PE	0,67745%
AM	3,26834%	PI	0,97898%
AP	1,00673%	PR	8,64570%
BA	4,46237%	RJ	2,26536%
CE	1,98722%	RN	1,95561%
DF	0,03748%	RO	1,13351%
ES	9,35841%	RR	0,25763%
GO	2,77131%	RS	7,47254%
MA	4,39583%	SC	7,58422%
MG	6,21686%	SE	0,28230%
MS	1,70377%	SP	3,07155%
MT	9,51396%	TO	0,75159%
PA	14,04372%	TOTAL	100,00000%

LEI Nº 11.513, DE 8 DE AGOSTO DE 2007

Abre crédito extraordinário, em favor do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, no valor de R\$ 25.000.000,00 (vinte e cinco milhões de reais), para o fim que especifica.

Faço saber que o Presidente da República adotou a Medida Provisória nº 370, de 2007, que o Congresso Nacional aprovou, e eu, Renan Calheiros, Presidente da Mesa do Congresso Nacional, para os efeitos do disposto no art. 62 da Constituição Federal, com a redação dada pela Emenda Constitucional nº 32, combinado com o art. 12 da Resolução nº 1, de 2002-CN, promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º-Fica aberto crédito extraordinário, em favor do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, no valor de R\$ 25.000.000,00 (vinte e cinco milhões de reais), para atender à programação constante do Anexo desta Lei.

Art. 2º-Os recursos necessários à abertura do crédito de que trata o art. 1º desta Lei decorrem do superávit financeiro apurado no Balanço Patrimonial da União de 2006.

Art. 3º-Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Congresso Nacional, 8 de agosto de 2007. – 186º da Independência e 119º da República, Senador **Renan Calheiros**, Presidente da Mesa do Congresso Nacional.

ORGÃO : 22000 - MINISTERIO DA AGRICULTURA, PECUARIA E ABASTECIMENTO
UNIDADE : 22101 - MINISTERIO DA AGRICULTURA, PECUARIA E ABASTECIMENTO

ANEXO			CREDITO EXTRAORDINARIO					
PROGRAMA DE TRABALHO (SUPLEMENTACAO)			RECURSOS DE TODAS AS FONTES - R\$ 1, 00					
FUNC	PROGRAMATICA	PROGRAMA/ACAO/SUBTITULO/PRODUTO	E S F	G N D	R P D	M O D	I U	F T E
0359		DESENVOLVIMENTO DA BOVIDEOCULTURA						
20 604	0359 4842	ERRADICACAO DA FEBRE AFTOSA						25.000.000
20 604	0359 4842 0101	ERRADICACAO DA FEBRE AFTOSA - NACIONAL (CREDITO EXTRAORDINARIO)						25.000.000
			F 3	2	30	0	300	17.000.000
			F 4	2	30	0	300	8.000.000
		TOTAL - FISCAL						
		TOTAL - SEGURIDADE						
		TOTAL - GERAL						

SENADO FEDERAL

Faço saber que o Senado Federal aprovou, e eu, Renan Calheiros, Presidente, nos termos do art. 48, inciso XXVIII, do Regimento Interno, promulgo a seguinte

RESOLUÇÃO Nº 8, DE 2007

Autoriza a República Federativa do Brasil a contratar operação de crédito externo, no valor total de US\$ 50,000,000.00 (cinquenta milhões de dólares norte-americanos), com o Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento – BIRD.

O Senado Federal resolve:

Art. 1º É a República Federativa do Brasil autorizada a contratar operação de crédito externo, no valor total de US\$ 50,000,000.00 (cinquenta milhões de dólares norte-americanos), com o Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento – BIRD.

Parágrafo único. Os recursos dessa operação de crédito destinam-se ao Programa Nacional de Desenvolvimento de Recursos Hídricos – Proágua Nacional.

Art. 2º As condições financeiras básicas da operação de crédito são as seguintes:

I – devedor: República Federativa do Brasil;

II – credor: Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento – BIRD;

III – valor total: até US\$ 50,000,000.00 (cinquenta milhões de dólares norte-americanos);

IV – prazo de desembolso: 3 (três) anos;

V – amortização: 24 (vinte e quatro) parcelas semestrais, consecutivas, vencendo-se a primeira em 15 de fevereiro de 2012 e a última em 15 de agosto de 2023;

VI – juros: exigidos semestralmente em 15 de fevereiro e 15 de agosto de cada ano, calculados sobre o saldo devedor periódico do empréstimo, a uma taxa anual composta da **Libor** de 6 (seis) meses e margem a ser definida na data de assinatura do empréstimo e que vigorará até o encerramento;

VII – comissão de compromisso: até 0,75% a.a. (setenta e cinco centésimos por cento ao ano), calculados sobre o saldo devedor não-desembolsado do empréstimo, exigida semestralmente nas mesmas datas de pagamento dos juros, entrando em vigor 60 (sessenta) dias após a assinatura do contrato;

VIII – comissão à vista: até 1,0% (um por cento) sobre o valor do empréstimo, a ser debitada na data em que o contrato entrar em efetividade, sujeita a diminuição a ser determinada pelo Bird.

Parágrafo único. As datas de pagamento do principal e dos encargos financeiros, assim como dos desembolsos, previstas na minuta contratual, poderão ser alteradas em função da data de sua assinatura.

Art. 3º A autorização concedida por esta Resolução deverá ser exercida no prazo de 540 (quinhentos e quarenta) dias, contado da data de sua publicação.

Art. 4º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Senado Federal, 8 de agosto de 2007. – Senador **Renan Calheiros**, Presidente do Senado Federal.

Faço saber que o Senado Federal aprovou, e eu, Renan Calheiros, Presidente, nos termos do art. 48, inciso XXVIII, do Regimento Interno, promulgo a seguinte

RESOLUÇÃO Nº 9, DE 2007

Autoriza o Estado da Bahia a contratar operação de crédito externo, com garantia da União, com o Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento – Bird, no valor de até US\$ 100,000,000.00 (cem milhões de dólares norte-americanos).

O Senado Federal resolve:

Art. 1º É o Estado da Bahia autorizado a contratar operação de crédito externo, com garantia da União, com o Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento – BIRD, no valor de até US\$ 100,000,000.00 (cem milhões de dólares norte-americanos).

§ 1º O exercício desta autorização é condicionado a que o Estado da Bahia regularize seus débitos pendentes de pagamento com a União.

§ 2º Os recursos advindos da operação de crédito referida no **caput** deste artigo destinam-se ao financiamento parcial do Programa de Restauração e Manutenção de Rodovias – PREMAR.

Art. 2º A operação de crédito referida no art. 1º deverá ser realizada nas seguintes condições:

I – devedor: Estado da Bahia;

II – credor: Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento – Bird;

III – garantidor: República Federativa do Brasil;

IV – valor: até US\$ 100,000,000.00 (cem milhões de dólares norte-americanos);

V – prazo de desembolso: 60 (sessenta) meses, contados a partir da aprovação do empréstimo pelo BIRD;

VI – amortização: em 24 (vinte e quatro) parcelas semestrais e sucessivas, devendo a primeira prestação ser paga no dia 15 de junho de 2011 e a última até o dia 15 de dezembro de 2022, sendo as 23 (vinte e três) primeiras no valor de US\$ 4,170,000.00 (quatro milhões, cento e setenta mil dólares norte-americanos), correspondendo cada uma a 4,17% (quatro inteiros e dezessete centésimos por cento) do valor do empréstimo, e a última, no valor de US\$ 4,090,000.00 (quatro milhões e noventa mil dólares norte-americanos), equivalente a 4,09% (quatro inteiros e nove centésimos por cento) do total;

VII – juros: exigidos semestralmente no dia 15 dos meses de junho e dezembro de cada ano, calculados sobre o saldo devedor periódico do empréstimo a uma taxa anual composta pela **Libor** semestral para o dólar norte-americano, acrescidos de uma margem a ser definida pelo Bird a cada exercício fiscal e fixada na data de assinatura do contrato;

VIII – comissão de compromisso: será de 0,85% a.a. (oitenta e cinco centésimos por cento ao ano), calculada sobre os saldos devedores não desembolsados, exigida juntamente com os juros, entrando em vigor 60 (sessenta) dias após a assinatura do contrato, até o quarto ano de sua entrada em vigor, e de 0,75% a.a. (setenta e cinco centésimos por cento ao ano) em diante, sendo que para o ano fiscal de 2007, o Bird concederá um desconto de 0,50% a.a. (cinquenta centésimos por cento ao ano);

IX – comissão à vista (**front-end-fee**): 1,0% (um por cento) sobre o montante total do empréstimo, a ser debitada da conta do empréstimo na data em que o contrato entrar em efetividade. O Bird estabeleceu que no ano fiscal de 2007 essa comissão não será cobrada.

Parágrafo único. As datas de pagamento do principal e dos encargos financeiros, bem como dos desembolsos, poderão ser alteradas em função da data de assinatura do contrato de empréstimo.

Art. 3º É a União autorizada a conceder garantia ao Estado da Bahia na contratação da operação de crédito externo referida nesta Resolução.

Parágrafo único. O exercício da autorização prevista no **caput** deste artigo é condicionada a que o Estado da Bahia celebre contrato com a União para a concessão de contragarantias, sob a forma de vinculação das receitas próprias de que trata o art. 155, e das cotas de repartição de receitas de que tratam os arts. 157 e 159, todos da Constituição Federal, e outras garantias em direito admitidas, podendo o Governo Federal requerer as transferências de recursos necessários para cobertura dos compromissos honrados, diretamente das contas centralizadoras da arrecadação do Estado ou das Transferências Federais.

Art. 4º A autorização concedida por esta Resolução deverá ser exercida no prazo máximo de 540 (quinhentos e quarenta) dias, contado da data de sua publicação.

Art. 5º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Senado Federal, 8 de agosto de 2007. – Senador **Renan Calheiros**, Presidente do Senado Federal.

Faço saber que o senado federal aprovou, e eu, renan calheiros, presidente, nos termos do art. 48, Inciso xxviii, do regimento interno, promulgo a seguinte

RESOLUÇÃO Nº 10, DE 2007

Autoriza o Município de Campo Grande (MS) a contratar operação de crédito externo, com garantia da União, com o Fundo Financeiro para o Desenvolvimento da Bacia do Prata (Fonplata), no valor total de até US\$ 17,061,000.00 (dezessete milhões e sessenta e um mil dólares norte-americanos).

O Senado Federal resolve:

Art. 1º É o Município de Campo Grande (MS) autorizado a contratar operação de crédito externo, com garantia da União, com o Fundo Financeiro para o Desenvolvimento da Bacia do Prata (Fonplata), no valor de até US\$ 17,061,000.00 (dezessete milhões e sessenta e um mil dólares norte-americanos).

Parágrafo único. Os recursos advindos da operação de crédito externo referida no **caput** deste artigo destinam-se ao financiamento parcial do Programa de Recuperação das Áreas Degradadas do Córrego Imbirussu.

Art. 2º A operação de crédito referida no art. 1º deverá ser realizada nas seguintes condições:

I – devedor: Município de Campo Grande (MS);

II – credor: Fundo Financeiro para o Desenvolvimento da Bacia do Prata (Fonplata);

III – garantidor: República Federativa do Brasil;

IV – valor: de até US\$ 17,061,000.00 (dezessete milhões e sessenta e um mil dólares norte-americanos);

V – prazo de desembolso: 48 (quarenta e oito) meses, contados a partir da data de vigência do contrato;

VI – amortização: em 32 (trinta e duas) parcelas semestrais e consecutivas, de valores tanto quanto possível iguais, a serem pagas sempre no 20º (vigésimo) dia dos meses de abril e de outubro;

VII – juros: exigidos semestralmente nas mesmas datas de pagamento das amortizações, calculados sobre o saldo devedor periódico do empréstimo, a uma taxa anual composta pela **Libor** semestral para dólar norte-americano, mais um adicional de até 2,20% (dois inteiros e vinte centésimos por cento);

VIII – comissão de compromisso: calculada com base na taxa de 0,75% a.a. (setenta e cinco centésimos por cento ao ano) sobre os saldos devedores não desembolsados do empréstimo, entrando em vigor 180 (cento e oitenta) dias após a assinatura do contrato, e exigida semestralmente nas mesmas datas do pagamento dos juros;

IX – comissão de administração: exigida em uma única quota, no valor de US\$ 152,957.50 (cento e cinquenta e dois mil, novecentos e cinquenta e sete dólares norte-americanos e cinquenta centavos), uma vez cumpridas as condições prévias ao primeiro desembolso.

Parágrafo único. As datas de pagamentos do principal, dos encargos financeiros e dos desembolsos previstos poderão ser alteradas em função da data de assinatura do contrato de empréstimo.

Art. 3º Fica a União autorizada a conceder garantia ao Município de Campo Grande (MS) na operação de crédito externo referida nesta Resolução.

Parágrafo único. A autorização prevista no **caput** deste artigo fica condicionada a que o Município de Campo Grande (MS) celebre contrato com a União para concessão de contragarantias, sob a forma de vinculação dos direitos e créditos relativos às quotas e às receitas tributárias previstas nos arts. 156, 158 e 159, combinados com o art. 167, § 4º, todos da Constituição Federal, e outras garantias em direito admitidas, podendo o Governo Federal reter os recursos necessários para cobertura dos compromissos honrados, diretamente das transferências constitucionais ou das contas centralizadoras da arrecadação do Município.

Art. 4º A autorização concedida por esta Resolução deverá ser exercida no prazo de 540 (quinhentos e quarenta) dias, contado a partir de sua publicação.

Art. 5º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Senado Federal, 8 de agosto de 2007. – Senador **Renan Calheiros**, Presidente do Senado Federal.

ELABORADO PELA SECRETARIA DE ATA DO SENADO FEDERAL

SENADO FEDERAL

SUMÁRIO

1 – ATA DA 121ª SESSÃO ESPECIAL, EM 8 DE AGOSTO DE 2007

1.1 – ABERTURA

1.2 – EXPEDIENTE

1.2.1 – Comunicação da Presidência

Destinada a reverenciar a memória do Senador Antonio Carlos Magalhães, nos termos do Requerimento nº 834, de 2007, do Senador Renan Calheiros e outros Srs. Senadores. 26907

1.2.2 – Fala do Sr. Presidente, Senador Renan Calheiros

1.2.3 – Oradores

Senador César Borges	26908
Senador Papaléo Paes	26911
Senador Tasso Jereissati	26912
Senador Aloizio Mercadante	26914
Senador Tião Viana	26916
Senador Marco Maciel	26918
Senador José Sarney	26919
Senador Jayme Campos	26923
Senador Flexa Ribeiro	26924
Senador Romeu Tuma	26925
Senador Eduardo Azeredo	26926
Senador Pedro Simon	26927
Senador Arthur Virgílio	26929
Senador Valdir Raupp	26933
Senador Eduardo Suplicy	26934
Senador José Agripino	26935
Senador Cristovam Buarque	26937
Senador Romero Jucá	26939
Senador Garibaldi Alves Filho	26940
Senador Jarbas Vasconcelos	26941
Senador Heráclito Fortes	26942
Senador Francisco Dornelles	26944
Senador Sérgio Guerra	26945
Senador Mão Santa	26946
Senador Renato Casagrande	26948
Senador Antonio Carlos Valadares	26948
Senador Magno Malta	26949
Senador Inácio Arruda	26951
Senador Marcelo Crivella	26952
Senador Antonio Carlos Junior	26953

1.2.4 – Comunicação da Presidência

Recebimento de expedientes de pesar pelo falecimento do Senador Antonio Carlos Magalhães. 26955

1.2.5 – Oradores (continuação)

Senador Paulo Paim (Nos termos do art. 203, do Regimento Interno).....	26985
Senador Demóstenes Torres (Nos termos do art. 203, do Regimento Interno).....	26985
Senadora Lúcia Vânia (Nos termos do art. 203, do Regimento Interno).....	26988
Senador Marconi Perillo (Nos termos do art. 203, do Regimento Interno).....	26989
Senadora Roseana Sarney (Nos termos do art. 203, do Regimento Interno).....	26990

1.3 – ENCERRAMENTO

2 – ATOS DO DIRETOR-GERAL

Nºs 4.365, 4.368 e 4.369, de 2007. 26991

3 – TERMO DE REUNIÃO

Referente à Medida Provisória nº 382, de 2007..... 26993

4 – ATA DA COMISSÃO DIRETORA

9ª Reunião, realizada em 7 de agosto de 2007..... 26994

SENADO FEDERAL

5 – COMPOSIÇÃO DO SENADO FEDERAL – 53ª LEGISLATURA

6 – COMISSÕES TEMPORÁRIAS

7 – COMPOSIÇÃO DAS COMISSÕES PERMANENTES

8 – CONSELHO DE ÉTICA E DECORO PARLAMENTAR

9 – CORREGEDORIA PARLAMENTAR

10 – PROCURADORIA PARLAMENTAR

11 – CONSELHO DO DIPLOMA MULHER-CIDADÃ BERTHA LUTZ

CONGRESSO NACIONAL

12 – CONSELHO DA ORDEM DO CONGRESSO NACIONAL

13 – CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

14 – REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA NO PARLAMENTO DO MERCOSUL

15 – COMISSÃO MISTA DE CONTROLE DAS ATIVIDADES DE INTELIGÊNCIA (CCAI)

Ata da 121ª Sessão Especial, em 8 de agosto de 2007

1ª Sessão Legislativa Ordinária da 53ª Legislatura

Presidência dos Srs. Renan Calheiros e Demóstenes Torres

ÀS 15 HORAS E 37 MINUTOS, ACHAM-SE PRESENTES AS SRAS. E OS SRS. SENADORES:

REGISTRO DE COMPARECIMENTO

SESSÃO ESPECIAL - REVERÊNCIA À MEMÓRIA DO SENADOR ANTONIO CARLOS MAGALHÃES

Período : 8/8/2007 07:33:41 até 8/8/2007 22:11:11

Partido	UF	Nome	Pres	Voto
DEM	DF	ADELMIR SANTANA	X	
PMDB	SE	ALMEIDA LIMA	X	
Bloco-PT	SP	ALOIZIO MERCADANTE	X	
PSDB	PR	ALVARO DIAS	X	
DEM	BA	ANTÔNIO CARLOS JUNIOR	X	
Bloco-PSB	SE	ANTÔNIO CARLOS VALADARES	X	
PSDB	AM	ARTHUR VIRGÍLIO	X	
Bloco-PT	RR	AUGUSTO BOTELHO	X	
DEM	BA	CÉSAR BORGES	X	
PSDB	PB	CÍCERO LUCENA	X	
PDT	DF	CRISTOVAM BUARQUE	X	
Bloco-PT	MS	DELCIDIO AMARAL	X	
DEM	GO	DEMÓSTENES TORRES	X	
DEM	MA	EDISON LOBÃO	X	
PSDB	MG	EDUARDO AZEREDO	X	
Bloco-PT	SP	EDUARDO SUPLICY	X	
DEM	PB	EFRAIM MORAIS	X	
DEM	MG	ELISEU RESENDE	X	
Bloco-PR	RO	EXPEDITO JÚNIOR	X	
Bloco-PT	PR	FLÁVIO ARNS	X	
PSDB	PA	FLEXA RIBEIRO	X	
Bloco-PP	RJ	FRANCISCO DORNELLES	X	
PMDB	RN	GARIBALDI ALVES FILHO	X	
PMDB	AC	GERALDO MESQUITA JÚNIOR	X	
PMDB	ES	GERSON CAMATA	X	
PMDB	AP	GILVAM BORGES	X	
Bloco-PTB	DF	GIM ARGELLO	X	
DEM	PI	HERÁCLITO FORTES	X	
Bloco-PCdoB	CE	INÁCIO ARRUDA	X	
PMDB	PE	JARBAS VASCONCELOS	X	
DEM	MT	JAYME CAMPOS	X	
PDT	AM	JEFFERSON PÉRES	X	
PDT	BA	JOÃO DURVAL	X	
Bloco-PT	AM	JOÃO PEDRO	X	
Bloco-PR	TO	JOÃO RIBEIRO	X	
PSDB	AL	JOÃO TENÓRIO	X	
Bloco-PTB	PI	JOÃO VICENTE CLAUDINO	X	
DEM	MT	JONAS PINHEIRO	X	
DEM	RN	JOSÉ AGRIPINO	X	
PMDB	PB	JOSÉ MARANHÃO	X	
PMDB	AP	JOSÉ SARNEY	X	
PMDB	TO	LEOMAR QUINTANILHA	X	
PSDB	GO	LÚCIA VÂNIA	X	
Bloco-PR	ES	MAGNO MALTA	X	
PMDB	PI	MÃO SANTA	X	
Bloco-PRB	RJ	MARCELO CRIVELLA	X	
DEM	PE	MARCO MACIEL	X	
PSDB	GO	MARCONI PERILLO	X	
DEM	SE	MÁRIA DO CARMO ALVES	X	
PSDB	PA	MÁRIO COUTO	X	
PSDB	MS	MARISA SERRANO	X	
PMDB	SC	NEUTO DE CONTO	X	
PDT	PR	OSMAR DIAS	X	
PSDB	AP	PAPALÉO PAES	X	
Bloco-PSB	CE	PATRICIA SABOYA	X	
PMDB	RJ	PAULO DUQUE	X	
Bloco-PT	RS	PAULO PAIM	X	
PMDB	RS	PEDRO SIMON	X	
DEM	SC	RAIMUNDO COLOMBO	X	
PMDB	AL	RENAN CALHEIROS	X	

Partido	UF	Nome	Pres	Voto
Bloco-PSB	ES	RENATO CASAGRANDE	X	
PMDB	RR	ROMERO JUCÁ	X	
DEM	SP	ROMEU TUMA	X	
DEM	RN	ROSALBA CIARLINI	X	
PMDB	MA	ROSEANA SARNEY	X	
PSDB	PE	SÉRGIO GUERRA	X	
Bloco-PTB	RS	SÉRGIO ZAMBIASI	X	
Bloco-PT	MT	SERYS SLHESSARENKO	X	
Bloco-PT	AC	SIBÁ MACHADO	X	
PSDB	CE	TASSO JEREISSATI	X	
Bloco-PT	AC	TIÃO VIANA	X	
PMDB	RO	VALDIR RAUPP	X	
PMDB	MS	VALTER PEREIRA	X	
PMDB	MG	WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRAX	X	

Compareceram: 74 Senadores

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos.

A presente sessão especial destina-se a reverenciar a memória do Senador Antonio Carlos Magalhães. (Pausa.)

Tenho a honra de convidar, em primeiro lugar, para compor a mesa, Dona Arlete Magalhães, viúva do Ex^{mo} Sr. Senador Antonio Carlos Magalhães. (Pausa.)

Convido para compor a mesa o Deputado Osmar Serraglio, representando a Câmara dos Deputados. (Pausa.)

Convido também para compor a mesa, com muita honra, o Ex^{mo} Sr. Senador Antonio Carlos Júnior. (Pausa.)

Tenho a honra de convidar também, para compor a mesa, a Sr^a Teresa Helena Magalhães, filha do Ex^{mo} Sr. Senador Antonio Carlos Magalhães. (Pausa.)

Convido, para compor a Mesa, o Ex^{mo} Sr. Ministro Rider Nogueira de Brito, Presidente do Tribunal Superior do Trabalho. (Pausa.)

Convido, por fim, para compor a Mesa, o Ex^{mo} Sr. Vice-Governador do Distrito Federal, Paulo Octávio, representando, nesta oportunidade, o Governador do Distrito Federal. (Pausa.)

Exm^{os} Srs. Senadores, Exm^{as} Sr^{as} Senadoras, Exm^{os} Representantes do Corpo Diplomático, autoridades presentes e familiares do Senador Antonio Carlos Magalhães, a todos eu gostaria de cumprimentar ao cumprimentar Dona Arlete Magalhães, viúva do Senador.

Poucas atribuições na vida pública doem tão profundamente quanto a de homenagear o amigo ausente. Consumimos boa parte de nossas energias administrando contratempos, buscando novas soluções, soluções engenhosas para o País, superando obstáculos, assoberbados por compromissos, mas nada, Sr^{as} e Srs. Senadores, Sr^{as} e Srs. Deputados, senhores convidados, nada mesmo é tão pesado e triste quanto a perda de um amigo, de um honrado homem público, de uma lenda do Parlamento brasileiro.

O Brasil perde uma de suas últimas figuras públicas históricas. A Bahia ainda se ressentirá por muitos e muitos anos da ausência de sua máxima expressão política; o Partido dos Democratas perceberá logo a lacuna que se abre; sua família sentirá a falta do pai dedicado, do irmão solidário, do companheiro inestimável. Eu, de minha parte, Sr^{as} e Srs. Senadores, perco um grande amigo pessoal, um companheiro cada vez mais próximo, pelo qual minha admiração só aumentava.

Sempre tive a humildade de buscar conselhos, orientações e sugestões do Senador Antonio Carlos

Magalhães. Essa relação, os senhores sabem, acabou criando um vínculo estreito e muito pessoal com esse grande homem público.

É desnecessário recapitular e frisar a importância insubstituível de Antonio Carlos Magalhães para as últimas quatro décadas da política brasileira. Seria falar para aqueles que o conhecem tão sobejamente, e certamente minhas palavras, por mais que sejam sinceras, mostrar-se-iam insuficientes diante da intensidade e duração do convívio que tiveram com ele outros valorosos Senadores desta Casa, entre os quais destacaria o Senador José Sarney, o Senador Tasso Jereissati, o Senador Heráclito Fortes, o Senador Demóstenes Torres, o Senador Aloizio Mercadante, o Senador César Borges, o Senador Marco Maciel, seus amigos, seus filhos, sua família.

Nos últimos episódios relevantes da História do Brasil era impossível não haver o nome de Antonio Carlos Magalhães, não termos a colaboração desse ilustre brasileiro, desse destacado político baiano. Foi assim na reabertura política, foi assim na Constituinte, nas Diretas, na reconquista da democracia, no Colégio Eleitoral, onde sua liderança foi decisiva para os novos ares que passamos a respirar. Seu nome marcará a História de maneira única, exclusiva. Seu filho, Antonio Carlos Júnior, netos e herdeiros – tenho certeza – têm o talento genético, os ensinamentos e o discernimento de Antonio Carlos Magalhães e saberão elevar ainda mais o nome desse memorável homem público brasileiro.

Sua determinação, sua altivez, espírito público, garra e, sobretudo, sua sinceridade e lealdade com os amigos marcaram e marcarão para sempre a história do Senado, que pôde ter a honra de tê-lo como Presidente duas vezes.

A boa polêmica, a boa batalha política, a alma guerreira, mas, acima de tudo, a lealdade e a liderança transformaram Antonio Carlos Magalhães no maior ícone político da Bahia. Muito me honra poder ter convivido e aprendido importantes lições com Antonio Carlos Magalhães, como já disse. Não perdemos apenas um grande Senador; não perdemos apenas um grande Governador, um Prefeito, um Deputado; perdemos, Sr^{as} e Srs. Senadores, parte da história política nacional, perdemos uma lenda, perdemos um grande amigo.

Recentemente, falávamos da experiência do Governo Juscelino Kubitschek, de como Antonio Carlos foi amigo do ex-Presidente Juscelino. E dessa conversa nasceu a idéia de um discurso que seria feito pelo Senador Antonio Carlos Magalhães e de um livro que ele editaria para, definitivamente, marcar esse glorioso momento da história do nosso País.

Nos últimos tempos, eu vinha mantendo com o Senador Antonio Carlos Magalhães uma relação muito próxima, e o visitei, algumas vezes com o Senador Sarney, ainda no hospital, onde ele se mostrava ávido, ansioso para regressar ao cenário onde mais se sentia confortável: a arena política, o plenário do Senado Federal, palco para tantos embates e tantas disputas de idéias que ajudaram, ao longo dos anos, o Brasil a avançar e a Bahia a progredir.

Foi Antonio Carlos Magalhães o indutor, o fomentador, o responsável pelo começo da solução de um dos mais angustiantes problemas brasileiros: a segurança pública. Sob a sua batuta, a Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania removeu o bolor da inércia que encobria o assunto e elaborou dezenas de projetos de lei para coibir a violência no Brasil.

Meu caro Deputado Antonio Carlos Magalhães Neto, meu caro Senador Antonio Carlos Magalhães Júnior, a maior homenagem que poderia ser prestada ao Senador Antonio Carlos seria a urgente aprovação dessas medidas pelas quais ele tanto se empenhou.

Refiro-me a esses fatos recentes para ilustrar a vigilante sensibilidade do Senador Antonio Carlos com os anseios da população. Foi dele também, lá atrás, o embrião do Bolsa-Família, a lúcida e imperativa idéia do orçamento impositivo, as mudanças na edição de medidas provisórias, a política permanente de recuperação e crescimento do salário mínimo e tantas outras que eu gastaria, sem dúvida, horas e horas só para enumerá-las.

Antonio Carlos sabia captar as demandas da sociedade. Suas antenas estavam sempre atentas para as ruas, e, em todos os momentos de sua vida, em todos eles, o Senador Antonio Carlos foi portador desses clamores e tomou suas decisões a partir da demanda da sociedade. Não foi por outro motivo que edificou um movimento que leva seu nome, um feito raro na vida política nacional.

O luto pelo falecimento do Senador Antonio Carlos Magalhães extrapola o luto protocolar e todas as honras às quais ele faz jus. Para mim, Sr^{as} Senadoras, Srs. Senadores, o luto é íntimo, pessoal, e dói no fundo da minha alma.

O que nos conforta é saber que o exemplo dele tem seguidores, ou melhor, que o exemplo dele tem continuadores. O que nos consola é saber que, lá de cima, ele estará ainda mais olhando por nós, torcendo por nós e pelo Brasil.

Quero, neste momento em que prestamos esta justa homenagem, anunciar ao Senado Federal, aos seus familiares, a Dona Arlete, à Bahia e ao Brasil que, numa singela homenagem, já mandei confeccionar um busto do Senador Antonio Carlos

Magalhães, que ficará ao lado do busto de Affonso Arinos, no Salão Nobre do Senado Federal.

Além disso, estarei pedindo ao Conselho Editorial da Casa que organize as obras completas do Senador Antonio Carlos Magalhães, com seus pronunciamentos inesquecíveis e suas propostas para o País. É uma modesta forma de eternizar a presença, entre nós e entre todos os brasileiros, desse grande Senador, desse homem que tão bem, ao longo da sua vida, nos representou.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Tenho a honra de conceder a palavra ao segundo orador inscrito, Senador César Borges.

Tem a palavra V. Ex^a.

O SR. CÉSAR BORGES (DEM – BA. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente do Senado Federal, Senador Renan Calheiros, Srs. Senadores da República, Sr. Presidente do Tribunal Regional do Trabalho, Sr. Vice-Governador do Distrito Federal, neste ato representando o Governador, Deputado Osmar Serraglio, aqui representando o Presidente da Câmara dos Deputados, Srs. Deputados aqui presentes, Deputados Estaduais, Prefeitos, Vereadores, admiradores, amigos, muitos amigos do Senador Antonio Carlos Magalhães, minhas senhoras e meus senhores, quero expressar inicialmente minha solidariedade e amizade à D. Arlete Magalhães, mulher que soube temperar, com sua ternura e sua tranquilidade, aquele espírito indomável que caracterizou nosso querido Senador Antonio Carlos Magalhães. Solidariedade que se estende à sua família, na figura da sua querida filha, Tereza Helena, seus filhos e seu esposo; a Michelle e seus filhos; a Luís Eduardo Magalhães, meu saudoso amigo, com quem iniciei minha vida política e de quem imaginava continuar parceiro, até que o duro golpe do destino nos privou de sua inteligência e da sua amizade.

Desejo renovar minha solidariedade com esse nosso novo colega, um de seus filhos, o ilustre e querido Antonio Carlos Magalhães Júnior, que o sucede como seu suplente, dando continuidade à vocação política na família, que também já é exercida pelo talentoso Deputado ACM Neto.

Como seu admirador na política e na administração pública, na qualidade privilegiada de seu amigo particular, seu conterrâneo e correligionário, estou aqui para homenagear e prestar meu depoimento sobre o Senador Antonio Carlos Magalhães, que há pouco nos deixou.

Quero, também, e ainda que sem procuração da família para fazê-lo, mas em nome da amizade fraterna que me mantinha unido ao saudoso Senador, louvar a

grandiosidade do gesto dos Colegas desta Casa, que, enfrentando as dificuldades de locomoção impostas pela crise aérea, tentaram, alguns com sucesso, outros não, ir até Salvador levar pessoalmente seu derradeiro adeus ao bravo Senador, seu abraço solidário e sua palavra de conforto a seus familiares.

Para mim, foi um momento muito especial testemunhar o encontro emocionado de amigos e aliados do Senador, mas, sobretudo, dos seus contrários, que estiveram junto com seus familiares, sentindo, como se fossem suas, as dores deles, derramando, contidos, o mesmo pranto por eles derramado, num gesto que faço questão de registrar, por sua grandeza moral e pela transcendência de seu significado humanitário.

Em seu depoimento aos jornalistas que escreveram o livro *Política é Paixão*, o Senador Antonio Carlos Magalhães, num momento de vaidade, mas nem por isso exagerando, disse que somente duas siglas derivadas de nomes próprios se fixaram e se imortalizaram na História da Bahia e do Brasil: JK e ACM. Eu concordo, mas acho que ele não se fez justiça; não fez justiça a si próprio, contentando-se com que as três letras de seu já lendário nome formassem apenas uma sigla, quando, na realidade, elas formavam, como continuam a formar, uma verdadeira legenda.

Não sei nele, pela multiplicidade peculiar com que se entrelaçaram, qual de suas faces se deva mais destacar: se a do Antonio Carlos Magalhães político; se a do Antonio Carlos Magalhães administrador; se a do Antonio Carlos Magalhães como figura humana, todos, porém, convencidos de que, qualquer que seja o ângulo sob o qual o examinem, ele será sempre reconhecido como uma legenda nacional de que o Brasil e, em especial a Bahia, muito dependeram em momentos decisivos.

Ninguém que dele tivesse apenas ouvido falar, bem ou mal, jamais pôde falar dele com indiferença. Amando-o, contestando-o, admirando-o, aplaudindo-o.

Recuo no tempo, para recordá-lo como líder estudantil em processo de ebulição, derramando no meio universitário, mais precisamente no diretório da Faculdade de Medicina da Bahia, de que foi aluno, as primeiras atuações que mais tarde incandesceriam o universo político da Nação.

Saudoso, siga a recordá-lo como um dos maiores símbolos da alma do povo baiano, a que se costuma chamar carinhosamente de baianidade.

Nenhum outro homem público no Brasil encarnou com tanta fidelidade a alma simples do povo quanto Antonio Carlos Magalhães.

A grande paixão correspondida, que durante seu meio século de vida pública provocou no seio do povo

baiano, vinha de seu modo carismático de se dar, tanto às manifestações populares, quanto às coisas sagradas da Bahia, jamais as discriminando, ao contrário, com elas se identificando.

Ele foi um estimulador, diria melhor, um agente catalisador, por excelência, do sincretismo, sobretudo do sincretismo nos planos religioso, político e cultural, por considerá-lo um dos componentes essenciais da nossa baianidade.

Em seu amor de devoto pela Bahia e pela sua gente humilde, Antonio Carlos Magalhães não conheceu a virtude da temperança. Amou-os sem moderação em cada dia de sua vida, como diz a canção popular: como se fosse a última vez.

Nas concentrações populares, como na festa do Senhor do Bonfim ou no desfile cívico de 2 de julho – data da Independência da Bahia –, era comovente vê-lo cercado por multidões sem fim, movendo-se com dificuldade entre correligionários, estudantes, amigos, entre as baianas em seus trajes a rigor, que o assestavam para benzê-lo com a água de cheiro de seus cântaros, e outros que queriam abraçá-lo, beijá-lo ou simplesmente tocá-lo.

O povo tinha muito o que celebrar, em sinal de gratidão pelo que ele fez por sua terra, mas, muitas vezes, ao conduzi-lo em seus braços, não havia motivo imediato aparente para celebração: celebrava-se simplesmente, entre vivas e fogos de artifício, a chegada de Antonio Carlos Magalhães, nos últimos anos carinhosamente chamado de “cabeça branca”, hoje transformado numa grande saudade para o povo da Bahia.

Era comovente ver e ouvir, à sua passagem a pé, idosos, jovens e crianças no espetáculo de mãos se agitando, coro de vozes, festa de faixas e bandeirolas nas sacadas do prédio do Centro Histórico de Salvador, por ele recuperado, e assim também em todos os rincões baianos.

Era comovente ver como, em festa cívica de feriado municipal do interior, ele era recebido pelas comunidades em todo o Estado quando lá estava, como Governador, ou não, inaugurando obras ou em campanha política ou em uma simples visita. Nunca vi receptividade igual.

No meu modo particular, sempre o vi mais do que o político que honrou, engrandeceu e enriqueceu o Congresso Nacional, quer como Deputado, quer como Senador; mais do que dono de uma coragem pessoal que o levou a assumir atitudes que não raras vezes colocaram em jogo sua própria liberdade de locomoção, como em 1985, Sr. Presidente, quando, em pleno regime militar, rebelou-se contra a candidatura oficial à Presidência da República para apoiar a candidatu-

ra opositorista de Tancredo Neves, consolidando-a, dando, de certa forma, início à redemocratização do País; mais do que o administrador que revolucionou o conceito e as práticas da administração pública, para permitir à Bahia a mais radical das transformações de toda a sua história, em todos os campos, dotando-a de obras estruturantes que a projetaram no cenário nacional; mais do que tudo isso, Antonio Carlos deve ser lembrado sempre com uma das figuras humanas mais singulares que o Brasil conheceu.

Sigo a evocá-lo, agora como político, para lembrar que o Senador Antonio Carlos Magalhães vai continuar presente entre nós pelo legado de coragem pessoal que nos deixou; pela forma intransigente com que defendeu os legítimos interesses do Brasil e, de modo particular, os mais legítimos interesses da nossa querida Bahia. Vai continuar em memória entre nós, principalmente pelo exemplo de homem público trabalhador, sério e competente que ele encarnou.

A responsabilidade dos que o sobrevivem, nesta Casa, aumenta muito sem ele; sem a sua presença física que insinuava respeito; sem a sua sabedoria e a sua experiência postas à disposição e a serviço do Congresso Nacional; sem os seus conselhos paternais aos mais novos; sem os seus embates sempre proveitosos com os mais velhos; sem os seus constantes libelos precisos, concisos, diretos e contundentes contra os desvios éticos e morais, Brasil afora.

Que fazer agora sem ele?

Eu me recordo dele, ao perder o filho Luís Eduardo, meu querido amigo, naquele triste e fatídico 21 de abril de 1998, extremamente abalado, como não poderia deixar de ser, quando todos, inclusive os mais íntimos, davam-no como homem vencido e liquidado para a vida pública, Antonio Carlos ressurgiu da dor, redivivo, dizendo que a única forma de compensar o vazio deixado nele pela morte do filho querido era trabalhar pelos dois.

E foi assim que o vimos nesta Casa, até o fim de seus dias. E foi assim que eu o vi na Bahia, nos últimos meses, combatido em sua saúde, mas nem por isso menos valente e destemido na defesa de sua terra e dos mais humildes; fugindo das recomendações dos médicos, que lhe impunham uma vida de mais resguardo; fugindo dos conselhos dos familiares e dos amigos, preocupados com o processo de debilitação do seu organismo.

Nunca deixou de trabalhar. Recusou-se a se licenciar por entender que o seu lugar era aqui, de onde só se afastava para viajar nos fins de semana, não para descansar, mas para trabalhar em seu escritório de Salvador. Um gigante no trabalho o Senador ACM.

Pois é trabalhando por todos nós e por ele é que haveremos também de preencher o vazio com que o seu desaparecimento físico nos enluta, entristece e, em parte, enfraquece esta Casa.

Sua falta para os baianos é imensa; a saudade, maior ainda, mas não há outra forma de homenageá-lo e preencher o vazio de sua ausência senão procurar imitá-lo na vida que Antonio Carlos Magalhães levou nos últimos cinquenta anos. Foram cinquenta anos inesquecíveis para os baianos, Sr. Presidente. Meio século de uma vida dedicada à Bahia, 50 anos de uma paixão a que não se pode contrapor outra igual e cuja consequência lógica e inevitável seria como foi: a incorporação da legenda ACM à história mais moderna da Bahia como seu principal construtor.

Minhas senhoras e meus senhores, como nordestino, como ex-Governador de um Estado tantas vezes discriminado, gostaria de dizer que o grande mérito de Antonio Carlos foi também mostrar ao Brasil, juntamente com outras grandes lideranças regionais, muitas delas aqui presentes, que o Nordeste é viável e que dispõe de condições para promover meios que gerem emprego, renda e divisa para os Estados nordestinos sem necessidade dos programas assistencialistas.

Foram ele e os executivos que o sucederam no Governo do Estado – pois, entre outros méritos do Senador Antonio Carlos, está o de descobrir e lapidar executivos para o serviço público, promovendo-se por mérito – que mostraram, a partir da Bahia, que o Nordeste, com oportunidades iguais a que se dão a regiões mais prósperas do País, também pode andar com seus próprios pés, também pode ter seus tratores no lugar do arado ou da enxada, também pode ter seus complexos industriais, a exemplo do Pólo Petroquímico de Camaçari, uma das maiores realizações do Senador Antonio Carlos quando Governador da Bahia.

À nova Bahia juntam-se empresas químicas, petroquímicas e de tantos outros ramos da atividade, a exemplo da metalurgia do cobre, da celulose, têxtil, bebidas, serviços e, agora mais recentemente, a indústria automotiva capitaneada pelo complexo da Ford, cuja fábrica, que tive o prazer e a honra de inaugurar como Governador, em 2001, foi uma conquista com a participação fundamental do Senador Antonio Carlos como Presidente desta Casa. Hoje, os automóveis já respondem por maior parcela das exportações da Região Nordeste.

Foi Antonio Carlos Magalhães quem mostrou ao País, a partir do projeto de recuperação do Pelourinho, tombado pela Unesco como Patrimônio da Humanidade, e de outros prédios e sítios históricos da capital da Bahia e do interior do Estado, que é possível modernizar uma cidade, como ele modernizou Salvador, quando a

administrou como seu Prefeito, na década de 70, recebendo, inclusive, o título de Prefeito do Século, mas preservando sempre o passado rico na Bahia.

Gostaria de encerrar, lembrando, neste momento, uma frase de Carlos Lacerda: “Só porque vejo antes, dizem que enxergo demais”. Essa era uma das frases preferidas do nosso querido ACM, que, aqui mesmo, nesta tribuna, tantas vezes a repetiu em discursos. Agora, sou eu que repito a frase, como a grande síntese da vida de Antonio Carlos Magalhães: “Só porque vejo antes, dizem que enxergo demais”.

Antonio Carlos Magalhães foi mesmo este homem à frente do seu tempo, aquele que viu antes, que apontou caminhos e que, muitas vezes, foi combatido como alguém que enxergou demais. Enxergou demais e foi combatido, mas nunca abandonou suas idéias, nunca parou de lutar, lutou por toda sua vida, até o final, como aqueles homens imprescindíveis e insubstituíveis.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Tenho a honra de conceder a palavra ao nobre Senador Papaléo Paes.

O SR. PAPALÉO PAES (PSDB – AP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Exmº Sr. Presidente do Senado Federal, Senador Renan Calheiros; Srª Arlete Magalhães; Exmº Sr. Deputado Federal Osmar Serraglio, representando o Presidente da Câmara Federal; Exmº Sr. Senador Antonio Carlos Júnior; Srª Teresa Helena Magalhães; Sr. Rider Nogueira de Brito; Sr. Ministro Presidente do Tribunal Superior do Trabalho; Exmº Sr. Senador Paulo Octávio, atual Vice-Governador do Distrito Federal, em nome de quem cumprimento todos os membros do Poder Executivo aqui presentes. Em nome da Srª Arlete Magalhães, do Senador Antonio Carlos Júnior e do Deputado Antonio Carlos Magalhães Neto cumprimento os familiares do Senador Antonio Carlos Magalhães, seus amigos e demais presentes.

Sr. Presidente, Srªs e Srs. Senadores, como brasileiro, como Senador da República, que teve a honra de conhecer o Senador Antonio Carlos Magalhães pessoalmente nesta Casa, eu não ficaria em paz comigo mesmo se eu não ocupasse esta tribuna para falar de Antonio Carlos Magalhães. Ainda que todos o façam, nunca será demais registrar o significado da presença de Antonio Carlos Magalhães, plena, enérgica, vigorosa, no cenário político nacional.

Poucos homens públicos viveram tão intensamente o caminho que escolheram trilhar. No caso de Antonio Carlos Magalhães, a opção pela política foi visceral. Fez-se médico para atender ao desejo do pai, mas a paixão pela vida pública nele sempre falou

mais alto. Exercendo-a, manteve, do princípio ao fim, notável coerência. Do jovem Deputado Estadual baiano, eleito em 1954, ao Senador no auge da maturidade, em 2007, Antonio Carlos Magalhães consolidou a imagem de alguém fiel a si mesmo, à terra natal e à carreira que abraçou.

Antonio Carlos Magalhães sempre soube compreender o contexto histórico em que atuava. Ao chegar à Câmara Federal pela legenda da UDN, nas eleições de 1958, entendeu o sentido do governo dinâmico e transformador de Juscelino Kubitschek. A diferença partidária, mesmo integrando o partido que mais ferozmente combatia o Presidente da República, não impediu que dele se aproximasse e, nesse sentido, ofereceu seu apoio ao extraordinário ímpeto realizador de Juscelino Kubitschek.

Como parcela significativa da sociedade brasileira, tomou posição ante o aprofundamento da crise institucional que culminou na deposição de João Goulart. Tendo sido uma das principais lideranças a apoiar a ruptura de 1964, em sua Bahia natal, identificou-se integralmente com o regime militar. E foi justamente sob as condições vigentes a partir de 1964 que viu sua trajetória política adquirir dimensão exponencial. Nessa perspectiva, vale a pena destacar uma característica marcante de Antonio Carlos Magalhães, qual seja, a do administrador brilhante, de olhos abertos para o futuro e capaz de montar equipes tecnicamente competentes. Foi assim que se notabilizou Prefeito de Salvador, cargo para o qual foi nomeado em 1967, primeiro passo para vãos mais altos. Por três vezes governou a Bahia. Mesmo seus adversários reconhecem: a despeito de suas posições políticas e dos métodos que eventualmente pudesse empregar, Antonio Carlos Magalhães revelou-se administrador público de primeira grandeza, de quem o Estado recebeu o impulso necessário para modernizar-se.

Impossível omitir a importância do papel exercido por Antonio Carlos Magalhães para a transição do poder militar ao civil. Como era de seu feitio, expôs-se pública e vigorosamente no confronto com as forças políticas que pretendiam perpetuar-se no poder, a despeito do sentimento contrário da maioria da população brasileira e da escolha do candidato oficial para suceder João Figueiredo. Naquele momento, o apoio de Antonio Carlos Magalhães ao conjunto de forças oposicionistas foi decisivo para que, no Colégio Eleitoral, a chapa Tancredo Neves – José Sarney conhecesse consagrada vitória.

O Brasil redemocratizado assiste à plenitude da ação política nacional de Antonio Carlos Magalhães, primeiramente no Executivo, como Ministro das Comunicações, nomeado que foi pelo Presidente Sarney.

Todavia, por todas as razões, gostaria de destacar a presença do veterano líder nesta Casa. Ele, aqui, chegou em 1995, quando se iniciava o primeiro dos dois mandatos de Fernando Henrique Cardoso. Dois anos depois, assumiu a Presidência do Senado Federal, feito que repetiria no biênio seguinte.

Não me preocupei, aqui e agora, em enfatizar os problemas pelos quais passou, que acabaram por levá-lo à renúncia do mandato. Seu retorno a esta Casa deu-se mediante estupenda votação popular. A imagem que fica de Antonio Carlos Magalhães, Senador, é justamente a do Parlamentar destemido, incapaz de fazer uso de linguagem dissimulada ou de esconder seus sentimentos. Fica a imagem de um Presidente que compreendeu a imperiosa necessidade de modernizar a Casa e aproximá-la cada vez mais dos cidadãos, razão pela qual deu prosseguimento às iniciativas do Presidente Sarney e fortaleceu os veículos de comunicação social do Senado. Ao mesmo tempo, vislumbrou o campo de atuação a ser ocupado pela Casa no âmbito da formação educacional e da cultura política de Parlamentares, servidores e do grande público, missão que confiou ao Programa Interlegis e à inédita Universidade do Legislativo Brasileiro, a nossa Unilegis.

Ficam, sobretudo, do Antonio Carlos Magalhães, Senador, algumas cruzadas às quais se dedicou por inteiro, entre elas, a luta contra as mazelas do Poder Judiciário, de que resultou a instalação de Comissão Parlamentar de Inquérito; a persistente defesa da adoção do orçamento impositivo, por ele entendido como única forma de equilibrar os Poderes do Estado, realçando o papel do Legislativo; o esforço por dotar o País de consistente política de segurança pública, que tanto marcou sua passagem, como Presidente, na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania. Mas fica, acima de tudo, a marca de Antonio Carlos Magalhães na campanha para a criação do Fundo de Combate à Pobreza.

Encerro meu pronunciamento, Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, convicto de que a passagem de Antonio Carlos Magalhães desta vida para outra praticamente indica um novo ciclo da política brasileira. Contexto histórico riquíssimo, eivado de conflitos e contradições, mas que foi vital para a construção do Brasil de nossos dias. Antonio Carlos Magalhães foi testemunha e protagonista dessa experiência. Com muitas virtudes e com seus defeitos, ele deu uma expressiva contribuição para que chegássemos onde, hoje, estamos.

Uma coisa não podemos deixar de evidenciar neste momento: Antonio Carlos Magalhães não se curvou ao poder, razão pela qual terminou sua vida

pública fazendo oposição, e uma oposição inteligente e construtiva. Certamente, esta Casa aprendeu muito com ele, até para que dele pudesse discordar. Antonio Carlos Magalhães foi grande! Antonio Carlos Magalhães fez história! E muito me honrou tê-lo conhecido e ter sido seu colega de Parlamento.

Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Agradeço a V. Ex^a.

Tenho a honra de conceder a palavra ao nobre Senador Tasso Jereissati.

O SR. TASSO JEREISSATI (PSDB – CE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Senador Renan Calheiros, Presidente do Senado Federal; Deputado Osmar Serraglio, representante do Presidente da Câmara dos Deputados; Sr. Ministro Ríder Nogueira, Presidente do Tribunal Superior do Trabalho; Vice-Governador do Distrito Federal, Sr. Paulo Octávio; Sr^{as} e Srs. Senadores; Sr^{as} e Srs. Deputados, lideranças, Prefeitos, amigos do Senador Antonio Carlos Magalhães, Sr^a Dona Arlete, Antonio Carlos Júnior, Teresa, eu trouxe um discurso escrito para homenagear o nosso querido amigo Senador Antonio Carlos Magalhães. Confesso, no entanto, que estou sentindo enorme dificuldade, não sendo um orador nato, para fazer esse discurso, porque sinto uma enorme compulsão de falar com o meu coração a respeito de um dos maiores políticos dos últimos 50 anos da História brasileira, um homem, um ser humano com quem tive o privilégio de conviver. Mais que isso, sempre terei o privilégio de dizer para meus filhos, meus netos e meus amigos: fui amigo de Antonio Carlos Magalhães e com ele convivi.

Dona Arlete, Antonio Carlos Magalhães não era um homem comum. Tudo nele fugia ao ordinário. Nada nele era moderado, comum, trivial.

Que homem forte! Que homem fantasticamente forte, Teresa!

Como pôde, eu me pergunto, aquele coração suportar tamanha paixão? Nada que ele fazia era sem paixão. Quando se aborrecia, era de uma maneira intensa, e ele colocava todo esse aborrecimento dentro do seu coração. Quando amava, essa intensidade era maior ainda.

Quantas vezes, Neto, por um pequeno detalhe de que ele discordava, eu o vi iniciar uma discussão. Eu lhe dizia: “Senador, para que essa discussão? Esqueça! Deixe para lá!”. No entanto, ele não aceitava sequer viver sem riscos. Em tudo ele carregava o risco junto.

Ele não aceitava, Senador José Sarney, seu grande amigo e homem conhecedor das palavras, a mediocridade. Ele não convivia com a mediocridade. A

sua vocação não era para a mediocridade; e, se isso o levava ao risco, que viesse o risco, mas ele sucumbiria a essa vocação.

Nos últimos anos, no Senado, todos convivemos com essa sua fortaleza e com essa sua paixão. No último momento, lembro-me aqui, quando ele teve uma indisposição, todos nós, Presidente Sarney, sugerimos a ele que pegasse uma cadeira de rodas e fosse para o hospital. E ele, de maneira absolutamente altiva – a resposta não foi nem um não –, levantou-se, desenrolou a manga da camisa, vestiu o paletó e saiu andando, marchando, com pressa e altivez, olhando-nos como se dissesse: ando ainda melhor do que vocês todos.

Perdoem-me aqui todos os homens públicos, mas, com certeza, nunca vi um amor por um Estado como o amor do Senador Antonio Carlos Magalhães pela Bahia. E aquele não era um sentimento político, não era um sentimento criado, mas, sim, um sentimento que era fruto dessa fonte de paixões e de emoções que ele tinha. Lembro-me de uma vez em que, sobrevoando Salvador, chegando a Salvador, pela janela do avião, ele olhou aquela cidade, olhou para mim e disse: “Como é bonita essa Bahia!”. E olhava-a com orgulho, como se a cidade fosse ele.

Antonio Carlos foi uma lição para mim nesse aspecto. Aqui, muito foi dito do administrador brilhante que transformou a Bahia e que mudou o traçado da cidade de Salvador, do criador de quadros, do descobridor de talentos, do lançador na vida política brasileira de grandes, importantes e brilhantes políticos e da sua participação na história recente da política brasileira. Mas, hoje, sou convencido de que o grande diferencial de Antonio Carlos era seu amor por aquilo que fazia, principalmente seu amor pela Bahia. Conheci administradores, Vice-Governador Paulo Octavio, muito bons, muito competentes, que conseguiram fazer, em seus Estados, em suas áreas, grandes administrações. Mas a diferença entre ele, grande administrador, e os outros grandes administradores era essa paixão. Ele fazia isso com muito amor. E, de uma maneira até compulsiva, eu diria, ele fazia as coisas pela Bahia, defendia a Bahia.

Penso que esse amor foi o que fez com que Antonio Carlos se transformasse ao longo do tempo, mesmo com revezes políticos aqui e acolá. Observávamos isso na Bahia. Ele não era mais o político Antonio Carlos, como sou o político Tasso Jereissati no Ceará. Ele virou uma instituição na Bahia. Mesmo que, em determinado momento, não vivesse ele o auge da sua popularidade, ele era uma instituição. ACM era uma instituição. Acabou transformando-se, no imaginário popular brasileiro, em uma instituição baiana, como os personagens de Jorge Amado, como o som de Caymmi, como as cores do Caribe: ACM e a Bahia; a Bahia e ACM.

Fui ao casamento de um neto de ACM. Lembro-me dele, com seu jeito peculiar, sendo cumprimentado. Fiquei observando-o, Sr. Presidente Sarney. Lembro-me muito bem da cena. A mãe de Caetano, Dona Canô, beijou-lhe as mãos. Com muita naturalidade, ele estendeu-lhe as mãos, que foram beijadas como as de uma instituição como Mãe Menininha. Em qualquer outra parte, em qualquer outro Estado, não seria uma circunstância tão natural, tão normal. Mas ACM, na Bahia, era uma instituição, virou uma instituição.

Permitam-me falar sobre a paixão que ele tinha – e tive a felicidade de conviver muito com ele nos últimos anos – pela sua família, por Dona Arlete. Não me lembro – e não foram poucas vezes; eram constantes – de vê-lo falar em Luís Eduardo sem que seus olhos ficassem, no mínimo, lacrimejando. Quando ele ou alguém puxava algum assunto sobre Luís Eduardo, seus olhos começavam imediatamente a lacrimejar. Que homem forte! Como pode um homem conviver tantos anos com tanta dor, fora outras dores que ele teve ao longo da vida? Como pode conviver com dor tão intensa? Nele, aquela dor era muito intensa, muito aguda, e ele convivia com ela com certa naturalidade.

Sobre o amor por sua família, ele nunca deixou de falar, Dona Arlete. Faço questão de dizer que ele nunca deixou de mencionar, em conversas que tínhamos aqui, quando estávamos um pouco mais descontraídos, o amor por seus filhos e por seus netos e sua preocupação com a vida de cada um deles.

Esse homem deixou um vazio enorme neste plenário, Senador Renan Calheiros. Era impossível – e hoje eu comentava isso, se não me engano, com a Senadora Patrícia e com o Senador Arthur Virgílio – não sentir a presença de Antonio Carlos neste plenário. Era tal seu carisma, era tal sua presença, era tal sua energia, que a entrada do Antonio Carlos neste plenário era imediatamente sentida, era imediatamente percebida. Ninguém, nem na Bahia nem fora daquele Estado, ficava indiferente a Antonio Carlos. Podia-se até odiá-lo, mas indiferente a Antonio Carlos ninguém ficava. Confesso, Dona Arlete, que, para mim, pessoalmente, vai ser muito difícil entrar neste plenário e me acostumar à convivência nesta sala sem sua presença absolutamente marcante.

Talvez, seja um exagero, mas vou dizer o que penso na hora da despedida: acho difícil que este Plenário tenha, nesses três anos, o mesmo brilho, a mesma vivacidade que teve enquanto Antonio Carlos esteve aqui. Ele, indiscutivelmente, gostando-se ou não se gostando disso, criava aqui dentro um clima de polêmica, de controvérsia, de democracia e de paixão. Sua discussão não era fria; era uma discussão apaixonada.

Penso que vamos ter de fazer muito esforço para cobrir a lacuna por ele deixada. Para mim, este plenário hoje é mais triste. Confesso que ainda não consigo olhar esta sala e entrar neste salão azul e não sentir um enorme vazio. Esse sentimento foi abrandado quando vi ali sua fotografia exposta nesse telão.

Tenho a idéia sempre presente em nós cristãos – sou cristão, sou católico – de que quem sabe, finalmente, ele esteja dando vazão às suas lágrimas, encontrando seu querido Luís Eduardo e sua filha que se foi também. Talvez, estejam lá juntos, de mãos dadas, e estejamos sendo objeto, Senador Arthur Virgílio, daquele finíssimo humor que ele possuía. Espero que sejamos objeto do finíssimo humor que ele possuía, não de algum tipo de reprovação, porque ele não escondia também quando havia reprovação. É impossível que todos nós, que privamos da sua amizade, não imaginemos ou não tenhamos essa visão dele ao lado de Luís Eduardo, sabendo desse poço de paixão que era Antonio Carlos. E, sem dúvida alguma, um dos pontos altos da paixão de Antonio Carlos era seu querido filho Luís Eduardo.

Portanto, Dona Arlete, eu gostaria de deixar aqui nossa homenagem e nosso respeito. Conheci Antonio Carlos e sei do enorme respeito e da admiração que ele tinha por V. S^a. Sei que não seria uma mulher normal, ou seja, uma mulher comum, uma mulher que não tivesse talentos extraordinários, que domaria aquele vulcão e conviveria com ele.

Ao estender nossas homenagens à senhora e à sua família, tenho a certeza, a convicção de que estamos realizando aqui, mais do que meu desejo, o desejo de Antonio Carlos.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Tenho a honra de conceder a palavra ao nobre Senador Aloizio Mercadante.

O SR. ALOIZIO MERCADANTE (Bloco/PT – SP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Renan Calheiros, saúdo V. Ex^a e todos os Senadores presentes a esta Casa, bem como o Deputado Osmar Serraglio, que representa a Câmara dos Deputados, o Presidente do Tribunal Superior do Trabalho, Ministro Rider Nogueira de Brito, em especial nosso Vice-Governador, que representa toda a comunidade do Distrito Federal, Paulo Octávio, e, de forma muita especial, os familiares do Senador Antonio Carlos Magalhães, D. Arlete, Antonio Carlos Magalhães Júnior, D. Teresa, ACM Neto e todos os demais parentes que aqui estão.

Preparei um discurso por escrito, mas vou correr os mesmos riscos que o Senador Tasso Jereissati e vou fazer a mesma opção, porque, se por um lado

não é fácil falar de Antonio Carlos Magalhães, desnecessário seria repetir – e sei que outros o farão com muito mais detalhe e brilho – a sua biografia, a sua trajetória, a sua história.

Não preciso de outra referência a não ser o fato de que, quando nasci, ele já era Deputado, já estava na vida pública. E não conheço, ao longo de toda a militância política, um único momento relevante da história recente desta República em que o Senador Antonio Carlos Magalhães não estivesse presente, com posição muito clara, nítida e de forma absolutamente determinante.

Eu subo a esta tribuna para falar de alguém com quem convivi nos últimos 20 anos – convivi intensamente e sempre como adversário político. Sempre estivemos em posições distintas; nas campanhas eleitorais, nas principais votações, nas grandes discussões, estávamos em posições distintas. Mas quero falar do testemunho pessoal, das impressões que tive e daquilo que vi e vivi, especialmente no plenário da Câmara dos Deputados e, nos últimos anos, no plenário do Senado Federal.

Uma das maiores qualidades de Antonio Carlos Magalhães era a coragem e a franqueza. E é com coragem e franqueza que quero expressar o que gostaria muito de dizer. Quando ele estava terminando a Presidência do Congresso Nacional – e já se vão mais de oito anos –, eu disse a ele: “Senador Antonio Carlos Magalhães, em V. Ex^a nada é pequeno, nem os defeitos e nem as qualidades”. Nada era pequeno, tudo nele era grande. A presença dele era absolutamente decisiva.

Num momento como este quero falar das qualidades, que não eram poucas e que eram essenciais ao homem público. Quero repetir uma frase dele que penso expressar como poucas o que ele era como ser humano. Ele disse: “Política, para mim, é paixão. Por isso que a faço sempre com prazer e em tempo integral. Qualquer um que queira fazer política de verdade precisa exercê-la com paixão”. E era paixão.

Quantas vezes, nesta Casa, nós fazíamos reunião da Mesa com as Lideranças, estabelecíamos a pauta que ia ser votada, como seria. E aí, quando eu entrava como Líder do Governo neste Plenário, olhava para o canto ali, pedia ao nosso grande Rodolpho Tourinho que ajudasse, recorria ao César Borges, pois era só eu olhar para o canto e ver aquela cara enfezada que eu dizia: “Não vai ter votação hoje”. Ele já estava com aquele jeito. Ele chegava cedo aqui, e a confusão começava já no primeiro minuto. E a sessão inteira era turbulenta, porque havia alguma coisa incomodando o Senador.

Mas ele fazia isso com paixão. E fazia isso discutindo interesses, posições políticas. A política era a essência da vida dele. E era a política que determinava os seus movimentos fundamentais.

Eu queria também mencionar uma outra passagem. Hoje, o nosso querido Senador Papaléo disse aqui – e é verdade – que ele fez política sempre com independência, com altivez, defendendo o Legislativo perante o Executivo. Mesmo quando era da base do Governo, ele sempre defendeu esta Casa e o papel do Poder Legislativo. E ele disse que essa independência tinha importância sobretudo pelo fato de ele terminar a vida nessa condição de Oposição.

Mas o ACM gostava mesmo era de ser governo. Eu me lembro uma vez em que eu tive um debate com ele aqui, muito intenso. Eu vinha subindo para o plenário e disse: “Senador, V. Ex^a está como gosta hoje: critica o Governo, esculhamba, fala tudo o que pensa, tudo o que quer”. Ele disse: “Mercadante, é muito melhor apanhar de cima do que bater de baixo”.

O Senador César Borges disse que também ouviu dele algo muito parecido: “é melhor sofrer dentro do Governo que de fora, porque, em política, a gente sempre sofre”. Era muito do que ele pensava.

Ele tinha uma capacidade de exercer o poder, de pensar o poder e uma vivência de responder às questões do poder que faziam com que ele sempre fosse uma referência absolutamente obrigatória em tudo que se referia à política do Parlamento brasileiro.

Quero destacar aqui também o papel determinante que ele teve nos cargos que exerceu nesta Casa. Eu era Líder da Oposição e ele, Presidente do Congresso Nacional, quando pactuou algumas políticas que foram fundamentais, pela capacidade de ter uma visão do Brasil, que não era a minha, mas era uma visão de Brasil de um homem público. Nós conseguimos negociar, Oposição e Governo, questões como o Fundo de Combate à Pobreza, que está aí hoje, sendo uma referência fundamental de combate à pobreza, e a política de valorização do salário mínimo, que já era uma preocupação que vinha de longo tempo, em cujo debate ele sempre esteve envolvido. Recentemente, todos assistiram ao seu papel determinante como Presidente da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, para estabelecer aquele pacote da segurança pública. Foram 25 projetos de lei que votamos. Se não fossem a determinação, o empenho e a firmeza dele, não conseguiríamos pautar e votar essas matérias com a agilidade e, eu diria, com a competência que era indispensável para que pudéssemos contribuir para o País num momento tão delicado, como é a crise da violência.

Creio que parte da minha tarefa de Oposição e do bom relacionamento que eu tinha com ele vinha do meu relacionamento com Luís Eduardo Magalhães, que era uma figura ímpar – talvez a grande obra pública do Senador Antonio Carlos Magalhães. Acho que Luís Eduardo Magalhães era uma referência na política nacional absolutamente determinante.

E todos sabem – penso que o Tasso Jereissati foi muito feliz em dizer – que todas as vezes que nós, de alguma forma, lembrávamos de Luís Eduardo Magalhães, as lágrimas lhe vinham nos olhos, e aquilo tinha um significado e um sentido muito profundo, muito especial na alma de Antônio Carlos Magalhães.

Eu queria pedir a você, Antonio Carlos Magalhães Júnior, que, o mais breve possível, arrume alguma confusão grande neste plenário e que eu possa ter grandes embates políticos – sei que não é o seu estilo, mas você precisa fazer um esforço veemente – para matarmos um pouco da saudade que vai ficar e que não será pequena.

Quero também dizer a você, Antonio Carlos Magalhães Neto, que algumas conversas que tive com o seu avô mostraram a imensa expectativa dele em sua trajetória. Espero que você aprenda todas as lições. Não precisa ficar com todos os defeitos, fique com as qualidades, que são muito abundantes e vão ajudá-lo de forma decisiva.

Quero dizer que vi duas paixões muito importantes em Antonio Carlos Magalhães – e muito nele era paixão: a paixão pelo Brasil e, sobretudo, a paixão pela Bahia. E os momentos que mais me sensibilizaram no relacionamento de um adversário – e eu sempre fui adversário – foram as vezes que eu o vi no contato com a cultura e o povo baiano. Estive no carnaval e vi, com o Ilê passando e jogando aqueles colares, o significado especial que aquilo tinha, ou quando ele descia para abraçar as baianas, ou quando o Olodum passava com os seus tambores de guerra.

Então, eu escolhi, e quero falar com o meu sotaque paulista – porque parte dos meus embates com ele também era a questão de São Paulo e a relação com a Bahia, que nunca foi tarefa fácil –, quero falar com a paixão de um paulista e com o respeito a um baiano absolutamente marcante na história da Bahia. Quero ler aqui, com o meu sotaque de paulista, um trecho da *Ode ao Dois de Julho*, de outro grande baiano, Castro Alves:

E um povo de bravos ergueu-se dizendo:
“Já somos nós livres, já somos nação!...”

Co’as águas imensas o imenso Amazonas

Pomposo repete: – “Sou livre em meu chão!...”

E ao grito de livres as fontes correram
E em lindas cascatas os rios saltaram...
Ergueram-se cantos festivos de hosanas,
As flores do seio da terra brotaram...
É hoje, senhores, o dia da pátria.
Que d'alma – os Baianos – conservam
no fundo,
Saudemos o dia que ergueu-nos do
lodo...
Que marca um progresso na vida do
mundo.
Senhores, a glória de um povo é ser li-
vre...
O nome de livres é o nosso brasão.
Seja esta a divisa da nossa existência.
E este epitáfio se escreva no chão...

Creio que o epitáfio de Antonio Carlos Magalhães
é o chão da Bahia.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB
– AL) – Tenho a honra de conceder a palavra ao nobre
Senador Tião Viana.

Com a palavra V. Ex^a.

O SR. TIÃO VIANA (Bloco/PT – AC. Pronuncia o
seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Pre-
sidente, Senador Renan Calheiros; Sr. Ministro Rider
de Brito; Senador Antonio Carlos Magalhães Júnior;
Deputado Osmar Serraglio, aqui representando a Câ-
mara dos Deputados; Sr^a Arlete Magalhães; Sr^a Tere-
sa Helena Magalhães; senhores familiares; Sr^{as} e Srs.
Senadores, Srs. Parlamentares e os que prestam ho-
menagem ao Senador Antonio Carlos Magalhães, para
mim, é um gesto de amizade vir à tribuna do Senado,
porque conseguimos construir juntos, nesta Casa, uma
relação de afeto muito importante – eu julgo – para mi-
nha pessoa. Tenho como prática de vida querer fazer
amigos, gosto de fazer amigos, valorizo muito isso e
acho que o Senador Antonio Carlos Magalhães também
teve sempre esse gesto na vida, de querer construir
amizades, de querer fazer amigos. E esses quase dez
anos de Senado Federal nos permitiram construir uma
relação de amizade, uma relação de respeito, uma re-
lação afetuosa, de forma que os ambientes ideológicos
a que pertencíamos não prejudicassem a forte relação
de respeito e de consideração que nutríamos um pelo
outro, Senador Paulo Octávio.

Como o Senador Tasso Jereissati, sinto muito a
falta que fará o Senador Antonio Carlos Magalhães.
Fará falta pelo orador que foi, corajoso, sobretudo, mas
principalmente pelas posições que tinha coragem de
tomar sempre na vida pública. Era um homem que,
marcadamente, não abria mão das suas posições,

e esta Casa nunca será uma instituição respeitável
e admirável se as posições não forem claras e se a
coragem de tomar posições não for suficiente para
os seus membros. Ele me marcará sempre por essa
atitude na vida.

Não consigo imaginar quantas vezes encontrei
pessoas que não tivessem medo de esconder seus
defeitos. E o Senador Antonio Carlos Magalhães abria
mão de qualquer receio de expor seus defeitos peran-
te qualquer um e perante qualquer ambiente social
em que estivesse. Esse é um gesto muito raro, é um
gesto determinante para a admiração que construí em
relação à sua pessoa. A coragem de enfrentar os mo-
mentos difíceis da vida política, a coragem de enfrentar
os momentos que marcaram sua luta no seu Estado,
no País, no debate ideológico, cuja travessia de mais
de 50 anos ele teve de fazer, sempre foi algo que me
trouxe muito à lembrança os sentimentos de respeito
e de apreço, que sei que foram mútuos.

Gerou um político como Luís Eduardo Magalhães.
Vem-me sempre uma frase ligada a ele: “O jogo está
jogado”. Ele a proferia nos momentos de entendimen-
to da Casa. O “jogo jogado” significava que o acordo
estava feito e não seria quebrado. Esse é outro gesto
especial. Sua família inteira deve se orgulhar sempre
dessa conquista que ele conseguiu obter.

Gerou também ACM Neto, que expande a fron-
teira da Bahia, do Nordeste, como um personagem
da política brasileira, e Antonio Carlos Júnior, que foi
meu colega no primeiro mandato e que cumpriu com
honradez também seu mandato aqui. Isso foi muito
importante no exercício do Senador, bem como na
vida dessa família.

Outro gesto que não se pode deixar de conside-
rar aqui – o Senador Mercadante também o trouxe à
nossa lembrança – era a defesa do Poder Legislativo.
Poucas vezes, consegui ver, no Congresso Nacional,
observando esta instituição, quando ele estava aqui ou
quando ele não estava aqui, quem tivesse coragem de
fazer a defesa do Poder Legislativo com tanta clareza
e com tanta convicção como o Senador Antonio Carlos
Magalhães. Para ele, era algo muito distinto, era algo
sempre muito especial a figura do Poder Legislativo
dentro da vida pública brasileira. Talvez, por isso, ele
tenha tido a coragem, no meio de muitos, de conseguir
viabilizar a CPI do Judiciário e de assumir, de frente,
essa responsabilidade.

Duvido se outros tantos parlamentares da his-
tória do Congresso brasileiro teriam tido coragem de
fazer uma solicitação daquelas, sem medo de serem
mal interpretados e sem medo de serem confundidos
no que queriam. E o que ele queria era uma marca no
combate à corrupção, que incomodava e afligia pro-

fundamente a vida pública naquele momento, como foi o escândalo do Tribunal Regional do Trabalho de São Paulo, que foi depurado, dissecado, viscerado e gerou um ato de justiça, como outros que foram consequências daquela CPI, que não era uma afronta ao Poder Judiciário, mas uma necessidade da República, ao expor aquele tipo de ferida naquele momento.

A TV Senado, que o Presidente Sarney criou, mas cuja dimensão para a democracia brasileira o Senador Antonio Carlos Magalhães compreendeu tanto, para a transparência da vida legislativa brasileira e cujos passos consolidou com tanta força, além dos que o Presidente Sarney trouxera.

O Fundo de Combate à Pobreza, como já foi bem lembrado aqui; o Instituto do Coração do Distrito Federal, que, hoje, está-se tornando uma referência no atendimento a 11 Estados brasileiros, que confluem para o Centro-Oeste em busca de tratamento para doenças especializadas do coração, cuja luta e desafio foi ele que incorporou, extrapolando os benefícios da sua fronteira.

Então, creio que seja uma figura que marcará sempre a memória do Poder Legislativo. Lembro-me também de uma atitude recente dele muito elevada, quando foi derrotado na última eleição. De cabeça erguida, entendeu que poderia aceitar o convite de um diálogo, sendo ele de oposição contra o Governo do Presidente Lula. Sentou, relatou para mim que o primeiro ponto a ser tratado naquela conversa seria o que aconteceria com a Bahia a partir daquele momento. Então, a sua preocupação com o seu Estado, com as prefeituras da Bahia, com o desenvolvimento daquela região, outro traço marcante de um homem público, que não podemos esquecer como uma referência em nossas atitudes e em nosso debate.

Procurei, Sr. Presidente, já encerrando, trazer uma lembrança. Digo: Puxa, como vou considerar um olhar de 50 anos se tenho menos do que isso?

No meu aniversário, dia 9 de fevereiro, tocou o telefone e era o Senador Antonio Carlos Magalhães, dando-me os parabéns. Eu disse: O que eu posso ouvir da sua figura para um jovem de 46 anos? Ele respondeu: "Quanta inveja!" Inveja da vida, porque ele queria ter mais vida, ele queria ter mais tempo, ele queria poder fazer, talvez, o que eu possa fazer pela frente, na minha região, no meu Estado, no campo político.

Assim, procurei pegar o testemunho de um cidadão de 85 anos, lá da Bahia, amigo meu também, o Dr. Raymundo Paraná, um cidadão que foi advogado a vida toda e que conheceu bem o Senador Antonio Carlos Magalhães. Peguei o testemunho dele e do filho, que é um dos maiores pesquisadores de fígado do Brasil, o Dr. Raymundo Paraná Filho.

Ouçam o testemunho que dá o Dr. Raymundo Paraná, de 85 anos, insuspeito, que não tem vida partidária, não tem nenhum tipo de debate apaixonado de partidos e de confrontos na Bahia:

Ainda jovem, ACM, que na fase universitária, acadêmico de medicina, já despontava como *leader*, quando da redemocratização do País, após o término da era getulina, passou a se dedicar à política. Eleito Deputado Estadual, consolidou o seu trabalho e logrou ser eleito Deputado Federal.

A partir daí, a sua trajetória ascendeu. Após o ano de 1964, foi nomeado Prefeito de Salvador, onde deixou a sua marca de excelente administrador, a ponto de ter sido considerado o Prefeito do Século. Hoje, a cidade de Salvador lhe é devedora de obras fundamentais.

Governador do Estado por três períodos, realizou trabalho marcante.

No seu primeiro período, tive a honra de ser convidado para chefiar o Departamento Jurídico do Centro Industrial de Aratú, resultando na construção do Porto de Aratú, que hoje serve de escapamento para o Pólo Petroquímico de Camaçari e, ainda, para exportação dos veículos fabricados pela Ford, com efeitos significativos para a economia baiana.

O que caracterizou as administrações de ACM foi a sensibilidade na escolha de auxiliares diretos. Teve como colaboradores mais próximos seu Chefe da Casa Civil, o saudoso amigo Rosalvo Barbosa Romeu. Introduziu na vida pública outras figuras importantes, destaques pela competência administrativa, como Waldeck Ornelas, Paulo Souto, Rodolfo Tourinho, César Borges. Estes honraram e honram a Bahia no Senado. Vários jovens competentes foram lançados na vida pública por ACM. Ele tinha uma espécie de faro para detectar competência, principalmente nos jovens. Tinha também um intenso compromisso pela renovação, motivo de orgulho dos seus colaboradores.

Apesar dos naturais ataques oposicionistas, ninguém lhe pode negar liderança carismática, além da grande visão político-administrativa.

A restauração do Pelourinho reativou o fluxo de turismo na Bahia. A industrialização da Bahia nos tirou do marasmo econômico. A projeção da Bahia no cenário político nacional foi outro efeito marcante.

Aí vem Raymundo Paraná Filho, um dos maiores hepatologistas da história do Brasil, amigo meu e contemporâneo de vida médica e acadêmica, dizendo o seguinte:

Da minha parte, destaco que nunca tive qualquer envolvimento com o Senador ACM, mesmo quando ele foi Governador da Bahia. Estive em seu Gabinete duas vezes, ambas para pedir apoio para projetos no serviço público de saúde da Bahia. Mesmo não tendo qualquer envolvimento com o Senador ACM, era impossível renunciar a certa admiração que todo baiano desenvolveu por essa figura única na política brasileira.

Certa vez, encontrava-me no Incor, numa revisão médica, e lá tive problema com o meu seguro saúde. Liguei para o meu amigo e Senador Tião Viana para pedir orientações, mas o Senador ACM soube do fato e interferiu a meu favor, mesmo sem um pedido meu. O Senador Tião Viana está autorizado a relatar esse fato. Nunca fui aliado ou apadrinhado pelo Senador ACM, nunca fui seu colaborador, mas ele teve um gesto generoso para comigo. Sei que não fui o único a me surpreender com atitudes como esta, vindas do Senador ACM. Ele tinha fama de durão, podia ser intransigente, porém só as pessoas sensíveis tomam atitudes como esta.

Então, são testemunhos das mais variadas posições de vida ideológica que vemos, com muito respeito, a uma figura pública.

Haroldo Lima, do PCdoB, em sua idade também de homem maduro, colocava-me candidato a Deputado Federal, foi reunir com artistas da Bahia no Pelourinho e eles disseram: “Olha, Haroldo, está vindo você da esquerda aqui, mas vamos dizer-lhe uma coisa: só não fale mal do ACM”.

Então, essa relação ele conquistou com a maior grandeza porque ele amou a Bahia, ele respeitou a Bahia e digo, com o maior respeito, que é um dos maiores vultos da história política brasileira.

Meu respeito e meu sentimento. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Tenho a honra de conceder a palavra ao Senador Marco Maciel.

O SR. DEMÓSTENES TORRES (DEM – GO. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

Preparei um discurso escrito, mas tenho consulta médica marcada e terei de me ausentar.

Então, eu gostaria de entregar a V. Ex^a meu discurso, pedindo que o considerasse como lido. Depois, oportunamente, farei um artigo, em algum jornal, homenageando aquele que era meu amigo e que considero um dos maiores vultos da história política do Brasil.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Faremos isso com muita satisfação, Senador Demóstenes Torres.

O SR. MARCO MACIEL (DEM – PE. Pronuncia o seguinte discurso. Com revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Exm^o Sr. Senador Renan Calheiros, Presidente do Senado Federal; Exm^a Sr^a Arlete Magalhães, viúva do Senador Antonio Carlos Magalhães; Exm^o Sr. Deputado Federal Osmar Serraglio, que, nesta cerimônia, representa a Câmara dos Deputados; Exm^o Sr. Ministro Rider de Brito, Presidente do egrégio Tribunal Superior do Trabalho; Sr^a Teresa Helena Magalhães, filha do Senador Antonio Carlos Magalhães; Senador Antonio Carlos Magalhães Júnior, ao saudá-lo, quero saudar também o Deputado Antonio Carlos Magalhães Neto; Exm^o Sr. Vice-Governador do Distrito Federal, Paulo Octávio, que cerimônia, representa o Governador José Roberto Arruda; Sr^{as} e Srs. Senadores, autoridades presentes ou representadas.

Sr. Presidente, se gramático fosse e pretendesse definir morfológicamente a figura do Senador Antonio Carlos Magalhães, não o classificaria como substantivo comum, muito menos como substantivo abstrato. Antes, o consideraria substantivo coletivo, pois, embora de forma singular, exprimia diversos seres, portanto, um ente múltiplo.

Ou seja, Antônio Carlos Magalhães, era uma instituição, identificado por uma legenda – ACM, como, aliás, apreciava ser chamado. Ele haveria de constituir-se um autêntico líder, posto que dotado plena e abundantemente do dom da vitalidade, recurso energético básico, para ser grande em qualquer função, especialmente no sáfaro território da política.

Em todas as formas de grandeza humana, na opinião de Ortega y Gasset, é tão dependente da vitalidade como a grandeza política. Não se pode retirar do político uma visão de mundo; mas viver para o político não é só pensar, é, sobretudo fazer. O político nasce e nessa condição se exercita; a natureza parece enlaçar-se com a evolução da história. Natureza e história quase se confundem, foi o que vimos ao longo de quase meio século de atuação de ACM na vida política nacional.

A política, sabemos, é ciência e, sobretudo arte, exige uma enorme “*provisão de sol interior*”, para usar

uma expressão de Joaquim Nabuco ao lutar pela abolição do trabalho escravo, é uma atividade em que se constrói muitas vezes desconfiando da solidez dos materiais e do terreno; por isso, mais do que uma profissão, é sobretudo uma atitude de vida a reclamar doação integral à causa abraçada. Nada do que é humano, frise-se, é indiferente à vida pública.

Nessa interação metabólica entre política e história, não se deve esquecer que liderança não é sinônimo de carisma, isto é, liderança não prescinde da capacidade de o político antever o futuro, antecipar-se aos fatos e saber decidir no instante acertado. Para tal, a intuição, entendida como certeza do inconsciente, é essencial. ACM a possuía em alta voltagem. Apesar de muitos considerarem a intuição ilógica, irracional, uma vez que exclui a prova da razão, a intuição é, a meu ver, importante, porque permite pressentir ou mesmo sentir o momento da conduta a adotar, sobretudo quando se está – e quantas vezes vivemos essas situações – no solitário vale das decisões. E, para isso, é necessário, também, coragem: coragem no decidir. A coragem para Churchill, das virtudes, é a primeira. Deve ser algo inerente ao político. E ninguém pode afirmar que tem coragem se nunca defrontou o perigo, como aliás salientou certa feita La Rochefoucauld.

Coabitavam também em ACM alguns atributos weberianos como o senso de responsabilidade e o senso da proporção e, com intensidade, como aqui se salientou, a paixão. A paixão é entendida por Weber não como agitação estéril, mas no sentido de total disponibilidade a uma causa que a inspira.

O seu amor pela Bahia, certamente sua primeira devoção, expressa bem a apaixonada dedicação pela terra. O Senado, aliás, por constituir-se em Casa da Federação – leia-se Casa dos Estados – convive cotidianamente com esses conflitos que continuam a marcar a diversidade brasileira até conseguirmos realizar nosso projeto de desenvolvimento.

Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs., a pátria de todo cidadão, como escreveu o notável Senador Bernardo Pereira de Vasconcelos, século e meu atrás, é o lugar onde se nasceu. É nela que buscamos alento, nos retemperamos para os desafios e nos refugiamos nas adversidades. Ser telúrico não é um mero provinciano. Ademais, é possível ser telúrico e amar a terra e, ao mesmo tempo, dispor do “instinto de nacionalidade”, como falava Machado de Assis.

ACM cultuava também – como aqui foi lembrado – o gosto pela polêmica, cativando admiradores e muitas vezes gerando adversários e até mesmo inimigos. Com alguns logo se reconciliava. Enfim, sabemos, “o estilo é o homem”, como sinteticamente definiu o escritor francês Louis Buffon.

Sr. Presidente, em todo o percurso de mais de trinta anos de amizade, ACM e eu militamos nas mesmas agremiações políticas – Arena, PDS, PFL e, a partir de dezembro passado, o Democratas. Conquanto as siglas possam indicar direções diferentes, conservamo-nos na mesma família partidária.

Divergimos em raríssimas oportunidades; nossa convivência foi marcada pela identidade de posições. Praticamos, como diria Vinícius de Moraes, a “arte do encontro”. Foi o que aconteceu, em alguns episódios, inclusive no que tornou possível a eleição de Tancredo Neves e José Sarney, porque o diálogo é matéria-prima da política.

Sr. Presidente, não esqueçamos nesta saudosa evocação que o Senador Antonio Carlos Magalhães é um amigo fiel e afetuoso esposo, pai e avô. Deixa ilustres descendentes e amigos, muitos dos quais vocacionou para a vida pública. O Brasil inteiro se comoveu com a perda do seu querido filho e meu amigo Luís Eduardo Magalhães, tão jovem e já encaminhado em brilhante carreira, cujo falecimento abalou tão profundamente o pai que o País com ele se associou na dor.

Jó, o servo sofredor, disse que “a vida era um sopro”. É verdade. Somos peregrinos neste mundo e sabemos que “a morte não é, todavia, o contrário da vida, mas o avesso dela”, conforme escreveu Amoroso Lima. A perda de Antonio Carlos Magalhães gera um vácuo em todos nós e parece deixar o País menor.

Convém lembrar a memória de Antonio Carlos Magalhães recordando palavras de outro ilustre baiano – Rui Barbosa, patrono desta Casa, para quem “a morte não extingue: transforma; não aniquila: renova; não divorcia: aproxima”.

Que Deus o acolha e sua vida continue a inspirar nossos trabalhos.

Durante o discurso do Sr. Marco Maciel, o Sr. Renan Calheiros, Presidente, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Demóstenes Torres.

Durante o discurso do Sr. Marco Maciel, o Sr. Demóstenes Torres, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Renan Calheiros, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Tenho a honra de conceder a palavra ao nobre Senador José Sarney.

Com a palavra S. Ex^a.

O SR. JOSÉ SARNEY (PMDB – AP. Pronuncia o seguinte discurso. Com revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, Arlete Magalhães – na pessoa de quem quero cumprimentar toda a família porque sei que ela representa, em conjunto, as virtu-

des de todos –, Sr. Deputado Osmar Serraglio, representante do Presidente da Câmara dos Deputados, e, na pessoa do Presidente do Tribunal Superior do Trabalho, quero cumprimentar também todas as autoridades presentes.

É muito difícil – talvez um dos mais difíceis discursos que tenho e tive de fazer na vida – dizer essas palavras em memória de Antonio Carlos Magalhães. Certamente já passei por momentos difíceis – e recordei quando também tive de falar com a morte de Tancredo. E hoje tenho um sentimento de perda ainda mais pessoal, um sentimento de profunda perda.

Já ouvi aqui de outros oradores que o Senado está menor. Não diria que ele está menor, porque, sem dúvida alguma, julgo esta Instituição como maior que a soma de todos nós, que passaremos aqui por várias e várias gerações, como outras já passaram. Mas, certamente, ele está diferente.

Antonio Carlos era presença e referência dentro desta Casa. E eu, ao voltar meus olhos, ainda o vejo, perfeitamente, sentado nesta primeira fila, fazendo sempre aquela saudação quando entrávamos, naquele gosto que transmitia amizade, naquele beijo longo que jogava, que lhe era muito comum, que ele fazia sempre.

Recordo-me de um verso de Pablo Neruda quando falava sobre Silvestre Revueltas, o compositor mexicano, seu amigo. Ele disse: “Tem um carvalho tombado no meio da casa”. Este é o nosso sentimento: temos um carvalho tombado no meio da casa. A figura de Antonio Carlos era tão predominante que era uma referência.

Até pensei, Sr. Presidente, não falar nesta sessão, porque o meu silêncio poderia ser maior do que todos os sentimentos que as minhas palavras possam ter neste instante.

Todos sabem da profunda amizade que nos unia. Foram 50 longos anos desde que chegamos, com Arlete e Marly, ao Rio de Janeiro, em 1959, ainda jovens. Construímos uma amizade que passou de nós dois para nossas famílias, transbordou para nossos filhos, e foi crescendo com o tempo, decantando de tal modo que ela ficou numa normalidade – que não era sempre tranquilidade. Nunca ouvi Antonio Carlos discutir profundamente de duas coisas: uma, a neutralidade; outra, a morte. Ele não era neutro em nenhum momento, nem com relação às atitudes dos amigos. Quantas vezes divergíamos. Certa feita, num momento desses, ele com certa excitação, eu lhe disse: “Antonio Carlos, você vai lembrar que, nesses últimos 50 anos, eu talvez seja o seu amigo com quem você não brigou. Vamos parar por aqui!” E paramos.

De tal modo nos entendíamos que pudemos cumprir essa longa caminhada que nós fizemos juntos.

Todos nós temos os nossos defeitos e nossas qualidades. Há um provérbio que é citado por Diógenes Laércio no *Vida e pensamento dos filósofos ilustres*: “*De mortuis nil nisi bonum.*” Dos mortos não se deve falar senão o bem, não se deve guardar senão as coisas boas.

E é justamente isso que nós temos que lembrar. Temos que lembrar o que Antonio Carlos representou não somente para nós, mas para o País. Ele era uma personalidade poliédrica. Tinha muitas faces. Se quebrarmos esse poliedro, em primeiro lugar, vamos ver dentro dele o cidadão, o homem de afetos, o chefe de família, o patriota que nunca falhou nem ao Brasil, nem à Bahia.

As suas virtudes cívicas eram grandes. Sempre vi Antonio Carlos com sua visão do País pelo lado do civismo. Sempre vi Antonio Carlos como servidor do povo.

Se quebrarmos esse poliedro em outro pedaço, vamos encontrar dentro dele o político. Ele era um ser político, aquele que tinha a arte do bem comum, já foi dito isso, mas ele vivia 24 horas por dia a política e tudo na vida dele ele colocava um pouco de política. A política nunca pode se separar dele porque ele tinha o sentimento de ser baiano misturado com o seu corpo.

O Senador Aloizio Mercadante falou que ele gostava do poder. Sim, porque o verdadeiro político é um homem que não quer apenas influenciar o poder: se ele acredita nas suas idéias, ele quer, por meio do poder, exercer suas idéias, para construir, para melhorar a sorte do povo. Era justamente nesse sentido que ele tinha essa determinação do servidor público.

Se quebrarmos mais uma vez esse poliedro nas várias faces, vamos encontrar o chefe, aquele que sabia criar equipes, aquele que sabia comandar, aquele que sabia mandar, mas sempre com o sentimento do bem público. Ele nunca utilizou esse poder de mando senão naquilo em que julgava os maiores interesses do País e os maiores interesses do seu Estado. Ele tinha essa virtude de comandar, de saber fazer escolhas, uma coisa tão difícil...

Junto de Antonio Carlos, ao longo da vida, passaram muitas pessoas. Ele gostava de ser cortejado. Nós não podemos deixar de notar isso na sua personalidade. Mas, quando tinha de entregar uma missão de interesse público, de responsabilidade, ele nunca se levava pelo coração; ele se levava pelo espírito público. Essa era a sua capacidade de chefia, que ele exerceu permanentemente.

Antonio Carlos era o líder, aquele que tinha a virtude inata de saber não só comandar mas também, por meio da chefia, reunir pessoas em um mesmo sentido e aglutiná-las em uma só direção. Isso ele fez, ao longo de toda a sua vida, na construção da sua personalidade política na Bahia.

Se nós, então, quebrarmos uma vez mais esse poliedro, vamos encontrar o seu espírito público. O seu pensamento era sempre em favor do bem comum. Ele não tinha o sentimento, quando lidava com a coisa pública, do instinto privado; ele tinha o sentimento do interesse público. Foi assim o responsável pela modernização das comunicações no Brasil, o construtor da Bahia moderna, com seu pólo petroquímico, a modernização de Salvador, o desenvolvimento do turismo.

Eu estou mais dando um testemunho do que realmente prestando uma homenagem, porque todas as homenagens que eu tinha de fazer a Antonio Carlos, eu as fiz em vida, dando-lhe a minha estima.

Pois, bem. Se nós quebrarmos ainda mais esse poliedro, nós vamos encontrar dentro dele esse sentimento já tão falado aqui, esse sentimento tão profundo das nossas raízes. Ele era a Bahia. O sangue dele era a Bahia; se fosse possível dizer qual era a substância do seu sangue, se diria que era a Bahia.

Falou-se muito aqui no seu sentimento pela Bahia. Rui Barbosa, quando chegou ao Senado, também teve a oportunidade de dizer: “Toda a minha inspiração e tudo o que sou devo à Bahia”. E Antonio Carlos fez um gesto pela Bahia, um gesto simbólico, nessa mesma linha. Ele tirou o busto de Rui Barbosa, o Patrono do Senado, que estava escondido, ali no fundo da Casa, e o colocou aqui, de frente para nós, para que vissemos não somente Rui Barbosa, como também, na pessoa dele, todo o amor que ele tinha pela Bahia.

Ele falava na Bahia com encanto. A Bahia tem esse poder encantatório sobre todos os baianos e sobre todos os seus homens públicos. Eu me recordo de como Seabra, o grande político baiano, falava sobre a Bahia! Este homem, cujo busto está aqui, Rui Barbosa, falou e escreveu tanto, mas é difícil se encontrar uma página ou uma frase de Rui Barbosa sem que ele colocasse a Bahia no centro. Era o poder encantatório da Bahia! Esse poder encantatório Antonio Carlos também recolheu e transmitia, também tentando ser essa serpente encantadora que ele era.

Outra ligação sua com a Bahia era com a cultura. Como soube conviver com os artistas baianos! Como ele soube conviver com a cultura! Como soube conviver com as religiões tradicionais da Bahia! Como soube fazer pela sua Cidade de Salvador aquilo que Diógenes Rebouças tinha feito em desenho e que ele

transformou em realidade, abrindo as grandes avenidas dos vales, construindo a nova Salvador e, depois, construindo a nova Bahia.

Se quebrarmos mais ainda esse poliedro, vamos encontrar também o homem que sabia ser amigo. Antonio Carlos sabia distinguir as coisas da amizade. A amizade não é uma comunhão de interesses; a amizade não é um pacto de pensarmos juntos as mesmas coisas e de lutarmos juntos pelas mesmas coisas. A amizade é uma coisa mais profunda, na qual ela estabelece um pacto de deveres, os deveres da amizade. Entre esses, há os deveres da solidariedade e os deveres de comungar as tristezas e as alegrias. Coroando o que é amizade realmente, está o gosto da convivência.

E Antonio Carlos tinha o gosto da convivência com as pessoas a quem ele estimava, de quem ele era amigo.

Quero também realçar, quebrando esse poliedro uma vez mais, o Parlamentar, que é uma faceta do político. Lembro-me do Antonio Carlos Deputado Federal, irrequieto, quando chegamos lá no Rio de Janeiro. Ele era tido como homem que chegava como representante de Juracy Magalhães, que era presidente da UDN, uma das figuras mais importantes da política nacional. Na UDN, vimos, ali perto, chegar o poder, com a eleição de 1960, com Jânio Quadros, que nós ganhamos e que, em seguida, desapareceu.

Ele era um Deputado irrequieto. Aquele tempo era um tempo de novidades: De Gaulle, por exemplo, tinha feito a Quinta República; Kennedy tinha sido eleito nos Estados Unidos, com a sua mensagem das novas fronteiras. O homem tinha ido ao espaço. Juscelino criara o sentimento do desenvolvimentismo. Essa palavra desenvolvimento, que hoje se ouve com tanta frequência, quase não existia nos dicionários brasileiros. Começou a existir depois de Juscelino. Eu mesmo me espantei quando, pela primeira vez, ouvi “desenvolvimentismo”.

O que era isso? Isso era a mudança da mentalidade do homem prático, do homem empreendedor. Nós, da UDN, tínhamos outra visão das coisas. Era um sentimento de que o Brasil não caminhava por causa dos seus defeitos, por causa dos homens que se conduziam pessimamente, por causa da corrupção que imperava. E Antonio Carlos procurou Juscelino, porque era do seu temperamento, o temperamento do homem ligado ao desenvolvimento.

Eu era do grupo contrário, do Carlos Lacerda. Mas tínhamos outro sentimento, que era o sentimento social, que ainda existe hoje, e criamos o movimento Bossa-Nova com o sentido de desenvolvimento, sim – pois não negávamos o desenvolvimento –, mas com

justiça social. Avançávamos no tempo, pensando no problema social que justamente não se discutia naquele tempo.

Vi, assim, Antonio Carlos assumir no Rio de Janeiro sua liderança e construir sua vida pública, manifestando, depois, sua bravura e sua coragem nos momentos decisivos. Ele nunca deixou de ser presente. Ele nunca se omitiu em nada. Ei-lo fazendo discursos contra Jânio Quadros, quando Jânio Quadros renunciou, ei-lo à frente do movimento contra Jango Goulart, fazendo os discursos mais violentos e contundentes, assumindo as suas responsabilidades.

Quero contar uma passagem para que possamos aliviar um pouco o sentimento e saber como Antonio Carlos era objetivo. Quando Castello Branco foi eleito, Luiz Viana, Aliomar Baleeiro e Antonio Carlos foram falar com Castello. E o Castello Branco disse, na entrada, ao Luiz Viana: “Um momento. Os senhores fiquem um pouco lá fora, que estou atendendo aqui uma visita que eu não posso interromper!”. Essa visita era o Juscelino, que fora acertar com o Castello a participação do PSD na eleição.

Antonio Carlos, irritado, vira-se para o Aliomar Baleeiro e diz: “Aliomar, isso é uma afronta! Vamos fazer o seguinte, você, que é mais duro, faça um discurso contra esse Castello, e eu respondo, defendendo o Castello, e vamos fazer as pazes!” Aliomar disse-lhe: “Antonio Carlos, vamos fazer o contrário, você faz o discurso contra, e eu faço o discurso a favor!”

Falou-se aqui da opinião do Antonio Carlos sobre o poder. Ele dizia, quanto ao poder, que é melhor sofrer em cima do que ficar folgado embaixo. Uma vez, a minha mulher chegou, enquanto eu conversava com Antonio Carlos, e começou a confessar: “O Palácio do Alvorada é uma casa muito quente, o sol nasce defronte. É quase que uma redoma!” Ele parou e disse: “Marly, não fala, não; esse é o melhor endereço no Brasil!” (Risos.)

Mas volto ao Parlamentar. Todos falaram de sua presença no Senado. Não quero repetir, mas realmente aqui ele teve uma grande importância, foi um excelente parlamentar, presidindo a Casa ou comissões, propondo e discutindo leis, debatendo, fiscalizando, construindo.

Já se falou também do executivo: Prefeito, Governador algumas vezes. Do pólo petroquímico, às fábricas de automóvel, tantas coisas o Antonio Carlos fez pela Bahia. Falou-se também de sua passagem pela Eletrobrás. Mas creio que ficou na visão dos baianos e de todos nós a sua bravura, quando a gente o viu sair aqui comandando aquele pelotão em direção ao Palácio do Planalto, a exigir do Presidente Fernando Henrique solução para o problema do Banco Econômico. Vimos naquela marcha a marcha pela Bahia que Antonio Carlos sempre comandou.

Antonio Carlos foi também o ídolo popular. O vi muitas vezes nos braços do povo da Bahia, e testemunhei a despedida em seu sepultamento.

Acho que meu pronunciamento já está longo – disseram que devíamos falar cinco minutos -, mas quero dizer o que sinto ao ver esta Casa sem a presença do Antonio Carlos. De todos nesta Casa sou eu o mais estreitamente e longamente ligado a Antonio Carlos. Juntos vivemos com intensidade os sonhos e frustrações do Brasil, nestes 50 anos. Por isso nunca vou entrar aqui sem vê-lo presente, sem receber aquele beijo longo que ele mandava todas as vezes. Muitas vezes, quando ele tinha alguns arrufos com a gente, levava alguns dias enfezado, mas quando ele jogava aquele beijo a gente sabia que era o sinal de que a zanga tinha acabado. Lembrar o seu jeito de ser, a troca diária de nossos afetos.

Há uma coisa que devo confessar neste plenário. Duas foram as coisas que mais admirei em Antonio Carlos: ele saber lidar com a agressividade e ele saber lidar com o amor. Ele ia muitas vezes, rápido, da possessão à ternura, vinha da ternura à possessão. Outra coisa, mais difícil – sei que isso choca um pouco a gente, Arlete, e a você também –, é como ele sabia lidar com o sofrimento. Eu nunca vi ninguém que soubesse lidar com o sofrimento como Antonio Carlos.

E a vida me deu duas situações terríveis. Primeiro, quando Lúcia e Paulo Tarso chegaram ao Palácio do Planalto e me pediram que fosse comunicar a Antonio Carlos a morte de Ana Lúcia. Saímos, naquela noite, e tive essa emoção que jamais posso esquecer: sua reação, o seu desespero... Depois, passam-se os anos, e Luís Eduardo, por quem tínhamos nós tantas esperanças, teve seu enfarte. Antonio Carlos me telefona, e vou para a Casa de Saúde Santa Lúcia. As coisas se complicam. Colocam um sofá pequeno na frente da UTI. Ele pegou a minha mão e ficamos ali cerca de uma hora com as mãos apertadas, vendo os médicos saírem e entrarem na UTI, com jalecos cheios de suor, na luta por aquele coração tão bom que era o de Luís Eduardo. E o Dr. Tranchesi chega, abaixa-se e diz: Antônio Carlos, não deu.

São coisas que a gente não esquece e que marcam uma vida, que marcam um relacionamento. E, com esse sentimento de quem sabe os deveres da amizade, conjugados na alegria e na tristeza, termino estas palavras. Euclides da Cunha dizia ser muito perigoso lidar com a saudade. Eu sei como vai ser difícil para mim lidar com a saudade de Antonio Carlos Magalhães.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Tenho a honra de conceder a palavra ao Senador Jayme Campos.

O SR. JAYME CAMPOS (DEM – MT. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Exmº Sr. Presidente Senador Renan Calheiros, Exmº Sr. Senador Antonio Carlos Magalhães Júnior, nossa respeitada amiga D. Arlete, Deputado Federal ACM Neto, em nome dessas autoridades saúdo a Mesa aqui composta. Srªs e Srs. Senadores, convidados, amigos, meus senhores e minhas senhoras:

Para um homem público o paraíso está localizado no coração de sua gente, no respeito e no amor do povo. Antonio Carlos Magalhães conheceu o paraíso ainda em vida. Poucos políticos brasileiros foram depositários de tanta admiração e de tanto carinho de seus conterrâneos como ele.

De temperamento cristalino e vibrante, Antonio Carlos sintetizou a doçura e a energia de seus concidadãos. A Bahia de alma mulata aprendeu a reconhecer, naquele rosto largo e alvo, a firmeza e a postura de um homem que fez do exercício da defesa de seu Estado a própria razão de sua vida.

A política cunhou a legenda ACM. Um símbolo de devoção dos baianos, uma marca de modernismo administrativo e agressividade eleitoral. Antonio Carlos e seu forte carisma alargaram as fronteiras da Bahia e ele se tornou uma figura de expressão nacional.

Desde os tempos do Presidente Juscelino Kubitschek, influenciou nas grandes decisões do País. Era pragmático, sincero e objetivo.

Extremamente afável com os companheiros, duro mas leal com os adversários, ACM construiu sua trajetória no campo eleitoral. Nas urnas baianas edificou uma história recheada de disputas e embates heróicos. O “carlismo”, inspirado em sua atuação, converteu-se na mais poderosa facção política da região, arrastando a Bahia para um tempo de desenvolvimento econômico e social.

Antonio Carlos era firme na contenda política, polemista e árduo debatedor. Nunca fugiu de uma luta, por mais difícil que ela se apresentasse. Porém, nem o mais feroz dos inimigos jamais duvidou de seu amor à Bahia e ao Brasil.

Por isso mesmo, ele possuía um incontestável espírito agregador, principalmente no tocante à cultura regional. Arregimentava em torno de si artistas e intelectuais. Era entusiasta das manifestações populares. O povo via nele o “painho”: o patrono, o protetor dos pobres e desvalidos.

Sr. Presidente, Srªs e Srs. Senadores, para nós Democratas, ACM foi mais que um líder digno e firme; foi sim, a bússola que orientou as decisões partidárias

ainda nos tempos do PFL, em momentos delicados da vida nacional. Sua visão iluminava as atitudes, e sua coragem alimentava nossos corações.

Tive a honra, Sr. Presidente, de militar ao lado do Senador Antonio Carlos Magalhães desde o tempo da Arena, do PDS e, mais recentemente, do PFL. Ele sempre foi um exemplo para os mais jovens, por sua determinação e por sua crença inabalável nos destinos do Brasil. Foi um guerreiro que muito nos inspirou. Sua garra e sua vontade de transformar o País estimulavam seus novos partidários a encarar com determinação e ousadia o futuro. Portanto, uma grande geração de políticos foi influenciada por seu estilo aguerrido e valente.

Sim, sentiremos saudades do Senador Antonio Carlos Magalhães. Sua morte é uma perda irreparável para esta Casa e para o País. Mas não se trata de uma saudade lamuriosa, mas de um sentimento de admiração e de respeito por alguém que construiu sua reputação com lutas e sacrifícios. ACM fará falta ao Senado, à Bahia e ao Brasil. Mas seus exemplos se transformarão em caminhos: uma trilha de destemor, de obstinação e serviços ao povo.

Antonio Carlos saiu da cena, mas sua biografia servirá de esteio para as futuras gerações. Ergue-se agora uma nova flâmula, um bandeira que traz bordada a saga dos brasileiros que confiam no País; hasteiam-se os mais puros ideais democratas. Antonio Carlos Magalhães agora será a estrela que nos guiará a uma nação mais justa.

Ao finalizar, cumprimento com afeto especialmente o nosso colega Senador Antonio Carlos Júnior, herdeiro não apenas de um nome, mas sim de toda uma tradição de vigor e responsabilidade política com a Bahia e com o Brasil. Dirijo também uma saudação especial ao povo baiano. Sei que agora o Senador Antonio Carlos está feliz, ao lado de seu filho Luís Eduardo.

Sr. Presidente, quero fazer uma pequena reflexão para concluir a minha fala. Tenho o hábito de discutir política com um ex-Senador, ex-Governador, ex-Deputado e um velho amigo do Senador Antonio Carlos Magalhães. Reiteradas vezes, quando estamos discutindo política em minha residência, ele pondera e diz: “Jayme, você é o ACM de Mato Grosso e eu sou o Marco Maciel”. Com certeza, muito me honra ser o ACM de Mato Grosso, porque ACM vive em nossos corações!

Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente.

Muito obrigado. (Palmas.)

O PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Tenho a honra de conceder a palavra ao nobre Senador Flexa Ribeiro.

O SR. FLEXA RIBEIRO (PSDB – PA. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Renan Calheiros; Sr^a Arlete Magalhães; Presidente do Tribunal Superior do Trabalho, Dr. Rider Nogueira de Brito; Senador Antonio Carlos Magalhães Júnior; Deputado Federal ACM Neto; Sr^a Teresa Helena Magalhães; Sr^{as} e Srs. Senadores; Sr^{as} e Srs. Deputados; Parlamentares da Bahia; familiares do Senador Antonio Carlos Magalhães; minhas senhoras e meus senhores, apesar do pouco tempo de convivência que mantive com a figura do homem público cuja memória aqui homenageamos, pude constatar que ele foi um esmerado cultor das artes da política. De tais artes, ele conheceu a intimidade, os segredos que só podem ser alcançados por uma bem dosada mistura de intuição e vivência.

E, se as conheceu, é porque passou por toda a amplitude de experiências que a vida política propicia: vitórias, derrotas, a exigente rotina de administrador público e de Parlamentar, momentos gloriosos e também momentos difíceis.

Depois de 36 dias internado no Instituto do Coração, em São Paulo, o Senador dos baianos sucumbiu à falência de múltiplos órgãos às vésperas dos 80 anos.

A lacuna é inegável. Alguns, Sr. Presidente, nobres Senadores e Senadoras, podem discordar de algumas das opções políticas tomadas por ACM em sua longa trajetória, mas não podem, no entanto, deixar de reconhecer o brilho pessoal, a aguda e sensível inteligência política, as idéias modernas e desenvolvimentistas que marcaram essa trajetória.

Endossando as palavras do ex-Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, ACM marcou a história da Bahia e do Brasil. Para além de sua relevância política, encarnava o personagem forte, rápido, respeitoso, polêmico e encantador, sempre preocupado com a eficiência e com a competência.

Sr. Presidente, analistas de vertentes mais distintas sentenciam que a morte do Senador Antonio Carlos Magalhães encerra o ciclo da história política brasileira da segunda metade do século XX. Fundador do PFL há exatos 27 anos, ocupou, invariavelmente, lugar de destaque em todos os episódios marcantes da política nacional desde, no mínimo, a Era JK.

Nessa linha, ACM teve a mais extensa carreira de êxito dentre os políticos que conheceram a notoriedade no limiar dos anos 50. Sem dúvida, a duração incomum da carreira exitosa de Antonio Carlos Magalhães deveu-se a um faro político excepcional, capaz de traçar milimetricamente o rumo dos objetivos programados. Em suma, o aspecto central do projeto político de ACM foi misturar formas tradicionais de ação com

novos arranjos modernizadores. Ele é, sem sombra de dúvida, o maior responsável pela modernização e o grande desenvolvimento econômico da Bahia nas últimas décadas.

Não há quem conteste, minhas senhoras e meus senhores, o extraordinário desenvolvimento obtido pelo Estado da Bahia sob os Governos de Antonio Carlos Magalhães e seu grupo político. Não lhe faltou visão administrativa; sua determinação como empreendedor nunca fraquejou, e ele sempre soube revelar para a política baiana e nacional executivos competentes e criativos.

Como Prefeito de Salvador, ele mudou, nos anos 60, o projeto urbanístico e revitalizou a capital. No Governo Estadual, atraiu investimentos de grande porte, como o Centro Industrial de Aratu.

Logo depois, articulou a construção do Pólo Petroquímico de Camaçari. De volta ao Governo Estadual nos anos 90, dessa vez pelas urnas, investiu fortemente em turismo, transformando principalmente o sul da Bahia em um paraíso de *resorts* e condomínios de luxo. Também exerceu papel determinante para que a Ford instalasse um pólo automobilístico no Estado, de vital relevância para a economia local e nacional.

Os números econômicos de sua administração revelam-se excepcionais. De 1971, seu primeiro mandato como Governador, a 2006, Senador Antonio Carlos Magalhães Júnior, quando o seu grupo político deixou o poder, o PIB da Bahia pulou de US\$10 bilhões para nada menos que US\$52 bilhões. Um crescimento de 420%, maior que o do País e o do Nordeste, no mesmo período.

Filho de família de classe média, ACM, a legenda, começou a trabalhar ainda na adolescência como jornalista. Depois seguiu o exemplo do pai, Francisco Magalhães, um médico e professor universitário, que chegou a ser Deputado Federal.

Em 1984, rompeu com o regime militar, recusando-se a apoiar o então candidato dos militares à Presidência e apoiando o opositor Tancredo Neves. Figura em ascensão durante os governos militares, ACM consagrou-se, assim, como peça-chave na transição política, quando apoiou a dissidência do regime.

Na seqüência, teve participação decisiva, como articulador e amigo fraterno e leal do Presidente Sarney.

Na democracia, ACM foi Governador e Senador pela Bahia, além de Ministro das Comunicações. A sua especial habilidade para articular, em grande estilo, foi essencial para a concretização da coligação PFL-PSDB, um fator determinante que levou Fernando Henrique à Presidência da República.

Concluo, D. Arlete, fazendo minhas as palavras de um poeta que diz que algumas pessoas não morrem; algumas pessoas se tornam encantadas. Antonio Carlos Magalhães, sem sombra de dúvida, é uma dessas pessoas. Tornou-se encantado e estará presente, permanentemente, conosco no plenário do Senado Federal, orientando-nos, encaminhando-nos, dando-nos força para trabalhar em benefício da nossa população e do Brasil.

Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Agradeço a V. Ex^a.

Tenho a honra de conceder a palavra ao Senador Romeu Tuma.

O SR. ROMEU TUMA (DEM – SP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Exm^o Sr. Presidente Renan Calheiros, obrigado pela deferência.

Dona Arlete Magalhães, querida esposa do nosso grande amigo Antonio Carlos Magalhães; Dona Tereza Helena Magalhães, filha do Senador Antonio Carlos Magalhães; Senador Antonio Carlos Júnior, filho e, diria simplesmente, meu irmão, pois convivemos muito próximos, durante o período da sua gestão tão brilhante neste Senado, em substituição ao nosso querido amigo e seu pai, Antonio Carlos Magalhães; ACM Neto, figura exponencial, um jovem que tem transmitido o seu discurso e inteligência brilhantes, alcançando a juventude do País, dando um exemplo para o futuro. Com certeza, será imitado por grandes homens do futuro – e você é um deles. Quantas vezes eu o vi aqui, Deputado ACM Neto, conversando com o seu avô. Eu me sentia bem quando meu filho me abraçava e ficava conversando ali no meio comigo. Ele tinha, talvez, esse mesmo sentimento, ACM Neto.

Cumprimento também o Sr. Ministro Rider Nogueira de Brito, Presidente do Tribunal Superior do Trabalho.

Sr. Presidente Renan Calheiros, pouco eu poderia falar a não ser cumprimentar V. Ex^a pela idéia do busto desse ilustre brasileiro nesta Casa. Creio que foi uma das idéias brilhantes nesta hora de sofrimento e tristeza. Endossaria as palavras do Senador César Borges, que com ele conviveu toda vida política, iniciada e apontada por Antonio Carlos, que deu direcionamento a César Borges e a outros Parlamentares que aqui estiveram.

Cito também o Senador José Sarney, esse admirável exemplo de homem público, ex-Presidente da República, grande Líder neste Senado, que nos relatou a juventude, quando do ingresso na carreira política, dele e de Antonio Carlos Magalhães. O que mais

este político... Eu não era político, nunca fui; fui, pelas mãos de V. Ex^a, funcionário, e acabei vindo para cá. E aprendo muito com esta Casa. Então, nada mais eu poderia falar, a não ser endossar as palavras desses três oradores.

Sei que um dia, Antonio Carlos Júnior, bateram na minha porta, em casa, em São Paulo. Eu pedi que o rapaz abrisse a porta. Ele disse: “Tem um senhor aí que diz ser o Antonio Carlos Magalhães”. Eu falei: “Você está brincando. Deixa eu ir lá ver”. Era o Antonio Carlos Magalhães. “Vim tomar um café com você, Tuma”. Ele entrou em casa. Estávamos eu e a Zilda. Aquela figura exponencial de homem público, cheio de amor, de carinho, veio com esse sorriso tão bonito que, desde as três horas, estamos encantados de olhar, e que já penetrou na nossa alma e no nosso coração. Assim que é gostoso ver Antonio Carlos Magalhães, com esse sorriso, com essa bondade permanente. E lá ficamos conversando. A minha mulher se emocionou tanto, D. Arlete, que começou a chorar. Então, eram dois homens e uma mulher a chorar de emoção pela presença dele na minha casa, como uma figura que eu aprendi a admirar.

Quando o Senador Sarney me colocou como Diretor da Polícia Federal, eu fui inaugurar a Superintendência da Bahia e pedi ao Delegado que fizesse o favor de convidá-lo. Eu achava difícil que ele fosse, mas seria importante a presença dele. Antes de eu chegar lá, ele já estava me esperando. Comigo, inauguramos a Superintendência da Polícia Federal na Bahia.

Ele nunca nos faltou. Sempre que precisávamos de qualquer tipo de apoio, Antonio Carlos estava presente, no seu gabinete, na Presidência, como Senador. Eu o procurava e conversava com ele, que nunca deixou de ter tranquilidade na troca de idéias e na busca de uma solução que fosse correta para esta Casa e para o País.

Senador José Sarney, V. Ex^a, como outros, descreveu o amor dele pela Bahia. Todos nós captamos um pedaço desse amor pela Bahia. Duvido que algum dos Congressistas presentes não tenha um pouco de amor pela Bahia, que foi transmitido durante esse período por Antonio Carlos Magalhães.

Ele também pensava muito nos brasileiros em geral. Quando surgiu a idéia de, pensando nos pobres, criar o que V. Ex^a chamou de o embrião do Programa Bolsa-Família, ele nomeou uma comissão. Eu fui membro dessa comissão. Caminhamos pelo Brasil inteiro, porque ele queria saber, em cada setor do País, onde a miséria grassava. Ela não estava somente no Nordeste ou no Norte, mas também no Sul e em São Paulo. Ainda ontem, tivemos a destruição de quase metade de uma favela por um incêndio que não poupou nada. Então, há

miséria em todo o País, Senador José Sarney. Quando o relatório foi feito, ele imediatamente trabalhou firme para a sua aprovação e a conseguiu.

Tantas outras coisas... Ele não deixou de amar os Estados. Ele me contava: “ah, quando vou a São Paulo, eu me sinto feliz, porque passo no *shopping*, dou uma volta, vou jantar em um restaurante e sou aplaudido. Sou aplaudido e recebido, às vezes, de pé”. Então ele tinha orgulho dessa presença, em que todos os brasileiros o admiravam. São Paulo também. Meu amor por São Paulo não deve ser menor que o dele pela Bahia, mas nós dividimos um pouquinho para cada um, porque baianos há muitos em São Paulo. E nós nos damos bem.

Dona Arlete, conversando com ele nas últimas visitas que fiz no hospital, perguntei: “Cadê Dona Arlete, não veio hoje?” Ele falou: “Aquela mulher é uma santa, sempre ela está do meu lado”. E repetiu mais uma vez que a senhora é uma santa, com bastante entusiasmo, carinho e amor, que demonstra, Júnior, o amor que ele tinha pela família, como ele se sentia feliz quando via um neto, um filho. Fez referência à Teresa também. Então, tudo isso calou fundo na nossa alma. Aprendi muito com ele, pela dignidade, pelo respeito, pelo amor que ele tinha pelo País e pela parte pública. Ele não deixava que ninguém desrespeitasse o interesse público. Sempre vigilante, sempre fiscalizando e sempre lutando para que a dignidade imperasse nesse cenário.

Era isso, Sr. Presidente. Não tenho mais condições de continuar. Não quero ir para o pronto-socorro. Prefiro ficar ainda mais um pouco por aqui.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Agradeço a V. Ex^a.

Tenho a honra de conceder a palavra ao Senador Eduardo Azeredo.

O SR. EDUARDO AZEREDO (PSDB – MG. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Dona Arlete, familiares do Senador Antonio Carlos, Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, “democrata por convicção ideológica e por filiação partidária, sempre defendi Partidos políticos fortes. Daí por que penso que uma reforma tenha por prioridade valorizar as agremiações políticas, impedindo que elas se afastem das ruas, da vontade popular”.

Com essas palavras, Antonio Carlos Magalhães, o jornalista, o médico, o político baiano, o grande homem público brasileiro, iniciava, nesta tribuna, uma de suas últimas intervenções no plenário desta Casa. Era uma quarta-feira, 23 de maio. Algumas poucas semanas mais tarde, o Brasil haveria de receber a lamentável notícia da morte de uma de nossas figuras públicas mais expressivas e, sem dúvida, também controversas das últimas cinco décadas.

Durante mais de 50 anos, Antonio Carlos Magalhães transitou com extrema desenvoltura pela cena política brasileira. Com larga dose de coragem, pessoal e cívica, portador de autenticidade ímpar na política, ACM demarcou um campo de atuação extremamente amplo e fértil, em favor de sua querida Bahia e também do Brasil. Com desembaraço, transitou pelo gabinete de vários Chefes de Nação, a começar por seu dileto amigo Juscelino Kubitschek.

De JK foi um amigo afetuoso e um importante apoio regional. Ensaiaava, então, seus primeiros e decisivos passos no âmbito da política nacional.

Foi nessa época também que conheceu e se tornou amigo de meu pai, Renato Azeredo, de quem se lembrava sempre aqui comigo, com muito carinho e com muita admiração.

Depois de conquistar, em 1954, seu primeiro mandato como Deputado Estadual, na Bahia, Antonio Carlos trilhou uma carreira, sempre ascendente, que o levou a algumas das mais importantes posições do País, culminando, no final dos anos 90, com a Presidência desta Casa.

Nessa longa trajetória, foi protagonista e testemunha ocular de muitos dos mais importantes e significativos capítulos da vida pública nacional.

Com sua verve, inteligência e agudo senso de *timing* político, Antonio Carlos Magalhães escreveu algumas das páginas mais memoráveis da política brasileira, na segunda metade do século XX.

Não é preciso ser propriamente um historiador voltado para a história brasileira contemporânea para reconhecer e apreciar o protagonismo de Antonio Carlos Magalhães na vida política nacional. Como mencionei, estive com JK em toda a linha, sobretudo na adversa e árdua empreitada da construção de nossa capital, Brasília.

Ao alinhar algumas notas para a redação deste pronunciamento, tive oportunidade de revisitar vários momentos relevantes da vida brasileira recente e, logo, de identificar, em quase todos eles, a presença sempre marcante de Antonio Carlos Magalhães. Em meados da década de 80, por exemplo, com a articulação da Frente Liberal e o apoio à eleição, pelo Congresso Nacional, de Tancredo Neves e José Sarney, Antonio Carlos Magalhães colocou-se de forma decisiva. A sua participação foi de grande importância para a conciliação nacional e a volta da democracia no Brasil.

Por ocasião do movimento em torno da candidatura de Fernando Henrique Cardoso ao Palácio do Planalto, Antonio Carlos teve novamente um papel de extrema relevância nas negociações com vistas à composição da aliança do PFL com o PSDB. Uma aliança,

como todos haveremos de recordar, fundamental na viabilização da vitória de Fernando Henrique.

Porém, muito mais do que apenas apoiar a eleição, Antonio Carlos Magalhães, sem alinhamento automático, o que positivamente não era do seu feitio, deu sustentação aos dois mandatos de Fernando Henrique. Crítico, independente, senhor de suas opiniões e atitudes, nunca deixou de apontar o que considerava equívoco, dentro dos diversos governos que apoiou. E isso não foi diferente durante as duas administrações do PSDB, tampouco nos dois mandatos do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Em sua conduta pública, havia uma linha de extraordinária coerência, que fluía naturalmente de suas mais íntimas convicções políticas, sempre muito explícitas. Não transigia com o erro, não admitia a incompetência, e exatamente por isso descobriu para a Bahia e para o Brasil tantos administradores extremamente talentosos.

Se fosse possível – e não creio que seja, apenas faço uma tentativa – resumir em uma única palavra o traço central da personalidade do Senador Antonio Carlos Magalhães, determinante para a consagração de sua magnífica carreira pública, podemos dizer que é a palavra “ousadia”. “É preciso sempre ousar”, para recordar as palavras do revolucionário francês Danton. Ousar foi uma das maiores regularidades na vida política de Antonio Carlos Magalhães. Uma regularidade que se transformou em uma excepcional e produtiva singularidade.

O Senador Antonio Carlos Magalhães era um homem dotado de ousadia, aliada a um formidável senso político. Assim, acabou por personificar um dos políticos brasileiros mais expressivos de sua geração. Uma geração que atravessou e enfrentou décadas de delicados arranjos, reconfigurações e sobressaltos na política brasileira.

Uma geração que experimentou do Estado Novo de Vargas aos anos dourados de JK, ao Golpe de 1964, à Nova República, à era FHC, e, enfim, ao Governo do primeiro Presidente operário do Brasil.

Em mais de 50 anos de atuação política, Antonio Carlos Magalhães sempre fez o que recomendou às agremiações políticas brasileiras: jamais se afastou das ruas, da vontade popular e, sobretudo, soube em todo o tempo manter-se completamente sintonizado com sua amada Bahia e seu povo, que teve a felicidade de governar em três distintas ocasiões.

Creio, Sr. Presidente, Senador Renan Calheiros, Sr^{as} e Srs. Senadores, que, em sua derradeira participação no Senado Federal, Antonio Carlos Magalhães deixou-nos uma mensagem emblemática, de grande profundidade, que resume o cerne das preocupações

que se foram constituindo em seu cotidiano de homem público: a existência de Partidos políticos fortemente estruturados e o inalienável compromisso de ouvir e respeitar a voz das ruas.

Campeão de votos em seu território natal, Antonio Carlos era dotado de uma personalidade que exalava autoridade e impunha respeito. Entre os extremos da aspereza e da ternura, para recuperar rótulos simplificadores de afetos e desafetos, há um universo de humanidade, um universo complexo e contraditório, mas intensa e veementemente humano e belo.

O Senador Romeu Tuma lembrou aqui, Neto, de sua presença aqui. Era uma coisa que sempre nos chamava muita atenção: o seu carinho com seu avô, e isso mostrava o lado humano que Antonio Carlos tinha. O Senador Sarney lembrou bem aqui: toda vez que aqui entrarmos, vamos lembrar da presença de Antonio Carlos nessa primeira fileira.

O Senador Antonio Carlos merece o respeito e o carinho dos mineiros que represento. Merece a homenagem de todo o Brasil. Guardarei dele sempre a lembrança amiga de uma pessoa de grande experiência, de um político sensível e obstinado. Não me esquecerei jamais de sua mão estendida e companheira.

ACM foi um bravo, sim. ACM foi grande, um dos maiores entre os seus Pares. Por tudo isso, estamos hoje aqui a render-lhe merecidas homenagens.

Senhoras e senhores, não tenhamos dúvidas, Antonio Carlos fará falta à Bahia, ao Senado e ao Brasil.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Agradeço a V. Ex^a.

Tenho a honra de conceder a palavra ao nobre Senador Pedro Simon.

O SR. PEDRO SIMON (PMDB – RS. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, distintos familiares, distintas autoridades, senhoras e senhores, venho aqui também trazer o meu abraço e a minha homenagem à figura de Antonio Carlos Magalhães. Talvez eu seja dos poucos que aqui, hoje, comparecem a esta tribuna e, durante toda a vida, que esteve do lado oposto de Antonio Carlos na política estadual, na política federal. Com Dr. Ulysses e com outros tantos, representávamos uma outra facção da sociedade brasileira, na própria Bahia.

Na própria Bahia olhávamos, com ciúme e admiração, é verdade, a figura e o crescimento de Antonio Carlos. E o vimos passar por esses anos todos. Reconhecemos a importância dele no episódio do Dr. Tancredo e do Dr. Sarney, na mudança daquele *quorum* tão necessário na eleição do Dr. Tancredo.

Não há como deixar de reconhecer que Antonio Carlos é uma figura que, na história deste Parlamento e na História deste País, tem que ser analisada como a dos grandes homens que o País teve que cumprem civilmente seu dever. Tinha adversários, oposição, divergência; lutava – e lutar era seu estilo – por aquilo que ele achava certo.

Reconheço em Antonio Carlos a figura de um político *sui generis* na História do Brasil. Desconhecer estas qualidades é praticamente impossível: a sua paixão por fazer política, a sua competência por fazer política.

O importante é que conhecemos neste Brasil muita gente que fez política a vida inteira, que ocuparam cargos mais importantes, anos e anos, e o gosto e a luta pelo poder, mas, lá, no poder, não fizeram nada que os diferenciasssem e realmente tornasse conhecidos seus trabalhos.

Muitas vezes, na nossa reunião do velho MDB, no meio de todas as discussões com relação à Bahia, ao MDB da Bahia e à figura de Antonio Carlos, sempre se dizia que ele era um formador de quadros, e ele era; que ele e a equipe dele, os Governadores depois dele e os Secretários de Estado, realizaram um trabalho extraordinário, não há dúvida nenhuma.

Os vários oradores que passaram por aqui, companheiros do Pará, que são inúmeros, é verdade, disseram que ele tinha paixão pelo poder, mas, vontade de exercê-lo da melhor maneira possível.

Às vezes em que conversávamos nas mesas de café do Senado ou aqui mesmo no plenário, ele dizia: “A minha escola não é apenas a minha escola, é o grupo que representamos. Mas acho que a gente tem a obrigação de fazer o melhor, e, se for companheiro, tem que fazer duas vezes melhor; por isso me acusem de tudo na Bahia, mas não podem me acusar de não ter sido eu e toda a minha equipe no Governo da Bahia de gente capaz e de gente competente”.

Talvez isso seja uma das coisas mais importantes que se pode querer num homem público.

Você pode analisar a figura do Antonio Carlos e analisar as figuras que compuseram a equipes em seus governos: uns brilhando aqui, mas todos grandes Governadores, capazes e competentes.

Em outros Estados, você vai ver que também existiram grandes líderes que ficaram por muitos anos no poder e que fizeram vários Governadores e vários Ministros, mas não formaram uma equipe, um conjunto unido, capacitado como aqueles formados sob a liderança de Antonio Carlos, capazes para o trabalho, para a administração, capazes de gerar progresso e desenvolvimento. Governadores de estilos diferentes – e nós os temos aqui como nossos grandes amigos

–, com fórmulas diferentes, táticas diferentes de governar, mas que fizeram grandes governos – e posso dizer que, saindo da minha boca, é importante para mim –, e governos sérios, que mereciam respeito. Essa eu acho a característica mais importante neste momento a se destacar aqui. E, neste momento em que a falta de Antonio Carlos é sentida realmente, e muito, porque, para quem goste ou para que não goste dele, para quem o admira ou não o admira, encerrou-se uma fase.

O estilo, a capacidade, a liderança, a garra, a luta de Antonio Carlos não deixa sucessor. Eu diria que ele é o último de um estilo que fez história, como Lacerda e tantos outros. Mas, hoje, não tem sucessor. É aquilo que eu tenho dito, muitas vezes, neste plenário: “Nós estamos vivendo um momento, na vida brasileira, trágico e, como nunca, uma época em que o povo brasileiro não tem condutores”. Não existem formadores de opinião. Não há mais aqueles homens que, para mim, eram representados por Teotônio Vilela e Ulysses Guimarães; para muitos, era ACM. Homens que, quando abrimos o jornal, lemos e dizemos: “É isso aí”. Ou ficamos bravos: “Não é isso aí ou é isso aí!”. Mas esses homens deixaram palavras e pensamentos que ressoam na Nação. ACM era isto: com raiva ou sem raiva, gostando ou não gostando, o que ele falava repercutia. E, o que ele dizia, havia gente que acatava. Isso não era de graça, mas porque ele tinha um nome, uma personalidade, uma vida. Ele tinha ação. Ele construiu, ele tinha uma linha de pensamento. Pode-se dizer que ele era governo ou coisa que o valha, mas ele tinha uma linha! Podemos dizer que Ulysses era um homem assim; Tancredo era um homem assim; Teotônio era um homem assim; Arraes era um homem assim; Juscelino era um homem assim.

Homens com a garra dessa geração, com essa formação histórica, não há mais. Estamos em dificuldades hoje.

Estamos aqui vivendo nossa crise, que é sucessora da de ontem e predecessora da que virá depois. Nossa incompetência, nossa incapacidade de agir, de dizer ao Senado o que o Senado deve ser.

Antonio Carlos fez a sua parte. Ouvindo aqui emocionei-me. Não tinha nem me dado conta. Quem poderia imaginar – e quando digo quem estou falando de nós, que fazíamos oposição a Antonio Carlos – que um projeto preocupado com a questão da fome partisse de Antonio Carlos, que um projeto preocupado com a fome construísse um apoio unânime e a votação deste Congresso? É porque S. Ex^a tinha respeito. Votaram com ele porque era um projeto de grande responsabilidade.

Agora, estamos vivendo uma época em que o Brasil é o País da impunidade. Não acontece nada em relação a roubos, falcaturas. Antonio Carlos, Presidente da Comissão de Justiça, reuniu as lideranças da Câmara e do Senado para fazer uma série de projetos com o objetivo de estabelecer normas de combate à impunidade. E conseguiu.

Conseguiu reunir adversários ferozes no mesmo objetivo, em projeto que nunca se imaginava que partiria de Antonio Carlos. Isso, parece-me, define o homem público. Há momentos e momentos.

O Antonio Carlos amava a sua Bahia? Amava. Mas Antonio Carlos amava sua Bahia fazendo aquilo que seria bom que cada Estado tivesse: alguém com a capacidade e com a garra dele. Ele a defendia nas horas difíceis, nas horas em que era necessário. Como naquele fato de que o Presidente Sarney citou, quando o Antonio Carlos atravessou aqui e foi em direção ao Palácio com o “exército” da Bahia. Isso foi uma das coisas que achei mais espetaculares na vida política nos últimos tempos. Movimentou-se, fez o que achou que deveria fazer, botou a Bahia inteira... Mais importante que isso, só os gaúchos com os cavalos no obelisco do Rio de Janeiro, mas ele fez o que ele achava que deveria fazer.

Por isso, vai fazer falta o Antonio Carlos; vai fazer falta em todos os sentidos, até para os que não gostavam dele. Estes, ultimamente, nem havia mais, porque ele estava vivendo uma época de tanta nacionalidade...

Na última vez em que ele esteve aqui no plenário, ele fez um pronunciamento e saiu; quando ia entrar no elevador, ele caiu. Foi aquela grita, veio todo mundo. Lembra, Sr. Presidente? Saímos todos correndo: “o que houve?” Levantamos, fomos para o gabinete da Presidência. Cheguei e falei com ele: “Antonio Carlos, há 50 anos, desde que existo, vejo todo mundo ao meu redor falar mal de ti, dizendo “um dia vamos derrubar esse Antonio Carlos”; quando veio a notícia de que tu caíste, fiquei todo assustado, preocupado, e rezei a Deus para que não te acontecesse nada”.

Realmente, ele é um nome muito importante na história brasileira. Ele é um nome muito significativo na história brasileira.

Lembro-me de ocasiões difíceis que atravesssei, lá do outro lado, na morte do meu filho, muito antes, meu querido filho com 10 anos. Recebi uma carta e um telefonema de muito carinho, de muito apreço, em que ele expressava o que sentia e que, muitos anos depois, pude dizer a ele muito mais. Meu filho era uma flor que não deixaram brotar. O filho dele era um paraíso; eram rosas e mais rosas que estavam prontas para abrir.

Por isso te digo, meu prezado Antonio Carlos: importante é chegares lá, aonde estás chegando agora, vendo teu filho, tua filha.

Olhando daqui, você, de certa forma, foi bastante inteligente. Deixou um descendente aqui e outro na Câmara, porque pensou que um sozinho não poderia desempenhar as duas missões, a tua, de Câmara e de Senado. Então, a tua representação está aqui. Mas, onde estiver, você há de ver este Brasil caminhar.

E este Congresso Nacional, que está vivendo estas horas duras, com a Nação brasileira, vai entender que está antecipando uma vida que será diferente, um Brasil que será diferente, uma política que será diferente, em que se possa ter idéias, combater, colocando o Brasil em primeiro lugar.

Antonio Carlos era isto: combatia, agredia, avançava, era contra, era a favor, mas era Brasil e era Bahia. Está faltando na política brasileira mais gente que seja Brasil, seja Rio Grande, São Paulo, Rio Grande do Norte. Temos que ser mais o nosso povo e menos nós.

Um abraço e um carinho muito afetuoso para o bravo Antonio Carlos. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Concedo a palavra ao nobre Senador Arthur Virgílio.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador) – Sr. Presidente; Sr^{as} e Srs Senadores; Deputados; amigos do Senador, Ministro, Governador, Prefeito Antonio Carlos Magalhães; Sr. Presidente Senador Renan Calheiros; muito digna Sr^a Arlete Magalhães; muito digna Sr^a Teresa Helena Magalhães; prezado amigo e colega Senador Antonio Carlos Júnior; prezado amigo e colega de Congresso Deputado Antonio Carlos Magalhães Neto; Ministro Rider Nogueira de Brito, vou fazer, à minha moda, a homenagem que julgo justa a Antonio Carlos e começo, eu próprio, aqui procurando valorizar o espírito dele. Eu que concordo quase sempre com o que diz o Senador Pedro Simon chego a discordar de S. Ex^a um pouco. Temos de substituir Antonio Carlos de alguma forma. Vamos colocar o que se pensa.

Eu não sou pessimista: eu não acredito em morte de lideranças, eu não acredito em cemitério de líderes, não acredito em País estagnado. Não acredito em crise perpétua no País. Não acredito que o Congresso soçobre porque vive uma crise. Não acredito a não ser no fato de que uma instituição secular como esta saberá achar seus caminhos. E um País com uma democracia crescente que se consolida como a brasileira haverá de apontar à Nação os líderes que saberão substituir Ulysses Guimarães, Teotônio Vilela, Antonio Carlos Magalhães, Carlos Lacerda e tantos outros.

Não posso ser pessimista porque, se há algo que – dizia-me ainda há pouco o Senador Marconi Perillo – aprendi na convivência nem sempre muito tranqüila, mas muito entusiástica, nos momentos de calor humano, com Antonio Carlos Magalhães, foi precisamente o otimismo.

Antonio Carlos Magalhães saía da UTI para presidir a reunião da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, que aprovou, em um mês, 25 projetos, na maior seriedade, a favor da segurança pública.

Antonio Carlos Magalhães optou tranqüilamente por viver menos. Poderia viver mais, mas ele não conseguia se ver presenciando a cena política estando do outro lado da televisão. Optou, clara e tranqüilamente, pela antecipação de sua própria morte, lutando pela vida aqui desta tribuna, combatendo, disputando no terreno das idéias, cometendo seus excessos, seus exageros, mostrando a sua generosidade. Uma figura de enorme conteúdo humano.

Morro de inveja do biógrafo dele, Fernando Morais - aliás, grande literato para esse ramo da literatura. Cheguei a pensar que o Fernando Morais iria ficar com essa obra inconclusa, que iria morrer depois do Antonio Carlos. Antonio Carlos com tanto apego à vida, com tanta coragem, com tanta capacidade de resistir à morte. A morte pode ter levado a partida final, levou o *set final*, fez o *match point*, mas a morte levou uma goleada de Antonio Carlos. Ele saiu da UTI umas cinco, seis vezes, para presidir a Comissão de Constituição e Justiça. Não saiu para casa. Todos aqui preocupados, o primeiro a chegar, o último a sair.

Hoje, contava ao Senador Tasso Jereissati que ele tinha um espírito tão indomável e uma característica que era tão dele que não dava para se mexer. A gente tinha que aprender a gostar ou não dele, do jeito que ele era. Não dava para ficar mexendo na personalidade de uma figura com uma personalidade tão forte.

“Antonio Carlos está mal”, diziam. “E está a morte.” Ligo para lá, pensando em falar com o neto, com o Júnior ou com outra pessoa, mas atende ele mesmo. Não, não está a morte, de jeito nenhum. Só que ele atendeu até bem perto de morrer mesmo. Numa dessas vezes, tivemos uma conversa longa ao telefone, muito meiga, muito fraterna.

Ele volta para cá, para a Comissão de Constituição e Justiça. Começa a sessão, e vários Senadores tinham projetos na Comissão de Constituição e Justiça – eu era um deles. Ele começa a fazer a chamada de cada um, chamando a atenção para as ausências. Senador Fulano não está aqui, mas devia estar. Por que não está aqui tal Senador? E eu mandei uma pessoa falar com ele: diga ao Antonio Carlos que tem televisão, e isso é ruim. Eu não estou lá porque esteja

na praia ou passeando no parque; eu estou em uma reunião da Bancada do PSDB. Ele então mandou dizer que reconhecia que era um exagero que estava praticando, enfim; mas era dele.

E hoje o Tasso me dizia que era um pouco aquele jeito sarcástico dele, enfim, que fazia parte da sua personalidade – estamos aqui analisando o todo de Antonio Carlos, e é de todo ele que temos de falar. Mas Antonio Carlos tinha também aquele zelo pelo dever: ele era o primeiro a chegar, era o último a sair, e queria que todos se perfilassem naquele seu modo de trabalhar.

Eu olhava para o Senador José Agripino e dizia: que desafio ser Líder de um Partido que tem como supostamente liderado Antonio Carlos Magalhães, porque não dá para se dizer que alguém lidera Antonio Carlos Magalhães, mas dá para se dizer que se coordena uma Bancada que tem Antonio Carlos Magalhães. E talvez ninguém com tanta competência como o Senador José Agripino para dar conta dessa missão. Como é que se lida com aquele espírito indomável, com aquela figura que gostava de teimar, que não conseguia concordar o tempo inteiro, que conseguia discordar até quando concordava na maior parte, em quase tudo do todo, discordava em uma pequena parte da parte? Uma figura extremamente sagaz e culta.

O Senador Tasso me disse hoje alguma coisa dos seus momentos finais, e fez muito bem em aqui não relatar. Mas por ali perpassa toda a noção da análise que se tem de fazer da coragem pessoal dele. Era um homem de coragem pessoal. Eu, pessoalmente, acho que o homem público pode ter alguns defeitos; não todos. Ele deve ser decente. Agora, a decência não basta se ela não for acompanhada de coragem, ou precedida, ou ao lado, mas não basta a decência porque, Ministro Ciro Gomes, se a decência estiver sobrepujada ou acompanhada da covardia ou da poltronice, ela deixa de ser uma decência decente, ela passa a ser uma decência intelectualmente corrupta, ela passa a ser uma decência indecente. Se é uma decência indecente, é uma decência indecorosa; se é uma decência indecorosa, não é mais decência!

Então, a decência tem de ser acompanhada da coragem. Eu não acredito em vida pública, Senador Jarbas Vasconcelos, sem coragem, sem definição. Antonio Carlos Magalhães tomava as suas definições – não importa aqui com quantas de suas definições eu concordasse, Deputado Antonio Carlos Magalhães Neto; o importante é que ele tomava as suas definições, e as tomava com coragem, e as tomava com o destemor dos crentes e dos convictos.

Aliás, o Senador Tasso Jereissati tinha feito um discurso muito bonito, e eu tenho orgulho de dizer que

posso ter influenciado um pouco nisso. Eu disse a ele: Tasso, está muito bonito o discurso, mas não reflete a sua relação com Antonio Carlos. Não reflete. Esse discurso é bonito, mas a sua relação com ele era tão calorosa, tão forte e, por outro lado, tão positiva. E o Tasso fez o belo improviso que todos nós aqui aplaudimos.

Quando o Mercadante usou da tribuna, ele fez menção a uma sessão do Congresso Nacional que teve um episódio, para mim, saboroso. Antonio Carlos estava numa daquelas fases de não muito humor com o Presidente Fernando Henrique. Ele disse: “Aprova-se isso e não mais nada”. Era o último dia dele, presidindo uma sessão conjunta, naquela época em que havia sessão fervilhante do Congresso Nacional. Quando acabou, nós tínhamos que aprovar mais alguma coisinha, e eu – que pretensão! – pensei: vou passar a perna no Antonio Carlos Magalhães. Fui para a tribuna e fiz o que eu pude em um discurso que tinha a sinceridade de agradecer pela belíssima administração que ele fez no Senado, pelo belíssimo termo que ele desempenhou no Senado, aprovando o Orçamento, o que não era prática – hoje é prática no País, mas não era praxe se aprovar o Orçamento sempre no ano-base para render efeitos, Presidente Renan Calheiros, já no ano seguinte. Eu pedi a palavra e comecei a fazer um elogio justo à sua gestão. Isso puxou vários outros oradores – 40, 50, 60, sei lá quantos. Um deles foi o Mercadante. Depois Mercadante disse: “Puxa, eu elogiei muito o Antonio Carlos. Ele é capaz de colocar isso no horário gratuito.” Eu disse: não tenho nenhuma dúvida de que ele vai colocar isso no horário gratuito. Por isso, fui comido. Fui comido porque tenho certeza de que ele vai colocar no horário gratuito. Tenho absoluta convicção. E ele colocou no horário gratuito a manifestação daquele bando de Deputados do PT elogiando a sua gestão. Elogiaram e tiveram uma belíssima divulgação gratuita no horário gratuito do partido do Antonio Carlos na Bahia. Enfim...

Nessa sessão, um Deputado, não me lembro quem, tocou no nome do Luís Eduardo. Ele se comoveu e presidiu o restante da sessão aos prantos; não aquele pranto caudaloso, mas percebíamos que era um pranto interno, que se revelava em visíveis lágrimas externas. E o Antonio Carlos foi até o final da sessão. No final da sessão, eu disse ao Deputado Ricardo Barros: Ricardo, entre com um requerimento para aprovarmos agora o que desejamos, porque ele está completamente comovido, e vamos fazer o que queremos. O Ricardo Barros apresentou o requerimento, e a matéria passou. O Senador Antonio Carlos me chamou ao final e falou assim: “Muito obrigado pela bela homenagem que você prestou. Foi uma coisa linda, sobretudo quando fala-

ram do Luís. Agora, não pense que você me enganou, porque você não me enganou, não. Eu percebi tudo, enfim”. Era uma figura realmente notável.

Para mim, o dia de hoje deve ser visto com otimismo - repito a tese inicial. Eu estava vendo ali o Duquinho, filho do Luís Eduardo, figura tão querida minha, e lembrávamos os dois que o seu pai já se foi há dez anos. Antonio Carlos sobreviveu dez anos a essa segunda morte, já que a primeira morte teria sido a de sua filha tão querida.

O Mercadante recomendou ao Antonio Carlos Júnior que arranjasse aqui uma grande confusão. Ele não se lembra de que o Antonio Carlos Júnior já arranjou uma grande confusão em uma sessão do Congresso, e eu presenciei essa confusão, ou seja, ele já cumpriu esse pré-requisito e – quem sabe? – vai arranjar outras confusões brevemente, todas elas a favor do Brasil. É o que eu desejo, de muito coração.

Eu gostaria de tecer aqui alguns comentários a respeito de como eu via aquela figura contraditória, controversa. Alguém falou assim: “Era um homem com defeitos”. Todos nós os temos. Os dele eram muito marcantes em razão da sua própria personalidade, que era muito marcante. O Senador César Borges, aliás, fez um discurso muito bonito e muito comovente. As suas qualidades eram muito grandes. Dava para perceber as duas.

Certa vez, fui, a convite do Partido Comunista baiano, ao ato de instalação do Partido Comunista baiano, quando ele veio à legalidade. Isso ocorreu no Governo do Presidente José Sarney.

Fui lá, e estava lá com o Deputado Goldman, que havia feito a opção – que lhe custou a eleição naquele momento – pela saída da clandestinidade e o ingresso no Partido Comunista. E estou lá, e estava muito preocupado com a sorte do Goldman, com a opção que ele havia feito. Eu digo: isso pode custar, de fato, a carreira de uma pessoa tão competente, tão capaz.

Muito bem, chegamos lá, quem comandava o Partido Comunista baiano era essa figura fantástica, muito forte, muito expressiva, muito preparada, que é Fernando Santana, que foi colega, lá atrás, de meu pai, no Congresso, e foi meu colega de Câmara dos Deputados.

Antonio Carlos manda um telegrama aos dirigentes do Partido Comunista baiano muito caloroso. E eu fiquei sem entender nada àquela altura. Eu perguntei ao Fernando: Fernando, que história é essa de amizade sua com o Antonio Carlos? E ele disse: Sou muito amigo do Antonio Carlos.

E mais: quando o Antonio Carlos era, se não me engano, Prefeito de Salvador, Fernando Santana, que era engenheiro e tinha muito pouca possibilidade de tra-

balhar, porque essas oportunidades lhe eram negadas pelo regime ditatorial, ele trabalhava ali por influência da vontade do Prefeito Antonio Carlos.

E vim saber depois que Rubem Paiva também chegou a se instalar comercialmente lá na Bahia.

Logo é uma figura contraditória.

Alguém dizia, na época em que isso aí fazia algum sentido: era um homem de Direita. Fazia sentido isso, no sentido de Bobbio, de se dizer que de Direita é quem não se preocupa com o social, se preocupa com o restante, e de Esquerda seria aquele que se preocupa com a distribuição de renda? Eu nunca vi nada mais capaz de distribuir renda do que se trabalhar inflação controlada, trabalhar-se economia organizada, trabalhar-se equilíbrio fiscal. Por essa análise, todos aqueles que se imaginavam de Esquerda, inclusive eu próprio à época, não éramos; e todos aqueles que tinham a competência de trabalhar, enfim, uma economia organizada, colocar-se-iam, então, à Esquerda, se quiséssemos levar para o terreno do debate mais dialético. Então o Roberto Campos seria de Esquerda, e eu teria sido de Direita na época em que eu me julgava de Esquerda e que julgava o Roberto Campos de Direita. Mas já parei, há muito tempo, de me preocupar com essa história de Esquerda, de Direita, de costa, de rebola, de carambola, de lado, de braços, de barriga para cima. Isso não tem nenhuma importância para mim!

Foi de Esquerda esse gesto de se entregarem os boxeadores cubanos à sanha da ditadura de Fidel Castro? É um gesto de Esquerda? Será que isso significa colaboração internacionalista? Ou significa algo que a ditadura de Direita de Vargas fez, entregando aquela vítima de Esquerda, que era Olga Benário, à ditadura de Direita de Adolf Hitler? Ou seja, ainda tem gente neste País que faz diferença entre ditadura de Esquerda e ditadura de Direita, que não percebe que atrocidade é atrocidade, praticada seja ela por quem for. Se é praticada por alguém de Direita, é atrocidade; se é praticada por alguém de Esquerda, é atrocidade. Atrocidade é atrocidade, diz respeito aos direitos humanos e ponto final! Não podemos mais ficar perdendo tempo com dogmas que só atrasam este País. E isso tem de ficar muito bem explicado!

Não vou aqui discutir se Antonio Carlos era de Direita ou se era de Esquerda. Vou discutir que era uma figura que, ao longo do tempo, com ela aprendi a conviver! Aprendi a conviver! Aprendi a me fazer querido por ele, acredito! E aprendi a querer bem a ele, de um jeito que não impedia que acontecessem algumas rusgas às vezes. Era impossível alguém conviver com Antonio Carlos, sinceramente e não ter rusgas com ele. Era impossível! A não ser que se concordasse

com ele em tudo, ou que não se mantivessem relações com ele, meu querido Duquinho! Tinha de haver a rusga, portanto.

Eu vi o Presidente Sarney, que era amigo dele, ter problemas com ele aqui e vi o Tasso ter problemas. E eu tive uns duzentos ao longo da minha convivência. E, depois, alguém falou aqui, vinha aquela história do beijo, quando ele jogava aquele beijo, o que significava que tinha havido a anistia da parte dele.

Em outras palavras, estou muito feliz com esta reunião. Primeiro, porque sabemos que a morte de Antonio Carlos, desse jeito, prematura, foi uma opção dele, Senador José Agripino. Ele optou por isso. Ele quis assim. Ele optou nitidamente por isso. Ele poderia ter retardado, porque havia recursos para isso, mas ele resolveu não retardar. E pontuou uma coisa que meu pai me dizia com muita clareza: “Meu filho, pare de classificar as pessoas por serem de Esquerda ou de Direita, senão vamos cair nesse maniqueísmo”. E depois o Brasil foi vítima dele. Parecia que todo mundo que era de Esquerda era intocável e, aí, podia fazer tudo e tudo era deslize, não era crime. Quando o deslize era praticado por alguém de Direita, então era crime. Enfim, esse maniqueísmo só atrasou o País. Meu pai dizia: “Procure dividir as pessoas, se elas estão na vida pública (meu querido Paes de Andrade) por serem elas de espírito público ou não”.

Eu estava um dia numa sessão da Comissão de Justiça da Câmara e ouvi um Deputado – vamos lá aparecer – “de Direita”, Deputado do PDS, discorrendo de maneira brilhante, de maneira absolutamente tocante, sobre um tema que ele dominava e eu não. E percebi o amor que ele tinha pelo Brasil pela demonstração que dava de conhecimento daquela sua especialidade. E percebi que meu pai tinha razão, ou seja, que eu não tinha de negar o valor daquele homem se aquele homem, porventura, estivesse colocado numa altura do espectro ideológico diferente da minha. E eu aprendi a respeitá-lo. Era um Deputado do Rio de Janeiro. Se não me engano, seu nome era Hamilton Nogueira. Homem muito culto, muito preparado.

E vi depois coisas terríveis. Ou seja, em outras palavras, eu não quero perder tempo enfeando esta sessão que homenageia Antonio Carlos com essa discussão ideológica que acho que se aplica mais às regras do trânsito, “vá para a direita, vá para a esquerda. Se for para a esquerda, é contramão; se for para a direita, não é”. É pura e simplesmente trânsito. Não tem outra importância na minha vida essa classificação se é de direita ou de esquerda.

E eu percebi no Antonio Carlos espírito público. A Bahia avançou no seu Governo. A Bahia cresceu no seu Governo. O PIB da Bahia quintuplicou ao longo da

permanência, da sua influência naquele Estado. Modernizou aquele Estado. Não conheço pessoas incompetentes que ele tenha revelado para a vida pública. Está por aqui o Senador Rodolpho Tourinho. Rompeu com ele, mas competente. Meu companheiro de partido Antônio Imbassahy. Está aqui o César Borges, Governador. Está aqui o Paulo Souto. Em outras palavras, ele olhava as pessoas não pelo ângulo do mero sentimento, olhava as pessoas pela capacidade da competência. Ele sabia quem é que podia trabalhar com ele. Quem merecia a confiança dele nesse campo.

De certa forma era paternalista. Isso não era o desejável. Acho até que não é o desejável. Era preciso uma forma mais aberta de fazer política. Cabe a quem é da nova geração, cabe ao Neto, cabe ao Duquinho, fazer uma modernização, receber essa herança, mas fazer uma modernização na forma de tratar essa questão. O Tasso falava do beija mão. Da Dona Canô beijando a mão de Antonio Carlos. Isso corresponde a um episódio, a um momento histórico, a um determinado momento psicológico do povo da Bahia. E isso é assim. Que não seja assim, não tem cabimento que seja assim com o Neto. Mas tinha cabimento, tanto que ela fazia.

Antonio Carlos tinha espírito público, fez o melhor pelo seu Estado, foi um grande Prefeito para Salvador, foi um Presidente muito efetivo do Congresso Nacional, foi um Ministro operoso, foi um Presidente da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, recentemente, absolutamente produtivo, rigoroso, capaz de mostrar a sua capacidade de conduzir e liderar um processo. Em outras palavras – e estava há pouco conversando com o Marconi Perillo — como é que conseguimos falar depois de tanta gente que conheceu tão bem o Antonio Carlos, tão melhor do que pude conhecer, como podemos dizer coisas novas! Mas quis aqui dar a minha contribuição.

A Oposição perdeu uma voz vigorosa, o Brasil perdeu um Senador atento, um homem de espírito público. Nós todos perdemos. E alguém disse que fica um vácuo nessa cadeira dele. Deveríamos fazer como se fez com a camisa do Maradona na seleção argentina: deveríamos proibir que sentassem. Fica um vácuo e eu fico com muitas saudades, porque fica monótono. De repente, eu me lembro de que nunca mais vou brigar com Antonio Carlos Magalhães, só se for lá em cima, um dia, aí a gente recomeça. Mas vamos ter muitos momentos lá em cima de paz, de concórdia, de amizade e lealdade. Apreciava muito a sua capacidade de não se omitir.

Tenho muita tolerância com muita gente, mas tenho absoluta intolerância com homem público que não se define com clareza diante de todas as questões que estão colocadas diante dele. Se não se define, passa a

não merecer meu respeito, e é um direito que tenho de respeitar ou não respeitar as pessoas. Posso até não dizer, mas a pessoa que está se omitindo pode não dar a menor bola para se eu respeito ou não respeito, mas que ela saiba que não a estou respeitando. A vida continua? Continua, mas não a respeito. É um direito meu. A vida continua, mas não respeito.

Então, posso ter as discordâncias mais terríveis e até os problemas pessoais mais graves com alguém, mas, se essa pessoa se define com clareza, até de maneira rude em relação a mim, inclusive, não tenho nenhuma escapatória a não ser admirar essa pessoa, porque sou escravo das pessoas que agem de maneira frontal. E poucas vezes eu vi alguma pessoa agir de maneira mais frontal do que o Senador Antonio Carlos Magalhães.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Agradeço a V. Ex^a.

Tenho a honra de conceder a palavra ao Senador Valdir Raupp.

O SR. VALDIR RAUPP (PMDB – RO. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Renan Calheiros; Sr. Antonio Carlos Magalhães Junior, Senador da República; Sr^a Arlete Magalhães; Sr^a Teresa Magalhães; Sr. Antonio Carlos Magalhães Neto; Sr. Presidente do Tribunal Superior do Trabalho; Sr^s e Srs. Senadores; Sr^s e Srs. Deputados; senhoras e senhores, eu não tive como chegar ao velório do Senador Antônio Carlos Magalhães; estava no meu Estado, Rondônia, no norte do País. Consultei as empresas aéreas e teria que pegar quatro aviões para chegar a Salvador: Rondônia/Cuiabá; Cuiabá/Brasília; Brasília/Rio de Janeiro e Rio de Janeiro/Salvador. Fizemos todos os cálculos e não teria como chegar a tempo. Lamentei muito.

O Senado Federal, a Bahia e o Brasil perderam, no último dia 20 de julho, uma de suas figuras mais importantes: o Senador Antônio Carlos Magalhães. Sempre fiel aos seus amigos, o Senador Antônio Carlos nunca se desviou um milímetro sequer da defesa dos mais legítimos interesses da Bahia e do Brasil. Aqui nesta Casa, mesmo vivendo seus últimos dias, seus últimos momentos, não se furtou a ocupar esta Tribuna para externar suas convicções.

Cumprindo o papel de grande homem público que foi, não se cansou de apontar os acertos e os erros de nossos governantes. Seja neste Plenário, seja na Presidência da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJC) – tarefa que desempenhou com inatacável maestria –, nunca se acovardou, muito menos se curvou a qualquer interesse que não fosse o interesse do povo brasileiro.

Não é possível falar da política brasileira dos últimos 50 anos sem mencionar a figura de Antônio Carlos Magalhães. Médico e jornalista, ocuparia o primeiro cargo público em 1954 – antes mesmo de eu ter nascido; eu nasci em 1955 –, quando se elegeu

Deputado Estadual pela Bahia. Logo em seguida, elegeu-se Deputado Federal, cargo que ocuparia por dois mandatos. Um exemplo dado ao filho Luís Eduardo Magalhães e ao neto Antonio Carlos Magalhães Neto, que ocupa hoje o mandato de Deputado Federal.

Seu brilhante desempenho político e seu inegável carisma foram reconhecidos pelo Governador Luís Viana Filho, que o nomeou Prefeito de Salvador. Nascia ali o administrador público Antonio Carlos Magalhães, cujo desempenho frente à Prefeitura da capital baiana lhe renderia o título de Prefeito do Século.

Governou a Bahia por três vezes. Foi o maior responsável pela extraordinária modernização do Estado, capitaneada pelo notável crescimento econômico e pela consolidação como pólo turístico nacional, feitos que transformaram a Bahia em um dos mais importantes Estados da Federação brasileira, o mais destacado do Nordeste brasileiro.

Mas talvez o maior legado do Senador Antonio Carlos tenha sido sua decisiva participação na redemocratização deste País, fato do qual é testemunha o Senador José Sarney, que foi peça fundamental na transição democrática deste País, juntamente com Antonio Carlos Magalhães. Não fosse o seu rompimento com o candidato governista, não teria sido possível a eleição de Tancredo Neves pelo Colégio Eleitoral e o fim do regime militar.

Depois da volta à democracia, enfrentou, de forma vitoriosa, o teste das urnas. Elegeu-se Governador da Bahia e ocupou por duas vezes a cadeira de Senador da República, abrilhantando esta Casa com sua reconhecida competência e com sua incansável dedicação às causas de seu Estado e do Brasil.

Presidiu o Senado por dois biênicos consecutivos. Sem sombra de dúvida – e com todo o respeito, Sr. Presidente, pois V. Ex^a faz uma excelente gestão –, Antonio Carlos realizou uma das melhores gestões que esta Casa já conheceu, feito reconhecido por todos os espectros partidários e ideológicos aqui representados à época.

À frente da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, imprimiu sua marca de trabalho e seriedade. Nunca na existência do Senado o desempenho da CCJ alcançou tamanho reconhecimento, seja pela importância dos assuntos tratados, seja pelo número de matérias apreciadas. Lembrava-me, hoje de manhã, na CCJ, a luta do Senador Antonio Carlos. Todas as semanas, S. Ex^a chegava no horário certo e pedia

aos Senadores que chegassem no horário marcado para votar o pacote de medidas contra a violência e em favor da segurança pública de nosso País. Este legado S. Ex^a deixou na CCJ, dentre outras tarefas desempenhadas.

A perda de um homem público da estatura de Antonio Carlos Magalhães é irreparável. O Senado e o Brasil perdem uma de suas principais referências, uma verdadeira lenda da política nacional dos últimos 50 anos. Nós, Senadores, perdemos um amigo e um conselheiro. Eu tinha nesta Casa duas pessoas com quem me aconselhava. Continuo aconselhando-me – e espero que por muito tempo – com o Senador José Sarney. A outra pessoa era o Senador Antonio Carlos Magalhães.

Mas quem mais perde é a Bahia.

O povo baiano está órfão do seu maior líder, um homem que nunca se cansou de defender os interesses de sua terra e de seu povo, custasse o que custasse, doesse a quem doesse. Podem criticá-lo por tudo, menos por não ter amado a Bahia e o seu povo.

Antonio Carlos, Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, fará muita falta a este Congresso e a este País.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Tenho a honra de conceder a palavra ao Senador Eduardo Suplicy.

O SR. EDUARDO SUPLICY (Bloco/PT – SP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Renan Calheiros; Sr^a Arlete Magalhães, esposa do Ex^{mo} Senador Antonio Carlos Magalhães; Sr^a Teresa Helena Magalhães; prezado Senador Antonio Carlos Júnior; Sr. Deputado Federal Antonio Carlos Magalhães Neto; Sr. Ministro Rider Nogueira de Brito; meu caro Luís Eduardo Filho, que estava no Incor na última vez que vi o Senador Antonio Carlos Magalhães, poucos dias antes - por estar em Seul, Coréia do Sul, no dia em que ele faleceu, não pude participar da cerimônia e do funeral do Senador Antonio Carlos Magalhães, para expressar o meu profundo sentimento de pesar aos seus familiares aqui presentes e ao povo baiano.

Passei a conviver com o Senador Antonio Carlos Magalhães sobretudo a partir de 1995. Eu aqui chegara em 1991. Tínhamos trajetórias muito diferentes, ele tendo sido Deputado Estadual, Deputado Federal, Prefeito de Salvador, Governador, Ministro e, ao longo de sua história, em algum momento ligado ao regime militar, mas com a trajetória de ter sido um dos responsáveis pela abertura, pela democratização do País.

Foi um homem que muitas vezes era crítico de pessoas muito ligadas a mim próprio, como nós, do Partido dos Trabalhadores, inclusive do ex-Governador

e Ministro Waldir Pires, do Governador Jaques Wagner; mas isso não dificultou que eu passasse a ter com ele uma relação de muito respeito, de amizade. E, em que pesem nossas diferenças, mantivemos uma relação muito produtiva e construtiva em defesa do interesse público e da melhora do Brasil.

Isso ocorreu, por exemplo, quando foi criada a Comissão de Combate à Pobreza, presidida pelo Senador Maguito Vilela, tendo como Relatora a Senadora Marina Silva, que culminou com o exame em profundidade de debate da sua proposta de emenda à Constituição para a criação de um fundo de combate à pobreza, sendo hoje responsável para que o Bolsa-Família tenha aproximadamente R\$10 bilhões oriundos da CPMF. Dos 3,8%, 0,20% vão para a saúde, 0,10% para a educação e 0,08% para o Fundo de Combate à Pobreza, que constitui uma das principais fontes de financiamento. É importante, neste momento em que o Congresso Nacional está analisando a CPMF, que possamos todos estar conscientes disso.

O Senador Antonio Carlos Magalhães muitas vezes dialogou comigo a respeito da proposta de Renda Básica de Cidadania, que tantas vezes aqui defendi. A sua palavra, inclusive, junto ao Deputado Antonio Carlos Magalhães Neto, em seu gabinete, quando expus a idéia em profundidade, ao lado dele – pouco antes de, na Câmara dos Deputados, na Comissão de Constituição e Justiça, ter sido objeto de aprovação também ali –, foi a de que via com simpatia a idéia, e a compreendeu.

Nesta semana, Presidente Renan Calheiros, recebi uma notícia de surpresa. Eis que a MTV me comunicou que, entre os cinco melhores e mais assistidos vídeos da MTV neste ano, para a festa da MTV em setembro, será apresentada - e fui convidado para ser um dos cinco melhores - a exposição que fiz, durante a Comissão de Constituição e Justiça, sobre por que eu acreditava que melhor do que baixar a maioria penal seria justamente expandir as oportunidades de educação para todas as crianças e jovens e instituir uma renda básica de cidadania. Para ilustrar isso, eu ali expus *Triste Partida*, de Patativa do Assaré, e, em seguida, para ilustrar qual o grau de liberdade percebido pelos jovens de hoje nas grandes cidades, declamei o *Homem na Estrada*, de Mano Brown, dos Racionais MC's. Quando eu estava em meio àquela declamação, olhei para o Presidente Antonio Carlos Magalhães, e eis que ele estava tendo uma reação como poucas vezes vi na vida dele e na minha. Ele sorriu, mas era quase uma explosão de sorriso. Fiquei até preocupado. Teria isso causado algum problema? Mas, certamente, o fato de dar uma risada nunca vai ser responsável por

um problema de coração. Espero que isso não tenha colaborado para agravar seu estado de saúde.

Alguns Senadores, naquele dia, ficaram preocupados comigo, como verifiquei pela observação do Senador Jefferson Péres, mas outros julgaram a apresentação interessante. Inclusive, aquela expressão do Senador Antonio Carlos Magalhães está expressa nesse vídeo, que já teve mais de 43 mil acessos de repetição pela Internet, em apenas uma das apresentações, fora as outras.

O Senador Antonio Carlos Magalhães, no período de 2002 a 2003, apoiou o Governo do Presidente Lula, mas, a partir de 2004, 2005, passou a ser cada vez mais crítico e, em certas situações, passou a criticar o Governo do Presidente Lula com tal agressividade, contundência e virulência que, certo dia, o Presidente, numa viagem que fez com ele, cobrou-me não apenas em relação ao Senador Antonio Carlos Magalhães, mas a outros aqui: “Puxa, mas é preciso que você e os companheiros do Partido rebatem mais!” E eu algumas vezes disse ao Senador Antonio Carlos Magalhães – porque o Presidente Lula assiste muito à *TV Senado* – que, se ele usasse de uma linguagem mais construtiva, mais carinhosa em relação ao Presidente – com quem ele já tivera uma relação muito positiva –, talvez ele pudesse até ser mais ouvido e produtivo nos seus objetivos. Entretanto, ele continuou muito contundente.

O Presidente Lula, em abril passado, resolveu visitar o Senador Antonio Carlos Magalhães. Naquele mesmo dia – era um final de tarde de sábado –, eu o visitei no hospital e percebi que ele estava muito contente com a visita. Logo que saiu do hospital, ele fez uma visita ao Presidente Lula, ocasião em que ambos disseram da admiração que tinham um pelo outro nas suas qualidades. Depois disso, a relação entre ambos passou a ser muito mais na direção daquilo que eu havia expressado.

Sr. Presidente, quero dizer que com o Senador e nosso Presidente Antonio Carlos Magalhães tive aqui um notável aprendizado, assim como todos nós. Quero expressar o meu cumprimento a toda sua família, à sua senhora e aos baianos, por terem tido um representante, um Senador que tão bem honrou o povo de sua terra. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Agradeço a V. Ex^a.

Tenho a honra de conceder a palavra ao Senador José Agripino.

O SR. JOSÉ AGRIPINO (DEM – RN. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores; Dona Arlete; Senador ACM Júnior, e sua esposa, Rosário, que aqui se en-

contra; ACM Neto, meu dileto amigo; Teresa Helena, César Mata Pires, e seus filhos que os acompanham; Ministro Rider Nogueira, Presidente do TST, que muito nos honra com a sua presença; amigos de Antonio Carlos. O Senador Arthur Virgílio, Dona Arlete, disse uma coisa que é a expressão da pura verdade. Esta Casa é feita por gente de muita experiência: ex-Governadores, ex-Ministros, até ex-Presidentes da República. E aqui há ícones. Há os monstros sagrados. Há pessoas que são referências, que são respeitadas, que são temidas, cuja palavra faz opinião. E o seu marido Antonio Carlos era um desses, cabeça branca.

O Senador Arthur Virgílio disse, referindo-se a mim, da tarefa difícil que eu tinha levado a efeito durante tanto tempo de ser Líder de Antonio Carlos. Eu quero ter a pretensão de dizer à senhora que exerci a Liderança, por muitos anos, com o voto dele, com o repetido voto dele, e que, em muitos momentos, até encabeçava o processo de recondução de meu nome à Liderança, por razões que, acho, a senhora sabe, mas que muitos aqui que nos vêem e nos ouvem não sabem. Eu tinha uma relação mais do que política com Antonio Carlos, Duquinho. Eu tinha uma relação pessoal com Antonio Carlos. Seu avô, na primeira eleição que disputou – creio que no diretório da faculdade –, obteve a vitória por um voto. Esse voto foi do meu tio Otávio, médico como ele, a quem ele chamava de Tavinho. Meu tio foi amigo dele até morrer, como Tarcísio Maia, meu pai, foi amigo dele até morrer.

Dona Arlete, estive com Antonio Carlos na quarta-feira, às cinco da tarde – ele morreu na sexta-feira, às onze da manhã. Eu troquei algumas palavras amáveis com ele. Ele se despediu de mim, com aquele beijo, distante, e com um pedido para que eu desse lembranças à Anita, minha mulher, baiana como a senhora e ele. Com aquele cumprimento, eu sentia que estava, naquele momento, despedindo-me de Antonio Carlos. Eu senti. Ele estava se despedindo de mim, baianamente.

Ele, com quem tantas vezes, eu tinha conversado, até na casa da senhora, comendo aquela moqueca de siri mole, para a qual ele me convidava com tanta fidelidade. Conversávamos sobre a minha meninice na Bahia, partilhando da intimidade de uma relação pessoal que facilitou muito José Agripino liderar uma bancada da qual fazia parte Antonio Carlos Magalhães.

Dona Arlete, as pessoas não sabem que eu conseguia liderar porque havia uma relação pretérita, robusta, de muita amizade pessoal, calcada em muitos fatos, e porque, no campo político, nunca quis impor a Antonio Carlos nada que não fosse pela força do argumento e muito menos ele quis me impor nunca nada que não fosse pela força do argumento.

Nós tínhamos uma relação racional, movida pelo argumento e pelo respeito mútuo. Foi por essa razão que fomos, até o fim, amigos e solidários.

Dona Arlete, eu não venho aqui homenagear Antonio Carlos. Eu homenageei Antonio Carlos a minha vida inteira. Nunca estive distante de Antonio Carlos em nenhuma das disputas dele. Quando ele foi candidato a Presidente da Casa, eu era, talvez, o seu principal interlocutor, ajudando a conquistar e consolidar os votos que ele conseguiu ter. Para indicá-lo Presidente da CCJ, eu fui o grande arauto. Para defendê-lo, nos momentos de dificuldade, eu era sempre a primeira voz. Não venho aqui para homenageá-lo porque eu o homenageei a vida inteira. Eu venho aqui, de certa forma, abrir o meu coração para a família, para a senhora em particular, que é uma dama por quem eu e Anita temos o maior respeito, por quem a senhora é, pela sua família e pelo que Antonio Carlos foi.

Antonio Carlos, na minha opinião, Dona Arlete, foi tudo neste País. Foi Deputado Estadual, Deputado Federal, Prefeito, Governador, presidente de estatal, Ministro de Estado, foi até pai de um quase Presidente da República. Ele foi tudo. E com ele tive uma relação política muito respeitosa, porque eu o tinha como um desses raros cidadãos que é grande político e grande administrador ao mesmo tempo. Normalmente, Rosário, os grandes políticos não são necessariamente grandes administradores. O seu sogro o foi.

Conheci a Bahia ainda menino, quando morava em Mossoró e viajava nos aviões da Panair, os DC3, no pinga-pinga que saía de Mossoró até chegar a Salvador, para passar as férias de final de ano com meus avós baianos, pai e mãe de minha mãe, no tempo do cacau, no tempo em que a Bahia era cacau, no tempo em que eu pousava no Aeroporto de Ipitanga, que depois passou a ser chamado de Dois de Julho e, agora, é Aeroporto Internacional Luís Eduardo Magalhães. Sou do tempo de Ipitanga. Igual, apenas a alameda dos bambus na saída do aeroporto. Já não existe mais o sorvete da primavera nem o guaraná Fratelli Vita.

Hoje, o que existe é aquilo que Antonio Carlos fez para a Bahia mudar. Hoje, o que existe é uma Bahia próspera em razão do pólo petroquímico, pelo qual ele brigou, obtendo do Presidente Geisel a transferência desse pólo de São Paulo para a Bahia.

Hoje, o que existe é o oeste baiano, Dona Arlete, próspero, produtor de grãos, competindo com o Paraná, porque o seu marido fez. Hoje, o que existe é uma Bahia que é pólo automobilístico, porque César Borges e ele toparam a parada. E quantas vezes vi Antonio Carlos nesta tribuna esbravejando e defendendo os interesses da Bahia.

Hoje, Rosário, o que existe, é a Bahia do Pelourinho, orgulho, patrimônio da Unesco, feito pela inteligência de Antonio Carlos, que foi tão amigo de Jorge Amado e de todos os artistas da Bahia que, de Esquerda ou de Direita, rendiam homenagem a ele, todos.

Dona Arlete, eu queria muito bem ao seu marido. Eu o homenageei a vida inteira. Nós fomos juntos o tempo todo. Quando fui pré-candidato a vice-presidente, eu contei com ele até o fim. Com ele e com o Neto. Contei com ele e guardo dele momentos de convivência muito positiva. Do administrador que fez muito pela Bahia, mas do grande político que foi. E esse, talvez, seja o grande legado que ele está deixando – mais do que para você, Neto, que é uma das melhores expressões do Parlamento moderno. Pode se orgulhar muito de seu neto: é o político com espírito público. Brigão, muitas vezes se indispunha com as pessoas.

Mas o seu marido foi o homem de quem saiu a idéia de Fundo de Combate à Pobreza. Eu não entendi muito bem o porquê daquela obstinação, até que um dia fui ao lemanjá, eu, ele e poucas pessoas mais, e senti a vaidade de Antonio Carlos em ser cumprimentado não pelos turistas ricos que chegavam, mas pelas garçonetes pobres que o reverenciavam na hora em que serviam a moqueca de siri mole. A alegria, o orgulho que ele sentia em ser cumprimentado com efusão pelos mais pobres era a tradução viva do espírito público, de uma vida pública voltada para os que precisam mais. Por isso que Antonio Carlos é uma instituição. Por isso é que aqui estão tantas pessoas, com quem ele, Dona Arlete, pode até, em alguns momentos, ter trocado palavras de divergência. Nesta platéia, agora e antes, há pessoas que tiveram rugas com o seu marido, mas que estão aqui para reverenciar a memória de um homem que nos merece muito, cuja imagem é positiva, que é ponto de referência para ser lembrado. O seu marido, que o meu partido, que era o partido dele, reverencia, homenageia e quer que esteja em paz! (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Tenho a honra de conceder a palavra ao Senador Cristovam Buarque.

O SR. CRISTOVAM BUARQUE (PDT – DF. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente Senador Renan Calheiros, Sr^a Arlete Magalhães, Senador Antonio Carlos Magalhães Júnior, Deputado Antonio Carlos Magalhães Neto, por intermédio dos quais cumprimento todos da família, tivemos até aqui grandes homenagens a um grande político, mas a políticos a gente pode prestar homenagem quase todos os dias. Raramente a gente tem chance de prestar homenagem a um líder, e o ACM foi muito mais que um político, o ACM foi um líder. A

diferença é que os políticos ganham eleições, mas os líderes deixam marcas e usam até as eleições como forma de deixar marcas.

Quero aqui lembrar apenas oito marcas que, a meu ver, o ACM deixou para pessoas da minha geração e, de uma maneira muito especial, para mim. Oito marcas que é um número que vi, mas que, de certa maneira, coincide com cada uma das décadas que ele viveu.

A primeira é a marca do ACM a mim como jovem pernambucano quando ele era um político forte ao lado do movimento militar, e eu era um jovem militante de Esquerda. Aquela marca que ele deixou é a marca do homem forte, que estava do lado contrário daquele que eu lutava. É uma marca, sem dúvida alguma.

A segunda marca é a marca do administrador. Não demorei muito a crescer e ver que aquele ACM de quem eu discordava do ponto de vista político era alguém que estava transformando o Estado da Bahia; que tinha competência tantas vezes aqui relacionada e falada de reunir-se a pessoas competentes e, por intermédio dessas pessoas, mudar o seu Estado.

A terceira marca, Senador Mão Santa, é a marca do ACM no momento da redemocratização em que eu, junto com Tancredo, naquela luta, vi a importância da mudança dele quando assumiu que chegara o momento de o Brasil retomar os caminhos da democracia. Essa é uma marca fundamental. A marca do gesto de mudar, de assumir, e o gesto dos discursos enfáticos que fez na hora certa.

A quarta marca é a da ajuda que recebi de Antonio Carlos Magalhães quando fui Governador do Distrito Federal. Quando eu tinha algumas dificuldades para receber recursos, quando eu tinha algumas dificuldades para encaminhar algumas das nossas ações, uma das pessoas a quem recorria era ACM. E nunca deixei de receber, poucos minutos depois, a resposta dele dizendo o que tinha feito para conseguir me ajudar e, portanto, ajudar o Distrito Federal. Essa é uma marca que não podemos esquecer.

A outra marca é a de que tantos falaram aqui, porque talvez é a que mais ficará: a marca do ACM no Fundo para Erradicação da Pobreza. Participei com ele. Estive na comissão da pobreza que ele criou. Apresentei propostas naquela Comissão. Vi quando ele agarrou aquelas idéias. Essa é uma marca que ficará dele. A marca da comissão para entender o problema da pobreza e lutar contra ela.

A outra marca é a da competência de transformar o relatório daquela comissão em documento, que mudou a Constituição, que fez criar o Fundo para Erradicação da Pobreza e, daí, vir a serem executados projetos que, sem aquilo, não teriam sido executados.

Antonio Carlos Magalhães – é preciso repetir quantas vezes forem necessárias – no seu gesto competente, sério, de criar o Fundo para Erradicação da Pobreza está por trás dos movimentos de transferência de renda, dos projetos que o Brasil hoje têm apresentado ao mundo inteiro.

A sétima marca é a da minha convivência com ele aqui nesses anos – três anos no Senado. A convivência com um homem de uma simpatia que só quem se aproximava dele percebia; de quem chegava aqui e nos dava conselho quando pedíamos, do contrário, ele não dava; que falava da história e nos contava tantas coisas que viveu e tantas esperanças que tinha.

Essas foram as sete marcas que tive do Antonio Carlos Magalhães como Líder.

A oitava é a marca da ausência. É muito comum aqui qualquer um de nós, quando deixar esta Casa, quando morrer, deixar saudades. Isso aqui é um clube de amigos, e a gente deixa saudade quando se vai. Mas ausência poucos deixam, porque a ausência é algo mais que a saudade. Saudade é uma lembrança, e ausência é a falta de saber direito como vai ser o lugar em que a gente está sem aquela figura ali por perto. E o ACM deixa ausência e não apenas saudade.

Deixa ausência em nós que convivíamos com ele e vai deixar uma ausência no Brasil pela competência como ele conduzia o processo político brasileiro. Na Oposição, quando era preciso, vai deixar ausência, sim, mas também no diálogo com o Governo, como conversava há pouco com o Senador José Sarney.

O Governo vai sentir falta de Antonio Carlos Magalhães não apenas pelo que ele dizia para evitar erros, mas, sobretudo, pela existência de um interlocutor, que é algo que está faltando aqui.

Com o Presidente José Sarney falávamos – e o primeiro a me dizer isso foi José Sarney e depois Antonio Carlos Magalhães – da necessidade do colégio de cardeais que o Senado tinha e que, quando havia dificuldades, se reunia, encontrava o caminho e dava orientações a serem usadas por nós. ACM é um dos cardeais que nos deixou. E estamos muito carentes de cardeais. E, quando eles saem, essa carência se transforma numa grande ausência.

Talvez esta seja a maior das marcas que ele deixa neste momento, não é a maior que ele deixa na história, mas é a maior que ele deixa neste momento: a marca da ausência nesta Casa.

Por isso, vim aqui reverenciá-lo e agradecer, agradecer essas oito marcas que ele me deixou como brasileiro, nordestino, contemporâneo dele. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Tenho a honra de conceder a palavra ao Senador Romero Jucá.

O SR. GARIBALDI ALVES FILHO (PMDB – RN) – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – V. Ex^a tem a palavra pela ordem.

O SR. GARIBALDI ALVES FILHO (PMDB – RN. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, eu estava na expectativa de falar agora, justamente obedecendo a essa ordem que foi publicada hoje, a essa lista que está presente hoje na Ordem do Dia.

Claro, o Líder Romero Jucá, a essa altura, terá que falar. Só queria dizer do meu inconformismo.

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – V. Ex^a é o próximo.

O SR. GARIBALDI ALVES FILHO (PMDB – RN) – Sim, mas era para eu ser agora.

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – É porque outros Senadores acabaram invertendo e falando em nome de outros. Longe de mim, perdoe-me V. Ex^a, a pretensão de prejudicá-lo, nem de privar esta Casa de ouvi-lo.

O SR. ROMERO JUCÁ (PMDB – RR) – Sr. Presidente, se o Senador Garibaldi fizer questão, eu poderia falar após S. Ex^a. Não tem problema.

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – O Senador Romero está se colocando...

O SR. ROMERO JUCÁ (PMDB – RR) – V. Ex^a fala, e eu falarei posteriormente.

O SR. GARIBALDI ALVES FILHO (PMDB – RN) – De maneira nenhuma, absolutamente! Eu não quero criar problema aqui. Eu quero que o Presidente, que zela pela disciplina, seja hoje um daqueles que zelem mesmo.

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Eu estou tentando fazer isso e não tem sido muito fácil, porque nós temos que suprir algumas ausências. Há pouco eu falava com o Senador Jarbas Vasconcelos exatamente sobre isso. O Senador Sérgio Guerra esteve aqui e já não está mais. Nós estamos, na medida do possível, suprimindo as ausências e infelizmente, de vez em quando, acontece o que aconteceu. Mas mais uma vez, eu queria pedir perdão a V. Ex^a.

O SR. ANTONIO CARLOS VALADARES (Bloco/PSB – SE) – Sr. Presidente, quantos oradores ainda faltam?

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Entre ausentes e presentes, inscritos, V. Ex^a quer saber exatamente? Faltam 14 Srs. Senadores.

Esta é uma oportunidade. Nestas sessões especiais, comumente falam os Líderes partidários, mas, como todo o mundo está tendo um desejo, a vontade de reverenciar o Senador Antonio Carlos Magalhães, é natural que democratizemos isso e tenhamos tolerância para que possam discursar. Eu tenho feito esse exercício.

Com a palavra V. Ex^a.

O SR. ROMERO JUCÁ (PMDB – RR. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Renan Calheiros; Dona Arlete Magalhães; meu caro companheiro e amigo Senador Antonio Carlos Júnior; Sr^a Teresa Magalhães; Deputado Antonio Carlos Magalhães Neto; Sr^{as} e Srs. Senadores, Parlamentares, amigos e parentes do Senador Antonio Carlos Magalhães, subir à tribuna nesta noite tem para mim um significado especial. Falo em meu nome e em nome do Governo do Presidente Lula. A homenagem que o Senado da República presta pela passagem de um de seus mais ilustres representantes é, antes de tudo, o reconhecimento de uma vida dedicada à Bahia, de um símbolo que marcou a política nacional nas últimas décadas e, principalmente, da destreza e do vigor com que Antonio Carlos Magalhães conduziu sua vida como Senador, Governador, Ministro, Prefeito e Deputado.

Falar do Senador Antonio Carlos é falar, antes de tudo, de um colega a quem, apesar de algumas vezes dele divergir, sempre procurava, da minha cadeira no plenário, observá-lo com atenção e aprender um pouco daquela forma de fazer política: temperada e com uma forte e marcante pimenta da Bahia.

Senador Antonio Carlos ou ACM, como carinhosamente os baianos, o Brasil e todos os chamavam aqui, foi um homem que marcou o seu convívio pela postura dura em defesa dos interesses do seu Estado, mas, ao mesmo tempo, pela forma afável, até com os adversários, quando havia necessidade de fecharmos acordos para decidir questões nacionais.

O convívio com Antonio Carlos nesses últimos 12 anos foi marcado pelo debate acalorado e duro nesta Casa, normalmente cheia, às quartas-feiras, como hoje, dias de intensa atividade parlamentar. Sua presença no plenário dava o tom das discussões. Muitas vezes era ele quem definia temas, conduzia votações, levantava contrapontos e comandava articulações de bastidores. Uma presença fundamental na política e uma ausência irreparável para o Brasil.

Antonio Carlos respirava política 24 horas por dia de forma apaixonada, como se ainda a descobrisse, apesar de 50 anos de vida pública. Esse entusiasmo e a força na defesa do que considerava legítimo inspiraram muitos que com ele conviveram. ACM foi uma figura singular, uma marca política e uma inspiração de como é importante lutar pelo que se acredita com o vigor de um guerreiro sempre pronto para as batalhas e guerras mais sangrentas que a política nos impõe.

De todas essas características que marcaram esses anos de convívio, a coragem e a coerência na condução dos assuntos políticos foram as mais impor-

tantes. Mesmo sem concordar com as teses defendidas por Antonio Carlos, não podíamos acusá-lo de agir de forma escapista ou incoerente com sua conduta. Homem de embates, ACM manteve, ao longo de 50 anos, a mesma coerência que o marcou no início, ainda como Deputado, e que o acompanhou por toda a sua brilhante trajetória política.

Apesar de não ter sido seu contemporâneo, pude verificar, na saudosa convivência do plenário, que o Sr. Antonio Carlos continuava com o mesmo vigor dos tempos de Deputado. Histórias de um passado que me chegavam por aqueles que me antecederam na política reforçavam a atitude sempre corajosa, mesmo nos períodos mais difíceis da vida nacional.

Lembro-me do relato de dois episódios vividos por ele e que resumem bem essas características. Ainda como Deputado Federal pela UDN de Carlos Lacerda – oposição incansável ao Governo de JK –, teve a coragem de apoiar o então Presidente Juscelino Kubitschek e seu Plano de Metas, atitude que assegurou a consolidação do Plano e a construção de Brasília. Importante registrar que esse momento teve a participação de outros Deputados, como o Presidente José Sarney, aqui presente.

Outro episódio que me vem à memória, para reforçar essas características que marcaram a personalidade de ACM, está no período em que foi Governador da Bahia indicado pelo regime militar. Naqueles chamados “Anos de Chumbo”, brigar com um general não era recomendável, e mesmo assim o então Governador Antonio Carlos recusou a recomendação do Comandante Militar da Região Nordeste de tirar do seu gabinete a foto de JK, considerado na época um “inimigo da revolução”. Antonio Carlos lembrava o episódio com um sorriso irônico e finalizava: “Sabe quando a foto saiu do gabinete? Só depois do final do meu mandato.” Corrija-me, se eu estiver errado, o Deputado contemporâneo de ACM e primo de JK, Carlos Murilo, aqui presente.

Assim ficou registrado na minha memória o Senador Antonio Carlos: um político que não temia os embates da vida pública e que defendia com vigor as suas convicções. Essas características ajudaram a consolidar o político nacional que conheci no Governo Sarney e com quem tive o privilégio de conviver no Senado, ora como aliado, ora como adversário, mas sempre muito claro nas disputas políticas.

Quero me ater agora a esse período de convívio. Durante o Governo Fernando Henrique Cardoso, assim como no Governo do Presidente Lula, mantinha negociações com as principais Lideranças da Casa para aprovação de projetos de interesse, e sempre a opinião do Senador Antonio Carlos Magalhães tinha

uma importância grande para fechar um acordo ou para ir ao embate. Nas duas situações, a condução de ACM era sempre avaliada.

Esse foi Antonio Carlos. Um político que, mesmo sem ter a liderança formal designada do Partido, foi Presidente do Congresso Nacional e exercia liderança no Senado e no seu grupo. É até engraçado lembrar daqueles momentos, porque, ao negociar votações, nós, Líderes do Governo, seja no Senado, seja na Câmara, precisávamos saber qual era a condução das Bancadas partidárias, inclusive da Bancada carlista. ACM havia ultrapassado as condições de político para se transformar em legenda política.

Esse constante desejo de exercer o poder em toda sua plenitude fez de Antonio Carlos o mito que ele mesmo, com muita habilidade, construiu. Legado repassado ao nosso saudoso Deputado Luís Eduardo Magalhães e ao nosso colega nesta Casa Senador Antonio Carlos Júnior. Essa herança está presente também na nova geração da família, composta por jovens e promissores políticos, como o Deputado ACM Neto e Luís Eduardo Magalhães Filho.

A preocupação com a sucessão no poder e o faro político invejável de Antonio Carlos identificaram que o sonho de presidir o Brasil não chegaria para ele, porque ele sempre dizia: “A Presidência não é destino, é vontade”. Mas o destino parecia conspirar com ele, e Luís Eduardo Magalhães, após brilhante passagem pela Presidência da Câmara, despontou como o nome mais forte para as eleições presidenciais de 2002.

Infelizmente, o destino se mostrou duro como Antonio Carlos sempre foi com seus adversários e ceifou aquele desejo de forma abrupta, deixando o mundo político, a Bahia, o Brasil e todos nós, amigos de Luís Eduardo, chocados com a perda importante de uma liderança jovem e que muito haveria de fazer pelo País. Esse foi, a meu ver, o seu pior momento, o seu momento mais sofrido.

Após a morte de Luís Eduardo, acreditei que o Senador Antonio Carlos perderia o gosto pela política, mas o que se viu em seguida foi um ACM ainda mais forte; o que se viu em seguida foi um ACM que, apesar da dor da perda daquele que o sucederia, exercia a política como o oxigênio da sua vida. A sua paixão pela Bahia e seu jeito de fazer política deixarão seguidores em sua família e inspirarão outros com seu jeito polêmico e aguerrido de ser.

Desejo encerrar, Sr. Presidente, lamentando mais uma vez a perda do Senador Antonio Carlos, solidarizando-me com a família e dizendo, de coração, como Líder do Governo, que o Senador Antonio Carlos exercia aqui uma ação muito forte e nos dava muito

trabalho. Mas gostaria, do fundo da minha alma, que pudéssemos continuar a ter esse trabalho, porque, junto com o trabalho, vinham o carinho, a experiência e o ensinamento de um dos mais importantes políticos da História do Brasil.

Muito obrigado e um abraço a toda a família. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Tenho a honra de conceder a palavra ao nobre Senador Garibaldi Alves Filho.

Com a palavra V. Ex^a.

O SR. GARIBALDI ALVES FILHO (PMDB – RN. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente do Senado Federal, Senador Renan Calheiros, quero também cumprimentar a Sr^a Arlete Magalhães, viúva do Senador Antonio Carlos Magalhães, a Sr^a Teresa Helena Magalhães, o Senador Antonio Carlos Júnior, o Deputado Antonio Carlos Magalhães Neto e o Sr. Ministro, que até bem pouco tempo estava aqui presente, Rider Nogueira de Brito, Presidente do Tribunal Superior do Trabalho.

Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs Senadores, acho que comecei a prestar uma homenagem ao Senador Antonio Carlos Magalhães com aquele gesto que acabei de ter aqui durante esta sessão, porque Antonio Carlos, se o passassem para trás, seria o primeiro a reclamar, seria o primeiro a erguer a sua voz. Isso porque Antonio Carlos foi, sobretudo, um paladino, um combatente, um homem público que se armava todas as vezes em que se procurava perpetrar algum atentado com relação à justiça social.

Sr. Presidente, na verdade, já se traçou aqui tal perfil do Senador Antonio Carlos Magalhães que é difícil acrescentar alguma coisa mais. Melhor Parlamentar do que ele? Talvez poucos. Melhor Governante do que Antonio Carlos? Muito poucos. Antonio Carlos foi o melhor em tudo o que fez, em tudo o que realizou. Ele era possuído por um dinamismo que não deixava que o pudessem superá-lo, pudessem derrotá-lo. Daí por quê, Sr. Presidente, ele conquistou essa unanimidade, e essa unanimidade que conquistou não foi apenas por ocasião da sua morte, não foi apenas porque desapareceu e deixou de sentar nessa cadeira. Essa unanimidade ele a conquistou em vida, em vida, pela sua atuação, pelo seu destemor, pela sua bravura e, às vezes, pela sua falta de habilidade.

Está-se homenageando um político aqui há, praticamente, cinco horas e não se falou nenhuma vez dessa palavra que pontua as homenagens aos políticos: habilidade.

Antonio Carlos não era de conceder. Antonio Carlos não era de se render. Antonio Carlos não se

deixava abater e não era aquele político jeitoso que é trazido para esta Casa, muitas vezes, ou é levado para a Câmara Federal.

Quero trazer o meu testemunho de admiração a esse político. Quero acrescentar aos que já falaram das qualidades dele essa qualidade de fascinar as pessoas. Antonio Carlos tinha certo fascínio, tinha carisma, tinha feitiço, diríamos, um feitiço baiano e conquistava as pessoas.

Nunca participei de reuniões de Liderança, porque não sou Líder. Nunca convivi com ele nos momentos de decisão, como o Presidente José Sarney. Entretanto, houve dois momentos em que os nossos destinos se cruzaram: um deles foi numa CPI, a chamada CPI dos Bingos, a chamada “CPI do fim do mundo”. Diziam que era a CPI do fim do mundo. E Antonio Carlos, nessa CPI, era apenas um membro. Os papéis estavam invertidos: eu era o relator, e ele era apenas um membro da CPI. Apesar disso, eu fiquei sempre perto do Senador Antonio Carlos. E não pensem que ele procurou interferir no meu trabalho. Absolutamente. Mas ele me deu aquelas lições de que nós deveríamos ser, sobretudo, coerentes e, sobretudo, homens públicos que não deveriam ter medo, principalmente em um trabalho como aquele.

O outro momento, que eu não entendi bem a posição dele, mas os baianos o entenderam muito bem, foi quando ele se lançou contra a transposição das águas do rio São Francisco. E, como sabem todos aqui, quando ele se lançava contra um projeto, uma idéia, ele se lançava de corpo e alma. Quando se falava aqui na transposição, logo ele aparecia. Ele podia estar no gabinete dele – que não é tão longe, mas, para um homem com a idade que ele tinha, não era tão perto – que lá vinha ele, todo fagueiro, para debater, fosse com quem fosse, a transposição do rio São Francisco.

Por isso, ele deixou marcas, como disse o Senador Cristovam Buarque. Por isso, ele é homenageado pelo seu irmão, pelo seu amigo, Senador José Sarney. Por isso, Sr. Presidente, ele tem a sua memória cultuada pela sua família, por aqueles que certamente seguirão seu exemplo. E, por isso, venho à tribuna desta Casa para dizer que eu sou um daqueles que não esquecerei Antonio Carlos Magalhães.

Ao longo da minha vida pública, ele será, para sempre, um exemplo, um homem que deixou um legado, um homem que construiu a história do Brasil e a fez com destemor, sem abrir mão de suas convicções. No episódio do Aeroporto da Bahia, quando presentes os militares, Antonio Carlos Magalhães rompeu com o movimento militar.

Um homem como esse não pode ser esquecido. Esta tarde noite é uma demonstração disso, meu caro Senador Antonio Carlos Júnior, com todo respeito, Dona Arlete, ACM Neto, Dona Teresa, Sr. Presidente. Esta tarde demonstra, realmente, que valeu a pena, Antonio Carlos, a sua vida, a sua luta, o seu combate, a sua história.

E V. Ex^a ainda me prestou uma homenagem. Fui visitá-lo no Hospital Incor, em São Paulo e o Senador Antonio Carlos Júnior, com muita justiça, já estava me despachando, já estava me dizendo “olhe, não vai dar para você falar com ele”. E eu compreendendo muito bem a situação, quando ele disse: “Chame o Senador Garibaldi!” Então, o Senador, com toda presteza e gentileza – eu acredito que os familiares estavam todos lá, – me fez entrar no apartamento e foi logo dizendo: “Como é que está o Senado?” E eu disse: “Bem, não está tão bem, não é?” E ele disse: “Como é que está o Renan?” Porque ele tinha uma amizade pelo Presidente.

E eu disse: “Senador, a situação lá está meio complicada”. Ele disse: “Não está, não. Renan vai vencer e vai provar a sua inocência”.

Sr. Presidente, no leito da doença, da dor e, hoje podemos dizer, da morte, infelizmente, esse homem mostrou o que era: um homem amigo de seus amigos, um homem solidário, um homem presente, um homem que só estava ausente porque se encontrava no leito de um hospital, mas, ainda assim, mostrava a sua opinião e demonstrava a sua dignidade.

Sr. Presidente, vou quebrar o protocolo. Vou realmente fazer uma homenagem atípica neste ambiente. Que me perdoem os Senadores, os convidados e, sobretudo, a família, mas vou dar um VIVA a Antonio Carlos Magalhães. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Tenho a honra de conceder a palavra ao Senador Jarbas Vasconcelos.

O SR. JARBAS VASCONCELOS (PMDB – PE. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente, Sr^{as} Senadoras, Srs. Senadores, familiares e amigos do Senador Antonio Carlos Magalhães, eu não poderia deixar de vir hoje a esta tribuna para prestar minha homenagem pessoal ao Senador Antonio Carlos Magalhães. Durante a maior parte das nossas histórias políticas, estivemos em campos opostos, mas sempre numa relação respeitosa, que deve prevalecer numa democracia. Não precisamos ser inimigos de quem pensa diferente.

Por isso, Sr. Presidente, fazer uma avaliação do papel de Antonio Carlos Magalhães passa também por uma crítica do atual momento da política brasileira, quando vemos a soberba de um Governo no

qual sobra autoritarismo e falta autoridade. São dois substantivos que muitas vezes são confundidos, especialmente por aqueles que se apresentam como democratas, mas, na verdade, não admitem opiniões contrárias.

Ao longo de décadas, Antonio Carlos Magalhães construiu uma trajetória política na qual sempre demonstrou grande espírito público, consolidando uma liderança e uma autoridade incontestáveis – e, muitas vezes, implacáveis. Mas até aqueles que criticavam o seu estilo reconheciam a sua força de líder, não apenas na sua terra natal, mas também no cenário nacional.

A verdade, Sr. Presidente, é que a história do desenvolvimento da Bahia se divide em antes e depois da ascensão do grupo de Antonio Carlos.

Essa sua luta pela terra natal de certa forma contaminou outros Estados do Nordeste, como Pernambuco e Ceará, que buscaram se modernizar, nas duas últimas décadas, para enfrentar o poderio baiano. Além dessa expressiva liderança popular, Antonio Carlos Magalhães foi uma referência na formação de quadros políticos e de gestores públicos.

São profissionais que, ao contrário do que poderia rezar a cartilha política tradicional, têm personalidade própria, têm um estilo próprio de agir e gerir.

Esta é uma das missões mais relevantes de um líder, seja ele da iniciativa privada ou dedicado à vida pública: montar equipes eficientes, que cumpram sua missão com firmeza e seriedade, pois ninguém faz nada sozinho.

Devem ser reconhecidas também iniciativas de âmbito nacional, como a criação do Fundo de Combate e Erradicação da Pobreza, que Antonio Carlos, um dia, apontou como “o ápice de seu currículo de homem público”. Não deixa de ser simbólico que uma iniciativa desse porte tenha surgido de um líder político classificado como “conservador”, que uniu, há seis anos, Governo e Oposição em torno da sua proposta.

Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, nos últimos meses, pude, pela primeira vez, acompanhar mais de perto o “estilo ACM” aqui mesmo neste plenário e, de forma especial, como integrante da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania. À frente da Presidência da Comissão de Justiça, Antonio Carlos legou talvez uma das suas últimas contribuições para o País, que foi tirar das gavetas e aprovar o chamado Pacote de Combate ao Crime e à Violência, trabalho para o qual tive a honra de colaborar, ao compor o grupo de trabalho escolhido pelo próprio ACM.

Assim sendo, será esse o Antonio Carlos Magalhães que ficará na minha lembrança, alguém cuja determinação e paixão devem servir de exemplo; alguém com quem a gente não precisaria concordar para respeitar.

Como afirmei por ocasião do seu desaparecimento, Antonio Carlos Magalhães deixa um vácuo na política brasileira.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. HERÁCLITO FORTES (DEM – PI. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, eu gostaria, para economia do tempo, de saudar a Mesa na pessoa de D. Arlete.

A minha impaciência neste plenário, Sr. Presidente, era porque eu não sairia desta Casa hoje inteiro se não prestasse aqui um depoimento sobre essa extraordinária figura de homem público chamado Antonio Carlos Magalhães.

A desvantagem de quem está no fim da fila de oradores, principalmente tendo limitações, como é o meu caso, é que todos os assuntos são praticamente esgotados e preciso se faz, meu caro Paulo Tarso, um esforço sobre-humano para se tentar abordar fatos até então inéditos. Vou me esforçar. Vou me esforçar nas conversas que tive com ACM ao longo de uma convivência.

Lembro-me muito bem, mergulhado na piscina da Teresa e do César, enquanto o Luis Eduardo fazia *cooper*, dele me contando passagens extraordinárias da sua vida. Acertos, desacertos, incompreensões, ódios pontuais a jornalistas que achavam que ele levaria até o túmulo, mas que, um mês depois, aquilo estava acabado. Mas, naquele momento, ele me disse uma coisa fantástica: “Heráclito, os meus inimigos eu perdô todos, não consigo perdoar os inimigos da Bahia”.

O Antonio Carlos que quero invocar aqui é o invicto, é o que deixa a vida pública sem ter perdido pessoalmente uma eleição sequer. Seus adversários não tiveram o prazer de dizer que conseguiram derrotá-lo.

O outro Antonio Carlos que quero saudar é o que não se abatia com as adversidades. Quando o seu grupo foi derrotado, na Bahia, ele no Ministério das Comunicações, em uma conversa que teve comigo, semana da posse, festa dos eleitos, disse-me uma coisa que cheguei a pensar que ele tinha perdido a cabeça: “em seis meses, dou a volta por cima e retomo o comando da Bahia”. A história está aí para contar.

Antonio Carlos foi um homem de grandes bandeiras. Lembro-me pisando em ovos como Líder de Fernando Henrique, e o Antonio Carlos a pregar cartazes,

como panfletário, defendendo aqui um salário mínimo que fazia o Pedro Malan perder noites de sono.

O Fundo de Combate à Pobreza, hoje deformado, mutilado, era um programa de integração social, e não de acomodação social. Hoje, é claro, concordo, consagra líderes mas deforma gerações. O Fundo de Combate à Pobreza, hoje chamado Bolsa-Família, é um verdadeiro cabresto montado pelos que combatiam nas praças públicas o cabresto que julgavam ser praticado pelo coronelismo de então. Este é o cabresto moderno, da dependência e da submissão dos homens.

O Senador Antonio Carlos Magalhães teve a coragem de tirar a Bahia de um momento de estagnação, uma Bahia cabisbaixa com a crise do cacau, e convencer a Petrobras, àquela época, de instalar em solo baiano o pólo petroquímico. Anos depois, com a mesma bravura, retirou de terras gaúchas a Ford e a instalou na sua querida Bahia.

Esse é o Antonio Carlos, meu caro Senador José Sarney, que deixará por muito tempo a sua digital, a sua marca nos corredores deste Congresso. Um homem passional nas suas convicções, mas um homem que tudo que defendia o fazia com amor. Sempre destemido para enfrentar quem quer que fosse.

Uma outra vez, estávamos na sua casa e, na televisão ligada, apareceu um biólogo mostrando o perigo das cobras. De repente, apareceu uma cobra coral, e o biólogo mostrava que aquela espécie não ataca, mas que se alguém a pisa ou ataca ela morde e é mortal. Ele disse: “Sou mesmo assim: não ataco ninguém, mas, se mexerem comigo, sou mortal”. Era essa a figura extraordinária, que deixará um vazio pela metade neste canto de plenário.

Sei, meu caro Júnior, da sua preocupação em, pela segunda vez, substituí-lo. Na primeira, com o conforto de que sabia que era temporário, porque ele voltava, como voltou; agora, sabendo que é definitivo.

Tive a oportunidade de conviver durante bons anos com a relação extraordinária de dois homens públicos: Luís Eduardo e o pai. Era difícil, meu caro Dornelles, avaliar quem admirava mais o outro. E era uma admiração tão profunda que eles se temiam, às vezes, em momento de definições. E quantas vezes eu fui convocado para ser o mediador, sentando-me em uma cadeira e ouvindo aquela conversa cerimoniosa de duas crianças que não tinham coragem de tocar no ponto que o momento exigia. A última delas foi na disputa para o Governo da Bahia. Antonio Carlos me chamou e disse: “O Luís Eduardo precisa se decidir; eu não tenho mais tempo e não vou mais esperar”. Falava de maneira irritada. Até que um dia eu procurei o Luís Eduardo e marcamos um almoço. Vejam só: eu marcar um almoço do pai com o filho para tratar de

um assunto – eu como piauiense – que não era meu, para quebrar o gelo. E nenhum começava o assunto. Terminado o almoço, D. Arlete, eu vi que minha presença incomodava, então disse: “Eu tenho que ir para a Câmara” – eu era 1º Vice-Presidente na época –, “vou deixá-los”. E fui levantando para não haver sequer o apelo da permanência. Meia hora depois, recebo no gabinete Luís Eduardo candidato a Governador da Bahia, com o coração dividido, fascinado com o sucesso justo e merecido que exercia na política nacional. E eu lhe fiz uma indagação definitiva: “Você já pensou que, em sendo Senador, vai ter que conviver com seu pai? Pensou na dificuldade de dois temperamentos difíceis nessa convivência? E os amigos? E o grupo de amigos?” Fiz umas duas ou três ponderações, e ele me disse que ia consultar alguns amigos sobre a decisão. Eu não quero citá-los para não cometer nenhuma injustiça.

Mas o Antonio Carlos que a gente conhece é o dos pequenos detalhes, Sr. Presidente – para terminar –, e dos admiradores, que não lhe deixam nem agora. Eu vejo ali o Cegonha... Que o carregou... Pelo Brasil afora... Sempre na busca de construir a Bahia. Não levantou um minuto. Eu vejo a Marlene – entra e sai –, eu vejo seus amigos. Eu trouxe, para fazer a leitura – que não vou fazer –, uma das coisas mais fantásticas que este Plenário ouviu recentemente: um discurso de improviso de Ronaldo Cunha Lima na morte de Luís Eduardo.

Vou tentar fazer a leitura:

Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, eu vi, os meus olhos viram os seus olhos chorando. Eu vi, a minha alma viu a sua alma em prantos. Eu vi, meu coração viu o seu coração em pedaços. Para usar a expressão augustiana, todos nós vimos a sua dor chorando. O pai diante do filho morto, e nós a nos interrogar quem havia morrido mais: o filho de olhos fechados ou o pai com o coração com chagas abertas. Eu vi, todos nós vimos o Brasil diante de uma esperança morta. Nós vimos, todos nós vimos como que o futuro sendo interrompido. Nós vimos e participamos dessa dor, e é por isso que a ela me associo, no testemunho de solidariedade ao pai, no preito de saudade ao filho, porque se, de um lado, o Brasil inteiro lamenta a morte de um Líder; de outro, esse Líder é filho de um homem que parece, nesse instante, também com o coração partido, com a alma em prantos, chorar a sua dor.

Hoje os dois não choram, mas o Brasil os reverencia. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Registro a presença do Senador Hélio Costa, Ministro da Comunicações.

É uma honra a presença de V. Ex^a nesta sessão especial, Ministro Hélio Costa.

Concedo a palavra ao Senador Francisco Dornelles.

O SR. FRANCISCO DORNELLES (Bloco/PP – RJ. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Exm^o Sr. Presidente Renan Calheiros, Dona Arlete, Sr^a Teresa Helena, meu caro Senador Antonio Carlos Júnior, meu caro ACM Neto, Sr^{as} e Srs. Senadores, a quem cumprimento na pessoa do meu sempre querido Presidente José Sarney, senhoras e senhores, quando desaparece uma pessoa do nosso convívio, a primeira coisa que sentimos é o vazio da sua ausência. Uma cadeira vazia, ou ocupada por outra pessoa, a expectativa frustrada de ouvir sua voz quando de uma conversa ou, no caso de um Parlamentar, de um debate político marcado pela controvérsia de posições. Nesses primeiros momentos em que sempre experimentamos a sensação paradoxal da surpresa diante do inevitável, ainda não somos capazes de voltar nossa atenção para aquilo que, de fato, tanto importa: não o seu desaparecimento, mas a obra que deixou.

Quando é de um gigante que se trata, quer seja da área cultural, quer da política, a morte fecha um ciclo que confere à figura sua verdadeira dimensão histórica, permitindo-nos, e até nos obrigando, a um balanço mais equilibrado de sua trajetória e de sua significação.

Antonio Carlos Magalhães foi um desses gigantes – isso, nem seus maiores opositores são capazes de negar. Viveu para a política por mais de meio século, desde sua primeira candidatura a Deputado Estadual, em 1954, até 2007, quando deixa esta Casa, marcada por sua atividade, para integrar a História.

É possível discorrer longamente sobre sua carreira de administrador, desde a Prefeitura de Salvador, a partir de 1967, e dos períodos em que governou o Estado da Bahia. Sobre sua carreira parlamentar de Deputado Estadual, Deputado Federal e Senador podemos todos falar, e temos uma rica biografia para dela tomar conhecimento.

Mas todos esses fatos estão nas biografias oficiais, que podem ser compulsadas por qualquer pessoa interessada nos pormenores da História recente, que irá encontrando seus intérpretes com a passagem do tempo. Gostaria, entretanto, de destacar as impressões que me ficaram do convívio, tanto no tempo do Ministério do Presidente Sarney quanto nesses últimos meses, em que estivemos juntos nas atividades de Senador.

Pois bem: em todo esse tempo, sempre percebi em Antonio Carlos Magalhães um sentido agudo de interesse nacional e do bem maior para seu Estado

da Bahia. O Senador Afonso Arinos dizia, com muita propriedade, que o regionalismo é a forma mais pura de patriotismo.

Aquele que não ama o seu Município, aquele que não ama o seu Estado não consegue ter o sentimento nacional. O amor de ACM pela Bahia é, pois, o marco do sentimento nacional desse grande brasileiro.

Os números confirmam: com Antonio Carlos Magalhães, nesse meio século, a Bahia ficou mais rica. E não foi para menos: em seu estilo de governar, ele sempre soube se cercar de quadros técnicos da maior qualidade, que reestruturaram a administração do Estado no sentido da racionalidade e da modernidade.

Acredito, entretanto, que o depoimento de quem conviveu com um gigante como Antonio Carlos precisa incluir uma nota pessoal que contribua para uma medida humana daquele que tende a se tornar um mito. E aí quero mencionar o sentimento de família de Antonio Carlos, muito profundo, que vi exteriorizado na presença competente de seu filho Antonio Carlos Magalhães Júnior, na sua suplência como Senador – e que agora vai mais uma vez honrar o Senado Federal; na tristeza do pai pela perda do seu querido Luís Eduardo; e no orgulho por ver o neto, com seu nome, preparado para enfrentar os novos desafios da política nacional.

Duas características que também sempre notei em Antonio Carlos foi a sua coragem e a sua capacidade de dar dimensão e grandeza em todos os cargos ocupou.

Lembro-me, Presidente Sarney, do primeiro grande comício, em Goiânia, da campanha de Tancredo e Sarney.

O Presidente Tancredo, sempre com grande cuidado, temia que a reação das pessoas presentes ao comício fossem hostis ao Senador Antonio Carlos. De uma maneira indireta, fez a ele chegar que talvez não fosse conveniente a sua presença no comício de Goiânia.

Ele disse: “Faço questão de ir ao comício de Goiânia e de ser o primeiro orador”. E lá foi. Foi um comício tumultuado. O Presidente Sarney lembra-se da grande quantidade de soldados que foram para lá com a camisa do PCdoB e a bandeira vermelha para tumultuar o ambiente. E ele foi o primeiro orador. Falou com tal veemência, com tanta coragem, que foi o orador mais aplaudido do comício de Goiânia.

Quero demonstrar também a capacidade que ele tinha de dar dimensão e grandeza aos cargos que ocupava. Ele participou da campanha Tancredo-Sarney sempre na condição de dissidente do PDS. Era importante demonstrar que a candidatura Tancredo-Sarney tinha o apoio do PMDB, do PFL e também de uma dissidência do PDS.

E, como sempre ocorre na montagem de todos os Ministérios, ACM achava que talvez fosse convidado para ocupar o Ministério dos Transportes ou o Ministério

do Interior. Em determinado momento, foi ele informado de que ocuparia o Ministério das Comunicações e disse: “Mas isso é uma aposentadoria”. Ficou decepcionado. A primeira reação foi de depressão: “O que vou fazer nesse Ministério? Eu nunca ouvi falar nesse Ministério das Comunicações”. Quarenta e oito horas depois, ele dizia ao Presidente Tancredo Neves: “Aceito o Ministério das Comunicações, e esse Ministério será o mais importante do Governo de V. Ex^ª”.

Tancredo não governou. Governou o nosso grande Presidente Sarney. E realmente o Ministério das Comunicações passou, a partir daquele momento, a ser um dos grandes Ministérios da administração pública brasileira.

Sr. Presidente, Antonio Carlos Magalhães marcou sua vida política neste meio século. Sua atuação suscitou polémica, como ocorre aos que se movem pela paixão. Mas toda análise desapassionada, a partir de agora, terá de reconhecer a melhor parte de seu legado: uma Bahia economicamente mais desenvolvida e com maior peso político no quadro da Federação. Não se trata de obra pequena para um homem. Trata-se, ao contrário, de uma grande obra, que apenas um grande homem como Antonio Carlos Magalhães poderia realizar!

Muito obrigado, Sr. Presidente. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Agradeço a V. Ex^ª.

Tenho a honra de conceder a palavra ao eminente Senador Sérgio Guerra.

Com a palavra V. Ex^ª.

O SR. EDUARDO SUPLICY (Bloco/PT – SP) – Pela ordem, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Pela ordem, concedo a palavra a V. Ex^ª, com a aquiescência do Senador Sérgio Guerra.

O SR. EDUARDO SUPLICY (Bloco/PT – SP. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Recebi uma informação há pouco da Dr^ª Valéria Guimarães sobre o episódio que relatei. Refiro-me à minha preocupação com respeito à expressão de sorriso, de risada que tinha ocorrido quando ele presidia a CCJ, por ocasião daquela apresentação que fiz. E ela me informou que acompanhava o estado do coração do Senador diariamente e que, por diversos dias, estava muito preocupada, porque não estava bombeando adequadamente e que, naquele dia, e muito possivelmente por ter sorrido tanto, o coração dele estava ótimo.

Portanto, fico mais tranquilo porque a minha apresentação não causou mal ao coração do Senador Antonio Carlos Magalhães.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Senador Sérgio Guerra.

O SR. SÉRGIO GUERRA (PSDB – PE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr.

Presidente, Senador Renan Calheiros, Sr^ª Arlete Magalhães, viúva do Senador Antonio Carlos Magalhães; Sr^ª Teresa Helena Magalhães; Deputado Federal Antonio Carlos Magalhães Neto; Senador Antonio Carlos Júnior; Sr^ªs e Srs. Senadores, minhas senhoras e meus senhores, vou dizer algumas breves palavras sobre a figura do Senador Antonio Carlos.

É impossível dizer agora o que já não foi dito antes ao longo de sua vida e neste dia de hoje. Apenas uma manifestação pessoal que me senti na obrigação de fazer, porque fui amigo de Luís Eduardo e tive a simpatia, a cordialidade e, diria até, a amizade do Senador Antonio Carlos. Gosto muito do neto dele, um dos melhores políticos brasileiros de sua geração.

Eu gostava de alguns aspectos da personalidade do Senador Antonio Carlos Magalhães que, usualmente, não são consideradas como virtudes ou até mesmo elogiadas. Gostava muito de quando ele ficava bravo, de quando ele se irritava e de quando ele dizia o que tinha na cabeça.

Penso que há uma imensa necessidade, neste Brasil de hoje, especialmente para nós da área política, de falarmos a verdade e falarmos verdadeiramente o que pensamos. Não o que pensa o vento fácil da opinião pública, mas o que pensa a consciência de cada um de nós.

O Senador Antonio Carlos não tinha medo de dizer o que pensava. E dizia mesmo. Muitas vezes, injusto; muitas vezes, precipitado, mas sempre honesto, honesto com ele mesmo. E essa honestidade a que me refiro, essa capacidade de dizer o pensamento verdadeiro que se tem, falta ao Brasil de hoje de maneira total.

A convicção que a população tem é a de que poucos falam a verdade. Palavras de políticos vão com o vento. São afirmações fáceis, feitas a qualquer propósito e a qualquer pretexto. O elogio pelo elogio, a crítica pela crítica, nada que tenha coração. E a crítica do Senador Antonio Carlos tinha coração, e o seu elogio também. Esse é um ponto.

O segundo ponto são comentários sobre ter sido o Senador Antonio Carlos, em sua vida pública, contraditório. Eu gosto disso. Prefiro muito mais a contradição dos que pensam, dos que são livres, à coerência elementar dos que são oportunistas, que se dobram ao primeiro governante da esquina, à primeira moda, à primeira tentativa do aplauso. Isso não ajuda o Brasil a melhorar. Ajuda o Brasil a melhorar quem diz o que pensa, nem que, para isso, tenha de ser necessariamente contraditório. Natural que seja contraditório. Somos um País complexo, cheio de contradições. Impossível ser aqui linear, impossível ser aqui absolutamente reto, porque não dá para sê-lo. O Brasil não foi formado assim. Somos um País contraditório que se criou por um processo histórico que nos permite avaliar vários países em um só e várias realidades em uma só. A

síntese disso tudo é o brasileiro legítimo, aquele que pensa livremente e que é capaz de ser contraditório, mas essencialmente brasileiro.

O Senador Antonio Carlos Magalhães foi um grande brasileiro. Mais ainda: acho que ele morreu no pior momento para o Brasil. Nunca estivemos tão complicados, nunca valemos tão pouco como valemos agora, nunca se prestou tão pouca atenção à palavra nossa. Agora, na palavra do Senador Antonio Carlos Magalhães, todos prestavam atenção, contraditória ou não, agressiva ou não, conciliadora ou combativa. Era a palavra sincera de um homem público que tinha um enorme espírito público e que se preocupava com o seu País e, mais do que isso, preocupava-se com sua terra e com seu chão.

Disse-me o Senador Tasso Jereissati que, ao visitá-lo nos últimos dias, ele pediu que, tantas vezes quanto fosse possível dizer, falassem do seu amor à Bahia.

Poucos políticos brasileiros fizeram pelo seu Estado o que o Senador Antonio Carlos fez pelo dele. E fez muito bem. De uma maneira especial, no Nordeste, nas áreas mais pobres do Brasil, líderes políticos têm que dar prioridade aos problemas do seu Estado; questões gerais e questões particulares que resolvem as condições objetivas da população. O Senador Antonio Carlos fez isso, com determinação, coragem, de forma incisiva.

Não gosto desse deserto de homens. Não é por que eu tenha na minha família uma formação udenista, como o Senador Antonio Carlos foi da UDN, mas por acreditar nisso, que o Brasil precisa mudar, que não dá para continuar desse jeito, nessa mesmice. E faz uma enorme falta neste Senado a palavra insubordinada, afirmativa, justa ou injusta do Senador Antonio Carlos Magalhães.

Somos muito mais pobres hoje do que fomos ontem, com a presença dele entre nós. Vamos honrar o que ele fez pelo Brasil e pelo Senado. Ao neto eu diria: seja como foi o seu avô, um grande brasileiro. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Agradeço a V. Ex^a.

O SR. RENATO CASAGRANDE (Bloco/PSB – ES) – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – V. Ex^a tem a palavra pela ordem.

O SR. RENATO CASAGRANDE (Bloco/PSB – ES. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, cheguei atrasado à sessão e não quis me inscrever, porque sei que já estão todos muito cansados. Se V. Ex^a puder me conceder 30 segundos, eu gostaria muito.

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – O próximo orador inscrito é o Senador Mão Santa.

Concederei, em seguida, a palavra a V. Ex^a.

O SR. RENATO CASAGRANDE (Bloco/PSB – ES) – Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Com a palavra o Senador Mão Santa.

O SR. MÃO SANTA (PMDB – PI. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, permita-me saudar a Dona Arlete. Tantas são as autoridades, os Membros que compõem a Mesa, as Lideranças.

Presidente Sarney, li o livro *A Arte de Viver*, de André Maurois, que retrata a arte de pensar, de trabalhar, de comandar, de amar e de envelhecer. Sobre a arte de amar, Dona Arlete, André Maurois dizia: “O homem nasceu para a guerra, e a mulher, para o repouso do guerreiro”.

Presidente Sarney, permita-me saudá-lo. V. Ex^a tem muitos títulos, mas, usando as palavras do Rei Roberto Carlos, V. Ex^a foi o “irmão camarada” de Antonio Carlos Magalhães.

Depois de tantas vozes, é difícil. Estamos reunidos há quase seis horas, que equivalem a quatro partidas de futebol, sem cera, sem intervalo. E todo mundo está aqui querendo render homenagens a Antonio Carlos Magalhães.

Presidente Renan, ouça a voz das ruas. Não há rua, mas vou dizer aqui a voz do Plenário. Perguntei ao Zezinho, que representa o povo que chora Antonio Carlos Magalhães, o que eu deveria dizer. Aí, o Zezinho me disse: “Diga que ele foi um grande guerreiro”. Daí a homenagem ao grande guerreiro e à Dona Arlete, que deu repouso ao guerreiro, para ele poder pelear, lutar e vencer. Foi imbatível, foi vencedor.

E diria o seguinte: conheci os dois lados. Ele foi ao Piauí e me combateu duro. Duro! E eu também. Mas eu quero dizer aqui, não podia deixar de dizer, que ele era um homem justo. Aí eu ganhei as eleições, contra o PFL. E havia o Prodetur, aqueles que governavam, na época, viam as dificuldades; só se podia tirar um empréstimo se a receita fosse na proporção de dois para um do endividamento. Alagoas tinha naufragado, não tinha conseguido, e eu consegui, com austeridade, com dificuldade. Nos últimos dias, veio para cá. Presidente Sarney, eu disse: agora, estou lascado. Que nada! O homem fez andar, apressar, e liberou tudo. Eu pensava: ele sobretudo foi esse homem justo. Ele combatia o bom combate.

E depois travamos essa grande amizade.

Esse negócio aí de ética, quiseram... Quem liderou o PMDB a apoiar Antonio Carlos Magalhães fomos nós. Aprendi com ele que aquilo era injustiça, desrespeito à Bahia e aos baianos que o consagraram Senador. E era um vencedor, um imbatível. Ele não poderia tombar no Conselho de Ética. Fomos nós que lideramos o PMDB naquele instante, Renan. V. Ex^a e o Presidente Sarney sabem disso.

E queria, então, dizer que nós o conhecemos aqui e, bem aqui, foi meu último encontro com ele. Ele, sentado na cadeira de José Agripino, e eu ali. Sou médico há 40 anos e exerci mesmo essa profissão. E eu senti, senti e fiquei até perplexo de ver: eu sendo duro com ele, para que cuidasse da saúde, porque eu tinha 40 anos de Medicina, e sabia que ele era médico, mas sabia também que ele tinha abraçado a política logo nos primeiros anos. Eu vivi a Medicina por 40 anos. E me mostrei preocupado.

Vi, Sarney, aquele guerreiro, os sonhos, o ideal de luta, vi que aquele homem não ia parar. E aponte para ali e disse: “Ô Antonio Carlos, se cuide! Você não podia nem subir essas escadas!”. Cardíaco.

Depois, no outro dia, ele tombava, caía, e eu quis visitá-lo. Mas ninguém ia detê-lo. Ele era esse homem que deixou os exemplos, mas as obras estão aí. Eu abria o livro de Deus em que Tiago dizia assim, Sarney: “A fé sem obra já nasce morta”. A fé daquele homem era com obras em Salvador, na Bahia e no Brasil. Tiago garante então que ele está no céu. Ninguém teve uma fé tão grande com obras, e nós reconhecemos isso.

E entre muitas e muitas aqui está uma delas: *Grandes Momentos do Parlamento Brasileiro*. São dois volumes. Comentamos muito essa obra. Outro dia, eu dizia a ele que gostava do discurso de Affonso Arinos. Ele me disse: “Mão Santa, leia o do Padre Gondim sobre Kennedy”. Então, pensei o que se tinha que pensar: eu tinha que vir aqui em nome do Piauí, que já foi tão bem representado pelo Senador Heráclito Fortes, irmão camarada do Luís Eduardo. O Maranhão e o Piauí têm um irmão camarada, Antonio Carlos Magalhães.

E se ele fez isso com muito carinho, dois livros e tem discos, *Grandes Momentos do Parlamento Brasileiro*, eu disse: ele escolheu os discursos de que mais gostou. Não vou cansá-los, mas vou indicar que os leiam. Aprender! Lembro-me de quando Ulysses disse que, perdendo-se a coragem, perdem-se todas as virtudes. Ô homem de coragem! Ele escolheu, e vou ler só um tópico. Na entrada, foi no dia 15/3/95: “Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, vou dividir o meu pronunciamento em duas partes: a primeira, um assunto de muita importância para a economia baiana, a cacauicultura, no meu Estado. A segunda, a crise dos Três Poderes da República, principalmente do Judiciário”.

E se ele fez isso com tanto carinho, dois livros e tem discos, *Grandes Momentos do Parlamento Brasileiro*, eu disse: ele escolheu os discursos de que mais gostou. Não vou cansá-los, mas vou indicar que os leiam. Aprender! Lembro-me de quando Ulysses disse que, perdendo-se a coragem, perdem-se todas as virtudes. Ô homem de coragem! Ele escolheu, e vou ler só um tópico. Na entrada, foi no dia 15/3/95: “Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, vou dividir o meu

pronunciamento em duas partes: a primeira, um assunto de muita importância para a economia baiana, a cacauicultura, no meu Estado. A segunda, a crise dos Três Poderes da República, principalmente do Judiciário”.

Não vou ler. Tião Viana rememorou a coragem dele. Não vou cansá-los. Winston Churchill fez oito mil discursos; do Senador José Sarney, ainda não contei, mas do Antonio Carlos Magalhães vamos contar, Senador Renan. Mas um que é atual. Ô Luiz Inácio, grave esta – você não gosta de ler, mas só este pedaço: Mitterrand, no fim de sua vida, estava moribundo de câncer, pediu a um amigo intelectual, prêmio Nobel, que o ajudasse, e disse: “A mensagem para todos os governantes é fortalecer os contrapoderes”. Mitterrand.

Antonio Carlos, o Estadista, o santo que teve fé com obras: “Penso que a principal praga de qualquer governo, seja no âmbito federal, estadual ou municipal, é a corrupção. O Governo que não for corrupto está fadado a ter êxito. Quem tem experiência administrativa sabe que se administra bem o Estado, o Município ou a União quando existe moralidade administrativa. Os recursos aparecem, e se pode realizar”.

Mas Rui Barbosa, que ele colocou ali, é completo, foi esquecido e vim completar. Antonio Carlos Magalhães chegou à Presidência da República, de 15 a 22 de maio de 1998, ele exerceu e deu ensinamento. Nesse breve período de 15 de maio a 22 de maio, aprovou um empréstimo de US\$198 milhões para o Nordeste.

O Senador Garibaldi Alves já disse que quebrou o protocolo, e quem vai quebrá-lo agora sou eu. Eunício, estudei no seu Ceará. Juscelino, que foi citado, Sarney, eu o vi encantado, médico-cirurgião, como eu, da Santa Casa. Renan, ele, no fim de sua administração, visitou Fortaleza e eu o acompanhei. Lá no abrigo. Eunício, havia um abrigo perto da Assembléia. Então, vi aquela saudação do homem do Nordeste, da gratidão do povo. Um vaqueiro de chapéu não pôde se aproximar de Juscelino, que tomava um café no Pedão da Bananada, torcedor do Ceará. Ali, o homem; eu também, estudante, já atraído por Juscelino. Ele não se controlou e disse: “Ô Presidente pai-d’égua!”

E digo aqui, com o mesmo fervor de homem do Nordeste: Ô baiano pai-d’égua! E queria dizer que temos um dever. Vimos a luta e, no final, ele morreu. Senador José Sarney, vamos sair dizendo por aí que Antonio Carlos morreu, como nasceu e viveu, orgulhoso de ser baiano, baiano, baiano!

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Antes de conceder a palavra ao Senador Antonio Carlos Valadares, eu queria dar a palavra, como foi solicitado, por 30 segundos, ao Senador Renato Casagrande.

O SR. RENATO CASAGRANDE (Bloco/PSB – ES) – Sr. Presidente, D. Arlete, Senador Antonio Carlos Júnior, Deputado Antonio Carlos Magalhães Neto, Teresa, Helena, filhas do saudoso Antonio Carlos Magalhães,

De fato muito rápido, Sr. Presidente. Esta é uma sessão histórica e como Líder do meu Partido, Partido Socialista Brasileiro (PSB), quero deixar o registro fazendo a minha homenagem ao eterno Senador Antonio Carlos Magalhães e fazendo a minha homenagem à família aqui presente.

Não convivi com o Senador, não tive relação mais próxima com ele; assumi o Senado aqui e convivi mais com o ACM Neto como Deputado Federal na última legislatura do que com o Senador. Militei em campo oposto a ele quando comecei a militar politicamente, mas, naturalmente, sei reconhecer o valor das lideranças que participaram e fizeram história neste País. Antonio Carlos Magalhães fez história neste País. Enquanto viveu, viveu com intensidade, viveu participando integralmente de todos os eventos políticos e fatos políticos. Tudo de importante neste País teve a sua presença de homem público.

Então fica aqui o meu reconhecimento e o do meu Partido e as minhas homenagens a esse trabalho prestado por ele no País. E a minha solidariedade à família aqui presente. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Agradeço a V. Ex^a.

Concedo a palavra ao Senador Antonio Carlos Valadares.

O SR. ANTONIO CARLOS VALADARES (Bloco/PSB – SE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Renan Calheiros; Sr. Senador Antonio Carlos Júnior; Dona Arlete Magalhães; Dona Tereza Magalhães; Sr^{as} Senadoras, Srs. Senadores; meus senhores e minhas senhoras, procurarei fazer da mesma forma como fez em vida o Senador Antonio Carlos Magalhães: serei breve e ágil na ação.

O exemplo que ele deixou para os pósteros foi um exemplo de força, coragem e destemor para decidir nas horas mais graves e difíceis. Nenhuma nação pode se desenvolver, alcançar resultados, alcançar sua própria grandeza, sem a atuação marcante dos seus líderes. A presença, na política brasileira, do Senador Antonio Carlos Magalhães certamente contribuiu, de forma positiva, para a formação de novas gerações no Brasil.

A sua coragem em fazer a chamada CPI do Judiciário... Quem poderia afrontar a Justiça, até então inatacável, impenetrável na sua ação? Antonio Carlos Magalhães moveu ações, articulou o Senado e conseguiu fazer a CPI do Judiciário, que, sem dúvida alguma, desembocou recentemente em uma reforma profunda do Judiciário, inclusive com a criação do Conselho Nacional de Justiça, inspirando-se também na atua-

ção sempre valorosa do Ministro Nelson Jobim, com quem o Senador Antonio Carlos Magalhães mantinha as melhores relações.

Foi por meio da ação positiva de Antonio Carlos Magalhães que o Senado Federal – fato a que já se referiram vários oradores – conseguiu aprovar, também com o apoio da Câmara dos Deputados, o Fundo de Combate e Erradicação da Pobreza. Além disso, foi por meio da ação do Senador Antonio Carlos Magalhães que muito da nossa legislação foi alterada no que se refere à segurança pública. Conter a violência nas grandes cidades era a obsessão dele, bem como dar velocidade à aprovação, à tramitação de matérias importantes. De algumas delas eu tive a honra de ser o Relator por ele designado. Cito, como exemplo, o combate à lavagem de dinheiro, objeto de um projeto de autoria do Senador Pedro Simon, que foi aprovado no Senado Federal.

Finalmente, Sr. Presidente, para não me alongar mais, como sergipano, eu gostaria de agradecer, de forma emocionada, a obra magistral, com repercussões econômicas para a economia de Sergipe, da Bahia e, como de resto, para o Nordeste do nosso País, que foi a construção da Linha Verde, que teve, sem dúvida, a participação expressiva e efetiva do Governo de Antonio Carlos Magalhães, aproximando os dois Estados – Sergipe era um pedaço da Bahia – e contribuindo decisivamente para o incremento do turismo, gerando emprego e renda. Por essa razão, o Senador Antonio Carlos Magalhães tornou-se, com todo merecimento, cidadão honorário do Estado de Sergipe.

Sr. Presidente, parecendo até um ato de despedida, um gesto de despedida, estive, nas últimas semanas antes do seu desaparecimento, no Incor. Lá encontrei familiares e fui recebido pelo Senador Antonio Carlos Magalhães, ao lado do Deputado Federal ACM Neto.

Seu corpo, naturalmente, agredido pela doença que o corroía, não estava respondendo à sua mente, que estava lúcida, inteiramente voltada para as preocupações com a realidade do Brasil e manifestando seu interesse em sua participação, em que pudesse reintegrar novamente o Senado, continuar trabalhando na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania e dar seu contributo para o desenvolvimento do nosso País.

Sua fisionomia era a de um homem que expressava ternura, que expressava alegria, que expressava tolerância e harmonia com o desenvolvimento do nosso País. Pena que seu desejo de voltar ao Senado não foi realizado, mas espero que seu exemplo de trabalho, seu padrão de eficiência e de coragem sejam seguidos por aqueles que aqui ficaram. Não tenho a menor dúvida de que seu sucessor, Antonio Carlos Magalhães Júnior, pela sua personalidade, pela forma discreta como age, haverá de, a seu

modo, procurar preencher o vazio que aqui deixou Antonio Carlos Magalhães, que recebe as homenagens de um Senador de Sergipe, que muito lhe é agradecido pelo que fez pelo Brasil, pela Bahia e pelo meu Estado, pequenino, mas grato, o Estado de Sergipe. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Tenho a honra de conceder a palavra ao Senador Magno Malta.

O SR. MAGNO MALTA (Bloco/PR – ES. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, gostaria de saudar a Mesa e a família – não vou ler isto aqui não – do Senador Antonio Carlos, neste momento ímpar da História, que não se repetirá.

Sr. Presidente, V. Ex^a tem o privilégio de presidir – gostaríamos todos que ele aqui estivesse – uma sessão solene em homenagem a uma pessoa muito querida de todos nós.

Microfone nunca me assustou desde a minha infância, nunca me pôs nervoso e nunca fez palpitar o meu coração, dando-me taquicardia. Esta é a primeira vez que assomo à tribuna e a minha mão treme – pela primeira vez na minha vida.

Eu dizia ao Senador César Borges que sou o único aqui que teria de falar, porque, quando “nasci os dentes”, mamãe já votava nele. Quando eu “nasci os dentes”, Senador Sarney, ele já era ACM.

Tive dois momentos significativos na minha vida. Um deles foi quando eu fiz o meu primeiro discurso aqui como Senador da República. Sou filho de uma faxineira do interior da Bahia de ACM, que sempre acreditou nele. No dia em que vim a esta tribuna pela primeira vez e vi ACM sentado ali... Eu, filho de Dadá, faxineira. Acompanhei minha mãe nas ruas com as bandeiras de ACM, menino. E tive o privilégio de ser criado por um Estado que não é meu, e que me acolheu, Senador Renato Casagrande, como filho seu. Fui ser Senador pelo Estado do Espírito Santo, Estado que tenho muito orgulho de representar.

Eu nunca tremi fazendo discurso, nunca tive medo de microfone. Eu cheguei a esta tribuna pela primeira vez e comecei o meu discurso contando uma história que ACM me contou. Olha que coisa! Eu cresci vendo minha mãe votar nele, depois eu já era colega dele. E fiz o meu primeiro discurso nesta Casa contando uma história que ele me contou.

Quando eu tinha 13 anos de idade, Senador Renan Calheiros, a minha mãe recebeu uma profecia na igreja – eu nunca tive livro, nunca tivemos casa – de que eu seria Senador da República. Elegi-me Deputado Federal e vi um homem chamado Moroni Torgan recolhendo assinaturas para uma CPI de Narcotráfico. Como recupero drogados há tantos anos da minha vida, vi aquilo como a realização de um sonho voltado para políticas públicas no Brasil. Quinhentos e treze.

Eu desconhecido. Estado pequeno. Fui ajudar esse rapaz a colher assinaturas, mas não consegui vaga na tal CPI. Comecei a bater à porta dos Líderes, por orientação do próprio Moroni. Pedi uma vaga para o Aécio Neves, então Líder do PSDB, que me disse: “Não posso. Todo o mundo quer participar”. Pedi ao Geddel, então Líder do PMDB, que me disse: “Não posso”. Pedi ao Inocêncio, que me disse: “Não tem como. Todo o mundo quer participar”.

Eu estava num hotel, o Kubitschek Plaza, onde morava, orando à noite. Li minha Bíblia e saí de lá com o desejo no coração de procurar o Senador ACM, então Presidente desta Casa, Presidente do Congresso Nacional. Ele marcou comigo às quatro horas da tarde, e eu fiquei ali esperando. Ele me atendeu às nove horas da noite, em pé e mandando-me falar rápido. Eu disse: “Ó Senador, eu sou de Itapetinga. Eu sou da Bahia também”. Ele me perguntou: “E qual é a diferença?” Eu lhe disse: “Minha mãe sempre votou no senhor”. Ele replicou: “Mas, naquele seu Município, eu quase nunca ganhei”. Refutei: “Mas isso não invalida o voto da minha mãe”. Perguntou-me: “É de Itapetinga você?” Respondi: “Sim, senhor”. Ele me disse: “Então, vou-lhe contar uma história de Itapetinga que você não sabe”.

Os Deputados estavam em volta dele, não sei se o Paulo se lembra de que estava lá com ele – o Paulo Magalhães ali. Aliás, acho que vocês todos tinham que falar hoje – você, ACM Neto. Esse negócio de burocracia em sessão solene não existe. Quando vou à Câmara em sessão solene e é alguma coisa do meu Estado, fico ali sentado e, quando alguém termina de falar, eu vou ao microfone e digo: “Ó Sr. Presidente, se eu pudesse falar, eu ia falar; como aqui não pode, é vedado, Senador não fala, quero abraçar as pessoas homenageadas”. E eu me sento de novo.

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – O Senador ACM Júnior vai falar. Há pouco perguntei se o Senador, se o Deputado ACM Neto gostaria de falar.

O SR. MAGNO MALTA (Bloco/PR – ES) – O senhor está profetizando que ele vai ser Senador?

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Senador é o pai.

O SR. MAGNO MALTA (Bloco/PR – ES) – É o caminho natural.

E ele passou a me contar uma história: “Pergunte a sua mãe que ela vai lhe contar; você é muito novo e não sabe da história. Uma vez, quase ganhei a eleição no seu Município. Minha Arena forte. Apareceu uma miséria de um menino de 13 anos de idade. Colocaram esse menino no palanque do adversário, e esse menino virou a eleição. Chegou de tal forma que não podia fazer dois comícios no mesmo dia. Eles entregavam tudo o que estava acontecendo para o menino,

e o menino falava tudo de noite. O menino ganhou a eleição para um tal advogado e fiquei impressionado com a mente dele: Evandro Andrade”.

E perguntou: “Mas o que você quer mesmo?” Respondi: “Eu queria entrar na CPI do Narcotráfico, queria uma vaga. O senhor arrume para mim? Peça a Inocêncio, porque ele não quer me colocar”. Ele disse: “Eu não posso fazer nada, não.”

Lá quem manda são eles. Eu só resolvo aqui”. Eu falei: “Então, tá bom. Obrigado pela educação do senhor. Mas eu quero dizer uma coisa ao senhor. Eu não posso perguntar isso para a minha mãe, porque ela já morreu, com 57 anos de idade. Mas eu quero dizer para o senhor que o menino sou eu”. Ele replicou: “Eu estava te reconhecendo. Você não falou num comício em Feira de Santana, em uma campanha de Deputado, do meu lado?” Respondi: “Falei”. Ele disse: “Você se lembra do que eu falei?” Eu disse: “Nunca me esqueci”. Ele: “O que eu falei aquele dia, quando você terminou?”. Eu: “O senhor me abraçou e me mandou ir em frente, porque o Brasil precisava de homens que tivessem a visão que eu tinha quando era menino.” E ele ficou me olhando e falou: “Eu vou falar com o Inocêncio. Eu vou te ajudar”.

E no outro dia realmente o Inocêncio me chamou e disse que ele havia pedido para me dar uma vaga, mas falou para mim que não podia dar. Aquele jeito do Inocêncio, com o dedo no rosto: “Que...que eu não posso...Que...que o Senador já... já falou...Mas que que eu não posso” e tal. Eu agradei. E fiquei feliz que o Senador falou.

No outro dia, por causa de CPI de Judiciário, Senador Valadares, eu li no jornal a briga. O Ministro Almir Pazzianoto, do Trabalho, enfrentando ele, porque ele estava batendo no TRT, de Lalau. Só que ele não agüentou a briga, pois era desigual mesmo. Era uma carreta contra um fusca. E ele tocou na memória de Luís Eduardo. Eu li aquilo e fiquei muito triste, porque eu lhe tinha admiração. Eu era Vereador em Cachoeiro do Itapemirim e ouvia falar do respeito que todo o Congresso Nacional tinha pelo Luís Eduardo.

Aliás, quero lembrar ao Senador Arthur Virgílio, que contou daquela última sessão dele, quando todos os Parlamentares o elogiaram, que o Parlamentar que o fez chorar foi o Deputado Fernando Gabeira. Ele havia se pronunciado em favor de Gabeira contra uma negativa dos Estados Unidos de deixá-lo naquele país. E Gabeira disse assim – eu me lembro muito bem: “Eu sempre ouvi dizer, e essa é a verdade da história, que o filho sempre se parece com o pai, mas eu passei a admirar o senhor, porque, a cada dia que passa, o senhor está ficando cada vez mais parecido com seu filho”. E ele começou a chorar. Essa foi a passagem que o Senador Arthur Virgílio contou, sem se lembrar de quem era o Parlamentar.

Eu tinha tanta admiração pelo Luís Eduardo, sem conhecê-lo, que, ao abrir aquele jornal, fui pedir ao Líder do meu Partido que me desse dez minutos do Partido para que eu pudesse defender a memória de Luís Eduardo. Eu estava ofendido! Acho que não se toca nem em filho vivo quanto mais em filho morto! Eu não tinha ligação nenhuma com a família, eu não conhecia Luís Eduardo. Eu só sabia que ele tinha unanimidade de relacionamento no Congresso Nacional. O Líder do Partido me falou: “Rapaz, você somente tem seis meses que está aqui. Quer falar todo dia?” Eu disse a ele sobre o que eu iria falar. Ele me disse: “Não, quem vai falar sou eu. Dudu era meu amigo. Está aqui o meu discurso”. Ele o chamava de Dudu. Eu falei: “Que pena. Você defender a memória dele é feio – não é tão feio, mas mais bonito sou eu, que nem o conhecia. Você, não. Era amigo. Eu nem o conhecia. Deixe-me defendê-lo”.

Lembro-me, Senador César Borges, de que era uma quarta-feira, plenário cheio, e eu fiz um discurso defendendo a memória de Luís Eduardo. Vou até pedir para resgatar esse discurso na Câmara. Discurso de pai. Eu me assustei, porque, quando terminei o meu discurso, Senador Inácio Arruda, meu colega Deputado Federal – V. Ex^a se lembra – aparteado que fui pelos Deputados Federais, fui aplaudido de pé pela Câmara dos Deputados ao defender a memória de Luís Eduardo.

Quando eu descí da tribuna, o Deputado Inocêncio Oliveira se aproximou de mim e disse: “Que...que o PFL vai te dar uma vaga”. Perguntei: “Onde?” E ele: “Na CPI. E...e tem mais, a Presidência é...é do PFL e que... que você vai ser o Presidente”. Então Luís Eduardo me pôs na Presidência da CPI do Narcotráfico.

São dois momentos importantíssimos na minha vida. Meu primeiro discurso foi olhando para o ACM repetindo a minha história que ele contou para mim. Para que o Plenário pudesse entender o que eu estava contando, eu não contei a minha história. Eu disse: “Eu vou contar uma história que o Senador Antonio Carlos me contou.” Eu, filho da faxineira, filho de Dada, cheguei a esta Casa. E ele contou a história de um menino de 13 anos, de Itapetinga, nascido em Macarani.

E hoje, nesta sessão que lhe rende homenagens. É verdade que nós queríamos é tê-lo aqui. Não tão-somente a sua família mas também aqueles que o admiravam.

ACM era o Flamengo. Quem gosta gosta à vera. Quem não gostava, paciência! O Flamengo é assim. O Flamengo é grande maioria, e o Senador ACM conviveu com essa maioria. Quando ACM falava de pobre, falava, de fato, com o coração.

Foi embora ACM, mas o nome dele está escrito. Se em nada estivesse escrito, estaria escrito no Fundo de Combate à Pobreza. E essa relação dele, de forma tão contundente e significativa, com os pobres da Bahia, sem dúvida alguma, imagino que tenha sido a sua maior marca.

Em cada Estado, imagino que até naqueles em que não lhe rendiam homenagem nem admiração, já ouvi de muitas pessoas: “Gostaria de que houvesse, no meu Estado, um político como ACM, que tudo é a Bahia, tudo é a Bahia, absolutamente tudo é a Bahia”.

Senador Renan Calheiros, o Senador Arthur Virgílio, por exemplo, na tribuna, cresce num momento de emoção. Num momento de emoção, a mim fogem as palavras. Eu não sei realmente lidar com elas num momento tão emocional e tão significativo como este, que vou levar de forma tão afetiva no meu currículo, na minha vida, na minha história.

Há dois momentos significativos para mim: a minha posse e este momento do passamento do Senador Antonio Carlos.

No ano passado, sofri um ataque infernal contra a minha vida. Lembro-me de que, entrando na CCJ, ele não havia chegado, eu assinei e saía. Quando saía, ele vinha vindo. Pôs a mão debaixo do meu queixo, levantou a minha cabeça e falou: Levante a cabeça, porque se este País tem 10 homens honestos, você é um deles.

Depois de tudo o que ouvi no tempo em que estive no plenário e no tempo que estava no meu gabinete, assistindo pela televisão, de todos os que por esta tribuna passaram, com seus relatos mais significativos de amizades de 30, 40 e 50 anos, de amizades novas e velhas, cada um com uma história para contar, eu fico dizendo a mim mesmo: de todos os que falaram eu era o único que não podia faltar. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Vou conceder a palavra ao Senador Inácio Arruda. Em seguida, ao Senador Marcelo Crivella.

Com a palavra V. Ex^a, Senador.

O SR. INÁCIO ARRUDA (PCdoB – CE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Renan Calheiros, meu caro Senador Antonio Carlos Júnior, Sr^a Arlete, Sr^a Tereza Helena, ACM Neto, eu posso dizer que o PCdoB, ao homenagear o Senador Antonio Carlos Magalhães, o faz com a idéia de que sempre estivemos, ao longo de toda a trajetória de Antonio Carlos Magalhães, em campos opostos, como adversários políticos. Na Bahia e fora da Bahia.

Antonio Carlos era daqueles que devem ter lido muito o escritor russo Tolstói. Um gigante da literatura, professor. Ele, às vezes, dizia “sou um simples professor aqui na minha aldeia”. E é daqui da minha aldeia que se transforma em gigante, o gigante da política.

ACM iniciou-se ali pelas mãos de Juraci Magalhães, um cearense que não tinha grau de parentesco com Antonio Carlos Magalhães, mas em cujas mãos ele se inicia, digamos assim, na política, construindo exatamente a sua aldeia, cuidando dela e de sua força política, uma força política que o transportava para

o Brasil inteiro. Era o sentimento da sua casa, do seu bairro, da sua vila, da sua comunidade que o tornava forte, que lhe dava força, que lhe dava energia e que o transformava em um gigante da política nacional.

Creio que aqui esteja o centro da atividade de ACM, que criou uma corrente política no seu Estado. E não é fácil que as lideranças passem – embora alguns não queiram! –, sejam elas de centro, de direita ou de esquerda, a constituir uma corrente política de pensamento ali no seu torrão natal, transportando-a para o conjunto da nação, como fez Antonio Carlos Magalhães. Acho que esse é um sentimento forte.

Antonio Carlos, com sua intempestividade na ação política, sempre parecia que o fazia sem pensar. Mas ele pensava na política, era um homem da política 24 horas. Ele raciocinava com a política sempre. Basta acompanhar a sua atividade como Governador, como Parlamentar, como Senador da República, a sua participação no Ministério. Toda essa movimentação é um ato de natureza política de quem sempre raciocinava: Como é que vou melhorar o meu Estado? Como é que vou fortalecer o meu Estado? Como é que vou fortalecer o meu País? É na política. As coisas concretas eu vou buscar na política, vou materializá-las na política. Assim agiu Antonio Carlos a vida inteira, sempre.

Muitas vezes era duro, mas a dureza era a forma do embate político que se apresentava. Acho que sempre foi muito positiva a sua forma de enfrentar o problema da política.

Lembro alguns episódios que marcaram a sua trajetória política em nosso País. Um deles – uma boa parte das pessoas aqui ainda era muito jovem – foi a realização do Congresso da União Nacional dos Estudantes na Bahia, em Salvador. E todos ficavam imaginando, “mas vocês vão fazer na Bahia?” “É, vamos fazer na Bahia, porque tem lá uma corrente política conhecida, que é o carlismo. Então, vamos fazer na Bahia”. “Mas vocês estão querendo enfrentar uma fera?” Ao contrário, ACM mandou apoiar o Congresso da União Nacional dos Estudantes, que se realizou no Centro de Convenções, em Salvador. E foi um grande evento da história política do nosso País.

O segundo grande episódio – que é pensar com a política – é a batalha de 84, que começa com as Diretas Já e dá no rompimento político de ACM com o *status quo* de então da política brasileira, que era o regime militar. Então, ele examina o passo adiante. “Vamos dar um passo adiante no Brasil. Este regime não tem mais o que dar ao nosso País. É preciso dar um passo adiante”. E precisava de forças políticas que pudessem dar curso a esse sentimento que tomava conta do País. E ACM rompeu e se uniu a Tancredo, a Sarney, naquela grande frente que se formou, com apoio de algumas das forças políticas que hoje estão aqui, como o PCdoB.

O Senador carioca aqui entre nós, do Rio de Janeiro, parente-irmão de Tancredo, contou inclusive o episódio de que alguns militares foram mandados fardados de PCdoB. Em vez de irem com a farda de seu destacamento, foram fardados de PCdoB para o comício de Goiânia, porque lá estava o PCdoB, mas apoiando Tancredo, nessa grande frente que se formou no País.

São episódios para mostrar a compreensão do passo adiante do Brasil, que precisava ser dado. Ele examinou a realidade e disse: temos que dar esse passo; é um passo político importante para o nosso País. É importantíssimo para a Bahia e, em sendo importantíssimo para a Bahia, é importante para o Brasil. E assim enfrentou aquela realidade política do momento em nosso País.

Imagino que homenageá-lo é destacar esses episódios importantes que mostram a sua natureza. Ele era um homem da política, que sempre pensava e raciocinava com a política o tempo inteiro. Acho que era a sua natureza, sempre se agigantando com valentia, uma espécie de leão enfrentando os seus adversários, mas pensando na Bahia e no Brasil.

Há uma marca em parte desses homens, mesmo no campo conservador, mesmo na direita brasileira, mas que pensavam o Brasil, que pensavam o nosso País: precisamos conduzir o País no progresso, no desenvolvimento; este País precisa crescer para oferecer melhores condições de vida ao seu povo e para a sua economia poder se destacar efetivamente. São marcas que devemos registrar.

Os defeitos nós podemos dizer que todos sabem, mas é preciso contar esses episódios da História para ressaltar o seu papel de homem da política, que viveu esses últimos 30 anos da vida política brasileira com grande maestria.

Imagino dessa forma, meu caro Senador Renan Calheiros, a homenagem que V. Ex^a, conduzindo os trabalhos do Senado Federal, presta à família de Antonio Carlos Magalhães e à sua memória nesta Casa.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Agradeço a V. Ex^a.

Tenho a honra de conceder a palavra ao Senador Marcelo Crivella.

O SR. MARCELO CRIVELLA (Bloco/PRB – RJ. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, Sr^a Arlete, que nos abençoa com sua presença, Sr^a Teresa Helena Magalhães, Sr. Senador Antonio Carlos Magalhães Júnior, Sr. Deputado Antonio Carlos Magalhães Neto, eu gostaria de saudar a todos que até este momento prestam essa vigília cívica, um exemplo ao País e aos telespectadores que nos assistem de que ainda há sentimento e honra no Parlamento brasileiro.

Neste instante em que o Senado presta, reverente, o tributo da sua dor, eu não poderia deixar de, em meu nome próprio e em nome do meu Partido, falar algumas palavras, não sobre o homem, não sobre a vida social ou espiritual, mas sobre o estadista que aprendi a respeitar e a admirar na tribuna desta Casa.

Lembro que, assim que assumi meu mandato, chegando ao Senado Federal como um caminhante que chega à porta de um templo, deparei-me por assumir a vaga, como suplente, de Magno Malta – o titular que se afastou – numa Comissão de Ética que julgava Antonio Carlos Magalhães. Senti-me tão pequeno diante do vulto, do político, das tradições, do nome maior da Bahia. Foram grandes, tremendas, as contumazes contumélia, as injúrias, como em todas as campanhas que os adversários impuseram a esse grande brasileiro. Mas lembro que, depois de consultar o coração, a alma, Deus e minha própria consciência, dei o voto da inocência. Naquele dia recebi mais de 300 *e-mails* – me assustei! –, todos me recriminando.

No momento em que vi a multidão que se apinhava em cortejo para carpir a derradeira dor pela perda do Líder, pensei que, ao prestar este depoimento do grande tribuno que vi e que ouvi aqui no Senado Federal, não receberia sequer um *e-mail*, porque tenho certeza de que hoje, na Bahia, adversários e aliados, em cada lar há um voto de pesar, em cada coração, uma lágrima e em cada olhar, uma tristeza. Há uma perda sentida na vida política brasileira. De Irecê, e por todos os Municípios por onde andei, no interior da Bahia, um por um, vi obras desse grande baiano. Não havia um só lugar, por mais distante, seja Xique-Xique ou um Município menor ainda, que não tivesse a presença, o espírito e o esforço de um político que teceu sua vida no estudo, no trabalho, na dignidade, no amor inflexível à Bahia e ao seu povo.

Sr. Presidente, eu não posso me delongar. Gostaria eu – e já vão ditadas pela emoção minhas palavras – de falar das conversas que tivemos, dos momentos em que privei, dos telefonemas que trocamos nos seus momentos de internação, nos hospitais pelos quais passou enquanto estávamos juntos aqui. Mas essa convivência me deixou uma grande lição que eu gostaria de, na oportunidade que me surge, transmitir ao povo brasileiro.

Como homem da Bíblia, como homem da fé, nós cristãos procuramos tecer valores sobre aquilo que julgamos ser o mais identificável em palavras, em olhares, em gestos, em atitudes. Mas Cristo disse que Deus vem em secreto e que não há força maior do que o amor. Nunca vi, como sacerdote, alguém chorar com tamanha dor como vi, da África, o pai chorando por seu filho. Impressionou-me tremendamente. E, ainda que separado por um oceano, pude, distante, sentir a dor e chorar também.

A verdade é que nos encontramos uma vez no templo da Igreja Universal do Rio de Janeiro. O Senador foi até lá, e nos reunimos, todos os bispos, para recebê-lo. Achávamos que íamos tratar de política, de apoio político – eu não sonhava ser Senador ou disputar eleição. Nenhuma palavra trocamos em um encontro de mais de duas horas. As únicas perguntas eram: “Vocês que conhecem a Bíblia, meu filho está vivo? Ele pode me ver? Ele fala comigo? Ele pode falar comigo? Quando eu morrer, vou encontrá-lo? E de que maneira vou encontrá-lo?”

Eram perguntas que se sucediam e que mostravam que, às vezes, a gente morre mesmo antes do nosso sepultamento. Santo Antônio dizia: “É possível haver cristão antes do cristianismo?” Mas eu acredito que é possível morrer antes do sepultamento. Agora, só um amor tão forte quanto o amor que esse homem tinha por sua terra e por sua gente pôde ressuscitá-lo de maneira incansável, nas Comissões, no plenário, no dia-a-dia deste Senado. Ainda que no primeiro mandato não conseguisse acompanhar o seu ritmo, sempre tinha observações e opiniões sobre cada matéria de que se tratava aqui. Quantas vezes o vi nas sessões de segunda-feira, quando o plenário costuma estar vazio, e falamos para pouca gente.

Sr. Presidente, acho que, se o amor é a maior virtude, e o próprio Deus se define como amor, o amor de Antonio Carlos Magalhães à Bahia e à sua gente o faz eterno.

Muito obrigado, Sr. Presidente. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Honra-me, sobretudo, Sr^{as} e Srs. Senadores, neste dia em que esta Casa do Congresso Nacional presta esta justíssima homenagem ao Senador Antonio Carlos Magalhães, conceder a palavra ao Senador Antonio Carlos Júnior.

Com a palavra a V. Ex^a.

O SR. ANTONIO CARLOS JÚNIOR (DEM – BA. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente Renan Calheiros, Sr^{as} e Srs. Senadores, Srs. Deputados Federais, Srs. Deputados Estaduais, amigos, minha família, novamente o destino me traz a esta Casa e, desta vez, prega-me uma peça. Além da missão, que apenas se inicia, de substituir meu pai, o Senador Antonio Carlos Magalhães, que nos deixou a mim, a nossa família, a Bahia e ao Brasil, quis o destino me fazer orador em sua homenagem nesta sessão solene, logo em meu primeiro pronunciamento deste mandato. Pois aqui estou para cumprir, com a dor da perda na alma, mas com orgulho e determinação, este legado.

Sr. Presidente, “o tempo passa e o homem não percebe”. Essa frase de Dante Alighieri jamais me pareceu tão verdadeiramente dura como nesses dias. Por

mais de 50 anos, o baiano Antonio Carlos Magalhães deu todo seu esforço pessoal, despendeu toda sua energia pelas causas do Estado da Bahia e do Brasil. Sua vida pública, intensa e participativa, foi maior do que a idade de muitos de nós aqui presentes.

No âmbito político, foi um homem implacável na defesa de seus ideais e dos interesses da Bahia. Por eles e por sua terra querida, ACM enfrentava a tudo e a todos.

Certamente esse amor desmedido de ACM pela Bahia, aliado ao seu grande espírito público, explica a paixão e a defesa intransigente que sempre fez das prerrogativas desta Casa, o Senado Federal.

Afinal, se aqui representamos os Estados da Federação, que foro mais adequado teria ele para defender a sua Bahia? A submissão intransigente a seus ideais é reconhecida por todos, mesmo por aqueles que discordavam dele.

Sem se afastar um milímetro sequer das suas convicções, Antonio Carlos Magalhães apoiou governos e liderou oposições. A busca por um País justo o levou a empreender lutas as mais diversas, cujos resultados muitas vezes trouxeram benefícios à sociedade sem que ela sequer se apercebesse disso.

Senhoras e senhores, a Bahia deve à ACM o desenvolvimento acelerado das últimas décadas, período em que o Estado cresceu sempre em taxas superiores à média nacional. Sua gestão como prefeito de Salvador revolucionou a forma de administrar cidades brasileiras e lhe valeu o título de “Prefeito do Século”.

Na prefeitura, seu estilo de governar cunhou a marca que o caracterizaria por toda a vida. Montou uma equipe composta dos melhores entre os melhores, ouviu e conheceu as demandas da sociedade, transformou essas necessidades em metas e as cumpriu. ACM reinaugurou Salvador. Ele modernizou de tal forma a cidade, criando um arrojado sistema viário, recuperando áreas degradadas, que, passados 40 anos, muitas dessas obras permanecem atuais e tidas como as mais importantes já feitas na capital baiana.

Como governador, não foi diferente. Essa forma de administrar, absolutamente moderna e inovadora, Antonio Carlos Magalhães levou consigo nas três vezes em que governou a Bahia. Com ACM, a Bahia deu início a um processo acelerado de industrialização. De forma planejada, trouxe para a região iniciativas empresariais, investimentos nacionais e estrangeiros que antes eram destinados quase que exclusivamente para o centro-sul brasileiro. São emblemáticas as suas lutas pela implantação do Pólo Petroquímico de Camaçari e, posteriormente, pela vinda da indústria automobilística no governo do então Governador César Borges, hoje Senador da República.

O Governo ACM promoveu a expansão econômica das regiões sul e oeste baianas e fez no Estado o mesmo que sempre pregou para o País: um crescimento regional mais harmônico que resultasse em um desenvolvimento social mais justo.

O incentivo ao turismo promovido por ele não encontra paralelo no País. A Bahia é hoje o segundo destino turístico mais procurado no País.

ACM saneou as finanças estaduais – e aí faço uma homenagem ao Senador Rodolpho Tourinho, que foi o braço direito de ACM nesse trabalho –, quando o País sequer pensava em discutir responsabilidade fiscal.

Esse era o ACM administrador. Um homem dinâmico, focado na vontade popular, nas necessidades do cidadão e zeloso no trato da coisa pública. O líder que sabia localizar talentos, trazê-los para a equipe, revelá-los para a vida pública.

Sua recompensa foi tornar-se querido pelo seu povo. Na Bahia, em qualquer parte do Estado onde fosse, ACM sentia-se em casa. O seu espírito de liderança, a sua obstinação, o foco permanente nos interesses da Bahia e seu estilo de governar, valorizando as lideranças regionais, vez que fundado no reconhecimento da diversidade sociocultural e econômica que caracteriza a Bahia, foram tão marcantes e inovadores que deram nome a uma forma de fazer política: o carlismo.

Aqui mesmo no Senado, muitos dos senhores, Senadoras e Senadores, puderam conhecer essa mistura, cuja receita ninguém jamais conheceu, de emoção e razão, de paixão e racionalidade, que ACM trouxe consigo quando chegou à Casa, eleito em 1994.

Em seu último discurso, aqui mesmo desta tribuna, em 23 de maio, o Senador afirmava: “Meu discurso e minhas ações sempre partiram das demandas e dos sonhos baianos. A Bahia sempre foi a origem da minha atuação política. Contudo, sempre procurei traduzir as aspirações do povo da minha terra, à luz da realidade nacional”.

Talvez, essas palavras sintetizem a sua trajetória.

Sr. Presidente, Srs. Senadores, se os instrumentos de ação mudavam, agora que retornava ao Legislativo, mantinham-se inalteradas suas convicções e sua forma de fazer política. Atento aos reclamos do povo sofrido do agreste, das periferias as grandes cidades, das beiras das cidades, dos bolsões de miséria de todo país, ACM idealizou e o Congresso Nacional criou o Fundo Constitucional de Combate à Fome e Erradicação da Pobreza. Foi esse fundo que permitiu a milhões de brasileiros desafortunados contar com programas de transferência de rendas, como o pioneiro Bolsa Escola, do então Governador Cristovam Buarque, hoje Senador da República pelo Distrito Federal.

Este fundo idealizado por ACM é que garante a existência do atual Bolsa Família, importante instrumento de redistribuição de renda, sobre o qual não podem prosperar desvios de finalidade, má gestão ou atos de corrupção. Em outra oportunidade, foi a indignação da sociedade e a obstinação do Senador Antonio Carlos Magalhães que fizeram com que o Congresso Nacional decidisse pela instalação da CPI do Judiciário.

Inicialmente bombardeada por críticas apressadas de desavisados ou daqueles que temiam ver seus interesses contrariados, a CPI apresentou resultados. Ao final, trouxe evidentes benefícios ao País quando, ao identificar irregularidades e problemas estruturais, recomendou punições e sugeriu procedimentos e iniciativas que, inclusive, tornaram irreversível o movimento favorável à Reforma do Judiciário.

Sr^{as} e Srs. Senadores, a luta do Senador Antonio Carlos Magalhães por uma causa não se alterava conforme a conjuntura ou de acordo com o seu posicionamento político em relação ao Governo. Sua defesa de um orçamento impositivo, por exemplo, é conhecida e reconhecida por todos. Por ela, o Senador enfrentou governos, desagradou aliados, enfrentou adversários. Ele sabia, como nós todos sabemos, que um Orçamento como o atual, sujeito a contingenciamentos formais ou informais, tem sido, através dos tempos, uma das maiores fontes de corrupção em todos os poderes do Estado e estamentos do Governo.

Sua luta foi recompensada, e o Senador teve a satisfação de ver o seu projeto de emenda constitucional aprovado pelo Senado.

Sr. Presidente, ainda em maio, o Senador Antonio Carlos dizia desta tribuna:

A primeira condição para legitimar-se um partido político é que ele defenda, pelo discurso e pela ação, as causas da sociedade. E a única forma de defender uma causa é conhecê-la de verdade. É estar onde o povo está.

Essa maneira de enxergar a vida pública ficou mais uma vez patente na forma como o Senador reagiu à crise da segurança pública e aos tristes episódios de violência ocorridos, ano passado, em São Paulo e no Rio de Janeiro.

ACM chegou a Brasília, numa segunda-feira, ainda chocado com os acontecimentos, e logo começou a agir.

Com o inestimável apoio de V. Ex^a, Presidente Renan Calheiros, e de seus Pares na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, que ele presidia, em apenas três dias, sem alarde, deixando as divergências ideológicas de lado, com a colaboração de toda a CCJ e deste Plenário, o Senado Federal

apresentou, discutiu, aprovou e mandou para a Câmara dos Deputados um pacote antiviolação.

Sua última iniciativa legislativa, fortemente influenciada por este problema, foi a apresentação do projeto de emenda constitucional que criava o Fundo de Combate à Violência e de Apoio às Vítimas da Criminalidade. Mais uma vez, sua aguçada sensibilidade fizera-o agir, propor soluções e nos alertar. Ele dizia que:

A desigualdade, que ensejou a criação do Fundo de Combate à Pobreza, mostrava, nos dias atuais, sua outra face cruel: a do aumento desmedido da insegurança e da violência.

Sr^{as} e Srs. Senadores, mesmo sendo seu filho, mesmo o conhecendo como eu o conheci, eu não ousaria fazer um relato de sua trajetória que pudesse julgar completo ou que lhe fizesse integral justiça.

Aliás, muito já se disse e se escreveu sobre ACM. Teses de mestrado e doutorado já tentaram explicar a sua trajetória. Cientistas políticos, biógrafos, jornalistas escrevem sobre ACM. Mas muitos ainda não escrevem.

Sua obra pertence à História do Brasil e da Bahia e, por sua grandeza, perdurará no futuro.

Senhores, incontáveis vezes ouvi de meu pai “que os homens aprendem pelos exemplos, mais do que pelos conselhos”. São para sempre os exemplos dados por Antonio Carlos Magalhães. Exemplos de amor desmedido à sua terra e à sua gente; exemplos de caráter e de fidelidade às suas crenças; exemplos de competência em fazer e de cercar de quem saber fazer.

Por tudo isso, por tudo que vi o Deputado Estadual, o Deputado Federal, o Prefeito de Salvador, o Governador da Bahia, o Ministro de Estado, o Senador da República, o meu adorado pai Antonio Carlos Magalhães fazer pela Bahia e pelo Brasil; por tudo que aprendi com ele é que reafirmo o compromisso de quase seis anos, de maio de 2001, quando, desta mesma tribuna, prometi aos Senhores trazer comigo permanentemente o compromisso de honrar o seu nome e o de Luís Eduardo, meu irmão.

Hoje, Srs. Senadores, renovo esse compromisso de honrar a memória de ambos e de servir a Bahia e ao Brasil com humildade e com perseverança e com muito trabalho, sem jamais esmorecer ou transigir com a desídia e com a corrupção.

Assim como acontecia com eles, as demandas e os sonhos baianos guiarão os meus passos nessa jornada.

Essa é a síntese da nossa história, forjada no amor à Bahia e que permanece sendo escrita por Antonio Carlos Magalhães Neto e, agora, por mim.

Não me cumpre substituir o Senador Antonio Carlos Magalhães, simplesmente porque ele não pode ser substituído.

Jamais haverá outro ACM.

Suas convicções e seu amor pelo Brasil e pela Bahia permanecerão vivos naqueles que lutaram com ele as mesmas causas. Sua obra e seu exemplo perdurarão em seus seguidores.

Mas ACM é único.

A mim cabe cumprir com dignidade, a partir de seus exemplos, este mandato de Senador da República.

Sei que, desta vez, a tarefa que me é confiada será ainda mais desafiadora, pois não contarei com a experiência e com o aconselhamento do Senador. Contudo, com o apoio do povo baiano e de V. Ex^{as}, ela será novamente cumprida integralmente.

Não poderia deixar de agradecer a solidariedade que a nossa família recebeu, vinda de brasileiros de todos os cantos do País.

Nossa dor teria sido ainda maior, mais difícil de suportar, não fosse, principalmente, a força do povo baiano, que esteve presente conosco o tempo todo, que rezou pela sua recuperação e pela sua alma.

Neste momento, ainda que a emoção embargue minha voz, prevalece o orgulho, que me dá forças e permite falar da falta que nos fará o chefe da família, o pai, o marido, o avô, a referência permanente para todos.

Sua presença, seu amor extremado, jamais serão esquecidos por nós.

Seu espírito, ao mesmo tempo aguerrido e amoroso, nos fortalecerá e nos manterá unidos.

Sei que falo por mim, por minha dedicada mãe, Arlete, por minha irmã Tereza, pelos meus filhos e sobrinhos, seus netos, por minha esposa Rosário, por todos os nossos familiares.

Em nome da minha família, muito obrigado aos baianos.

Muito obrigado aos brasileiros.

Muito obrigado aos Senadores que se pronunciaram nesta sessão bem como aos que compareceram ao velório do Senador Antonio Carlos, em Salvador. Muito obrigado ao Senado Federal por esta homenagem, particularmente ao Presidente Renan Calheiros, que faz justiça a um grande brasileiro.

Muito obrigado a todos. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – A Presidência recebeu inúmeras manifestações de pesar por ocasião do falecimento do Senador Antonio Carlos Magalhães, que fará publicar como parte integrante da Ata desta sessão de homenagem.

São os seguintes os expedientes recebidos:

CORREIOS TELEGRAMAPara enviar telegrama ligue **0800 5700100** ou acesse www.correios.com.br.

CONTEÚDO DA MENSAGEM

<<Consternada a comunidade unebiana solidariza-se aos familiares e amigos do Senador Antônio Carlos Magalhães e une-se às homenagens à memória do grande líder político da Bahia e da Nação brasileira.

Professor Lourisvaldo Valetim da Silva
Reitor da Universidade do Estado da Bahia-UNEB>>

Postado via FONADO, em 23/07/2007 às 15:32.

Reitor da Universidade do Estado da Bahia
Professor Lourisvaldo Valetim da Silva
Rua Silveira Martins 2555 -
Narandiba
41150-000 - Salvador/BA

USO EXCLUSIVO DOS CORREIOS

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> 1 Mudou-se | <input type="checkbox"/> 6 Recusado |
| <input type="checkbox"/> 2 Ausente | <input type="checkbox"/> 7 Falecido |
| <input type="checkbox"/> 3 Desconhecido | <input type="checkbox"/> 8 Não existe o número indicado |
| <input type="checkbox"/> 4 Endereço insuficiente. Faltou:..... | |
| <input type="checkbox"/> 5 Outros (Especificar) | |

Presidente do Senado Federal
Exmo. Sr. Renan Calheiros
Praça dos Três Poderes Lote Único ... Senado
Federal
Zona Cívico-Administrativa
70175-900 - Brasília/DF

NÚMERO DO TELEGRAMA **129681395BR** 21930

TL4H TPC

PE 23/07 19:32

**TELEGRAMA**Para enviar telegrama ligue 0800 5700100 ou acesse www.correios.com.br

CONTEÚDO DA MENSAGEM

<<A Confederação das Associações Comerciais e Empresariais do Brasil-CACB, a Federação das Associações do Estado de São Paulo-FACESP e a Associação Comercial de São Paulo-ACSP externam seu profundo pesar pelo falecimento Ilustre Parlamentar e Homem Público, Antônio Carlos Magalhaes.

Alencar Caburte, Presidente>>

Postado via FONADO, em 20/07/2007 às 12:45.

RECEBENTE

Associação Comercial de São Paulo
Rua Boa Vista 51 8º Andar/Setor Secretaria
Geral
Centro
01014-911 - São Paulo/SP

USO EXCLUSIVO DOS CORREIOS

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> 1 Mudou-se | <input type="checkbox"/> 6 Recusado |
| <input type="checkbox"/> 2 Ausente | <input type="checkbox"/> 7 Falecido |
| <input type="checkbox"/> 3 Desconhecido | <input type="checkbox"/> 8 Não existe o número indicado |
| <input type="checkbox"/> 4 Endereço insuficiente. Faltou:..... | |
| <input type="checkbox"/> 5 Outros (Especificar) | |

DESTINATÁRIO

Senador - Presidente do Senado Federal
Renan Calheiros
Praça dos Três Poderes - Senado Fed. Ed.
Principal 1º an
Zona Cívico-Administrativa
70165-900 - Brasília/DF

NÚMERO DO TELEGRAMA MP129513548BR 20988



TL4H TCC

PE 20/07 16:45

Para enviar telegrama ligue 0800 5700100 ou acesse www.correios.com.br

CONTEÚDO DA MENSAGEM

<<Manifesto nome IBAM condolências faleciemnto ilustre senador Antônio Carlos Magalhães.

Paulo Timm
Superitendente Geral>>

Postado via FONADO, em 20/07/2007 às 15:04.

RECEBENTE	IBAM Largo do Ibam 1 1º andar Humaitá 22271-070 - Rio de Janeiro/RJ	USO EXCLUSIVO DOS CORREIOS <table border="0"><tr><td><input type="checkbox"/> 1 Mudou-se</td><td><input type="checkbox"/> 6 Recusado</td></tr><tr><td><input type="checkbox"/> 2 Ausente</td><td><input type="checkbox"/> 7 Falecido</td></tr><tr><td><input type="checkbox"/> 3 Desconhecido</td><td><input type="checkbox"/> 8 Não existe o número indicado</td></tr><tr><td colspan="2"><input type="checkbox"/> 4 Endereço insuficiente. Faltou:.....</td></tr><tr><td colspan="2"><input type="checkbox"/> 5 Outros (Especificar)</td></tr></table>	<input type="checkbox"/> 1 Mudou-se	<input type="checkbox"/> 6 Recusado	<input type="checkbox"/> 2 Ausente	<input type="checkbox"/> 7 Falecido	<input type="checkbox"/> 3 Desconhecido	<input type="checkbox"/> 8 Não existe o número indicado	<input type="checkbox"/> 4 Endereço insuficiente. Faltou:.....		<input type="checkbox"/> 5 Outros (Especificar)	
	<input type="checkbox"/> 1 Mudou-se	<input type="checkbox"/> 6 Recusado										
<input type="checkbox"/> 2 Ausente	<input type="checkbox"/> 7 Falecido											
<input type="checkbox"/> 3 Desconhecido	<input type="checkbox"/> 8 Não existe o número indicado											
<input type="checkbox"/> 4 Endereço insuficiente. Faltou:.....												
<input type="checkbox"/> 5 Outros (Especificar)												
RECEBENTE	Senador Renan Calheiros - Presidente do Senado Federal Praça dos Três Poderes . Zona Cívico-Administrativa 70165-900 - Brasília/DF	NÚMERO DO TELEGRAMA MP129534826BR 21129 TL4H										

PE 20/07 19:04

**CORREIOS****TELEGRAMA**Para enviar telegrama ligue 0800 5700100 ou acesse www.correios.com.br

CONTÉUDO DA MENSAGEM

<<Sentimo-nos incapazes de encontrar palavras pela grande perda política do Brasil e do Senado, neste momento não encontramos palavras de consolo nesta hora de dor. Nosso profundo pesar pela morte do Senador Antônio Carlos Magalhães.

Antônio de Sousa Ramalho>>

Postado via FONADO, em 20/07/2007 às 13:01.

PLM/ENTE	Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil Antônio de Sousa Ramalho Rua Conde de Sarzedas 286 4º Ad. Sé 01512-000 - São Paulo/SP	USO EXCLUSIVO DOS CORREIOS <input type="checkbox"/> 1 Mudou-se <input type="checkbox"/> 6 Recusado <input type="checkbox"/> 2 Ausente <input type="checkbox"/> 7 Falecido <input type="checkbox"/> 3 Desconhecido <input type="checkbox"/> 8 Não existe o número indicado <input type="checkbox"/> 4 Endereço insuficiente. Faltou:..... <input type="checkbox"/> 5 Outros (Especificar)	
	Exc. Sr. Presidente do Senado Renan Calheiros Praça dos Três Poderes Zona Cívico-Administrativa 70165-900 - Brasília/DF	NÚMERO DO TELEGRAMA 129515623BR 21012 TL4H TCP	

PE 20/07 17:01

Para enviar telegrama ligue 0800 5700100 ou acesse www.correios.com.br

CONTEÚDO DA MENSAGEM

<<Manifesto minhas condolências pela morte do EXMO Senador Antônio Carlos Magalhães.

Ministro Rider Nogueira de Brito>>

Postado via FONADO, em 20/07/2007 às 13:00.

Presidente do Tribunal Superior do Trabalho
Ministro Rider Nogueira de Brito
Setor SAFS Quadra 8 01 bl B
Zona Cívico-Administrativa
70070-600 - Brasília/DF

USO EXCLUSIVO DOS CORREIOS

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> 1 Mudou-se | <input type="checkbox"/> 6 Recusado |
| <input type="checkbox"/> 2 Ausente | <input type="checkbox"/> 7 Falecido |
| <input type="checkbox"/> 3 Desconhecido | <input type="checkbox"/> 8 Não existe o número indicado |
| <input type="checkbox"/> 4 Endereço insuficiente. Faltou:..... | |
| <input type="checkbox"/> 5 Outros (Especificar) | |

Presidência do Senado Federal
Setor SAFS Pç dos Três Poderes- Senado
Zona Cívico-Administrativa
70070-600 - Brasília/DF

NÚMERO DO TELEGRAMA MP129515478BR 21009



TL4H TCP

PE 20/07 17:00

Para enviar telegrama ligue 0800 5700100 ou acesse www.correios.com.br

CONTEÚDO DA MENSAGEM

<<Neste momento de luto em razão do passamento do Senador Antonio Carlos Magalhães, queremos expressar nossos mais profundos sentimentos de pesar e consternação em nome de toda população de Taquaritinga/SP. Estamos unidos aos membros desta Casa Legislativa em orações para que este momento de tristeza seja rapidamente superado e para que, ao final, apenas as boas lembranças e lições deixadas por este honrado homem público e exemplo de gestor político possa estar em sua memória animando-o a continuar o trabalho profícuo e incansável em prol do engrandecimento de nosso país.

Paulo Delgado
Prefeito de Taquaritinga

>>

Postado via FONADO, em 20/07/2007 às 17:28.

Prefeitura Municipal de Taquaritinga
A/C: Gab. do Prefeito
Avenida João de Jorge 221
Vila Rosa
15900-000 - Taquaritinga/SP

USO EXCLUSIVO DOS CORREIOS

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> 1 Mudou-se | <input type="checkbox"/> 6 Recusado |
| <input type="checkbox"/> 2 Ausente | <input type="checkbox"/> 7 Falecido |
| <input type="checkbox"/> 3 Desconhecido | <input type="checkbox"/> 8 Não existe o número indicado |
| <input type="checkbox"/> 4 Endereço insuficiente. Faltou:..... | |
| <input type="checkbox"/> 5 Outros (Especificar) | |

Ao Exmo Sr Senador-Dig Pres. do Senado Federal
Renan Calheiros
Praça dos Três Poderes s/n
Zona Cívico-Administrativa
70165-900 - Brasília/DF

NÚMERO DO TELEGRAMA MF129559709BR 21388



TL4H TCP

PE 23/07 12:00

Para enviar telegrama ligue 0800 5700100 ou acesse www.correios.com.br

CONTEÚDO DA MENSAGEM

<<Em nome do governo do Maranhão, manifesto a essa casa do congresso votos de profunda condolência pelo falecimento do Senador Antônio Carlos Magalhães.>>

Postado via Balcão unidade STO 18-75204-7, em 20/07/2007 às 17:20.

Governador do Estado do Maranhão
Dr. Jackson Lago
Avenida Pedro II s/n Palácio dos Leões
Centro
65010-904 - São Luís/MA

USO EXCLUSIVO DOS CORREIOS

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> 1 Mudou-se | <input type="checkbox"/> 6 Recusado |
| <input type="checkbox"/> 2 Ausente | <input type="checkbox"/> 7 Falecido |
| <input type="checkbox"/> 3 Desconhecido | <input type="checkbox"/> 8 Não existe o número indicado |
| <input type="checkbox"/> 4 Endereço insuficiente. Faltou:..... | |
| <input type="checkbox"/> 5 Outros (Especificar) | |

Senador Renan Calheiros
Ala Teotônio Vilela Gab. 22 . Senado Federal
Zona Cívico-Administrativa
70165-900 - Brasília/DF

NÚMERO DO TELEGRAMA **MP030379321BR 21385**

TL4H

PE 23/07 12:30

**CORREIOS****TELEGRAMA**Para enviar telegrama ligue 0800 5700100 ou acesse www.correios.com.br

CONTEÚDO DA MENSAGEM

<<PREZADO SENHOR, O PRESIDENTE DA ANATEL, RONALDO MOTA SARDENBERG, SE SOLIDARIZA COM VOSSA EXCELÊNCIA PELO FALECIMENTO DO SENADOR ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES E APRESENTA SEUS VOTOS DE PESAR.

RONALDO MOTA SARDENBERG

PRESIDENTE/ANATEL

AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES.>>

Postado via BALCÃO unidade STO 10-30047-3, em 20/07/2007 às 17:05.

INSCRIÇÃO

A N A T E L
SAUS Quadra 6 Bloco H CONS DIRETOR
Asa Sul
70070-940 - Brasília/DF

USO EXCLUSIVO DOS CORREIOS

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> 1 Mudou-se | <input type="checkbox"/> 6 Recusado |
| <input type="checkbox"/> 2 Ausente | <input type="checkbox"/> 7 Falecido |
| <input type="checkbox"/> 3 Desconhecido | <input type="checkbox"/> 8 Não existe o número indicado |
| <input type="checkbox"/> 4 Endereço insuficiente. Faltou:..... | |
| <input type="checkbox"/> 5 Outros (Especificar) | |

DISTRIBUIÇÃO

AO PRESIDENTE DO SENADO FEDERAL
SENADOR RENAN CALHEIROS
Praça dos Três Poderes PRES SENADO FEDERAL
Zona Cívico-Administrativa
70165-900 - Brasília/DF

NÚMERO DO TELEGRAMA

MP058376965BR 21352



TL4H TCP

PE 23/07 12:30



TELEGRAMA

Para enviar telegrama ligue 0800 5700100 ou acesse www.correios.com.br

CONTEÚDO DA MENSAGEM

<<A Fundação CESGRANRIO, em meu nome e no de seu Corpo Técnico e Administrativo, hipoteca a sua solidariedade aos demais membros da Mesa Diretora dessa Casa, pelo falecimento do Ilustre Senador Antonio Carlos Magalhães.

Carlos Alberto Serpa de Oliveira –
Presidente da Fundação CESGRANRIO>>

Postado via FONADO, em 20/07/2007 às 17:59.

PLM/ILNTE

Carlos Alberto Serpa de Oliveira
Rua Santa Alexandrina 1011
Rio Comprido
20261-235 - Rio de Janeiro/RJ

USO EXCLUSIVO DOS CORREIOS

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> 1 Mudou-se | <input type="checkbox"/> 6 Recusado |
| <input type="checkbox"/> 2 Ausente | <input type="checkbox"/> 7 Falecido |
| <input type="checkbox"/> 3 Desconhecido | <input type="checkbox"/> 8 Não existe o número indicado |
| <input type="checkbox"/> 4 Endereço insuficiente. Faltou:..... | |
| <input type="checkbox"/> 5 Outros (Especificar) | |

DES/INAIARIO

Digníssimo Presidente do Senado Federal
Exmo. Sr. Senador Renan Calharezios
Praça dos Três Poderes .
Zona Cívico-Administrativa
70165-900 - Brasília/DF

NÚMERO DO TELEGRAMA MP123563218BR 21419



TL4H TCP

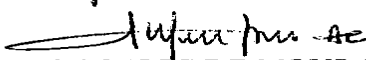
PE 23/07 12:00

Brasília, 20 de julho de 2007.

Exmo. Sr. Senador RENAN CALHEIROS,

Consternado com a notícia do falecimento do Senador ANTONIO CARLOS MAGALHÃES, apresento, em nome da Marinha do Brasil, condolências e manifesto o pesar com a inestimável perda.

Respeitosamente


JULIO SOARES DE MOURA NETO
Almirante-de-Esquadra
Comandante da Marinha

Câmara Municipal de Gravata

(Casa Elias Tenes)

Sala das Sessões da Câmara Vereadora Josefa de Oliveira Castro

Praça Rodolfo de Moraes s/n - fone/fax: (61) 3533-0333 / 3533-0334

CNPJ 55641-1/90 - CNPJ 08150071/0001-00-GRAVATA-PE

OFÍCIO Nº 491/2007.

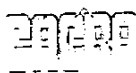
Gravatá, 25 de julho de 2007.

Exmo. Sr.
Presidente do Senado Federal.
Brasília - DF

Tendo em vista a aprovação por unanimidade do Requerimento nº 064/2007 de autoria do Vereador PAULO APOLINÁRIO DA SILVA JÚNIOR, subscrito pelos Vereadores José Gustavo Gomes dos Santos, Paulo Cosme da Silva, Reginaldo Ferreira de Lira, Reginaldo Pereira da Silva, João Paulo de Lemos e Severino de Farias e Silva, em sessão realizada no dia 24 do corrente, esta Casa Legislativa, consignou na ata dos nossos trabalhos legislativos, **votos de profundo pesar** pelo falecimento do DD. SENADOR ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES.

Sem mais para o momento, aproveito a oportunidade para apresentar a V.Ex^a., protestos de estima e consideração.


PAULO APOLINÁRIO DA SILVA JÚNIOR
PRESIDENTE

GRUPO DE AÇÃO CULTURAL DA BAHIA**GAC-BA***Fundado em 21 de julho de 2000*

Salvador, 23 de julho de 2007

Exmº Sr.
Presidente do Senado Federal
Praça dos Três Poderes
BRASILIA – DISTRITO FEDERAL

Senhor Presidente,

De ordem do Sr. Dr. José Siquara da Rocha, Presidente do Grupo de Ação Cultural da Bahia – GAC-BA, cumpre-me enviar ao Senado Federal e aos seus ilustres componentes, os votos de pesar pelo passamento do ilustre líder baiano Senador Antonio Carlos Magalhães, o qual dedicou sua vida ao bem estar da Bahia e dos baianos.

O Grupo de Ação Cultural da Bahia, ao tomar conhecimento do infausto acontecimento, cancelou sua festa de aniversário, que seria realizada na mesma data do falecimento do Senador Antonio Carlos Magalhães, demonstrando, com o ato, o entrestecimento que atingiu a todos quantos vivem na Boa Terra.

Receba, Sr. Presidente, e rogamos transmitir aos seus pares os nossos mais pesarosos votos de solidariedade pela lacuna impreenchível deixada pelo grande líder falecido.

Atenciosas Saudações

Roque Jesus de Oliveira
1º Séc. do GAC-BA.

Largo do Campo Grande, nº 8 - Centro
FUNDAÇÃO PROF. JOÃO FERNANDES DA CUNHA – SALA DO GAC-BA
SALVADOR-BAHIA

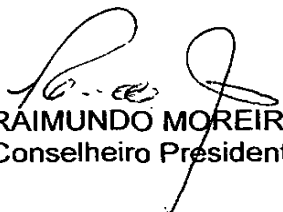
Ofício nº 763-GP

Salvador, 30 de julho de 2007.

Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional,

Ao cumprimentar Vossa Excelência, encaminho, em anexo, o inteiro teor da *MOÇÃO*, aprovada à unanimidade em sessão plenária desta Corte, para conhecimento e registro do Senado Federal, revelando o sentimento de pesar do Tribunal de Contas dos Municípios do Estado da Bahia em face do falecimento do Senador da República **ANTONIO CARLOS MAGALHÃES**.

Atenciosamente,



RAIMUNDO MOREIRA
Conselheiro Presidente

A Sua Excelência o Senhor
Senador RENAN CALHEIROS
Presidente do Congresso Nacional
Brasília - DF

MOÇÃO

Consternado pelo falecimento do Senador *Antonio Carlos Magalhães*, ocorrido no dia 20 de julho corrente, o Tribunal de Contas dos Municípios do Estado da Bahia manifesta na presente moção apresentada pelo seu Presidente e aprovada à unanimidade dos seus membros, o seu profundo pesar pela perda do ilustre homem público.

O Senador *Antonio Carlos Magalhães* se destacou no cenário nacional pelos cargos exercidos na República, como parlamentar, Ministro de Estado, Presidente do Senado Federal, tendo nesta condição exercido, temporariamente, a Presidência da República, e, ultimamente, como Presidente da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, onde deixa um legado de contribuições ao aperfeiçoamento do ordenamento jurídico brasileiro. Mas, é na Bahia, onde foi Deputado Estadual e Federal, Prefeito de Salvador e exerceu o mandato de Governador do Estado, por três vezes, que deixa marca ainda mais indelével, como notável administrador público e impulsionador da modernização econômica e social do Estado, reposicionando-a entre os Estados líderes do desenvolvimento do País. São dimensões que o fazem credor da admiração e da confiança dos baianos.

Particularmente, os órgãos de controle externo brasileiros lhe são reconhecidos pelo seu trabalho em favor da sua consolidação, e em especial o Tribunal de Contas dos Municípios do Estado da Bahia, pelo seu constante apoio, desde a construção das instalações condignas que ocupa no Centro Administrativo da Bahia, juntamente com o Tribunal de Contas do Estado, até a defesa de suas atribuições e permanência, como instituição a serviço da coletividade, tal como manifestado no encaminhamento das matérias pertinentes no Congresso Nacional.

Presente na vida e na história da Bahia e do Brasil por mais de quatro décadas, sua morte deixa uma grande lacuna, pois a defesa dos interesses maiores do Brasil e da Bahia sempre foi a sua bandeira de luta e de vida, legado que fica como lição.

Por tudo isso, a presente moção deve ser comunicada não apenas à família do ilustre falecido, por intermédio de sua digna esposa, Senhora Arlette Maron de Magalhães, apresentando-se-lhe as justas condolências, mas, também, a todas as instituições a que ele serviu e esteve ligado devotadamente e onde deixou a marca de sua singular personalidade: à Prefeitura Municipal de Salvador, à Assembléia Legislativa do Estado da Bahia; à Câmara dos Deputados; ao Senado Federal; ao Governo do Estado da Bahia e à Presidência da República Federativa do Brasil.

SALA DAS SESSÕES DO TRIBUNAL DE CONTAS DOS MUNICÍPIOS, 24 de julho de 2007.



RAIMUNDO MOREIRA
Conselheiro Presidente



PAULO VIRGILIO MARACAJÁ PEREIRA
Conselheiro Vice-Presidente



FRANCISCO DE SOUZA ANDRADE NETTO
Conselheiro Corregedor



JOSE ALFREDO ROCHA DIAS
Conselheiro



PAULO MARCONI
Conselheiro



FERNANDO VITA
Conselheiro



OTTO ALENCAR
Conselheiro

TRIBUNAL DE CONTAS DOS MUNICÍPIOS DO ESTADO DA BAHIA

Centro Administrativo da Bahia - CAB - Av. 4, n°. 495, 3º andar, CAB, Fax 230 9689 - CEP 41745-002 - Salvador - Ba

Câmara Municipal de Castelo
Espírito Santo

OF.CMC Nº 246/2007

Castelo, ES, 25 de julho de 2007.

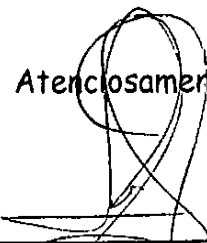
Do: Exmº. Sr. **PEDRO RENATO RAMIRO**
DD. Presidente da Câmara Municipal de Castelo

Ao: Exm.º Sr.º **RENAN CALHEIROS**
DD. Presidente da Senado Federal

Senhor Presidente:

Com especial satisfação, encaminhamos requerimento verbal do Vereador **JOÃO DOMINGOS VENTURIM** aprovado por esta Casa de Leis, na Sessão Ordinária do dia 24 de julho de 2007, através qual manifesta votos de pesar a este Senado Federal, pela morte do Senador Antônio Carlos Magalhães, ocorrida no último dia 20 de julho do corrente.

Atenciosamente,



PEDRO RENATO RAMIRO
Presidente da Câmara Municipal de Castelo

À GL.: D.: G.: A.: D.: U.:
LOJA MAÇÔNICA OBREIROS DA FRATERNIDADE, Nº 64
Or.: de Alagoinhas/BA – Jurisdicionada à Grande Loja Maçônica do Estado da Bahia
Rua Conselheiro Franco, nº 396 Centro – CEP 48010-010 Alagoinhas/BA

Alagoinhas - BA, em 24 de julho de 2007

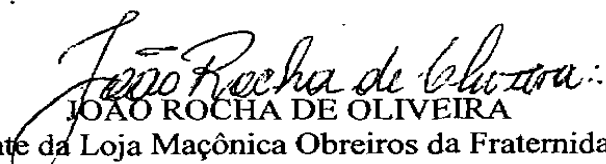
Ofício nº 002- 2007/2009

Ao Exmº. Sr. Presidente do Senado da
República Federativa do Brasil

ANEXO: Moção de Pesar pelo falecimento do Senador ACM

Cumprimos e dever de encaminhar a V. Excia., para conhecimento da mais alta
Câmara Legislativa do nosso país, o documento em anexo.

Na oportunidade apresentamos a V. Excia. nossos protestos de consideração e
apreço.


JOÃO ROCHA DE OLIVEIRA
Presidente da Loja Maçônica Obreiros da Fraternidade

À GL.: D.: G.: A.: D.: U.:

LOJA MAÇÔNICA OBREIROS DA FRATERNIDADE, Nº 64

Or.: de Alagoinhas/BA – Jurisdicionada à Grande Loja Maçônica do Estado da Bahia
Rua Conselheiro Franco, nº 396 Centro – CEP 48010-010 Alagoinhas/BA

Ao Senado da República Federativa do Brasil, aos familiares do saudoso Senador ANTONIO CARLOS MAGALHÃES, aos baianos, e ao povo brasileiro em geral.

A Assembléia de Maçons do quadro da Loja Maçônica Obreiros da Fraternidade, do Oriente de Alagoinhas-BA, em Sessão Especial de 24 de julho de 2007, enlutada como todo o povo brasileiro, aprovou, por unanimidade, a seguinte MOÇÃO DE PESAR, proposta pelo Ex-Presidente desta Loja, Irmão ANTONIO JOSÉ PICOLÉ DE OLIVEIRA:

**MOÇÃO DE PESAR EM FUNÇÃO DA
MORTE DE ACM**

**O Brasil e a Bahia perderam não apenas um político.
Perderam um personagem da história recente do país.**

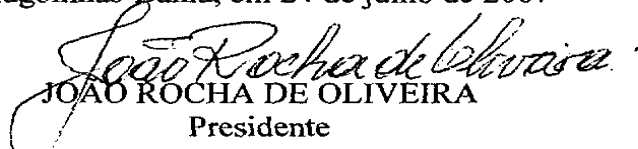
Sem escolher ou temer adversário algum, Antonio Carlos Magalhães esteve ao lado dos que mais precisam da força dos seus líderes.

Ele era um guerreiro heróico, um estrategista da política, que sabia superar sua condição humana para transformar o futuro do seu país e a vida das pessoas, principalmente a vida do povo baiano. A Bahia era sua razão de viver.

Temido pelos fortes e adorado pelos fracos, porque jamais teve medo de fazer o que julgava certo e verdadeiro, conhecido como “Cabeça Branca” para uns e “Malvadeza” para outros, Antonio Carlos Magalhães teve papel essencial na transição democrática no fim do regime militar.

**Ele tinha a coragem de se expor, quando todos se omitiam. Esta é a maior e a mais respeitável característica de um líder. Este é um dos grandes legados de Antonio Carlos Magalhães ao seu país e aos seus descendentes.
Picolé.**

Alagoinhas-Bahia, em 24 de julho de 2007


JOÃO ROCHA DE OLIVEIRA
Presidente

CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA*Gabinete do Presidente*

Telefone PABX 3301-0600 - DDD (016) - FAX 3301-0630

Avenida José Bonifácio, 176 - Centro

CEP 14801-150 - ARARAQUARA - SPwww.camara-arq.sp.gov.brE-mail legislativo@camara-arq.sp.gov.brOf. **1058** /07.

Araraquara, 25 de julho de 2007.

Ao

Excelentíssimo Senhor

Senador RENAN CALHEIROS

Presidente do Senado Federal

Praça dos Três Poderes


Ala Senador Teotônio Vilela, gab. 22

70160-900 - BRASÍLIA/DF

Pelo presente, cumprimos o dever de levar ao conhecimento de Vossa Excelência, que em sessão ordinária realizada no dia 24 de julho de 2007, tendo em vista o **requerimento n.º 0382/07**, de autoria da MESA DA CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA e subscrito pela unanimidade dos vereadores que compõem este Legislativo, foi consignado na ata de seus trabalhos, um voto de profundo pesar pelo falecimento do **Senador ANTONIO CARLOS PEIXOTO MAGALHÃES**.

Apresentamos-lhe os protestos de nossa estima e respeito.

Respeitosamente,

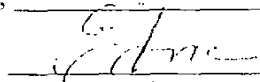

EDNA SANDRA MARTINS
Presidenta

CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARAREQUERIMENTO NÚMERO **C 0382** /07.

AUTOR: MESA DA CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

DESPACHO:

DEFERIDO.

Araraquara, **24 JUL 2007**
Presidente

Faleceu no dia 20 do corrente mês, na capital do Estado de São Paulo, onde encontrava-se em tratamento, o **Senador Antonio Carlos Peixoto Magalhães**.

Filho do Senhor Francisco Peixoto de Magalhães e de Dona Helena Celestino Magalhães, nasceu aos 04 de setembro de 1927.

Deixou viúva a senhora Arlete Maron de Magalhães e os filhos Antonio Carlos de Magalhães Júnior, Teresa Helena Magalhães Mata Pires, Luiz Eduardo Maron de Magalhães e Ana Lúcia Maron de Magalhães, estes dois últimos já falecidos.

Formou-se médico em 1952, na Universidade Federal da Bahia.

Foi redator do jornal "Estado da Bahia"; redator de debates da Assembléia Legislativa da Bahia; médico do serviço público e professor adjunto na Universidade da Bahia.

Em 1954, foi eleito Deputado Estadual na Bahia.

Em 1958, foi eleito Deputado Federal.

Em 1962, foi reeleito Deputado Federal.

Em 1966, mais uma vez foi reeleito Deputado Federal.

Em 1967, foi licenciado do terceiro mandato de deputado federal, para assumir o cargo de Prefeito Municipal de Salvador/BA.

Em 1970, afastou-se da Prefeitura de Salvador/BA, para candidatar-se ao cargo de Governador do Estado da Bahia, para o qual foi eleito

Em 1975, foi nomeado para a Presidência da Eletrobrás.

Em 1976/1978, foi membro do Conselho de Administração da Hidroelétrica Itaipu.

Continuação do Requerimento nº 0382 /07

Em 1978, foi eleito Governador da Bahia, cujo mandato expirou-se em 1983.

Em 1985, foi nomeado Ministro das Comunicações, cargo que exerceu até 1990.

Em 1990, foi eleito Governador do Estado da Bahia.

Em 1994, foi eleito Senador pelo Estado da Bahia.

De 1997 a 1999, presidiu o Senado Federal.

Em 1999, foi eleito mais uma vez, para presidir o Senado da República, mandato que foi até 2001.

Em 2002, foi reeleito para o Senado, mandato que exerceu até o seu falecimento.

Era proprietário do jornal "Correio da Bahia"; sete emissoras de televisão; três emissoras de rádio, além de uma gráfica.

Na adolescência, foi presidente do Grêmio do Ginásio da Bahia e depois do Diretório Central da Universidade Federal da Bahia.

Por tudo o que o seu trabalho representou para a política do Brasil, merece a homenagem do Poder Legislativo Araraquarense.

Requeremos, observadas as normas legais, seja oficiado à família enlutada, apresentando-lhe as mais sentidas condolências do legislativo desta terra, pelo falecimento do **Senador ANTONIO CARLOS PEIXOTO MAGALHÃES**, que causou sentida repercussão junto à população brasileira, principalmente a do Estado da Bahia, dando-se conhecimento desta deliberação aos Presidentes do Senado Federal, da Câmara dos Deputados Federais, da Assembléia Legislativa do Estado da Bahia e à Prefeitura Municipal de Salvador/BA.

Araraquara, 23 de julho de 2007.


EDNA SANDRA MARTINS

Presidenta


RONALDO NAPELOSO

Vice-Presidente


VALDERICO LOE
1º Secretário


EVERSON MIGUEL INFORSATO
2º Secretário

subscrito por demais edis:

CARLOS ALBERTO DO NASCIMENTO

EDNO PACHECO

EDUARDO LAUAND

ELIAS CHEDIEK NETO

FERNANDO CESAR CÂMARA

JOSÉ CARLOS PORSANI

JULIANA ANDRIÃO DAMUS


RAIMUNDO MARTINS BEZERRA

AJUFE

Associação dos Juizes Federais do Brasil

A Associação dos Juizes Federais do Brasil – AJUFE manifesta e lamenta, profundamente, o falecimento do Senador Antonio Carlos Magalhães, importante figura da vida política brasileira.

Brasília, 23 de julho de 2007.


Walter Nunes da Silva Júnior
Presidente da AJUFE

PREFEITURA MUNICIPAL DE BRUMADO**ESTADO DA BAHIA**CNPJ/MF Nº 14.105.704/0001-33
Praça Cel. Zeca Leite, nº 415 – Centro
CEP: 46100-000 – Brumado-BABrumado, 20 de Julho de 2007.
OF.GABIP: 271/07

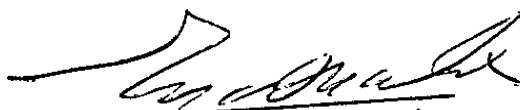
Senhor Presidente,

É com imensurável pesar e obrigado por força do dever de ofício, que estamos dirigindo a esta Egrégia Casa Legislativa, para cientificá-la acerca da publicação do Decreto nº 4337, de 20 de julho de 2007, cujo teor é a decretação de luto oficial no Município de Brumado por 05 (cinco) dias, pelo passamento do Senador Dr. Antonio Carlos Magalhães, incansável lutador pelas nobres causas da Bahia e, atualmente, importante membro do Senado Federal.

Solicitamos a publicação e arquivamento do citado Decreto nos anais desta Casa, ao tempo em que pedimos seja encaminhado ao Dr. Antonio Carlos Magalhães Júnior, Suplente do ilustre Senador ACM, votos de sucesso, em seu novo encargo, num momento tão árduo e de elevada responsabilidade.

Colhemos do ensejo a oportunidade para reiterar votos de respeito e consideração, ao tempo em que nos colocamos ao inteiro dispor.

Atenciosamente,

**Eduardo Lima Vasconcelos,**
PREFEITO MUNICIPAL DE BRUMADO
RG 4.000 130-02 SSP/BA
CPF 143.217 696-04Exmº Sr
Dr. Renan Calheiros
MD. Presidente do Congresso Nacional
Brasília-DF

PREFEITURA MUNICIPAL DE BRUMADO

ESTADO DA BAHIA
CNPJ/MF Nº 14.105.704/0001-33
Praça Cel. Zeca Leite, nº 415 – Centro
CEP: 46100-000 – Brumado-BA

BRUMADO
DESENVOLVIMENTO E COMPROMISSO SOCIAL

DECRETO Nº 4.337, DE 20 DE JULHO DE 2007.

Decreta Luto Oficial no Município de Brumado, por 05 (cinco) dias, pelos motivos a seguir indicados.

~~O PREFEITO DO MUNICÍPIO DE BRUMADO, Estado da Bahia, no uso de suas atribuições legais,~~

Considerando o falecimento do Dr. ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES, cidadão baiano, político de escol que sempre lutou incansavelmente em prol de seu povo, o qual nos deixa o legado de dedicação à frente do mister de homem público, que prestou imprescindível contribuição para o Estado da Bahia.

Considerando justo que a Administração Municipal de Brumado preste as homenagens póstumas a uma pessoa integrante de uma das mais representativas estirpes da política brasileira:

D E C R E T A LUTO OFICIAL no Município de Brumado, por 05 (cinco) dias, pelo falecimento do Dr. ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES, ocorrido nesta data, na Cidade de São Paulo.

PUBLIQUE-SE

Dê-se conhecimento à família enlutada.

Gabinete do Prefeito Municipal de Brumado, em 20 de julho de 2007.



EDUARDO LIMA VASCONCELOS
PREFEITO MUNICIPAL



Aclan Viana Silva
PROCURADOR GERAL DO MUNICÍPIO
PORTARIA 265/2003
OAB-BA 20.901

LIGA BAHIANA CONTRA O CÂNCER

0353/07

Salvador, 23 de julho de 2007.

Senhor Senador,

A Liga Bahiana Contra o Câncer, mantenedora do Hospital Aristides Maltez, também de luto pelo falecimento do grande, bravo e incomparável Senador Antônio Carlos Peixoto de Magalhães, que representa imensa perda incontestável e irreparável para o cenário político brasileiro, em nome de seus pacientes, servidores e dirigentes, manifesta a essa casa o voto do mais profundo sentimento de pesar.

Reiterando os protestos de consideração, subscrevemo-nos atentamente,



Dr. Aristides Maltez Filho
Presidente

Excelentíssimo Senhor
Senador José Renan Vasconcelos Calheiros
Presidente do Senado Federal
Senado Federal
Praça dos Três Poderes
BRASÍLIA – DF
70165-900

CÂMARA MUNICIPAL DE ARTUR NOGUEIRA

“Palácio Vereador Rodolpho Rossetti”

Rua dos Expedicionários, 467 - Centro - Artur Nogueira - SP
Cx. P. 03 - Cep 13160-000 - Fone (19) 3877-1097 - Fax (19) 3877-2358
CNPJ 67.162.628/0001-64

Home Page: www.camaraarturnogueira.sp.gov.br

E-mail: cmnogueirasp@yahoo.com.br

MOÇÃO N.º 038/2007

“MANIFESTA PESAR PELO PASSAMENTO DO SENADOR ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES”

Ocorreu em 20 de julho de 2007, aos 79 anos, o falecimento do Senador Antônio Carlos Magalhães. Ele era casado com Arlete Maron de Magalhães, com quem teve quatro filhos.

Antônio Carlos Peixoto de Magalhães nasceu em 4 de setembro de 1927, na cidade de Salvador. Formado em medicina, acabou construindo sua vida na política. Sua base eleitoral e imensa popularidade no Estado da Bahia lhe renderam o cargo de Governador do Estado por três oportunidades. Foi eleito senador em 1994 e em 2002.

Assumiu sua primeira legislatura em 1954, como deputado estadual, pela União democrática Nacional (UDN). Participou do Regime Militar, tendo sido eleito Deputado Federal, agora pela ARENA. Neste período da Ditadura foi nomeado Prefeito de Salvador e Governador do Estado por duas vezes. Era o início do “*carlismo*”.

O período ditatorial terminou mas não levou consigo a popularidade de ACM. Em 1989, pela primeira vez, Antônio Carlos Magalhães disputa um pleito direto e vence ainda no Primeiro Turno, elegendo-se Governador da Bahia. O *carlismo* assenta-se, de forma quase definitiva, na Bahia, referendado desta vez pela legitimidade das Eleições diretas, o que se comprovou na eleição de seus sucessores e nas bem sucedidas candidaturas ao Senado Federal.

CÂMARA MUNICIPAL DE ARTUR NOGUEIRA

"Palácio Vereador Rodolpho Rossetti"

Rua dos Expedicionários, 467 - Centro - Artur Nogueira - SP
Cx. P. 03 - Cep 13160-000 - Fone (19) 3877-1097 - Fax (19) 3877-2358
CNPJ 67.162.628/0001-64

Home Page: www.camaraarturnogueira.sp.gov.br

E-mail: cmnogueirasp@yahoo.com.br

Com seu domínio num dos maiores Estados do Brasil, ACM começou a formar seu sucessor, um futuro Presidente da República. Antônio Carlos Magalhães apostava todas as suas fichas em seu primogênito Luiz Eduardo. Mas em 1998, aos 43 anos de idade, Luiz Eduardo, vítima de um infarto, falece antes que os sonhos de seu pai se concretizassem. Foi um golpe duro da vida neste que foi um dos maiores políticos que este país já viu.

Neste momento, em nome da Câmara Municipal, apresentamos ao Senado Federal, a sua última Casa Política, a **MOÇÃO DE PESAR**, pelo falecimento do Senador **ANTÔNIO CARLOS PEIXOTO DE MAGALHÃES**, em sinal de último pleito de respeito, em nome do povo nogueirense.

Câmara Municipal "Palácio Vereador Rodolpho Rossetti",
em 23 de julho de 2007



VEREADOR RUBENS DA SILVA BARROS JUNIOR
(Junior Barros)



VEREADOR SÍLVIO JOSÉ CONSERVANI
(Silvinho Conservani)

*Câmara Municipal de Valença***Unidos Para Renovar****Of. N.º 169/2007****Valença, 23 de julho de 2007**

Ao
Exm.º Sr.
Senador Renan Calheiros
MD. Presidente do Congresso Nacional
Brasília - DF

Senhor Presidente,

Pelo presente, estamos levando ao conhecimento desta Egrégia Casa de Leis, que os Vereadores sensibilizados com o desaparecimento do Senador ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES, propuseram Votos de **Profundo Pesar** em homenagem a sua memória e associando-se a tristeza da família enlutada e de todos que com ele conviveram.

Embora neste momento nos falte palavras, não poderíamos deixar de dar voz ao imenso pesar que se espalha em Valença com o desaparecimento do saudoso ACM, que soube dentro de sua espantosa sabedoria alavancar o progresso de nossa querida Bahia.

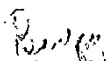
A Bahia perde ACM, perdeu também um pouco de sua alma, pois ele confundia com esta terra que tanto amou e a qual dedicou com paixão mais de 50 anos de vida pública. Prefeito de Salvador, deputado estadual, deputado federal, três vezes governador, ministro das Comunicações e senador da República.

Seu tino de progresso quando prefeito de Salvador fez com que transformasse Salvador em uma cidade moderna com obras importantes, com isso foi considerado pela Câmara Municipal de Salvador “**O Prefeito do Século**”.

Com toda certeza a morte não é o fim, principalmente quando se trata de um grande homem; suas obras vencem o tempo e a fragilidade humana, fazendo com que a sua memória permaneça viva em todos aqueles que por ele foram beneficiados.

Ao dar conhecimento dessa homenagem fúnebre, expressamos a todos os nossos **Votos de Profundo Pesar**.

Pesarosamente,


Bertolino de Jesus
Presidente

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
Conselho Estadual de Educação
Criado em 25/5/1842

OF. Nº 292/2007
Ref. CEE/CP

Salvador, 24 de julho de 2007.

Excelentíssimo Senhor Presidente,

Estamos encaminhando a Vossa Excelência cópia da *Moção de Pesar* pelo passamento do SENADOR BAIANO DOUTOR ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES, aprovada, por unanimidade, em Sessão Plenária do **Conselho Estadual da Educação da Bahia**.

Cumprimentando Vossa Excelência, registramos consternados tão grande perda para o Estado da Bahia e, também, para o âmbito nacional.

Atenciosamente,


RENÉE ALBAGLIN NOGUEIRA
Presidente

Excelentíssimo Sênhor
DOUTOR RENAN CALHEIROS
Presidente do Senado Federal
Senado Federal – Ala Senador Afonso Arinos, gab. 06
Praça dos Três Poderes – Brasília – DF
70165-900

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Cumprida a finalidade da sessão, eu agradeço as personalidades, as autoridades, os Deputados, os Senadores, as Senadoras, os familiares, os colaboradores, os amigos, o corpo diplomático pelo seu comparecimento.

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – As Sr^{as} Senadoras e os Srs. Senadores Paulo Paim, Demóstenes Torres, a Sr^a Senadora Lúcia Vânia, o Sr. Marconi Perillo e a Sra. Roseana Sarney enviaram discursos à Mesa que serão publicados na forma do disposto no art. 203 do Regimento Interno.

S. Ex^{as} serão atendidos.

O SR. PAULO PAIM (Bloco/PT – RS. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, em um momento em que o País sofre a dor de todos aqueles que perderam seus familiares, sofremos também a perda do Senador Antonio Carlos Magalhães.

Como já havia me pronunciado, no início da semana, independentemente da matriz ideológica ou partidária, sempre tive uma relação respeitosa com o Senador Antonio Carlos Magalhães.

Com ele, com certeza, consegui aprovar inúmeros projetos, na Câmara e no Senado. Uma relação antiga.

E não nego nunca as minhas relações com as pessoas, como disse, independente da questão partidária, de suas visões políticas e ideológicas.

Nosso relacionamento se iniciou ainda nos tempos do Eduardo Magalhães.

Lembro-me de vários momentos em que defendemos o mesmo ponto de vista, como, por exemplo, o aumento do valor do salário mínimo.

Sou testemunha – até porque defendendo essa bandeira há mais de 20 anos, aqui no Congresso – de que o Senador Antonio Carlos Magalhães defendia, assim como eu, aumentos maiores para o valor do salário mínimo.

A imagem mais agradável e mais carinhosa que tenho dele, com certeza, é a da defesa da aprovação, aqui no Senado, de três estatutos de minha autoria: do Idoso, da Pessoa com Deficiência e da Igualdade Racial.

Ele, que era polêmico e regimentalista, disse nos três casos: “Se depender de mim, Senador Paulo Paim, vamos acelerar os prazos do próprio Regimento, porque os três estatutos merecem aprovação”.

A atuação do Senador Antonio Carlos Magalhães foi fundamental, principalmente na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ).

Por isso, quero também aqui registrar minha solidariedade à família e àqueles que admiravam o Senador.

Sei que era um homem polêmico, mas a democracia é feita por homens e mulheres, de igual forma: polêmicos.

A discordância e a polêmica é que fazem com que você aponte para o futuro com respostas que atendam ao interesse da sociedade.

É a polêmica que suscita o bom debate. Posições podem ser contrárias, mas é justamente aí que está o avanço, o crescimento.

E o Senador Antonio Carlos Magalhães cumpria, com muita competência, esse papel cada vez que, com aquela convicção enraizada e com muita firmeza, ele aqui defendia os seus pontos de vista.

ACM e Luiz Eduardo Magalhães marcaram suas épocas. Foram homens de coragem em seus tempos e de seus jeitos.

Muito obrigado!

Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente.

O SR. DEMÓSTENES TORRES (DEM – GO. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores: “Um homem não pode fazer-se sem sofrer, pois ao mesmo tempo é mármore e escultor”.

Antonio Carlos Magalhães

Por mais que tenha me encontrado com obras marcantes e autores definitivos, ontem eu era um homem à procura de uma epígrafe. Não da máxima de almanaque ou da frase consagrada dos pensadores que andam na boca dos tribunos bissextos. Eu precisava de um enunciado que guardasse a essência do mais notável brasileiro que convivi. A encontrei nas próprias palavras do jornalista, do escritor, do político, do amante do Brasil e do baiano acima de tudo, cuja trajetória, seja por amor, por temor ou por ódio está muito bem assentada na história deste País tantas vezes sem memória.

O Senador Antonio Carlos Magalhães foi o médico da alma da Bahia e o girassol da terra onde o Brasil começou. Convivi com o Senador por quatro anos e posso admitir que estou mais pobre de amigo. Basta olhar a atmosfera política brasileira para perceber a falta que faz a opinião e a voz daquele exemplo de político que não conhecia a tibieza, mas que sabia ser justo ao negociar e fiel ao tratado. O Senador Antonio

Carlos era dono da franqueza em um meio pleno de dissimulação. Talvez por isso tenha colecionado tantos desafetos, mesmo porque mantinha distância medida dos sabujos. Quando administrou, escolheu os melhores talentos, os mais competentes, os de indiscutível probidade, isso quando a regra na administração pública era, e ainda é, o apadrinhamento corruptor, o nepotismo e a modorra. O governante que vigiar a família tem 80 por cento de chance de evitar a corrupção”, era uma das lições do Carlismo. Líder, conservou até o último momento uma relação de intimidade com o povo da sua terra alicerçada em amor incondicional. O Senador exercia a política com paixão até quando conspirava, atividade que fazia com engenho e picardia.

Era temido, é verdade, todavia não se deixava escravizar pelo ódio. Preferia fazer dos inimigos escravos, como bem disse em uma das antológicas frases que resumiram cada momento importante da sua trajetória nos últimos 50 anos da República brasileira. Implacável, o Senador Antonio Carlos granjeava respeito especialmente pela capacidade de perseverar na conquista dos seus objetivos. Foram raras as quedas e, mesmo da mais dolorida, a morte do seu filho Luís Eduardo Magalhães, se levantou e encontrou forças no amor que tinha pelo Brasil. Desprezava os corruptos e não tinha o menor constrangimento de expô-los à execração pública. Nutria especial antipatia dos aproveitadores. Aos seus comandados nunca permitiu a continuidade do poder para que não se contaminassem com os vícios da vaidade e da malversação. “A auréola do poder é o menos significativo. O exercício dele é o que vale e ensina”, acentuou o Senador.

Aliás, ao contrário da sabedoria política convencional brasileira, que patrocina a informalidade e estimula a traição, o Senador Antonio Carlos Magalhães foi um homem público que sabia muito bem dizer não. Por várias vezes contrariou os interesses dos próprios aliados políticos ao vedar-lhes o que considerava um acinte ao interesse público. Mesmo em momentos políticos delicados, temerários, de risco institucional, disse não a presidentes da República por entender que só o povo da Bahia era o seu patrão. Vai ocorrer, certamente, que algum historiador venha limitar a trajetória de ACM como um hóspede do poder, onde quer que ele se encontrasse. É parcialmente verdade. O Senador Antonio Carlos perseguiu o poder e para realizar o empreendimento não economizou força contra os adversários. Como se definiu, as brigas faziam dele um político singular. Atacou, reagiu, gritou, partiu para o

desforço em algumas ocasiões, lutou o bom combate, aplicou golpes baixos, comandou tropas de choques, mas nunca, nunca, se posicionou em cima do muro. O Senador era um homem de opinião, de decisão, de tomar partido, da vergonha na cara e do olho no olho. A sinceridade foi certamente uma das virtudes mais admiráveis do homem público que conheci. Uma das lições que aprendi com o breve, mas profícuo convívio com o Senador Antonio Carlos Magalhães, foi trazer em alto grau de desconfiança os omissos.

Senhoras e Senhores Senadores, o Senador Antonio Carlos Magalhães teve uma trajetória política completa. Lhe faltou a Presidência da República, posição que perseguiu sem frustração, mesmo porque o Senador era extremamente grato à história. Começou no Parlamento como redator dos debates na Assembléia Legislativa da Bahia, logo se elegeu deputado estadual, daí foram três mandatos seguidos na Câmara dos Deputados. Escolhido pelo Marechal Castelo Branco para a prefeitura de Salvador fez uma administração revolucionária. Foi um dos primeiros homens públicos brasileiros a fazer o tão falado hoje choque de gestão, com estruturação do espaço urbano, definição do sistema viário, erradicação de favelas, preservação do patrimônio histórico e recuperação ambiental. Nomeado governador da Bahia, aprimorou a técnica de gerenciamento, buscou os melhores quadros e preparou seu Estado para a consolidação de um parque industrial ao mesmo tempo em que abria as fronteiras do sertão para o desenvolvimento. Em seguida comandou a Eletrobrás, onde teve uma participação decisiva em dois empreendimentos do setor energético que hoje mantém o Brasil de pé: as usinas de Itaipu e Tucuruí. Embora tenha exercido o mandato de governador nomeado pela segunda vez durante o período militar, o Senador Antonio Carlos Magalhães ostentava uma popularidade enorme sustentada em um modelo de organização administrativa inovador, moderno, enxuto e eficiente, isso quando não se falava ainda de responsabilidade fiscal. Um dos nomes que garantiram a transição democrática, o Senador Antonio Carlos Magalhães prestou um grande serviço ao Brasil como Ministro das Comunicações para em seguida voltar ao Governo da Bahia pelo voto do seu dedicado e grato povo.

A passagem do Senador Antonio Carlos Magalhães por essa Casa foi uma das mais profícuas, especialmente porque poucos como o nosso ex-Presidente do Senado tiveram a coragem de não disponibilizar as

prerrogativas do Congresso Nacional. Não se submeteu à tutela do Poder Executivo ou à interferência do Poder Judiciário. Aliás, em função do seu empenho político extraordinário, o Brasil pôde fazer a CPI do Judiciário, além da aprovação de medidas que hoje fazem muito bem ao Brasil, como a Lei de Responsabilidade Fiscal e do Fundo de Combate e Erradicação da Pobreza, que acabou letra morta na Constituição.

O Senador Antonio Carlos Magalhães que eu convivi nessa Casa, pautava o debate político do Brasil na Tribuna do Senado enquanto empenhava todo o seu prestígio político para dar o andamento do processo legislativo que interessava ao Brasil quando presidiu a Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania. Talvez a sua última contribuição tenha sido o pacote de Segurança Pública que conseguimos aprovar nesta Casa e que infelizmente o Senador Antonio Carlos Magalhães não viu virar lei. Além da reforma da Segurança Pública, sou testemunha da maneira obstinada que o Senador Antonio Carlos Magalhães defendia essa Casa contra o abuso das medidas provisórias. O quanto se dedicou à pregação da necessidade de manter uma política de Defesa à altura do Brasil e preparar as Forças Armadas no combate ao crime organizado. Defensor intransigente da liberdade de imprensa, foi uma barreira consistente sempre que o atual governo teve espasmos autoritários. Investigativo e inquiridor pertinaz, desempenhou um papel exemplar nas CPIs instaladas desde o escândalo dos Correios que culminou com o mensalão. Infelizmente, o Senador se foi e o seu Paulo Okamoto não lhe prestou as devidas contas. Esse homem de tantas qualidades errou? Certamente que sim e dentro da sua grandeza admitiu que se não tivesse cometido erros, hoje, não teria caráter. Observo os seus acertos, cuja memória é cara à história do Brasil.

Antonio Carlos Magalhães está fazendo muita falta aos seus familiares, amigos e correligionários, porém faz mais falta ainda à política e à administração pública brasileiras. Mesmo seus adversários reconhecem que ACM era uma sigla que sempre significou devoção absoluta à Bahia e a seu povo, vocação para servir aos baianos. É a esse povo que ACM mais faz falta.

Antonio Carlos Magalhães está fazendo muita falta ao Poder Legislativo e mais falta ainda ao poder de convencimento, de argumentar e expor idéias. Ele gostava do debate, de combater o bom combate, enfrentava adversidade sem se acovardar. Não agia pelas costas. Ainda que tivesse de brigar, era olho no olho. Essa franqueza seduziu multidões e produziu inimizades,

porque Antonio Carlos tinha incrível propensão para despertar paixões, inclusive divergentes. Também por isso, por essa transparência, por esse jogo aberto, a Bahia deu a seu grupo seguidas vitórias nas urnas. Em 50 anos, Antonio Carlos perdeu duas eleições, uma para o Plano Cruzado e outra para a Bolsa Família, ainda assim indiretamente, com candidatos de seu grupo.

Antonio Carlos Magalhães está fazendo muita falta ao Senado e mais ainda a quem, como eu, tinha o prazer de aproveitar o aprendizado que ele adquiriu ao longo de meio século e, generoso, espalhava aos interessados. Seus biógrafos haverão de pesquisar acerca desse aspecto de Antonio Carlos, a generosidade com aqueles que precisavam de alguma coisa dele, de qualquer coisa, uma palavra, um incentivo, uma lição, um atendimento na área social. Antonio Carlos começou sua carreira profissional como professor e sou testemunha de que a encerrou no mesmo ofício, dando aulas de política, inclusive aqui na Tribuna do Senado.

Farão muita falta sua energia, sua força, seu pulso firme, porque Antonio Carlos só foi derrubado pela morte, doença não o impedia de trabalhar. Num país em que a preguiça sobe de cargo com o aparelhamento das funções públicas, fará muita falta um senhor de quase 80 anos que exercia suas atividades mesmo convalescente, mesmo doente, mesmo desobedecendo a ordens médicas para que sossegasse em casa. Os jovens que vão governar o Brasil do futuro têm de saber que no passado houve homem público com esse vigor, essa tenacidade, esse grau de dedicação.

Antonio Carlos Magalhães está fazendo muita falta àqueles que gostam de sinceridade, pois não escondia suas emoções. Ele sofreu junto com o Brasil a dor maior que um país inteiro, a dor suprema, a dor de perder um filho. Antonio Carlos perdeu dois, Ana Lúcia e Luís Eduardo. A dor pela perda dos filhos nunca se esvaiu, nunca diminuiu, nunca se ausentou, e só se tornou suportável por ser dividida com 14 milhões de baianos.

Antonio Carlos Magalhães está fazendo muita falta ao desenvolvimento da Bahia e mais ainda a quem depende do progresso. Ele aproveitou as riquezas naturais para fazer do Estado um pólo de turismo, aproveitou o potencial para torná-lo industrializado e valorizou como ninguém o patrimônio histórico. Mas não foram suas muitas obras que o tornaram patrimônio e atração turística da Bahia: foram os resultados de suas

administrações, foi o produto de seus mandatos, seja como deputado, senador, prefeito, governador, ministro, presidente de estatal. Antonio Carlos revelou os maiores quadros técnicos baianos, inclusive alguns dos que hoje se opõem ao carlismo, daí talvez a amplitude de seu poder de descobrir gente capacitada: ele revelou seus aliados e também seus opositores. Com um talento especial para formar equipes, manteve a Bahia crescendo mais que o Brasil, sem sazonalidades, com equilíbrio. Essa característica de Antonio Carlos está fazendo falta e vai ser difícil encontrá-la em gestores não apenas na Bahia.

Mas, para mim, não são esses lados de Antonio Carlos que mais estão fazendo falta. A mim, faz mais falta o amigo gentil, sempre prestativo, que me recebeu na política, no partido e no Congresso Nacional dotado de uma paciência com a qual raramente os veteranos de qualquer ramo brindam os novatos. Infelizmente, conheci Antonio Carlos Magalhães um pouco tarde, eu já chegando aos 40, ele já passado dos 70, por isso parabeno os baianos que o acompanharam líder estudantil, dirigente de Diretório Central de Estudantes, professor, médico, jornalista. Parabéns a quem teve desde cedo, desde sempre, o privilégio de conviver com Antonio Carlos Magalhães, que pode ser criticado por muitos motivos, mas nunca por não se entregar integralmente aos seus: sua terra, seus amigos, seus eleitores, seus conterrâneos. Sua gente não o deixou hora nenhuma arredar pé de suas convicções. Foi assim que abriu mão da imortalidade na Academia de Letras da Bahia apenas para não ser consorte de um desafeto que semeava azar. A imortalidade que preferiu é a que está cravada pelos 565 mil quilômetros quadrados da Bahia, em forma de obras, de Educação, de Cultura, de desenvolvimento, de esperança.

Antonio Carlos Magalhães nasceu na Ladeira da Independência e foi justamente por ser independente que por 50 anos se manteve no topo da ladeira íngreme da política, que galgou junto com sua gente. Fica o lamento por sua perda e ao mesmo tempo a alegria de, ainda que tarde, tê-lo conhecido, ter sido premiado com a honra de ser seu amigo e ter com ele aprendido tanto.

Adeus, meu amigo Antonio Carlos Magalhães.
Muito obrigado.

A SRA. LÚCIA VÂNIA (PSDB – GO. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, venho à tribuna, hoje, movida por um sen-

timento de tristeza muito grande. A perda do Senador Antonio Carlos Magalhães foi também a perda de um amigo e conselheiro.

A firmeza com que conduzia a Comissão de Constituição e Justiça e Cidadania, as suas decisões sempre corretas, e, principalmente, a sua dedicação ao Colegiado e a esta Casa foram exemplos que nunca esquecerei.

Sua morte deixa uma lacuna na história política de nosso país que será difícil preencher. Sua ausência enche-me de preocupação, ao pensar o quanto estamos carentes de homens públicos que tenham a determinação e o amor à política do Senador Antonio Carlos, para enfrentar os desafios que a Nação impõe.

Ele foi capaz de superar, como poucos, os dramas pessoais em nome de seu país. Voltou ainda de luto, mas fez da dor que o consumia mais uma motivação para seguir em frente.

Mesmo aqueles que o enfrentavam não podiam deixar de reconhecer seus grandes méritos. O líder baiano ultrapassou as fronteiras do seu Estado e ganhou dimensões nacionais.

Foi assim em agosto de 1999, quando anunciou a Emenda do Fundo de Combate à Pobreza, dividindo o Congresso e assustando a equipe econômica do governo.

O projeto do Senador Antonio Carlos obriga o investimento de cerca de R\$4 bilhões anuais para programas voltados para populações de baixa renda, com vigência até 2010.

Em seu segundo mandato nesta Casa, iniciado em 2003, o Senador Antonio Carlos voltou determinado a lutar contra a violência.

Como membro da Comissão de Constituição e Justiça, pude sentir, de perto, a sua angústia com o aumento desenfreado da criminalidade, que já não respeitava mais nem as crianças inocentes nem mesmo mulheres grávidas.

Em fevereiro deste ano, depois da comoção que tomou conta do país com a morte do menino João Hélio, o Senador apresentou a proposta para a criação do Fundo de Combate à Violência e Apoio Às Vítimas da Criminalidade, e a batizou de Fundo João Hélio.

A brutalidade daquele caso fez com que o Congresso se mobilizasse para votar projetos contra a violência.

O pacote antiviolência, com mais de 40 proposições, foi votado na CCJ, sob a presidência do Senador Antonio Carlos.

Sua determinação e agilidade foram a garantia para que as reuniões pudessem ser realizadas e as propostas votadas.

Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, o Congresso Nacional vive um momento difícil.

A sociedade nos cobra explicações diariamente.

Nossa responsabilidade é dar respostas.

Mas é muito mais do que isso.

Precisamos continuar a trabalhar pelo bem de nosso país, com propostas firmes e capazes de garantir as mudanças que o Brasil tanto necessita para seu desenvolvimento social e econômico.

Nessa encruzilhada em que o Legislativo se encontra, o Senador Antonio Carlos haveria de encontrar a palavra certa para orientar a todos nós sobre o caminho a seguir.

Sua vasta experiência política e sua lucidez seriam um norte para encontrarmos uma solução a esta crise que tanto desalento nos traz.

Antonio Carlos Magalhães foi um dos grandes homens públicos que o Brasil já conheceu.

Sua participação no processo de redemocratização do Brasil foi fundamental.

Enfrentou com firmeza o regime militar e soube a hora certa para fazer as articulações que mudariam os destinos do país.

Mesmo entre seus adversários, raros são os que não admiravam sua coragem, sua eloquência, sua maneira de expressar seu pensamento.

Tenho a certeza de que o Senador Antonio Carlos deixa um vazio que será difícil de preencher.

Cabe-nos honrar sua memória lutando para que esta Casa mantenha firmes seus preceitos de defender a Nação e o povo brasileiro.

Antes de encerrar, senhor presidente, gostaria de lembrar que foi o Senador Antonio Carlos quem apresentou a proposta de criação da Comissão de Desenvolvimento Regional.

Ao assumir como seu primeiro presidente, o Senador Tasso Jereissati homenageou o Senador Antonio Carlos como presidente de honra da CDR.

Uma homenagem que agora, neste momento, eu gostaria de tornar eterna.

Obrigada.

O SR. MARCONI PERILLO (PSDB – GO. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, ao assomar a esta tribuna, para, juntamente com todos os Senadores e convidados, homenagear

o saudoso Senador Antonio Carlos Magalhães, queremos tão-somente lembrar-lhe uma qualidade única, que todos nós, não importa a convicção ou a ideologia partidária, temos de reverenciar. Queremos lembrar que o Senador era, acima de tudo, um baiano de corpo, alma e coração e – talvez como poucos políticos na história de seu Estado – foi incansável defensor do povo e dos interesses dos eleitores.

Antonio Carlos Magalhães ressaltou em sua trajetória política um compromisso inequívoco de colocar a Bahia em evidência no cenário nacional. Sempre se reconheceu o papel de Salvador como primeira capital do Brasil e da Bahia como origem do processo de miscigenação racial que fez florescer nova gente nestas terras de além mar, hoje, a maior nação negra fora da África, como nos ensina o Senador Marco Maciel.

Mas a pujança do folclore, a imagem do Pelourinho a lavagem das escadarias do Senhor do Bonfim começam a ganhar projeção nacional e internacional a partir do Governo de Antonio Carlos Magalhães, que transformou Salvador num canteiro de obras, abrindo a beleza, a graça e os contornos da magnífica cidade para o olhar do brasileiro e do estrangeiro.

E nosso saudoso Antonio Carlos Magalhães, ao decidir repintar a imagem de Salvador o fez com um projeto voltado para o futuro, porque, como visionário que o foi, enxergou no potencial turístico um dos mais importantes mecanismos de geração de renda – o que, diga-se de passagem, poucos governantes neste país já conseguiram perceber na devida proporção.

Ainda prefeito de Salvador, abriu as artérias da cidade para dar fluxo ao trânsito e movimento livre aos turistas que, desde então, adotaram a Bahia como um mimo, não só pela gente receptiva e calorosa, mas pelo cuidado com a preservação da arquitetura, dos valores e das raízes locais.

Como costumava dizer nosso saudoso homenageado: era preciso livrar Salvador da pecha de cidade suja, sem a presença do Poder Público. Mas, acima de tudo, era necessário respeitar a fisionomia de ontem ao se voltar a cidade para o futuro.

Que o diga o povo baiano, a quem o Senador Antonio Carlos Magalhães dedicou a vida e a carreira política; que o diga a Bahia, que tem nesse bravo guerreiro um divisor de águas entre o passado e o futuro, entre o relativo esquecimento e a permanente lembrança no cenário nacional.

O Senador Antonio Carlos Magalhães sempre revelou esta característica em que todos nós devemos

buscar inspiração ao exercer os mandatos como representantes do povo e dos Estados; O Senador Antonio Carlos Magalhães sempre transpirou uma paixão desatinada a serviço da Bahia.

E foi uma paixão em todos os sentidos, não só ao preservar o patrimônio histórico e cultural, mas, também, ao lançar as bases para a indústria baiana e para um governo a serviço do povo.

As sucessivas eleições para o Parlamento e para o Governo explicam-se pelo caráter, tenacidade e obstinação que o levaram, de forma permanente e diuturna, a envidar esforços na construção do futuro da Bahia, sem ignorar a raízes do passado.

É sob a batuta do saudoso Antonio Carlos Magalhães que o Pelourinho foi reformado pela primeira vez; é sob a regência desse bravo e aguerrido baiano que se duplicou o pólo petroquímico de Camaçari e criou-se o Centro Administrativo; é sob o comando do Senador que se fizeram mais de 1300 km de rodovias no Estado.

As realizações do Senador Antonio Carlos Magalhães na saga em defesa do seu povo e de sua gente não caberiam nas poucas páginas deste pronunciamento, mas há dois pontos que, antes de encerrarmos, não poderíamos deixar de ressaltar, como atributo singular.

Foi na Bahia que se realizou o Congresso de reestruturação da União Nacional dos Estudantes; foi na Bahia que nasceram diversos programas sociais com o intuito de melhorar a qualidade de vida da população, como a Farmácia do Povo e o Serviço de Atendimento ao Cidadão.

Essa condição de ardoroso defensor do povo e do Estado da Bahia é decerto uma das maiores lições que nos deixou o Senador Antonio Carlos Magalhães, que servirá como fonte de inspiração para todos os políticos desejosos de manterem, de forma permanente e duradoura, a fidelidade aos interesses dos eleitores, o compromisso com os objetivos maiores do Estado e do Brasil.

O Senador Antonio Carlos Magalhães deixa-nos saudades pelo espírito tenaz e pela infindável e incansável vontade de debater idéias e servir ao seu povo a sua gente ao seu Estado e ao Brasil.

Muito obrigado!

A SRA. ROSEANA SARNEY (PMDB – MA. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, por imenso carinho não posso deixar de registrar aqui algumas palavras de despedida ao

amigo Senador Antonio Carlos Magalhães, Colega nesta Casa, companheiro de muitas lidas políticas, inclusive e particularmente no processo de redemocratização do País, quando teve papel marcante e fundamental.

Marcante foi toda a longa trajetória política do carismático baiano, que trocou a Medicina pela política e, sempre defendendo a sua Bahia, fez-se figura ímpar no cenário nacional.

Fazer política exige dedicação, obstinação e coragem, mas também generosidade e, principalmente, a capacidade de renovar-se, de aceitar as desditas e celebrar com serenidade as vitórias. Antonio Carlos Magalhães – marcante sempre.

Antonio Carlos é figura fundamental da história recente da Bahia. Parte considerável do imenso avanço que o estado alcançou nos últimos 50 anos deve-se a sua capacidade como administrador e também como catalisador de forças políticas, econômicas e sociais.

Aqui no Senado perdemos um companheiro. O Brasil perdeu um grande político. Um homem que soube perder sem abrir mão da dignidade. Soube sofrer e chorar lutos e dolorosas perdas – como a do jovem filho brilhante, Luís Eduardo –, sem desistir de lutar e de viver.

Esse é o legado que Antonio Carlos nos deixa. A vida não é um mar de rosas. Mas sempre vale a pena, quando vivida com paixão e intensidade. Vale a pena quando há crenças e causas a serem defendidas. Vale a pena a ponto de não desistirmos de vivê-la por inteiro até quando nos for permitido.

Antonio Carlos Magalhães viveu assim.

Registro aqui minha solidariedade aos baianos e à família Magalhães pela perda, e também as saudades do amigo, que me viu crescer e, em convivência próxima, soube até discordar, mas sempre frontalmente, não com deslealdade.

Antonio Carlos Magalhães – o ACM, como o Brasil o rebatizou – deixa saudades. Fará falta nesta Casa. Sem ele o cenário político brasileiro fica, sim, mais pobre.

Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Nada mais havendo a tratar, a Presidência vai encerrar os trabalhos.

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Está encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 22 horas.)

ATO DO DIRETOR-GERAL**N.º 4365 , de 2007**

O DIRETOR-GERAL DO SENADO FEDERAL, no exercício de suas atribuições regulamentares, e tendo em vista o que consta no Processo n.º 013213/07-5 e anexo,

RESOLVE, fundamentado nos arts. 215 e 217, inciso I, alíneas "a" e "b", da Lei n.º 8.112/90, com as alterações da EC nº 41, de 31/12/2003 c/c a Lei nº 10.887/04, de 18/06/2004 e até o limite máximo estabelecido para os benefícios do Regime Geral da Previdência Social, acrescida de 70% (setenta por cento) da parcela excedente a este limite, conceder pensão vitalícia a ELEUZA SCHMALTZ DE SOUSA e ALICE GABRIEL DE SOUSA, respectivamente, na condição de cônjuge e ex-esposa pensionada, no percentual de 50% (cinquenta por cento) para cada uma, dessa totalidade, dos proventos que percebia o ex-servidor JOAQUIM SERAFIM DE SOUSA, matrícula 4379, a partir da data do óbito, 22/07/2007.

Senado Federal, 07 de agosto de 2007.


AGACIEL DA SILVA MAIA
Diretor-Geral

ATO DO DIRETOR-GERAL

Nº 4368 , de 2007

O DIRETOR-GERAL DO SENADO FEDERAL, no exercício de suas atribuições regulamentares, e tendo em vista o que consta do Processo nº 005.034/94-9.

RESOLVE alterar o Ato do Presidente nº 173, de 1994, que aposentou, voluntariamente, com proventos proporcionais, o ex-servidor do Quadro de Pessoal do Senado Federal, falecido em 05 de julho de 2000, **FERNANDO ESTEVAM DANTAS**, Analista Legislativo, Nível III, Padrão 45, para incluir os artigos 2º e 3º da Resolução (SF) nº 74, de 1.994, combinado com o Ato do Diretor-Geral nº 148, de 1994, a partir de 01 de julho de 1994, observando-se o disposto no artigo 37, inciso XI, da Constituição Federal.

Senado Federal, em 08 de agosto de 2007.



AGACIEL DA SILVA MAIA
Diretor-Geral

ATO DO DIRETOR-GERAL

Nº 4369 , de 2007

O DIRETOR-GERAL DO SENADO FEDERAL, no exercício de suas atribuições regulamentares, estabelecidas pela Resolução-SF nº 9, de 1997, tendo em vista o que consta do Processo nº 2752/07-7, RESOLVE, fundamentado nos arts. 215 e 217, inciso I, alínea "a", da Lei nº 8.112/90, com as alterações da EC nº 41, de 31/12/2003 c/c a Lei nº 10.887/04, de 18/06/2004, conceder pensão vitalícia a LAURENTINA FRANÇA DA SILVA, na qualidade de cônjuge, no percentual de 100% (cem por cento), dos proventos que percebia o ex-servidor aposentado HUMBERTO ALVES DA SILVA, matrícula 8142, a partir da data do óbito, ocorrido em 27 de julho de 2007.

Senado Federal, em 08 de agosto de 2007.


AGACIEL DA SILVA MAIA
Diretor-Geral do Senado Federal

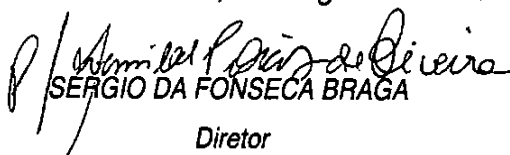
SECRETARIA DE COMISSÕES
SUBSECRETARIA DE APOIO ÀS COMISSÕES MISTAS

TERMO DE REUNIÃO

Convocada Reunião de Instalação para o dia oito do mês de agosto de dois mil e sete, quarta-feira, às quatorze horas e trinta minutos, na sala número dezenove da Ala Senador Alexandre Costa, Senado Federal, da Comissão Mista destinada a examinar e emitir parecer sobre a Medida Provisória nº 382, adotada em 24 de julho de 2007 e publicada no dia 25 de julho do mesmo ano, que “Dispõe sobre o desconto de créditos da Contribuição para o PIS/PASEP e da COFINS, na aquisição no mercado interno ou importação de bens de capital destinados à produção dos bens relacionados nos Anexos I e II da Lei no 10.485, de 3 de julho de 2002, e dos produtos classificados na Tabela de Incidência do Imposto sobre Produtos Industrializados - TIPI, aprovada pelo Decreto no 6.006, de 28 de dezembro de 2006; autoriza a concessão de subvenção econômica nas operações de empréstimo e financiamento destinadas às empresas dos setores de calçados e artefatos de couro, têxtil, de confecção e de móveis de madeira; e dá outras providências”, sem a presença de membros, a reunião não foi realizada.

Para constar, foi lavrado o presente Termo, que vai assinado por mim, Sérgio da Fonseca Braga (matrícula 10173), Diretor da Subsecretaria de Apoio às Comissões Mistas.

Sala das Comissões, 8 de agosto de 2007.


SERGIO DA FONSECA BRAGA
Diretor

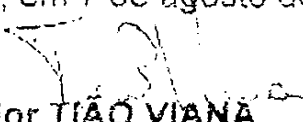
**Ata da 9ª Reunião da Mesa do Senado Federal,
realizada em 7 de agosto de 2007.**

Às dezesseis horas do dia sete de agosto de dois mil e sete, na Sala de Audiências da Presidência do Senado Federal, realiza-se reunião da Mesa, com a presença dos Srs. Senadores Tião Viana, 1º Vice-Presidente no exercício da Presidência; Alvaro Dias, 2º Vice-Presidente no exercício da 1ª Vice-Presidência; Gerson Camata, 2º Secretário no exercício da 2ª Vice-Presidência; César Borges, 3º Secretário no exercício da 1ª Secretaria; Magno Malta, 4º Secretário no exercício da 2ª Secretaria; Papaléo Paes, 1º Suplente de Secretário no exercício da 3ª Secretaria; e Antonio Carlos Valadares, 2º Suplente de Secretário no exercício da 4ª Secretaria. Esteve ausente, por motivo justificado, o Senador Efraim Morais, 1º Secretário. Abertos os trabalhos, o Sr. 1º Vice-Presidente no exercício da Presidência, Senador Tião Viana, esclarece que a reunião havia sido convocada, inicialmente, para as 10h, mas, tendo em vista que alguns Senadores ainda não haviam chegado a Brasília, foi a mesma transferida para as 16h. Em seguida, anuncia que a reunião se destina a tratar da representação que o P-SOL apresentou em desfavor do Senador Renan Calheiros, em face de notícia veiculada pela revista Veja, Edição nº 2.016, de 11 de julho de 2007, sobre a Schincariol. Explica que há sugestão no sentido de que, na mesma reunião, seja tratada também a representação, igualmente do P-SOL, em relação ao Senador Gim Argello. Franqueia, então, o uso da palavra. O Senador César Borges diz que a pauta da reunião se cingia à representação referente ao Senador Renan Calheiros, sobre a qual há o Parecer nº 219/2007, da Advocacia do Senado. Acrescenta que o Advogado do Senador Gim Argello, Dr. Maurício Corrêa, havia sido informado de que a reunião para tratar da representação sobre o Senador não seria realizada naquele dia; inclusive, a reunião para tratar desse assunto deveria ser presidida pelo Presidente Renan Calheiros. Decidida essa questão preliminar, o Sr. 1º Vice-Presidente no exercício da Presidência, Senador Tião Viana, consulta os demais membros sobre a necessidade de se ler o Parecer nº 219/2007, da Advocacia do Senado, oferecido em face de *"petição formulada pelo Partido Socialismo e Liberdade – PSOL, em desfavor do Senador Renan Calheiros"*. Como cada membro da Mesa já tinha cópia do Parecer, dispensa-se a sua leitura e inicia-se a discussão da matéria. O Senador

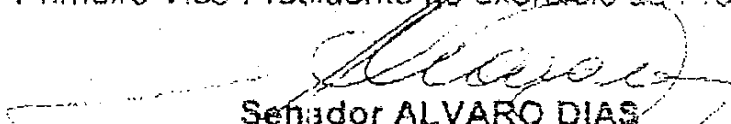
César Borges faz retrospectiva de fatos anteriores e manifesta-se no sentido de que a Mesa não pode entrar no mérito da questão; quem julga o mérito é o Conselho de Ética; à Mesa cabe analisar a formalidade da representação. Lê documento decidido em reunião da Bancada do DEM nesse sentido. Conclui que à Mesa só cabe examinar as formalidades e mandar ao Conselho de Ética. Reitera que essa é uma posição partidária e que a ela não há como deixar de acatar. Assevera que a Resolução nº 20, de 1993, precisa ser modificada quanto a esses dispositivos. O Senador Papaléo Paes expõe que o sujeito da representação não é o Senador Renan Calheiros e que não cabe o envio da representação ao Senado Federal. Outros membros da Mesa expõem sua opinião a respeito desse assunto. O Senador Magno Malta, corroborando o que havia sido dito por outros Senadores, expressa também a necessidade de se mudar a Resolução nº 20, de 1993. Todos aquiescem. O Senador Papaléo Paes reitera que esse assunto está muito voltado para a Câmara dos Deputados e não para o Senado Federal. Assim sendo, a parte legítima, ao que lhe parece, não é o Senador Renan Calheiros. O Senador Antonio Carlos Valadares pondera que seria melhor que a Mesa tivesse uma posição unânime. O art. 14 da Resolução nº 20, de 1993, transforma a Mesa num órgão meramente homologador. Se é apenas para encaminhar ao Conselho de Ética, não seria necessária esta reunião. S. Ex^a se manifesta favorável à supressão do art. 14. Expõe também que cada um dos Senadores tem adversários no Estado; alguns deles são criteriosos no embate político, mas há os que não o são. O encaminhamento ao Conselho de Ética é uma decisão política e não de mérito. O Senador César Borges diz que o Conselho de Ética pode não aceitar a representação. Foi levantada a possibilidade de haver aditamentos à representação já em andamento, ao que o Sr. 1º Vice-Presidente no exercício da Presidência, Senador Tião Viana, lembra que não cabe mais aditamento; já passou a oportunidade. O Senador Alvaro Dias expressa que o seu partido já tomou algumas decisões anteriores. Diz que também acredita que esse processo tem mais a ver com a Câmara dos Deputados do que com o Senado Federal, mas exatamente o problema é não se tratar de uma questão de mérito, o que se verifica na Mesa. O Sr. 1º Vice-Presidente no exercício da Presidência, Senador Tião Viana, diz que o Parecer da Advocacia do Senado é consistente. E acrescenta não haver como mandar para a Câmara dos Deputados, pois

o documento do P-SOL está dirigido à Mesa do Senado Federal. É solicitado que o Advogado do Senado esclareça o seu Parecer, o que é feito. Em seguida, o Senador Antonio Carlos Valadares pondera que, a seu ver, a representação se baseia apenas em denúncias da imprensa, mas a Resolução nº 20, de 1993, obriga a votar pelo encaminhamento da representação ao Conselho de Ética. O Senador César Borges diz que sua posição seria no sentido contrário à representação, mas que tem que acatar, por disciplina partidária, o que foi decidido na reunião de sua Bancada. O Sr. 1º Vice-Presidente no exercício da Presidência, Senador Tião Viana, comunica que avisou o seu Partido sobre sua decisão a respeito do assunto. Reforça que está ciente do que dispõe o art. 14 da Resolução nº 20, de 1993, quanto ao verbo "será utilizado", mas seu voto é no sentido da não-admissibilidade. O Senador Alvaro Dias diz que, no PSDB, após debates, a Bancada decidiu que iria acompanhar o DEM. Encerrada a discussão, o Sr. 1º Vice-Presidente no exercício da Presidência, Senador Tião Viana, anuncia o resultado dos votos: por cinco votos favoráveis e dois contrários, a Mesa decide encaminhar a representação ao Conselho de Ética e Decoro Parlamentar. Em seguida, o Sr. 1º Vice-Presidente no exercício da Presidência, Senador Tião Viana, suspende a reunião, ao tempo em que determina que eu, *Claudia Lyra Nascimento* (Claudia Lyra Nascimento), Secretária-Geral da Mesa, lavre a presente Ata. Reaberta a reunião, a Ata é lida e aprovada pelos Senadores presentes. Nada mais havendo a tratar, às dezessete horas, o Sr. 1º Vice-Presidente no exercício da Presidência, Senador Tião Viana, declara encerrada a reunião e assina a presente Ata, juntamente com os demais membros da Mesa.

Senado Federal, em 7 de agosto de 2007


Senador TIÃO VIANA

Primeiro Vice-Presidente no exercício da Presidência


Senador ALVARO DIAS

Segundo Vice-Presidente no exercício da Primeira Vice-Presidência


Senador GERSON CAMATA

Segundo-Secretário no exercício da Segunda Vice-Presidência





Senador CÉSAR BORGES

Terceiro-Secretário no exercício da Primeira Secretaria



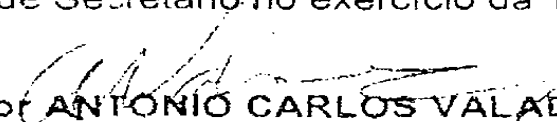
Senador MAGNO MALTA

Quarto-Secretário no exercício da Segunda Secretaria



Senador PÁPALÉO PAES

Primeiro Suplente de Secretário no exercício da Terceira Secretaria



Senador ANTONIO CARLOS VALADARES

Segundo Suplente de Secretário no exercício da Quarta Secretaria

COMPOSIÇÃO DO SENADO FEDERAL NA 53ª LEGISLATURA

Bahia
DEM – Antonio Carlos Júnior* ^(S)
DEM – César Borges*
PDT – João Durval **

Rio de Janeiro
BLOCO-PRB – Marcelo Crivella*
PMDB – Paulo Duque* ^(S)
BLOCO-PP – Francisco Dornelles **

Maranhão
DEM – Edison Lobão*
PMDB – Roseana Sarney *
BLOCO-PTB – Epitácio Cafeteira **

Pará
PSOL – José Nery* ^(S)
PSDB – Flexa Ribeiro* ^(S)
PSDB – Mário Couto**

Pernambuco
DEM – Marco Maciel*
PSDB – Sérgio Guerra*
PMDB – Jarbas Vasconcelos**

São Paulo
BLOCO-PT – Aloizio Mercadante*
DEM – Romeu Tuma*
BLOCO-PT – Eduardo Suplicy**

Minas Gerais
PSDB – Eduardo Azeredo*
PMDB – Wellington Salgado de Oliveira* ^(S)
DEM – Eliseu Resende**

Goiás
DEM – Demóstenes Torres *
PSDB – Lúcia Vânia*
PSDB – Marconi Perillo**

Mato Grosso
DEM – Jonas Pinheiro *
BLOCO-PT – Serys Slhessarenko*

DEM – Jayme Campos **

Rio Grande do Sul
BLOCO-PT – Paulo Paim*
BLOCO-PTB – Sérgio Zambiasi*
PMDB – Pedro Simon**

Ceará
BLOCO-PSB – Patrícia Saboya*
PSDB – Tasso Jereissati*
BLOCO-PC do B – Inácio Arruda**

Paraíba
DEM – Efraim Morais*
PMDB – José Maranhão*
PSDB – Cícero Lucena **

Espírito Santo
PMDB – Gerson Camata*
BLOCO-PR – Magno Malta*
BLOCO-PSB – Renato Casagrande**

Piauí
DEM – Heráclito Fortes*
PMDB – Mão Santa *
BLOCO-PTB – João Vicente Claudino**

Rio Grande do Norte
PMDB – Garibaldi Alves Filho *
DEM – José Agripino*
DEM – Rosalba Ciarlini**

Santa Catarina
BLOCO-PT – Ideli Salvatti*
PMDB – Neuto De Conto * ^(S)

DEM – Raimundo Colombo **

Alagoas
PMDB – Renan Calheiros*
PSDB – João Tenório* ^(S)
BLOCO-PTB – Fernando Collor**

Sergipe
PMDB – Almeida Lima*
BLOCO-PSB – Antônio Carlos Valadares*
DEM – Maria do Carmo Alves **

Amazonas
PSDB – Arthur Virgílio*
PDT – Jefferson Péres*
BLOCO-PT – João Pedro* ^(S)

Paraná
BLOCO-PT – Flávio Arns*
PDT – Osmar Dias *
PSDB – Alvaro Dias **

Acre
PMDB – Geraldo Mesquita Júnior*
BLOCO-PT – Sibá Machado* ^(S)
BLOCO-PT – Tião Viana**

Mato Grosso do Sul
BLOCO-PT – Delcídio Amaral *
PMDB – Valter Pereira* ^(S)
PSDB – Marisa Serrano**

Distrito Federal
PDT – Cristovam Buarque *
DEM – Adelmir Santana * ^(S)
PTB – Gim Argello** ^(S)

Tocantins
BLOCO-PR – João Ribeiro *
PMDB – Leomar Quintanilha*
DEM – Kátia Abreu**

Amapá
PMDB – Gilvam Borges*
PSDB – Papaléo Paes*

PMDB – José Sarney **

Rondônia
BLOCO-PT – Fátima Cleide*
PMDB – Valdir Raupp*
BLOCO-PR – Expedito Júnior**

Roraima
BLOCO-PT – Augusto Botelho*
PMDB – Romero Jucá*

BLOCO-PTB – Mozarildo Cavalcanti**

Mandatos

*: Período 2003/2011 ** : Período 2007/2015

¹ Em virtude do falecimento do Senador Antonio Carlos Magalhães, ocorrido em 20.7.2007.

COMISSÕES PARLAMENTARES DE INQUÉRITO

1) Comissão Parlamentar de Inquérito composta de 11 Senadores titulares e 7 suplentes, destinada a apurar, no prazo de cento e vinte dias, a liberação, pelo Governo Federal, de recursos públicos para organizações não governamentais – ONGs - e para organizações da sociedade civil de interesse público - OSCIPs, bem como a utilização, por essas entidades, desses recursos e de outros por elas recebidos do exterior, a partir do ano de 1999 até o ano de 2006.

(Requerimento nº 201, de 2007, lido em 15.3.2007)
(Aditado pelo Requerimento nº 217, de 2007, lido em 20.3.2007)

Titulares	Suplentes
BLOCO PARLAMENTAR DA MINORIA ⁽¹⁾ (DEM/PSDB)	
Heráclito Fortes (DEM)	1.César Borges (DEM)
Raimundo Colombo (DEM)	
Flexa Ribeiro (PSDB)	2. Marconi Perillo (PSDB)
Marisa Serrano (PSDB)	
BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT/PTB/PR/PSB/PCdoB/PRB/PP)	
Flávio Arns (PT)	1. João Ribeiro (PR)
Eduardo Suplicy (PT)	2. Mozarildo Cavalcanti (PTB)
João Vicente Claudino (PTB)	
PMDB	
Valdir Raupp	1. Valter Pereira
Wellington Salgado de Oliveira	2. Romero Jucá
Leomar Quintanilha	
PDT	
Jefferson Peres	

(1) De acordo com o cálculo de proporcionalidade partidária, cabe ao Bloco Parlamentar da Minoria a indicação de três membros suplentes.

Leitura: 15.3.2007
Designação: 5.6.2007
Instalação:
Prazo Final:

2) Comissão Parlamentar de Inquérito, composta de 13 Senadores titulares e 8 suplentes, para, no prazo de cento e oitenta dias, apurar as causas, condições e responsabilidades relacionadas aos graves problemas verificados no sistema de controle do tráfego aéreo, bem como nos principais aeroportos do país, evidenciados a partir do acidente aéreo, ocorrido em 29 de setembro de 2006, envolvendo um Boeing 737-800 da Gol e um jato Legacy da American ExcelAire, e que tiveram seu ápice no movimento de paralisação dos controladores de voo ocorrido em 30 de março de 2007.

(Requerimento nº 401, de 2007)

(13 titulares e 8 suplentes)

Presidente: Senador Tião Viana – (PT-AC)

Vice-Presidente: Senador Renato Casagrande – (PSB-ES)

Relator: Senador Demóstenes Torres – (DEM-GO)

Titulares	Suplentes
BLOCO PARLAMENTAR DA MINORIA (DEM/PSDB)	
(vago) ³	1.Raimundo Colombo (DEM)
Demóstenes Torres (DEM)	2.Romeu Tuma (DEM)
José Agripino (DEM)	
Mário Couto (PSDB)	3. Tasso Jereissati (PSDB)
Sérgio Guerra (PSDB)	
BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT/PTB/PR/PSB/PCdoB/PRB/PP)	
Tião Viana (PT)	1. Ideli Salvatti (PT)
Sibá Machado (PT)	2. João Pedro (PT) ²
Sérgio Zambiasi (PTB)	3. Inácio Arruda (PCdoB)
Renato Casagrande (PSB)	
PMDB	
Leomar Quintanilha	1. Romero Jucá
Gilvam Borges	2. Valdir Raupp
Wellington Salgado	
PDT	
(vago) ¹	

¹ O Senador Osmar Dias deixa de compor esta Comissão, a partir de 29.05.2007 (Ofício nº 70/07 – GLPDT).

² O Senador Expedito Júnior foi substituído pelo Senador João Pedro, conforme número 114/2007 – da liderança do Bloco de Apoio do Governo, lido na sessão de 16/05/2007.

³ Em virtude do falecimento do Senador Antonio Carlos Magalhães, ocorrido em 20.7.2007.

Leitura: 25.4.2007

Designação: 15.5.2007

Instalação: 17.5.2007

Prazo Final: 26.11.2007

COMISSÕES TEMPORÁRIAS

- 1) Comissão Temporária Externa, composta de três Senadores, com o intuito de avaliar as condições da pista do aeroporto de Congonhas.

(Requerimento nº 50, de 2007, aprovado em 13.2.2007)

Aloizio Mercadante – PT
Eduardo Suplicy – PT
Romeu Tuma – DEM

Leitura: 8.2.2007

Designação: 13.2.2007

Instalação:

Prazo Final:

COMPOSIÇÃO DAS COMISSÕES PERMANENTES
1) COMISSÃO DE ASSUNTOS ECONÔMICOS - CAE
(27 titulares e 27 suplentes)

Presidente: Senador Aloizio Mercadante – PT
Vice-Presidente: Senador Eliseu Rezende - DEM

TITULARES	SUPLENTES
Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	
Eduardo Suplicy – PT	1. Flávio Arns – PT
Francisco Dornelles – PP	2. Paulo Paim – PT
Delcídio Amaral – PT	3. Ideli Salvatti – PT
Aloizio Mercadante – PT	4. Sibá Machado – PT
Fernando Collor – PTB	5. Marcelo Crivella – PRB
Renato Casagrande – PSB	6. Inácio Arruda – PC do B
Expedito Júnior – PR	7. Patrícia Saboya – PSB
Serys Slhessarenko – PT	8. Antonio Carlos Valadares – PSB
João Vicente Claudino – PTB	9. João Ribeiro – PR
PMDB	
Romero Jucá	1. Valter Pereira
Valdir Raupp	2. Roseana Sarney
Pedro Simon	3. Wellington Salgado de Oliveira
Mão Santa	4. Leomar Quintanilha
Gilvam Borges	5. (vago)
Neuto De Conto	6. Paulo Duque
Garibaldi Alves Filho	7. Jarbas Vasconcelos
Bloco da Minoria (DEM e PSDB)	
Adelmir Santana - DEM	1. Jonas Pinheiro - DEM
Edison Lobão - DEM	2. (vago) ¹
Eliseu Resende - DEM	3. Demóstenes Torres - DEM
Jayme Campos - DEM	4. Rosalba Ciarlini - DEM
Kátia Abreu - DEM	5. Marco Maciel - DEM
Raimundo Colombo - DEM	6. Romeu Tuma - DEM
Cícero Lucena – PSDB	7. Arthur Virgílio – PSDB
Flexa Ribeiro – PSDB	8. Eduardo Azeredo – PSDB
Sérgio Guerra – PSDB	9. Marconi Perillo – PSDB
Tasso Jereissati – PSDB	10. João Tenório – PSDB
PDT	
Osmar Dias	1. Jefferson Péres

¹ Em virtude do falecimento do Senador Antonio Carlos Magalhães, ocorrido em 20.7.2007.

Secretário: Luiz Gonzaga Silva Filho
Reuniões: Terças – Feiras às 10:00 horas – Plenário nº 19 – Ala Alexandre Costa.
Telefones: 3311-4605 e 3311-3516 Fax: 3311-4344
E – Mail: scomcae@senado.gov.br

1.1) SUBCOMISSÃO PERMANENTE – ASSUNTOS MUNICIPAIS
(9 titulares e 9 suplentes)

Presidente: Senador Cícero Lucena - PSDB
Vice-Presidente: Senador Garibaldi Alves Filho - PMDB

TITULARES	SUPLENTES
Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	
Antonio Carlos Valadares – PSB	1. Delcídio Amaral – PT
Sibá Machado – PT	2. Serys Slhessarenko – PT
Expedito Júnior – PR	3. João Vicente Claudino – PTB
PMDB	
Valdir Raupp	1. Mão Santa
Garibaldi Alves Filho	2. Renato Casagrande – PSB ⁽¹⁾
Bloco da Minoria (DEM e PSDB)	
Jayme Campos - DEM	1. Jonas Pinheiro - DEM
Raimundo Colombo - DEM	2. Flexa Ribeiro – PSDB
Sérgio Guerra – PSDB	3. Eduardo Azeredo – PSDB
(PMDB, PSDB, PDT) ⁽²⁾	
Cícero Lucena - PSDB	1. vago

⁽¹⁾ Vaga do PMDB cedida ao PSB

⁽²⁾ Vaga compartilhada entre PMDB, PSDB e PDT

1.2) SUBCOMISSÃO TEMPORÁRIA – PREVIDÊNCIA SOCIAL
(7 titulares e 7 suplentes)

1.3) SUBCOMISSÃO TEMPORÁRIA – REFORMA TRIBUTÁRIA
(7 titulares e 7 suplentes)

Presidente: Senador Tasso Jereissati - PSDB
Vice-Presidente: Senador Neuto De Conto – PMDB
Relator: Senador Francisco Dornelles - PP

TITULARES	SUPLENTES
Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	
Eduardo Suplicy – PT	1. Renato Casagrande – PSB
Francisco Dornelles – PP	2. Ideli Salvatti – PT
PMDB	
Mão Santa	1. vago
Neuto De Conto	2. vago
Bloco da Minoria (DEM e PSDB)	
Raimundo Colombo - DEM	1. João Tenório – PSDB ⁽²⁾
Osmar Dias – PDT ⁽¹⁾	2. Cícero Lucena – PSDB ⁽²⁾
Tasso Jereissati – PSDB	1. Flexa Ribeiro – PSDB

⁽¹⁾ Vaga cedida ao PDT

⁽²⁾ Vaga cedida ao PSDB

1.4) SUBCOMISSÃO TEMPORÁRIA – REGULAMENTAÇÃO DOS MARCOS REGULATÓRIOS
(7 titulares e 7 suplentes)

Presidente:
Vice-Presidente:

TITULARES	SUPLENTEs
Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	
Delcídio Amaral – PT	1. Francisco Dornelles – PP
Inácio Arruda – PC do B	2. Renato Casagrande – PSB
PMDB	
Valdir Raupp	1. Romero Jucá
Garibaldi Alves Filho	2. Valter Pereira
Bloco da Minoria (DEM e PSDB)	
Kátia Abreu - DEM	1. José Agripino - DEM
Eliseu Resende - DEM	2. Romeu Tuma - DEM
Sérgio Guerra – PSDB	1. Tasso Jereissati – PSDB

2) COMISSÃO DE ASSUNTOS SOCIAIS - CAS
(21 titulares e 21 suplentes)

Presidente: Senadora Patrícia Saboya - PSB
Vice-Presidente: Senadora Rosalba Ciarlini – DEM

TITULARES	SUPLENTE
Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	
Patrícia Saboya – PSB	1.Fátima Cleide – PT
Flávio Arns –PT	2. Serys Slhessarenko – PT
Augusto Botelho – PT	3. Expedito Júnior – PR
Paulo Paim – PT	4. Fernando Collor – PTB
Marcelo Crivella – PRB	5. Antonio Carlos Valadares – PSB
Inácio Arruda – PC do B	6. Ideli Salvatti – PT
João Pedro - PT	7. Magno Malta - PR
	8. (vago)
PMDB	
Romero Jucá	1. Leomar Quintanilha
Geraldo Mesquita Júnior	2. Valter Pereira
Garibaldi Alves Filho	3. Pedro Simon
Valdir Raupp	4. Neuto De Conto
Wellington Salgado de Oliveira	5. (vago)
Bloco da Minoria (DEM e PSDB)	
Demóstenes Torres – DEM	1. Adelmir Santana – DEM
Jayme Campos – DEM	2. Heráclito Fortes – DEM
Kátia Abreu – DEM	3. Raimundo Colombo – DEM
Rosalba Ciarlini – DEM	4. Romeu Tuma – DEM
Eduardo Azeredo – PSDB	5. Cícero Lucena – PSDB
Lúcia Vânia – PSDB	6. Sérgio Guerra – PSDB
Papaléo Paes – PSDB	7. Marisa Serrano – PSDB
PDT	
João Durval	1. Cristovam Buarque
PSOL	
José Nery	

Secretária: Gisele Ribeiro de Toledo Camargo
Reuniões: Quintas – Feiras às 11:30 horas – Plenário nº 09 – Ala Alexandre Costa.
Telefone: 3311-3515 Fax: 3311-3652
E – Mail: scomcas@senado.gov.br

2.1) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DO TRABALHO E PREVIDÊNCIA.
(5 titulares e 5 suplentes)

Presidente: Senador Paulo Paim - PT
Vice-Presidente: Senador Marcelo Crivella - PRB

TITULARES	SUPLENTES
Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	
Paulo Paim - PT	1. Flávio Arns – PT
Marcelo Crivella - PRB	2. (vago)
PMDB e PDT	
Geraldo Mesquita Júnior – PMDB	1. (vago)
Bloco da Minoria (DEM e PSDB)	
Lúcia Vânia – PSDB	1. Cícero Lucena – PSDB
Jayme Campos– DEM	2. Kátia Abreu - DEM

Secretária: Gisele Ribeiro de Toledo Camargo
Plenário nº 09 – Ala Alexandre Costa.
Telefone: 3311-3515 Fax: 3311-3652
E – Mail: scomcas@senado.gov.br

2.2) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DE ASSUNTOS SOCIAIS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA.
(5 titulares e 5 suplentes)

Presidente: Senador Eduardo Azeredo - PSDB
Vice-Presidente: Senador Flávio Arns - PT

TITULARES	SUPLENTES
Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	
Flávio Arns - PT	1. Fátima Cleide - PT
Paulo Paim - PT	2. (vago)
PMDB e PDT	
Geraldo Mesquita Júnior – PMDB	1. (vago)
Bloco da Minoria (DEM e PSDB)	
Eduardo Azeredo – PSDB	1. Papaléo Paes – PSDB
Rosalba Ciarlini – DEM	2. Marisa Serrano - PSDB

Secretária: Gisele Ribeiro de Toledo Camargo
Plenário nº 09 – Ala Alexandre Costa.
Telefone: 3311-3515 Fax: 3311-3652
E – Mail: scomcas@senado.gov.br

**2.3) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DE PROMOÇÃO,
ACOMPANHAMENTO E DEFESA DA SAÚDE.**

(5 titulares e 5 suplentes)

Presidente: Senador Papaléo Paes - PSDB

Vice-Presidente: Senador Augusto Botelho - PT

TITULARES	SUPLENTES
Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	
Augusto Botelho - PT	1. (vago)
Flávio Arns – PT	2. (vago)
DEM ou PDT	
João Durval - PDT	1. Adelmir Santana - DEM
Bloco da Minoria (DEM e PSDB)	
Papaléo Paes – PSDB	1. Cícero Lucena – PSDB
Rosalba Ciarlini – DEM	2. Kátia Abreu - DEM

Secretária: Gisele Ribeiro de Toledo Camargo

Plenário nº 09 – Ala Alexandre Costa.

Telefone: 3311-3515 Fax: 3311-3652

E – Mail: scomcas@senado.gov.br

3) COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E CIDADANIA - CCJ
(23 titulares e 23 suplentes)

Presidente: (vago) ¹

Vice-Presidente: Senador Valter Pereira - PMDB

TITULARES	SUPLENTE
Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	
Serys Slhessarenko – PT	1. Paulo Paim - PT
Sibá Machado – PT	2. Ideli Salvatti - PT
Eduardo Suplicy – PT	3. Patrícia Saboya - PSB
Aloizio Mercadante – PT	4. Inácio Arruda – PC do B
Epitácio Cafeteira - PTB	5. João Ribeiro - PR
Mozarildo Cavalcanti - PTB	6. Magno Malta - PR
Antonio Carlos Valadares - PSB	
PMDB	
Pedro Simon	1. Roseana Sarney
Valdir Raupp	2. Wellington Salgado de Oliveira
Romero Jucá	3. Leomar Quintanilha
Jarbas Vasconcelos	4. Paulo Duque
Valter Pereira	5. José Maranhão
Gilvam Borges	6. Neuto De Conto
Bloco da Minoria (DEM e PSDB)	
Adelmir Santana – DEM	1. Eliseu Resende – DEM
(vago) ¹	2. Jayme Campos – DEM
Demóstenes Torres – DEM	3. José Agripino – DEM
Edison Lobão – DEM	4. Kátia Abreu – DEM
Romeu Tuma – DEM	5. Maria do Carmo Alves – DEM
Arthur Virgílio - PSDB	6. Flexa Ribeiro - PSDB
Eduardo Azeredo - PSDB	7. João Tenório - PSDB
Lúcia Vânia - PSDB	8. Marconi Perillo - PSDB
Tasso Jereissati - PSDB	9. Mário Couto - PSDB
PDT	
Jefferson Péres	1. Osmar Dias
PSOL	
	José Nery

¹ Em virtude do falecimento do Senador Antonio Carlos Magalhães, ocorrido em 20.7.2007.

Secretária: Gildete Leite de Melo
Reuniões: Quartas – Feiras às 10:00 horas. – Plenário nº 3 – Ala Alexandre Costa
Telefone: 3311-3972 Fax: 3311-4315
E – Mail: scomccj@senado.gov.br

3.1) SUBCOMISSÃO – IMAGEM E PRERROGATIVAS PARLAMENTARES
(5 titulares)

3.2) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DE SEGURANÇA PÚBLICA
(7 titulares e 7 suplentes)

4) COMISSÃO DE EDUCAÇÃO
(27 titulares e 27 suplentes)

Presidente: Senador Cristovam Buarque - PDT
Vice-Presidente: Senador Gilvam Borges – PMDB

TITULARES	SUPLENTES
Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	
Flávio Arns - PT	1. Patrícia Saboya - PSB
Augusto Botelho - PT	2. João Pedro - PT
Fátima Cleide - PT	3. Aloizio Mercadante - PT
Paulo Paim - PT	4. Antonio Carlos Valadares - PSB
Ideli Salvatti - PT	5. Francisco Dornelles - PP
Inácio Arruda – PC do B	6. Marcelo Crivella – PRB
Renato Casagrande - PSB	7. João Vicente Claudino – PTB
Sérgio Zambiasi - PTB	8. Magno Malta – PR
João Ribeiro - PR	9. (vago)
PMDB	
Wellington Salgado de Oliveira	1. Romero Jucá
Gilvam Borges	2. Leomar Quintanilha
Mão Santa	3. Pedro Simon
Valdir Raupp	4. Valter Pereira
Paulo Duque	5. Jarbas Vasconcelos
Geraldo Mesquita Júnior	6. (vago)
(vago)	7. Neuto De Conto
Bloco da Minoria (DEM e PSDB)	
Edison Lobão - DEM	1. Adelmir Santana - DEM
Heráclito Fortes - DEM	2. Demóstenes Torres - DEM
Maria do Carmo Alves - DEM	3. Jonas Pinheiro - DEM
Marco Maciel - DEM	4. José Agripino - DEM
Raimundo Colombo - DEM	5. Kátia Abreu - DEM
Rosalba Ciarlini - DEM	6. Romeu Tuma - DEM
Marconi Perillo - PSDB	7. Cícero Lucena - PSDB
Marisa Serrano - PSDB	8. Eduardo Azeredo - PSDB
Papaléo Paes - PSDB	9. (vago) ¹
Flexa Ribeiro- PSDB	10. Lúcia Vânia - PSDB
PDT	
Cristovam Buarque	1. Jefferson Péres

¹ Em virtude do retorno do titular, Senador Alvaro Dias.

Secretário: Júlio Ricardo Borges Linhares
Reuniões: Terças – Feiras às 11:00 horas – Plenário nº 15 – Ala Alexandre Costa.
Telefone: 3311-3498 Fax: 3311-3121
E – Mail: julioric@senado.gov.br.

4.1) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DE CINEMA, TEATRO, MÚSICA E COMUNICAÇÃO SOCIAL

Presidente: Senador Demóstenes Torres - DEM
Vice-Presidente: Senadora Marisa Serrano - PSDB

(12 titulares e 12 suplentes)

TITULARES	SUPLENTE
Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	
Paulo Paim - PT	1. (vago)
Flávio Arns - PT	2. (vago)
Sérgio Zambiasi - PTB	3. Magno Malta - PR
PMDB	
Geraldo Mesquita Júnior	1. Valdir Raupp
Valter Pereira	2. (vago)
Paulo Duque	3. (vago)
Bloco da Minoria (DEM e PSDB)	
Demóstenes Torres - DEM	1. Maria do Carmo Alves - DEM
Romeu Tuma - DEM	2. Marco Maciel - DEM
Rosalba Ciarlini - DEM	3. Raimundo Colombo - DEM
Marisa Serrano - PSDB	4. Eduardo Azeredo - PSDB
Marconi Perillo - PSDB	5. Flexa Ribeiro- PSDB
PDT	
Francisco Dornelles - PP	1. Cristovam Buarque

Secretário: Júlio Ricardo Borges Linhares
Plenário nº 15 – Ala Alexandre Costa.
Telefone: 3311-3498 Fax: 3311-3121
E – Mail: julioric@senado.gov.br.

4.2) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA **(9 titulares e 9 suplentes)**

4.3) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DO LIVRO **(7 titulares e 7 suplentes)**

4.4) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DO ESPORTE **(7 titulares e 7 suplentes)**

**5) COMISSÃO DE MEIO AMBIENTE, DEFESA DO CONSUMIDOR E FISCALIZAÇÃO E
CONTROLE - CMA
(17 titulares e 17 suplentes)**

Presidente: Senador Leomar Quintanilha- PMDB

Vice-Presidente: Senadora Marisa Serrano – PSDB

TITULARES	SUPLENTES
Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	
Renato Casagrande – PSB	1. Flávio Arns – PT
Sibá Machado – PT	2. Augusto Botelho –PT
Fátima Cleide – PT	3. Serys Slhessarenko – PT
João Ribeiro – PR	4. Inácio Arruda – PC do B
Fernando Collor – PTB	5. Expedito Júnior – PR
PMDB	
Leomar Quintanilha	1. Romero Jucá
Wellington Salgado de Oliveira	2. Gilvam Borges
Valdir Raupp	3. Garibaldi Alves Filho
Valter Pereira	4. Geraldo Mesquita Júnior
Bloco da Minoria (DEM e PSDB)	
Eliseu Resende – DEM	1. Adelmir Santana – DEM
Heráclito Fortes – DEM	2. César Borges – DEM
Jonas Pinheiro – DEM	3. Edison Lobão – DEM
José Agripino – DEM	4. Raimundo Colombo – DEM
Cícero Lucena – PSDB	5. Lúcia Vânia – PSDB
Marisa Serrano – PSDB	6. Flexa Ribeiro – PSDB
Marconi Perillo – PSDB	7. Sérgio Guerra – PSDB
PDT	
Jefferson Péres	1. (vago)

Secretário: José Francisco B. de Carvalho

Reuniões: Terças – Feiras às 11:30 horas – Plenário nº 6 – Ala Nilo Coelho.

Telefone: 3311-3935 Fax: 3311-1060

E – Mail: jcarvalho@senado.gov.br.

5.1) SUBCOMISSÃO DAS AGÊNCIAS REGULADORAS
(5 titulares e 5 suplentes)

5.2) SUBCOMISSÃO PERMANENTE – AQUECIMENTO GLOBAL
(5 titulares e 5 suplentes)

Presidente: Senador Renato Casagrande- PSB
Vice-Presidente: Senador Marconi Perillo – PSDB

TITULARES	SUPLENTES
Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	
Renato Casagrande – PSB	1. Flávio Arns – PT
Inácio Arruda – PC do B	2. Expedito Júnior – PR
PMDB	
Valter Pereira	1. Garibaldi Alves Filho
Bloco da Minoria (DEM e PSDB)	
	1. Adelmir Santana – DEM
Marconi Perillo – PSDB	2. Marisa Serrano – PSDB
Cícero Lucena – PSDB	

5.3) SUBCOMISSÃO TEMPORÁRIA SOBRE O GERENCIAMENTO DE RESÍDUOS SÓLIDOS
(5 titulares e 5 suplentes)

Presidente: Senador Cícero Lucena- PSDB
Vice-Presidente: Senador João Ribeiro – PR

TITULARES	SUPLENTES
Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	
João Ribeiro – PR	1. Inácio Arruda – PC do B
Serys Slhessarenko – PT	2. Augusto Botelho –PT
PMDB	
Wellington Salgado de Oliveira	1. Garibaldi Alves Filho
Bloco da Minoria (DEM e PSDB)	
Jonas Pinheiro – DEM	1. Adelmir Santana – DEM
Cícero Lucena – PSDB	5. Marisa Serrano – PSDB

6) COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS E LEGISLAÇÃO PARTICIPATIVA - CDH
(19 titulares e 19 suplentes)

Presidente: Senador Paulo Paim- PT
Vice-Presidente: Senador Cícero Lucena – PSDB

TITULARES	SUPLENTES
Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	
Flávio Arns – PT	1. Serys Slhessarenko- PT
Fátima Cleide – PT	2. Eduardo Suplicy – PT
Paulo Paim – PT	3. Sérgio Zambiasi – PTB
Patrícia Saboya – PSB	4. Sibá Machado - PT
Inácio Arruda – PC do B	5. Ideli Salvatti- PT
	6. Marcelo Crivella - PRB
PMDB	
Leomar Quintanilha	1. Mão Santa
Geraldo Mesquita Júnior	2. Romero Jucá
Paulo Duque	3. (vago)
Wellington Salgado de Oliveira	4. Valter Pereira
Gilvam Borges	5. Jarbas Vasconcelos
Bloco da Minoria (DEM e PSDB)	
César Borges – DEM	1. Edison Lobão – DEM
Eliseu Resende – DEM	2. Heráclito Fortes – DEM
Romeu Tuma – DEM	3. Jayme Campos – DEM
Jonas Pinheiro – DEM	4. Maria do Carmo Alves – DEM
Arthur Virgílio – PSDB	5. Mário Couto – PSDB
Cícero Lucena – PSDB	6. Lúcia Vânia – PSDB
(vago) ¹	7. Papaléo Paes
PDT	
Cristovam Buarque	1. (vago)
PSOL	
José Nery	

¹ Em virtude do retorno do titular, Senador Alvaro Dias.

Secretário: Altair Gonçalves Soares
Reuniões: Terças – Feiras às 12:00 horas – Plenário nº 2 – Ala Nilo Coelho.
Telefone: 3311-4251/2005 Fax: 3311-4646
E – Mail: scomcdh@senado.gov.br.

6.1) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DA IGUALDADE RACIAL E INCLUSÃO
(7 titulares e 7 suplentes)

6.2) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DO IDOSO
(7 titulares e 7 suplentes)

Presidente: Senador Leomar Quintanilha - PMDB
Vice-Presidente: Senadora Lúcia Vânia – PSDB

TITULARES	SUPLENTES
Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	
Paulo Paim – PT	1. Flávio Arns – PT
Serys Slhessarenko- PT	2. Sibá Machado - PT
PMDB	
Leomar Quintanilha	1. Gilvam Borges
Geraldo Mesquita Júnior	2. (vago)
Bloco da Minoria (DEM e PSDB)	
Maria do Carmo Alves – DEM	1. (vago)
Heráclito Fortes – DEM	2. (vago)
Lúcia Vânia – PSDB	3. Papaléo Paes – PSDB

6.3) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DA CRIANÇA, ADOLESCENTE E JUVENTUDE
(7 titulares e 7 suplentes)

6.4) SUBCOMISSÃO TEMPORÁRIA DO TRABALHO ESCRAVO
(5 titulares e 5 suplentes)

Presidente: Senador José Nery - PSOL
Vice-Presidente: Senador Inácio Arruda – PCdoB

TITULARES	SUPLENTES
Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	
Eduardo Suplicy – PT	1. Flávio Arns - PT
	2. Patrícia Saboya – PSB .
PMDB	
Inácio Arruda – Pcdob	1. Geraldo Mesquita Júnior
Bloco da Minoria (DEM e PSDB)	
Maria do Carmo Alves – DEM	1. Edison Lobão – DEM
Lúcia Vânia – PSDB	5. Cícero Lucena – PSDB
PSOL	
José Nery	

7) COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL - CRE
(19 titulares e 19 suplentes)

Presidente – Senador Heráclito Fortes - DEM
Vice-Presidente – Senador Eduardo Azeredo - PSDB

TITULARES	SUPLENTES
Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	
Eduardo Suplicy – PT	1. Inácio Arruda – PC do B
Marcelo Crivella – PRB	2. Aloizio Mercadante – PT
Fernando Collor – PTB	3. Augusto Botelho – PT
Antonio Carlos Valadares – PSB	4. Serys Slhessarenko – PT
Mozarildo Cavalcanti – PTB	5. Fátima Cleide – PT
João Ribeiro – PR	6. Francisco Dornelles – PP
PMDB	
Pedro Simon	1. Valdir Raupp
Mão Santa	2. Leomar Quintanilha
(vago)	3. Wellington Salgado de Oliveira
Jarbas Vasconcelos	4. Gilvam Borges
Paulo Duque	5. Garibaldi Alves Filho
Bloco da Minoria (DEM e PSDB)	
Heráclito Fortes – DEM	1. Edison Lobão – DEM
Marco Maciel – DEM	2. César Borges – DEM
Maria do Carmo Alves – DEM	3. Kátia Abreu – DEM
Romeu Tuma – DEM	4. Rosalba Ciarlini – DEM
Arthur Virgílio – PSDB	5. Flexa Ribeiro – PSDB
Eduardo Azeredo – PSDB	6. (vago) ¹
João Tenório – PSDB	7. Sérgio Guerra – PSDB
PDT	
Cristovam Buarque	1. Jefferson Péres

¹ Em virtude do retorno do titular, Senador Alvaro Dias.

Secretário: José Alexandre Girão M. da Silva
Telefone 3311-3496 Fax: 3311-3546 – Plenário nº 7 – Ala Alexandre Costa
Reuniões: Quintas-feiras às 10:00 horas.
E – Mail: giraomot@senado.gov.br

**7.1) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DE PROTEÇÃO DOS CIDADÃOS
BRASILEIROS NO EXTERIOR
(7 titulares e 7 suplentes)**

**7.2) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DA AMAZÔNIA
(7 titulares e 7 suplentes)**

Presidente: Senador Mozarildo Cavalcanti - PTB

Vice-Presidente: Senador Augusto Botelho - PT

TITULARES	SUPLENTES
Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	
Augusto Botelho - PT	1. João Ribeiro - PR
Mozarildo Cavalcanti - PTB	2. Fátima Cleide - PT
PMDB	
Valdir Raupp	1. Leomar Quintanilha
Pedro Simon	2. Gilvam Borges
Bloco da Minoria (DEM e PSDB)	
Romeu Tuma – DEM	1. Marco Maciel – DEM
Flexa Ribeiro - PSDB	2. Arthur Virgílio – PSDB
PDT	
Jefferson Péres	1. Cristovam Buarque

Secretário: José Alexandre Girão M. da Silva
Telefone 3311-3496 Fax: 3311-3546 – Plenário nº 7 – Ala Alexandre Costa
E – Mail: giraomot@senado.gov.br

**7.3) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DE ACOMPANHAMENTO DO REGIME INTERNACIONAL
SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS
(7 titulares e 7 suplentes)**

Presidente: Senador Fernando Collor - PTB

Vice-Presidente: Senador João Ribeiro - PR

TITULARES	SUPLENTES
Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	
Fernando Collor - PTB	1. Inácio Arruda – PC do B
João Ribeiro - PR	2. Augusto Botelho - PT
PMDB	
Mão Santa	1. Valdir Raupp
(vago)	2. Leomar Quintanilha
Bloco da Minoria (DEM e PSDB)	
Romeu Tuma – DEM	1. Rosalba Ciarlini – DEM
Eduardo Azeredo - PSDB	2. Papaléo Paes – PSDB
PDT	
Cristovam Buarque	1. Jefferson Péres

Secretário: José Alexandre Girão M. da Silva
Telefone 3311-3496 Fax: 3311-3546 – Plenário nº 7 – Ala Alexandre Costa
E – Mail: giraomot@senado.gov.br

**7.4) SUBCOMISSÃO PERMANENTE PARA MODERNIZAÇÃO E REAPARELHAMENTO DAS
FORÇAS ARMADAS**

(5 titulares e 5 suplentes)

Presidente: Senador Romeu Tuma - DEM

Vice-Presidente: Senador Eduardo Azeredo - PSDB

TITULARES	SUPLENTES
Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	
Fernando Collor - PTB	1. Marcelo Crivella – PRB
PMDB	
Paulo Duque	1. Pedro Simon
Bloco da Minoria (DEM e PSDB)	
Romeu Tuma – DEM	1. Marco Maciel – DEM
Eduardo Azeredo - PSDB	2. Flexa Ribeiro – PSDB
PDT	
Jefferson Péres	1.

Secretário: José Alexandre Girão M. da Silva

Telefone 3311-3496 Fax: 3311-3546 – Plenário nº 7 – Ala Alexandre Costa

E – Mail: giraomot@senado.gov.br

8) COMISSÃO DE SERVIÇOS DE INFRA-ESTRUTURA - CI
(23 titulares e 23 suplentes)

Presidente - Senador Marconi Perillo - PSDB
Vice-Presidente – Senador Delcídio Amaral - PT

TITULARES	SUPLENTE
Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	
Serys Slhessarenko – PT	1. Flávio Arns– PT
Delcídio Amaral– PT	2. Fátima Cleide– PT
Ideli Salvatti– PT	3. Aloizio Mercadante– PT
Francisco Dornelles– PP	4. João Ribeiro– PR
Inácio Arruda– PC do B	5. Augusto Botelho – PT
Fernando Collor– PTB	6. João Vicente Claudino – PTB
Expedito Júnior– PR	7. Renato Casagrande– PSB
PMDB	
Romero Jucá	1. Garibaldi Alves Filho
Valdir Raupp	2. José Maranhão
Leomar Quintanilha	3. Gilvam Borges
(vago)	4. Neuto De Conto
Valter Pereira	5. Geraldo Mesquita Júnior
Wellington Salgado de Oliveira	6. Pedro Simon
Bloco da Minoria (DEM e PSDB)	
Adelmir Santana – DEM	1. Demóstenes Torres – DEM
Eliseu Resende – DEM	2. Marco Maciel – DEM
Jayme Campos – DEM	3. Jonas Pinheiro – DEM
Heráclito Fortes – DEM	4. Rosalba Ciarlini – DEM
Raimundo Colombo – DEM	5. Romeu Tuma – DEM
João Tenório – PSDB	6. Cícero Lucena – PSDB
Marconi Perillo – PSDB	7. Eduardo Azeredo – PSDB
Flexa Ribeiro – PSDB	8. Mário Couto – PSDB
Sérgio Guerra – PSDB	9. Tasso Jereissati – PSDB
PDT	
João Durval	1. (vago)

Secretária: Dulcília Ramos Calhao
Reuniões: Terças – Feiras às 14:00 horas. – Plenário nº 13 – Ala Alexandre Costa
Telefone: 3311-4607 Fax: 3311-3286
E – Mail : scomci@senado.gov.br

**8.1) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DESTINADA A ACOMPANHAR A
IMPLEMENTAÇÃO DO PLANO DE ACELERAÇÃO DO CRESCIMENTO - PAC
(7 titulares e 7 suplentes)**

**9) COMISSÃO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL E TURISMO - CDR
(17 titulares e 17 suplentes)**

**Presidente - Senadora Lúcia Vânia - PSDB
Vice-Presidente – Senador Jonas Pinheiro - DEM**

TITULARES	SUPLENTES
Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	
Fátima Cleide – PT	1. Sibá Machado – PT
Patrícia Saboya – PSB	2. Expedito Júnior – PR
João Pedro - PT	3. Inácio Arruda – PC do B
João Vicente Claudino – PTB	4. Antonio Carlos Valadares – PSB
Mozarildo Cavalcanti – PTB	
PMDB	
José Maranhão	1. Leomar Quintanilha
Geraldo Mesquita Júnior	2. Wellington Salgado de Oliveira
Garibaldi Alves Filho	3. Pedro Simon
Valter Pereira	4. Valdir Raupp
Bloco da Minoria (DEM e PSDB)	
Demóstenes Torres – DEM	1. Adelmir Santana – DEM
Jonas Pinheiro – DEM	2. Jayme Campos – DEM
Marco Maciel – DEM	3. Kátia Abreu – DEM
Rosalba Ciarlini – DEM	4. Maria do Carmo Alves – DEM
Lúcia Vânia – PSDB	5. Tasso Jereissati – PSDB
Marisa Serrano – PSDB	6. Flexa Ribeiro – PSDB
Cícero Lucena – PSDB	7. João Tenório – PSDB
PDT	
Jefferson Péres	1. Osmar Dias
PSOL	
	José Nery

Secretário: Ednaldo Magalhães Siqueira
Reuniões: Quartas – Feiras às 14 horas
Telefone: 3311-4282 Fax: 3311-1627
E – Mail: scomcdr@senado.gov.br

10) COMISSÃO DE AGRICULTURA E REFORMA AGRÁRIA - CRA
(17 titulares e 17 suplentes)

Presidente – Senador Neuto De Conto - PMDB
Vice-Presidente - Senador Expedito Júnior - PR

TITULARES	SUPLENTE
Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	
Sibá Machado – PT	1. Paulo Paim – PT
Delcídio Amaral – PT	2. Aloizio Mercadante – PT
Antonio Carlos Valadares – PSB	3. João Ribeiro – PR
Expedito Júnior – PR	4. Augusto Botelho - PT
João Pedro – PT	5. José Nery – PSOL
PMDB	
Garibaldi Alves Filho	1. Valdir Raupp
Leomar Quintanilha	2. Romero Jucá
Pedro Simon	3. Valter Pereira
Neuto De Conto	4. Mão Santa
Bloco da Minoria (DEM e PSDB)	
Heráclito Fortes – DEM	1. Edison Lobão – DEM
César Borges – DEM	2. Eliseu Resende – DEM
Jonas Pinheiro – DEM	3. Raimundo Colombo – DEM
Kátia Abreu – DEM	4. Rosalba Ciarlini – DEM
Cícero Lucena – PSDB	5. Marconi Perillo – PSDB
Flexa Ribeiro – PSDB	6. João Tenório – PSDB
Marisa Serrano – PSDB	7. Sérgio Guerra – PSDB
PDT	
Osmar Dias	1. João Durval

Secretário: Marcello Varella
Reuniões: Quintas – Feiras às 12 horas –
Telefone: 3311-3506 Fax:
E – Mail: marcello@senado.gov.br

10.1) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DOS BIOCOMBUSTÍVEIS
(7 titulares e 7 suplentes)

Presidente – Senador João Tenório - PSDB
Vice-Presidente - Senador Sibá Machado - PT

TITULARES	SUPLENTEs
Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	
Sibá Machado – PT	1. Paulo Paim – PT
Antonio Carlos Valadares – PSB	2. João Ribeiro – PR
PMDB	
Valter Pereira	1. Valdir Raupp
Neuto De Conto	2. Mão Santa
Bloco da Minoria (DEM e PSDB)	
Jonas Pinheiro – DEM	1. Raimundo Colombo – DEM – DEM
	2. Rosalba Ciarlini – DEM – DEM
João Tenório – PSDB	3. Cícero Lucena - PSDB
Marisa Serrano – PSDB	

11) COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA - CCT

(17 titulares e 17 suplentes)

Presidente – Senador Wellington Salgado de Oliveira - PMDB

Vice-Presidente – Senador Marcelo Crivella - PRB

TITULARES	SUPLENTE
Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	
Marcelo Crivella – PRB	1. Expedito Júnior – PR
Augusto Botelho – PT	2. Flávio Arns – PT
Renato Casagrande – PSB	3. João Ribeiro – PR
Sérgio Zambiasi – PTB	4. Francisco Dornelles – PP
Ideli Salvatti – PT	5. Fátima Cleide – PT
PMDB	
Valdir Raupp	1. Romero Jucá
Wellington Salgado de Oliveira	2. Garibaldi Alves Filho
Gilvam Borges	3. Mão Santa
Valter Pereira	4. Leomar Quintanilha
Bloco da Minoria (DEM e PSDB)	
Demóstenes Torres – DEM	1. Eliseu Resende – DEM
Romeu Tuma – DEM	2. Heráclito Fortes – DEM
Maria do Carmo Alves – DEM	3. Marco Maciel – DEM
José Agripino – DEM	4. Rosalba Ciarlini – DEM
João Tenório – PSDB	5. Flexa Ribeiro – PSDB
Eduardo Azeredo – PSDB	6. Marconi Perillo – PSDB
Cícero Lucena – PSDB	7. Papaléo Paes – PSDB
PDT	
(vago)	1. (vago)

Secretária: Égli Lucena Heusi Moreira

Reuniões: Quartas-Feiras às 8:45 horas

Telefone: 3311-1120 Fax: 3311-2025

E – Mail: scomcct@senado.gov.br.

11.1) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DE SERVIÇOS DE INFORMÁTICA
(5 titulares e 5 suplentes)

Presidente – Senador Eduardo Azeredo - PSDB
Vice-Presidente – Senador Renato Casagrande - PSB

TITULARES	SUPLENTES
Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	
Flávio Arns – PT	1. Sérgio Zambiasi – PTB
Renato Casagrande – PSB	2. Expedito Júnior – PR
PMDB	
Valter Pereira	1. Gilvam Borges
Bloco da Minoria (DEM e PSDB)	
Demóstenes Torres – DEM	1. Heráclito Fortes – DEM
Eduardo Azeredo – PSDB	2. Cícero Lucena – PSDB

**11.2) SUBCOMISSÃO TEMPORÁRIA PARA O ESTUDO, ACOMPANHAMENTO E APOIO AO
DESENVOLVIMENTO DOS PÓLOS TECNOLÓGICOS**
(5 titulares e 5 suplentes)

Presidente –
Vice-Presidente –

TITULARES	SUPLENTES
Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	
Marcelo Crivella – PRB	1. Francisco Dornelles – PP
Augusto Botelho – PT	2. Fátima Cleide – PT
PMDB	
Mão Santa	1. Garibaldi Alves Filho
Bloco da Minoria (DEM e PSDB)	
Romeu Tuma – DEM	1. Rosalba Ciarlini – DEM
Cícero Lucena – PSDB	2. Eduardo Azeredo – PSDB

CONSELHO DE ÉTICA E DECORO PARLAMENTAR
(Resolução do Senado Federal nº 20/93)

COMPOSIÇÃO

(Eleita na Sessão do Senado Federal de 06/03/2007)

1ª Eleição Geral: 19.04.1995

2ª Eleição Geral: 30.06.1999

3ª Eleição Geral: 27.06.2001

4ª Eleição Geral: 13.03.2003

5ª Eleição Geral: 23.11.2005

6ª Eleição Geral: 06.03.2007

Presidente: Senador Leomar Quintanilha⁸

Vice-Presidente: Senador Adelmir Santana³

BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT/PTB/PR/PSB)					
Titulares	UF	Ramal	Suplentes	UF	Ramal
Augusto Botelho (PT)	RR	2041	1. João Pedro (PT) ²	AM	1166
(vago)			2. Fátima Cleide (PT) ⁵	RO	2391
Renato Casagrande (PSB)	ES	1129	3. Ideli Salvatti (PT) ²	SC	2171
Epitácio Cafeteira (PTB) ¹	MA	1402	4. (vago)		
Eduardo Suplicy (PT)	SP	3213	5. (vago)		
PMDB					
Wellington Salgado de Oliveira	MG	2244	1. Valdir Raupp	RO	2252
Almeida Lima ⁴	SE	1312	2. Gerson Camata	ES	3235
Gilvam Borges	AP	1713	3. Romero Jucá	RR	2112
Leomar Quintanilha	TO	2073	4. José Maranhão	PB	1891
DEM					
Demóstenes Torres	GO	2091	1. Jonas Pinheiro	MT	2271
Heráclito Fortes	PI	2131	2. César Borges	BA	2212
Adelmir Santana	DF	4702	3. Maria do Carmo Alves	SE	1306
PSDB					
Marconi Perillo	GO	1961	1. Arthur Virgílio ^{6,9}	AM	1413
Marisa Serrano ^{7,10}	MS	3016	2. Sérgio Guerra	PE	2382
PDT					
Jefferson Péres	AM	2063	1. (vago)		
Corregedor do Senado (Membro nato – art. 25 da Resolução nº 20/93)					
Senador Romeu Tuma (DEM/SP)					2051

(Atualizada em 4.7.2007)

SECRETARIA-GERAL DA MESA

Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento - SCOP

Ala Senador Dinarte Mariz, sala nº 6

Telefones: 3311-4561 e 3311-5258

scop@senado.gov.br; www.senado.gov.br/etica

¹ Eleito na Sessão de 29.5.2007 para a vaga anteriormente ocupada pela Senadora Serys Slhessarenko (PT/MT), que renunciou ao mandato de titular de acordo com o Ofício GSSS nº 346, lido nessa mesma Sessão.

² Eleitos na Sessão de 29.5.2007.

³ Eleito em 30.5.2007, na 1ª Reunião de 2007 do CEDP.

⁴ Eleito na sessão de 27.06.2007, em vaga anteriormente ocupada pelo Senador Valter Pereira, que renunciou em 25.6.2007.

⁵ Eleita na Sessão de 27.6.2007.

⁶ Eleito na Sessão de 27.6.2007, em vaga anteriormente ocupada pela Senadora Marisa Serrano, que renunciou em 27.6.2007.

⁷ Eleita na Sessão de 27.6.2007, em vaga anteriormente ocupada pelo Senador Arthur Virgílio, que renunciou em 27.6.2007.

⁸ Eleito em 27.6.2007, na 5ª Reunião de 2007 do CEDP.

⁹ Eleito na Sessão de 4.7.2007, em vaga anteriormente ocupada pela Senadora Marisa Serrano, que renunciou em 4.7.2007.

¹⁰ Eleita na Sessão de 4.7.2007, em vaga anteriormente ocupada pelo Senador Arthur Virgílio, que renunciou em 4.7.2007.

CORREGEDORIA PARLAMENTAR
(Resolução do Senado Federal nº 17, de 1993)

COMPOSIÇÃO

Senador Romeu Tuma ¹ (DEM-SP)	Corregedor
(Vago)	1º Corregedor Substituto
(Vago)	2º Corregedor Substituto
(Vago)	3º Corregedor Substituto

(Atualizada em 6.3.2007)

Notas:

¹ Eleito na Reunião Preparatória da 1ª Sessão Legislativa da 53ª Legislatura, realizada em 1º.2.2007, nos termos da Resolução nº 17, de 17.3.93.

SECRETARIA-GERAL DA MESA DO SENADO FEDERAL
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)
Ala Senador Dinarte Mariz, sala nº 6
Telefones: 3311-4561 e 3311-5259
scop@senado.gov.br

PROCURADORIA PARLAMENTAR
(Resolução do Senado Federal nº 40/95)

COMPOSIÇÃO

(Vago) ¹	
Demóstenes Torres ² (DEM-GO)	Bloco Parlamentar da Minoria
Alvaro Dias ^{2 4 5}	Bloco Parlamentar da Minoria
Fátima Cleide ³ (PT-RO)	Bloco de Apoio ao Governo

Atualizado em 1º.2.2007

Notas:

¹ Vaga ocupada pelo Senador Ramez Tebet, falecido em 17.11.2006.

² Em 29.3.2005, foi publicada no DSF a leitura, no Plenário do SF, do Of. Nº 031/2005, das indicações dos Senadores Demóstenes Torres e Álvaro Dias.

³ Em 17.5.2005, foi publicada no DSF a leitura, no Plenário do SF, do Of. Nº 285/2005, da indicação da Senadora Fátima Cleide.

⁴ O Senador Alvaro Dias licenciou-se do exercício do mandato a partir de 26 de março de 2007, pelo prazo de 121 dias, de acordo com o Requerimento nº 258, de 2007.

⁵ O Senador Alvaro Dias retornou ao exercício do mandato em 31 de julho de 2007.

SECRETARIA-GERAL DA MESA
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)
Telefones: 3311-4561 e 3311-5257
scop@senado.gov.br

CONSELHO DO DIPLOMA MULHER-CIDADÃ BERTHA LUTZ
Constituído pela Resolução nº 2, de 2001, oriunda do Projeto de Resolução nº 25, de 1998,
aprovado na Sessão Deliberativa Ordinária do Senado Federal do dia 15.3.2001

COMPOSIÇÃO

1ª Designação Geral: 03.12.2001
2ª Designação Geral: 26.02.2003
3º Designação Geral: 03.04.2007

Presidente: Senadora Serys Slhessarenko¹
Vice-Presidente: Senador Inácio Arruda¹

PMDB
Senadora Roseana Sarney (MA)
DEM
Senadora Maria do Carmo Alves (SE)
PSDB
Senadora Lúcia Vânia (GO)
PT
Senadora Serys Slhessarenko (MT)
PTB
Senador Sérgio Zambiasi (RS)
PR
(vago)
PDT
Senador Cristovam Buarque (DF)
PSB
Senadora Patrícia Saboya (CE)
PC do B
Senador Inácio Arruda (CE)
PRB
Senador Marcelo Crivella (RJ)
PP
(vago)
PSOL
(vago)

(Atualizada em 21.06.2007)

¹. Eleitos em 21.06.2007

SECRETARIA-GERAL DA MESA
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento - SCOP
Ala Senador Dinarte Mariz, sala nº 6
Telefones: 3311-4561 e 3311-5259
scop@senado.gov.br

CONSELHO DA ORDEM DO CONGRESSO NACIONAL

(Criado pelo Decreto Legislativo nº 70, de 23.11.1972)

(Regimento Interno baixado pelo Ato nº 1, de 1973-CN)

COMPOSIÇÃO

Grão-Mestre: Presidente do Senado Federal

Chanceler: Presidente da Câmara dos Deputados

MESA DA CÂMARA DOS DEPUTADOS	MESA DO SENADO FEDERAL
PRESIDENTE Deputado Arlindo Chinaglia (PT-SP)	PRESIDENTE Senador Renan Calheiros (PMDB-AL)
1º VICE-PRESIDENTE Deputado Narcio Rodrigues (PSDB-MG)	1º VICE-PRESIDENTE Senador Tião Viana (PT-AC)
2º VICE-PRESIDENTE Deputado Inocêncio Oliveira (PR-PEI)	2º VICE-PRESIDENTE Senador Álvaro Dias (PSDB-PR)
1º SECRETÁRIO Deputado Osmar Serraglio (PMDB-PR)	1º SECRETÁRIO Senador Efraim Morais (DEM-PB)
2º SECRETÁRIO Deputado Ciro Nogueira (PP-PI)	2º SECRETÁRIO Senador Gerson Camata (PMDB-ES)
3º SECRETÁRIO Deputado Waldemir Moca (PMDB-MS)	3º SECRETÁRIO Senador César Borges (DEM-BA)
4º SECRETÁRIO Deputado José Carlos Machado (DEM-SE)	4º SECRETÁRIO Senador Magno Malta (PR-ES)
LÍDER DA MAIORIA	LÍDER DA MAIORIA
LÍDER DA MINORIA	LÍDER DO BLOCO PARLAMENTAR DA MINORIA Senador Demóstenes Torres (DEM-GO)
PRESIDENTE DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE CIDADANIA Deputado Leonardo Picciani (PMDB-RJ)	PRESIDENTE DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E CIDADANIA (*) Vago
PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DE DEFESA NACIONAL Deputado Vieira da Cunha (PDT-RS)	PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL Senador Heráclito Fortes (DEM-PI)

(Atualizada em 1º.8.2007)

(*) Vago, em virtude do falecimento do Senador Antonio Carlos Magalhães (DEM-BA), ocorrido em 20-7-2007.

SECRETARIA-GERAL DA MESA
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)
Ala Senador Dinarte Mariz, sala nº 6
Telefones: 3311-4561 e 3311-5258
scop@senado.gov.br

CONGRESSO NACIONAL
CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

(13 titulares e 13 suplentes)

(Criado pela Lei nº 8.389, de 30 de dezembro de 1991)

(Regimento Interno aprovado nos termos do Ato da Mesa nº 1, de 2004)

Presidente: Arnaldo Niskier

Vice-Presidente: João Monteiro de Barros Filho¹

LEI Nº 8.389/91, ART. 4º	TITULARES	SUPLENTES
Representante das empresas de rádio (inciso I)	PAULO MACHADO DE CARVALHO NETO ²	EMANUEL SOARES CARNEIRO ²
Representante das empresas de televisão (inciso II)	GILBERTO CARLOS LEIFERT	ANTÔNIO DE PÁDUA TELES DE CARVALHO ²
Representante de empresas da imprensa escrita (inciso III)	PAULO R. TONET CAMARGO	SIDNEI BASILE ²
Engenheiro com notórios conhecimentos na área de comunicação social (inciso IV)	FERNANDO BITTENCOURT ²	ROBERTO DIAS LIMA FRANCO
Representante da categoria profissional dos jornalistas (inciso V)	CELSO AUGUSTO SCHRÖDER ³	(VAGO)
Representante da categoria profissional dos radialistas (inciso VI)	EURÍPEDES CORRÊA CONCEIÇÃO	MÁRCIO LEAL
Representante da categoria profissional dos artistas (inciso VII)	BERENICE ISABEL MENDES BEZERRA ²	STEPAN NERCESSIAN ²
Representante das categorias profissionais de cinema e vídeo (inciso VIII)	GERALDO PEREIRA DOS SANTOS ²	ANTÔNIO FERREIRA DE SOUSA FILHO ²
Representante da sociedade civil (inciso IX)	DOM ORANI JOÃO TEMPESTA	SEGISNANDO FERREIRA ALENCAR
Representante da sociedade civil (inciso IX)	ARNALDO NISKIER	GABRIEL PRIOLLI NETO
Representante da sociedade civil (inciso IX)	LUIZ FLÁVIO BORGES D'URSO	PHÉLIPPE DAOU
Representante da sociedade civil (inciso IX)	ROBERTO WAGNER MONTEIRO ²	FLÁVIO DE CASTRO MARTINEZ ²
Representante da sociedade civil (inciso IX)	JOÃO MONTEIRO DE BARROS FILHO	PAULO MARINHO

1ª Eleição Geral: Sessão do Congresso Nacional de 5.6.2002

2ª Eleição Geral: Sessão do Congresso Nacional de 22.12.2004

SECRETARIA-GERAL DA MESA DO SENADO FEDERAL
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)

Telefones: (61) 3311-4561 e 3311-5258

scop@senado.gov.br - www.senado.gov.br/ccs

¹ Eleito na 2ª Reunião de 2006 do CCS, em 3.4.2006, em substituição ao Conselheiro Luiz Flávio Borges D'Urso.

² Reeleitos na sessão do Congresso Nacional de 22.12.2004.

³ Eleito como suplente na Sessão do Congresso Nacional de 22.12.2004. Foi convocado como titular na 6ª Reunião de 2006 do CCS, realizada em 7.8.2006, em função do falecimento, em 30.5.2006, do Conselheiro Daniel Koslowsky Herz.

CONGRESSO NACIONAL
CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
(Criado pela Lei nº 8.389, de 30 de dezembro de 1991)
(Regimento Interno aprovado nos termos do Ato da Mesa nº 1, de 2004)
COMISSÕES DE TRABALHO

01 – COMISSÃO DE REGIONALIZAÇÃO E QUALIDADE DA PROGRAMAÇÃO E DE RADIODIFUSÃO COMUNITÁRIA⁴

- Paulo Machado de Carvalho Neto (Representante das empresas de rádio)
- Gilberto Carlos Leifert (Representante das empresas de televisão)
- Paulo R. Tonet Camargo (Representante das empresas da imprensa escrita)
- Fernando Bittencourt (Engenheiro com notórios conhecimentos na área de comunicação social)
- Celso Augusto Schröder (Representante da categoria profissional dos jornalistas)
- Eurípedes Corrêa Conceição (Representante da categoria profissional dos radialistas)
- Berenice Isabel Mendes Bezerra (Representante da categoria profissional dos artistas)
- Geraldo Pereira dos Santos (Representante das categorias profissionais de cinema e vídeo)
- Dom Orani João Tempesta (Representante da sociedade civil)
- Roberto Wagner Monteiro (Representante da sociedade civil)
- João Monteiro de Barros Filho (Representante da sociedade civil)

02 – COMISSÃO DE TECNOLOGIA DIGITAL

- Fernando Bittencourt (Eng. com notórios conhec. na área de comunicação social) - **Coordenador**
- Paulo Machado de Carvalho Neto (Representante das empresas de rádio)
- Paulo R. Tonet Camargo (Representante de empresas da imprensa escrita)
- Celso Augusto Schröder (Representante da categoria profissional dos jornalistas)
- Eurípedes Corrêa Conceição (Representante da categoria profissional dos radialistas)
- Berenice Isabel Mendes Bezerra (Representante da categoria profissional dos artistas)
- Geraldo Pereira dos Santos (Representante das categorias profissionais de cinema e vídeo)
- Luiz Flávio Borges D'Urso (Representante da sociedade civil)
- Roberto Wagner Monteiro (Representante da sociedade civil)

03 – COMISSÃO DE TV POR ASSINATURA

- Berenice Isabel Mendes Bezerra (Representante da cat. profissional dos artistas) - **Coordenadora**
- Paulo Machado de Carvalho Neto (Representante das empresas de rádio)
- Gilberto Carlos Leifert (Representante das empresas de televisão)
- Paulo R. Tonet Camargo (Representante de empresas da imprensa escrita)
- Celso Augusto Schröder (Representante da categoria profissional dos jornalistas)
- Roberto Wagner Monteiro (Representante da sociedade civil)
- João Monteiro de Barros Filho (Representante da sociedade civil)

04 – COMISSÃO DE MARCO REGULATÓRIO

- Roberto Wagner Monteiro (Representante da sociedade civil) – **Coordenador**
- Paulo Machado de Carvalho Neto (Representante das empresas de rádio)
- Paulo R. Tonet Camargo (Representante de empresas da imprensa escrita)
- Fernando Bittencourt (Engenheiro com notórios conhecimentos na área de comunicação social)
- Celso Augusto Schröder (Representante da categoria profissional dos jornalistas)
- Eurípedes Corrêa Conceição (Representante da categoria profissional dos radialistas)
- Gilberto Carlos Leifert (Representante das empresas de televisão) ⁵

05 – COMISSÃO DE LIBERDADE DE EXPRESSÃO

- Gilberto Carlos Leifert (Representante das empresas de televisão) – **Coordenador**
- Paulo Machado de Carvalho (Representante das empresas de rádio)
- Paulo R. Tonet Camargo (Representante de empresas da imprensa escrita)
- Celso Augusto Schröder (Representante da categoria profissional dos jornalistas)
- Geraldo Pereira dos Santos (Representante das categorias profissionais de cinema e vídeo)
- Dom Orani João Tempesta (Representante da sociedade civil)
- Roberto Wagner Monteiro (Representante da sociedade civil)

SECRETARIA-GERAL DA MESA DO SENADO FEDERAL
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)
Telefones: (61) 3311-4561 e 3311-5258

⁴ Constituída na 11ª Reunião do CCS, de 5.12.2005, como união da Comissão de Regionalização e Qualidade da Programação com a Comissão de Radiodifusão Comunitária. Todos os membros de cada uma das duas comissões originais foram considerados membros da nova comissão. Aguardando escolha do coordenador (art. 31, § 5º, do Regimento Interno do CCS).

⁵ Passou a fazer parte desta Comissão na Reunião Plenária de 5.6.2006.

REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA NO PARLAMENTO DO MERCOSUL

COMPOSIÇÃO

18 Titulares (9 Senadores e 9 Deputados) e 18 Suplentes (9 Senadores e 9 Deputados)

Designação: 27/04/2007

SENADORES	
TITULARES	SUPLENTES
PMDB	
PEDRO SIMON (PMDB/RS)	1. NEUTO DE CONTO (PMDB/SC)
GERALDO MESQUITA JÚNIOR (PMDB/AC)	2. VALDIR RAUPP (PMDB/RO)
DEM	
EFRAIM MORAIS (DEM/PB)	1. ADELMIR SANTANA (DEM/DF)
ROMEU TUMA (DEM/SP)	2. RAIMUNDO COLOMBO (DEM/SC)
PSDB	
MARISA SERRANO (PSDB/MS)	1. EDUARDO AZEREDO (PSDB/MG)
PT	
ALOIZIO MERCADANTE (PT/SP)	1. FLÁVIO ARNS (PT/PR)
PTB	
SÉRGIO ZAMBIASI (PTB/RS)	1. FERNANDO COLLOR (PTB/AL)
PDT	
CRISTOVAM BUARQUE (PDT/DF)	1. JEFFERSON PÉRES (PDT/AM)
PCdoB	
INÁCIO ARRUDA (PCdoB/CE)	1.

DEPUTADOS	
TITULARES	SUPLENTES
PMDB/PT/PP/PR/PTB/PSC/PTC/PTdoB	
CEZAR SCHIRMER (PMDB/RS)	1. ÍRIS DE ARAÚJO (PMDB/GO)
DR. ROSINHA (PT/PR)	2. NILSON MOURÃO (PT/AC)
GEORGE HILTON (PP/MG)	3. RENATO MOLLING (PP/RS)
MAX ROSENMAN (PMDB/PR)	4. VALDIR COLATTO (PMDB/SC)
PSDB/DEM/PPS	
CLAUDIO DIAZ (PSDB/RS)	1. FERNANDO CORUJA (PPS/SC)
GERALDO RESENDE (PPS/MS)	2. GERVÁSIO SILVA (DEM/SC)
GERMANO BONOW (DEM/RS)	3. (*) Vago
PSB/PDT/PCdoB/PMN/PAN	
BETO ALBUQUERQUE (PSB/RS)	1. VIEIRA DA CUNHA (PDT/RS)
PV	
JOSÉ PAULO TÓFFANO (PV/SP)	1. DR. NECHAR (PV/SP)

(Atualizada em 1º.8.2007)

(*) Vago, em virtude do falecimento do Deputado Júlio Redecker (PSDB-RS), ocorrido em 17-7-2007.

Secretaria: Câmara dos Deputados - Anexo II - Sala T/28 – 70160-900 Brasília – DF / Brasil

Fones: (55) 61 3216-6871 / 6878 Fax: (55) 61 3216-6880

e-mail: cpcm@camara.gov.br

www.camara.gov.br/mercosul

CONGRESSO NACIONAL
COMISSÃO MISTA DE CONTROLE DAS ATIVIDADES DE
INTELIGÊNCIA

(Art. 6º da Lei nº 9.883, de 1999)

COMPOSIÇÃO

CÂMARA DOS DEPUTADOS	SENADO FEDERAL
<u>LÍDER DA MAIORIA</u>	<u>LÍDER DA MAIORIA</u>
<u>LÍDER DA MINORIA</u>	<u>LÍDER DO BLOCO PARLAMENTAR DA MINORIA</u> DEMÓSTENES TORRES DEM-GO
<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL</u> VIEIRA DA CUNHA PDT-RS	<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL</u> HERÁCLITO FORTES DEM-PI

(Atualizada em 7.5.2007)

SECRETARIA-GERAL DA MESA
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)
Ala Senador Dinarte Mariz, sala nº 6
Telefones: 3311-4561 e 3311- 5258
scop@senado.gov.br
www.senado.gov.br/ccai



**PODER LEGISLATIVO
SENADO FEDERAL
SERVIÇO DE ADMINISTRAÇÃO ECONÔMICO-FINANCEIRA**

**DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL
PREÇO DE ASSINATURA**

SEMESTRAL

Diário do Senado Federal ou Diário da Câmara dos Deputados – s/o porte (cada)	R\$ 58,00
Porte do Correio	R\$ 488,40
Diário do Senado Federal ou Diário da Câmara dos Deputados – c/o porte (cada)	R\$ 546,40

ANUAL

Diário do Senado Federal ou Diário da Câmara dos Deputados – s/o porte (cada)	R\$ 116,00
Porte do Correio	R\$ 976,80
Diário do Senado Federal ou Diário da Câmara dos Deputados – c/o porte (cada)	R\$ 1.092,80

NÚMEROS AVULSOS

Valor do Número Avulso	R\$ 0,50
Porte Avulso	R\$ 3,70

ORDEM BANCÁRIA

UG – 020055	GESTÃO – 00001
--------------------	-----------------------

Os pedidos deverão ser acompanhados de **Nota de empenho**, a favor do **FUNSEEP** ou fotocópia da **Guia de Recolhimento da União-GRU**, que poderá ser retirada no SITE: <http://consulta.tesouro.fazenda.gov.br/gru/gru-simples.asp> **Código de Recolhimento apropriado e o número de referência: 20815-9 e 00002** e o código da Unidade Favorecida – **UG/GESTÃO: 020055/00001** preenchida e quitada no valor correspondente à quantidade de assinaturas pretendidas e enviar a esta Secretaria.

OBS: NÃO SERÁ ACEITO CHEQUE VIA CARTA PARA EFETIVAR ASSINATURA DOS DCN'S.

Maiores informações pelo telefone (0XX-61) 3311-3803, FAX: 3311-1053, Serviço de Administração Econômica Financeira/Controle de Assinaturas, falar com, Mourão ou Solange.

Contato internet: 3311-4107

**SECRETARIA ESPECIAL DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÕES
PRAÇA DOS TRÊS PODERES, AV. N/2, S/Nº – BRASÍLIA-DF
CNPJ: 00.530.279/0005-49 CEP 70 165-900**



EDIÇÃO DE HOJE: 138 PÁGINAS